

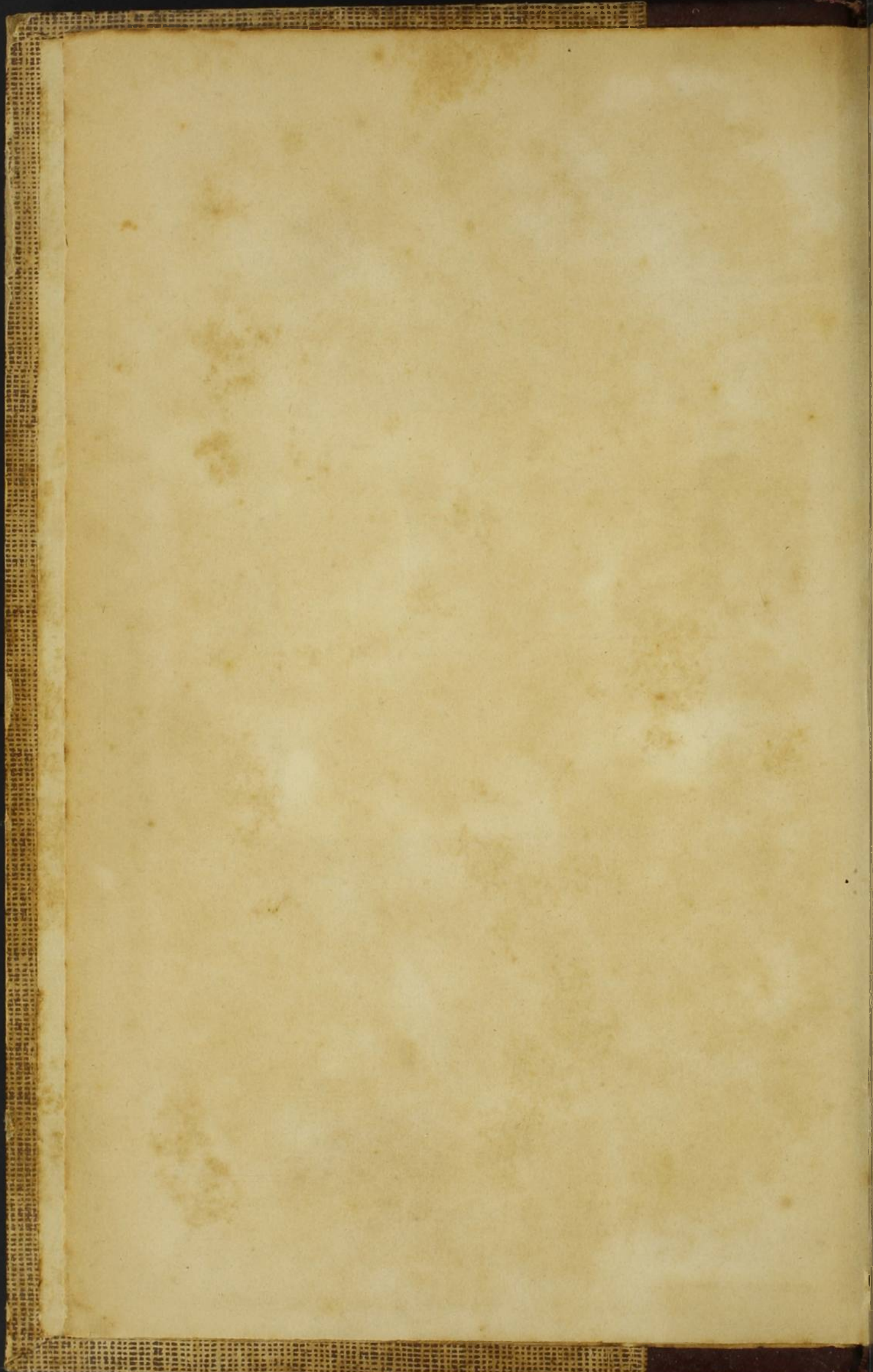
Aut. eau I

25.

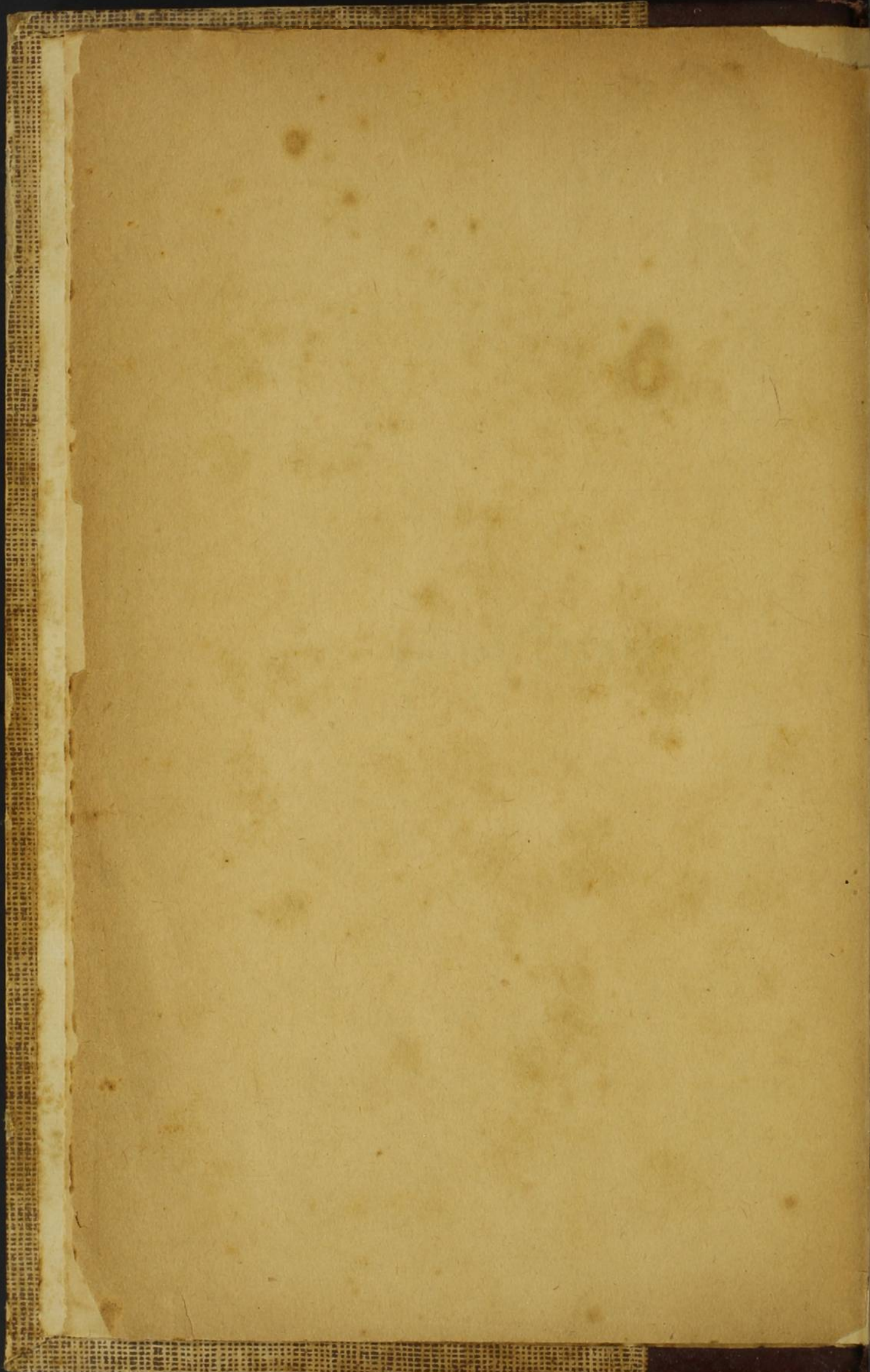
Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



FRAZES FEITAS



JOÃO RIBEIRO

---

# FRAZES FEITAS

---

ESTUDO CONJECTURAL DE LOCUÇÕES, DITADOS  
E PROVERBIOS



LIVRARIA FRANCISCO ALVES

134, RUA DO OUVIDOR, 134 — RIO DE JANEIRO

FILIAIS

Rua de S. Bento, 65 | RUA DA BAHIA  
S. PAULO | BELLO-HORIZONTE

1908

TYP. A VAPÔR DA EMPRÉSA LITTERÁRIA E TYPOGRAPHICA  
178, RUA DE D. PEDRO, 184 — PORTO



## Avizo a tempo

---

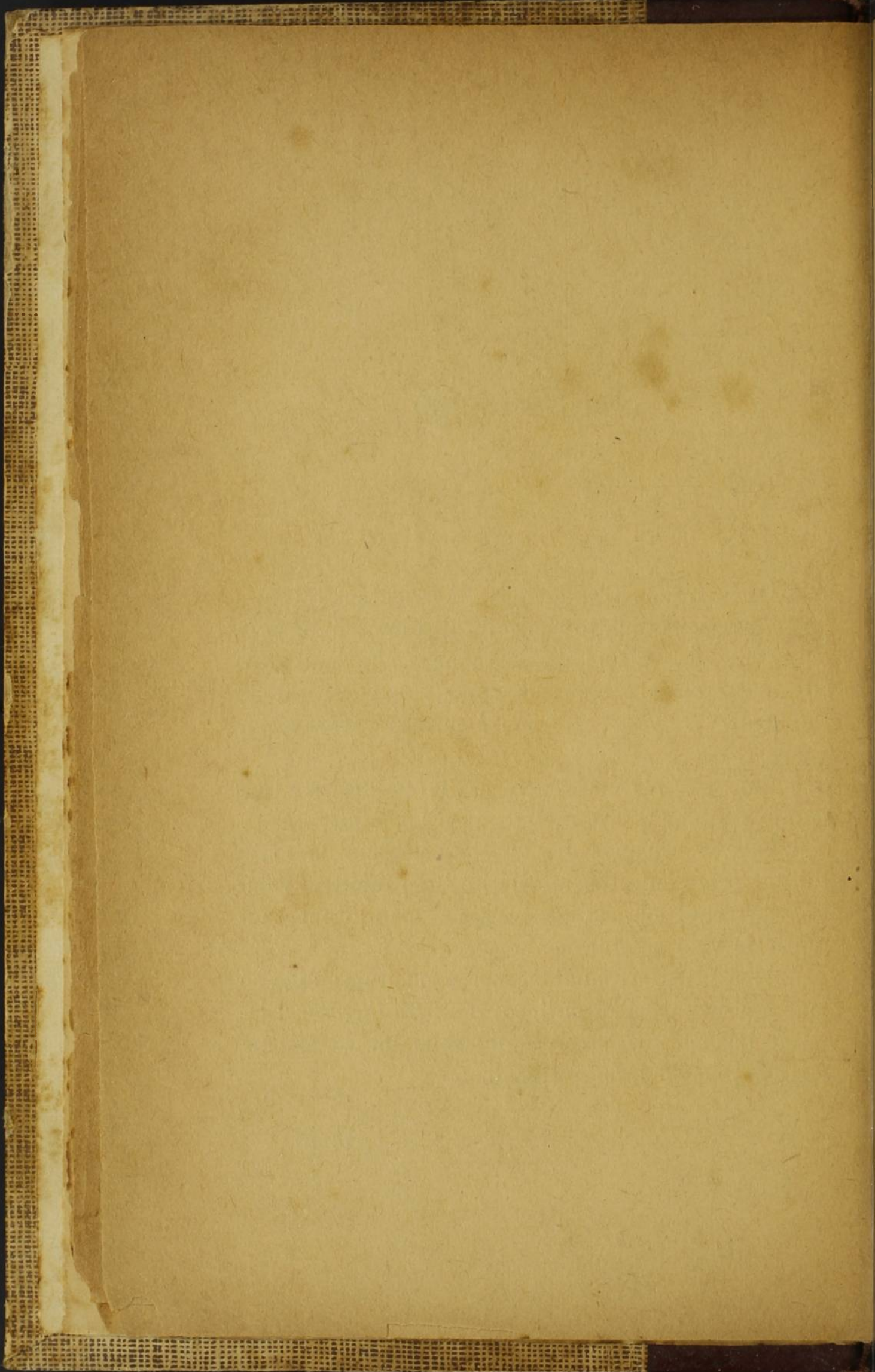
Os materiais d'este livro representam talvez a primeira contribuição conjectural e imperfeita para o estudo da frazeolojia portugueza. Fariam parte de mais vasta e alentada obra se conviesse ainda aumentar o fastio, que não é pequeno, d'estas paginas.

Em certo momento, verificando que havia o bastante para um livro, interrompi o trabalho.

Para a craveira dos que não passam da conta dijital sem conjestão apopletica, é o infalivel volume de versos ou o romance, ainda mau, o unico indicio de vida mental dos homens.

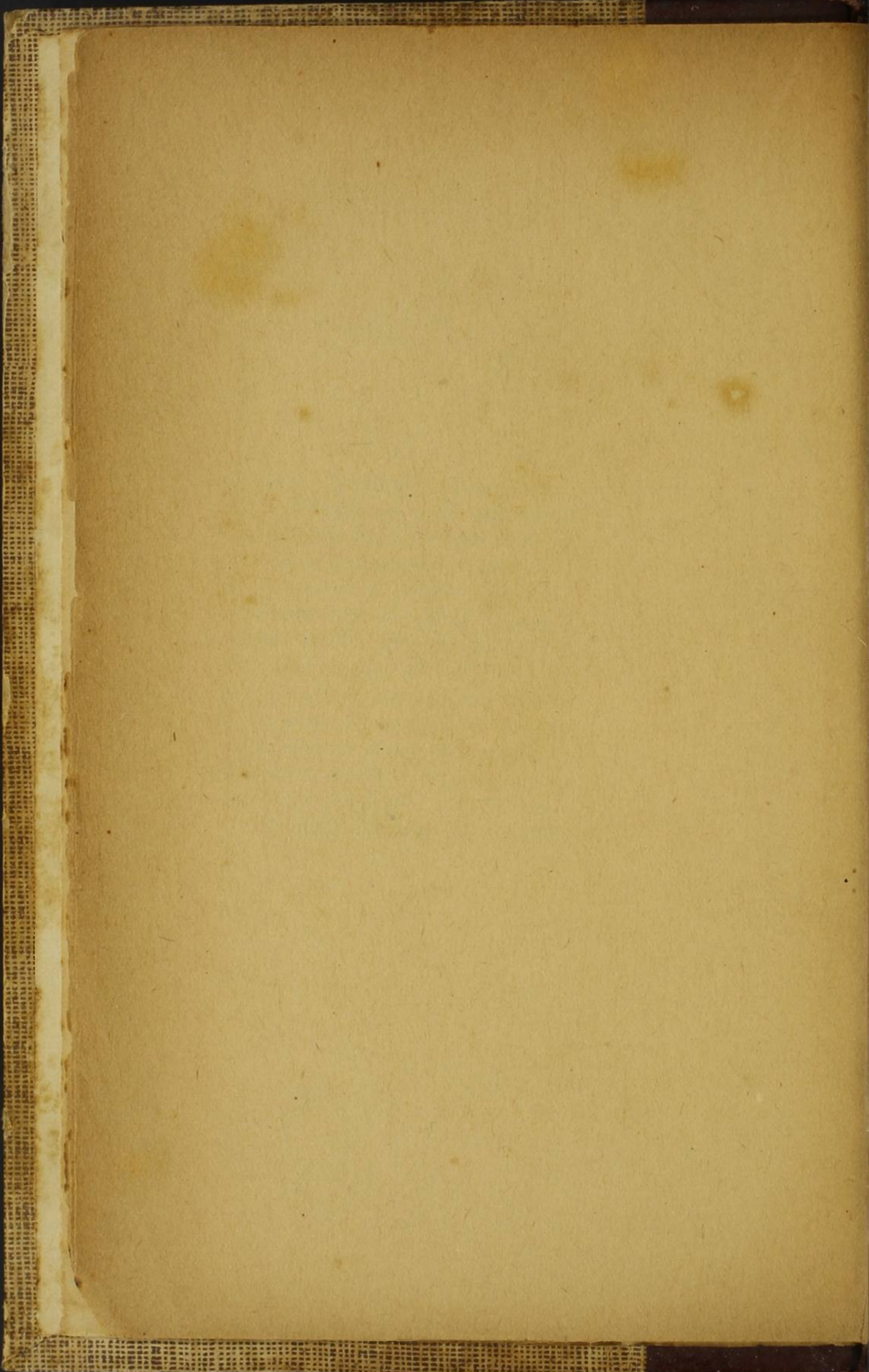
Albarde-se o mundo como o queiram; digo só que escrevi para os curiozos de *extra-literatura*, jenero insipido em que se divertem ou se enjojam alguns amadores de antigualhas.

J. R.



# I

*Soletração*: Cutiliquê, Gregotins, Ramerrão, *Ff* e *rr*, Legalhé, P-a-pá, santa Justa, e pé por pé. Dar as de Vila Diogo. Um no papo, outro no saco. Levar as lampas. A custa da barba longa. Em tempo de figos não ha amigos; *cotia* como figo. Nem *chuz* nem *buz*. Rou! rou! Na boca do lobo. Quem quer o que não convem perde o que quer e o que tem. A vista do lobo emudece. Não caber na pele. Alçar a palha e o galho — *Frazes de sapateiro*: meter-se nas encospas; meter num chinelo. *Cré* com *cré*, *lé* com *lé*.



## SOLETRAÇÃO

---

Não se pode negar que muitas palavras de estilo jocozo ou faceto foram formadas da simples soletração de algumas silabas. Em regra, a carta do *abc* tinha certo prestijio de ciencia majica para os incultos e iletrados. E' o que se depreende das frases tomadas dos que deletreavam antes de lerem por cima e corridamente. Tal é o cazo da locução :

### « Razões de cutiliquê »

Este vocabulo é a antiga soletração da abreviatura *q̃* que se lia: *ku-til* = *quê*.

Que se dava tal nome ao *q*, vê-se da *gramática* de João de Barros que aliás malsina a espurcicia da denominação; por influxo italiano logo depois e já em D. Nunes do Lião pronunciava-se *que* = *kê*. Na locução proposta, *q̃* era a abreviatura de *quid*, e o *quid* significa mesmo a razão e a essencia

das couzas. Assim, «razões de *cutiliquê*» eram como as razões primeiras, essenciais e mais nobres.

Outra expressão soletrada é a das duas letras finais do abecedario.

E' o *gregotins* que quer dizer — escritura difficil de lêr, garabulhas, rabiscos.

Na *Arte de Furtar*, n. 165 lê-se :

Eu sei de um que o fizeram vir de Evora a esta côrte para que lêsse o que tinha escrito em um feito que não era pequeno... E com estes *gregotins* alimpar as bolsas ás partes.

A palavra deriva de *y grego til* — nomes das duas ultimas letras do alfabeto.

Na *Eufrozina* (ed. 1611) encontramos o vocabulo com os seus elementos em separado :

Sabei que ainda que queiram não passam do  
*i grego til.*

fol. 116 v.

Hoje quazi ninguem mais fala de *gregotins* e a locução tem ares de insolita ou arcaica.

Atribúi-se tambem á prozodia de simples letras  
*r — a — m = ram*, a orijem do vocabulo **ramerrão**.

A menção mais antiga que conheço de *ramerrão*

está nas *Infermidades da lingua* registrada como palavra que «se deve emudecer».

Não creio, pois, que seja anterior ao seculo de seiscentos.

Suspeito que esta forma não é devida á soletração das silabas em *ram* (que aliás não são muito frequentes no discurso) para significar, o que de facto significa *ramerrão*: cousa trivial repetida e corriqueira, habilidade comum, ao alcance de todos.

Não é possível que se escolhessem estas letras que constituem silaba pouco frequente — *ram* — para designar cousa costumeira e de todo o dia.

Julga Gonçalves Viana que *ram-ram* é a mesma palavra indiana registrada no glossario de Yule e Burnell; mas essa identidade é fortuita e não ha texto portuguez dos escritores que trataram da India, que abone a expressão.

A meu vêr, o *ramerrão* ou *ram-ram* que se pronuncia *rame-rame* é apenas uma leve corruptela da locução *rama a rama*, isto é, *pela rama*, ou de modo rudimentar. Os versos do *Pranto da Maria Parda* dão uma das formas e sentidos da locução:

Que quando era o trão e o tramo  
Andava eu de *ramo em ramo*  
Não quero deste, mas deste

Aqui de *ramo em ramo* quer dizer de venda em venda, ou taverna, ou casa. E isto é que é o *ram-e-ram* e equivale ao trivial de varejo, conforme se verá na locução *por pé em ramo verde*.

« Com todos os *ff* e *rr* » é outro ditado.

A explicação que mais se generalizou foi a de que os *ff* representam na escrita dos manuscritos antigos os  $\pi$   $\pi$  gregos (as *Pandectas*) sempre alegadas nas razões dos antigos juristas. É certo que se transcrevia o  $\pi$  com o córte e a apparencia do *f*; mas faltando aqui a explicação dos *rr* da locução, surjiram inevitaveis os disparates <sup>1</sup>.

A razão é muito outra. « Com todos os *ff* e *rr* » era matraca aos que escreviam com demaziada afetação e pedantismo porque na linguagem antiga dobravam exajeradamente os *rr* iniciais e escreviam: *rrazão, rraposa, rreceber*, como se vê das edições diplomaticas dos cancioneiros e de antigos documentos; e faziam-n'o com uma letra especial semelhante a *ff*, conforme era da escritura gotica. Diz Viterbo que o uso do *rr* dobrado, no principio mesmo das dições, e onde não era preciso durou « do seculo XIII ao XVI »; e até mesmo não cessou porque se estabeleceu ainda o emprego de uma especie de *R* maiusculo em substituição do *rr*; portanto,

---

<sup>1</sup> Estava no Viterbo — *Elucidario* (letra *f*) no *Dicion. juridico* de Pereira e Souza (F. — tomo II) e d'aí é que tomou o Dr. Castro Lopes, no seu livro dos Anexins, a explicação dos *ff*, mas não podendo achar a dos *rr*, inventou levemente que os juristas citavam os *fr*. (isto é, *fragmentos das Pandectas*), uzo e abreviatura que nunca existiram.



Com os **ff e rr**

quer dizer, pedantescamente, com ostentação vã e descabida, a maneira de jente antiga ou presumida de douta.

Efetivamente foi costume o emprego de um *R* especial (não maiusculo, como diz Viterbo) mas com o aspecto de — |— ou } ,

*r, ff*

Ainda nos começos do seculo XVIII na sua curiosa *Arte da Grammatica*, Simão Crispim diz que aquela letra equivale á dobrada, « nos manuscritos introduzida e promiscuamente praticada, só pode ter lugar no principio d'aqueles nomes (não sendo proprios) que pela forma da sua pronuncia requerem dous *rr.* » <sup>1</sup>

Um seculo antes o ortografo Ferreira de Vera pronunciava-se já contra as *duas* figuras da letra *r* e contra o uzo afetado de escrever « *Henrique elrrei goverrna.* » <sup>2</sup>

Já desde o seculo XVI Duarte Nunes do Lião insurjia-se, a respeito do *r*, contra « os que poem no seu alfabeto *duas* figuras: uma que dizem ser de *r* singelo, e outra de dobrado. » <sup>3</sup>

<sup>1</sup> *Arte da gram.* 49.

<sup>2</sup> *Ortografia*, 1631—fol. 17.

<sup>3</sup> *Ortografia* (1576) ed. mod. pj. 127.

De tudo o que ficou dito se conclui que os *ff* e *rr* da locução proverbial provem exclusivamente dos *rr* que tinham duas figurações, uma d'elas semelhante ao *s* ou *f* antigo; e d'eles abuzavam com demazia contra a san opinião dos ortografos; os amanuenses mais afetados ou escrupulozos, que por seculos teimavam em escrever de duas maneiras distintas os *rr* ou em escrever

*com ff e rr*

isto é, com as duas figurações arcaicas do *r*, que já eram de ha muito obsoletas.

Outra palavra muito conhecida no Brazil é o *legalhé*, *lhegalé* e rejistrada na *Jiria brazileira*, (paj. 77) *lhagalé*. Supõe-se rezultar da soletração.

l — h — é = lhe

**leagáé — lhé**

O *lhagalé* ou *legalhé* é o individuo insignificante e sem importancia social.

E' o com quem se trata por *lhe* (que no Brazil é objectivo: «vi-*lhe*») em vez de *V. S.* ou *V. Ex.<sup>a</sup>* Esta foi uma interpretação vulgar.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Repetida pelo Dr. Castro Lopes — nas *Orijens de Ancexins*, 153.

Mas é falsa e inaceitavel por esdruxula e forçada.

A palavra é um derivado de *leguleio* (lat. *leguleius*) o rabula, o que conhece apenas de memoria o texto das leis e não tem carta para advogar.

Os *leguleios* por numerosos e sem consideração ou importancia, são *lhegulés* ou *lhagalés* e opoem-se aos doutores.

Não menos interessante é a locução **p-a-pá**, que é igual a de *b-a ba*, soletração de labiais por onde principia o aprendizado das primeiras letras.

Aparece tambem com o acrescimo :

### **P-a-pá, Santa Justa**

Indica a exatidão no dizer ou a repetição literal e precisa da verdade ouvida e sabida. É fraze muito antiga. Com este sentido entendem-se os versos do Chiado na *Pratica dos Compadres* (pj. 123):

Quero amansar um imigo  
Que a isso venho cá,  
E conto-lhe o *p-a-pá*  
Que ao meu confessor não digo.

E demais em Gil Vicente, na farça dos *Almocreves* o *pê-por-pê* (segundo a minha lição do texto, o *p-por-p*) exprime a precisão e exatidão da afirmativa :

Ahi estive hoje faz  
Oito dias *pé-por-pé*  
Em caza de umas tias vossas.

III, 217.

O sentido é que fazia *oito dias sem tirar nem pôr*. Mas como tambem se dizia *oito dias justos*, não é improvavel que *p-por-p* e *justo* se reunissem em uma só fraze depois desenvolvida pela imajinação popular.

Sei-vol-o, como o *p-a-pá*, e se fizera a proposito contar-vos a parabola de Saturno.

*Eufrozina*, Act. 1, prologo.

Em nenhum dos quinhentistas logrei encontrar o acrescimo *Santa Justa* que parece posterior. No seculo XVII, Fr. Lucas de Santa Catarina diz no *Anatomico Jocoço*:

Mas como por fas ou por nefas, quer queira quer não queira, de bom ou de mau som, *p-a-pá Santa Justa* lhe escrevo a V. mercê...

*pj. 53* (ed. *Bibl. Univ.*)

E' a referencia mais antiga que conheço da locução completa.

### **Dar ás de Villa Diogo**

*Dar* ou *tomar as de vila Diogo* é a locução uzual; mas tambem se disse e de modo mais expressivo: *colher as de Vila Diogo*.

Em todas estas expressões uma vez estudadas na sua historia entende-se a palavra por brevidade oculta — *calças*;

*tomou as calças de V. Diogo*

e quer dizer: fugir precipitadamente <sup>1</sup>.

A frase é antiga na península porque já aparece na *Celestina*, a primeira obra de teatro de Espanha:

Apercibete a la primera voz que oyeres tomar calzas de Villa Diego.

E depois, tornou-se vulgar em todos os dialectos hispanicos e nunca pode ser explicada.

Cabem aqui as conjecturas que proponho.

Para entender convenientemente, é de mister notar que *calças* tinha outr'ora sentido diferente e mais etimologico, (como está em Viterbo) e correspondia a vestes e cobertura inferior, ao que chamamos hoje *meias* e *sapatos* ou *botas*.

As *calças*, de diferentes feitios, podiam vir até os joelhos; para cima, eram já não *calças*, mas *bragas* (Cf. o sentido ainda actual de *calçado*, cobertura dos pés e *calçar*).

Com este sentido de outr'ora é que se entendem os versos do *Auto dos Cantarinhos*, 494:

Sofrei estas *calças*, filho, sem sapatos.

---

<sup>1</sup> O maestro Gonzalo Corrêa o registra no castelhano — *Coger à tomar calzas de Villa Diego, e tomar las de Villa Diego.*

*Deixar as calças* era e foi sinonimo de morrer ; no francez diz-se *laisser ses gregues, ses bottes, ses houseaux* e no italiano *tirar le calze* (Alberti — *Diz. etimol.*) e ainda em portuguez, no Brazil pelo menos, *deixar* ou *esticar as botas* (e *esticar as canelas*) tem o mesmo sentido de *morrer*.

Para indicar o sentido contrario a *morrer* que é o de *escapar* e *salvar-se* (*se sauver*) que o mesmo é que *fujir*, empregou-se em vez de *deixar* a oposta fraze *tomar as calças* ou *leval-as*.

Os francezes opoem a *laisser les grègues* a locução *tirer* (*fujir*):

Le galant aussitot  
*Tire ses grègues, gagne au haut.*

Diz Lafontaine (II, 15). Nós o dizemos tambem com o solecismo — *Pernas, para que te quero?* — *amolou o pé*, e tambem como na coleção rolandiana dos Adajios portuguezes:

*Dá de pé que tempo é*

Esclarece muito a locução o paragrafo 61 da *Lex salica* pelo qual os que faziam cessão dos bens (e a morte é uma cessão forçada) e os abandonava, segundo o costume barbaro, deviam retirar-se saltando sobre a sebe ou cerca, tirado o cinto e as calças (*discinctus et discalceatus*). Assim *tirar as calças* era passar adiante, sair do recinto, abalar para lonje, abandonar ou *fujir*.

O resto da frase Vila Diogo (*Villa Diego*) deve talvez referir-se a qualquer antiga anedota, mais ou menos historica, d'aquelle lugarejo de Espanha ou mais provavelmente de pessoa d'aquelle nome, que escapou de alguma afronta ou perigo <sup>1</sup>.

### Um no papo, outro no sacco

O sentido moderno da frase é — «um na *barriga* (isto é, comido) e outro no sacco (já adquirido).»

Não era, porem, este o sentido antigo, referido a pessoas ambiciozas que queriam levar duas cargas ao mesmo tempo: uma ao pescoço (e tal era o papo; cf. *sopapo*, pancada na parte inferior do queixo para obrigar a fechar a boca ou fazer calar) e outra no *sobaco*, isto é, debaixo do braço onde era uzo trazer uma bolsa. Significava, em suma — dependurar do pescoço ou comer e papar uma couza e embolsar outra.

Foi logo natural que *papo*, *guela*, *estomago* e *barriga*, ainda que distintos, viessem a dizer o mesmo.

Na Comedia — *Ulizipo* — de Jorge Ferreira (I, sc. 6.) a sevilhana que fala sempre espanhol, lamenta referindo-se ao seu sexo:

---

<sup>1</sup> A explicação que dá o Dr. Castro Lopes nas *Orijens de Ane-rins* (Rio — 1893) de que a frase provem de outra (por ele inventada) *tomó las bandas de Villa Diego*, e que os proprios' espanhois desconhecem, não merece exame.

nos otras somos ovejas; todos quereis *una en papo y otra so el sobaco...*

O ladrão devora a primeira preza, mas guarda outra por providencia.

Como ha prezas miúdas que podem ir n'um *saco*, não fica nenhum disparate dizer-se uma no *papo* e outra no *saco*.<sup>1</sup>

### Levar as lampas

*Levar as lampas* é exceder aos demais ou a tudo, conforme o verso também proverbial do Camões (I, 3):

...tudo o que a Musa antiga canta.

---

<sup>1</sup> Comprova-se esta origem pelo modismo francez do *dessous l'aile* sobaco onde era costume trazer o *gousset*, a bolsa de dinheiro, que tomava do lugar um cheiro pouco agradável (d'ahi o « *sentir le gousset* »). Nos contos de Des Periers — « elle vous tire à tous des coups quelque argent de *soubz l'aisle* Nov. VIII.

A' forma *sopapo* a que me referi acima corresponde outra antiga de igual formação *soqueixo* (o queixo, a barba); e pelo que prezumo não é boa a leitura que fez a insigne Carolina Michaëlis:

Pois que eu morrer, filhará  
Enton o seu queix' e dirá  
Eu são Guiomar Affonso

*Canc. da Ajuda*, I, n. 143.

Quanto a mim, preferiria ler o *soqueixo* como está na ed. paleografica do *Canc. Brancuti*, 250.



*Lampas* é o mesmo que *lampadas* e era costume natural irem na frente da procissão os que «levavam as lampas» archotes ou luminarias. Comprova-o o modismo espanhol que diz :

adelante con los faroles!

E *farol* em espanhol é a lampada grande resguardada de vidro (diferente de *faro* que corresponde ao nosso *farol* dos navegantes).

Pela mesma imajem e metáfora é que se diz das frutas temporãs — frutas *lampas* — porque vêm cedo e adiante das outras: Figos *lampas*».

E ainda pelo mesmo motivo se chamará *lampeiro* ao que madruga, vem apressado, contente e primeiro que todos.

### **A custa da barba longa**

Diz-se: «Comeu a custa da *barba longa*» isto é, a custa d'outrem. E porque?

Os exemplos classicos formigam. Eis um pequeno numero d'elles; da *Arte de Furtar*<sup>1</sup> n. 67:

Leva (o que compra) para sua caza e corta largo a *custa da barba longa*.

---

<sup>1</sup> Cito sempre a edição Garnier, 1906, por mim anotada.

Na *Ulizipo* I, cena 9:

As gurgumelas se me apegam de sêde, em quanto não ha algum regabofe *a custa da barba longa*.

E em outro lugar II, cena V.

E na *Eufrozina*:

porque lhes faltou a moeda que elles gastam sem dó a *custa da barba longa* e suor dos seus pais.

I, sc. v.

Ainda que a *barba* e a *buenas barbas* esteja ligado o sentido da fé, lealdade, segurança e palavra de honra, não se vê bem porque haja a *barba longa* de pagar as custas.

O exemplo acima apontado da *Eufrozina* parece indicar que a *barba longa* é a do pai em relação a do filho imberbe e gastador. Mas o sentido é mais jeral.

Segundo conjecturo a *barba longa* está por a *la longo-barda* ou a *longobarda*, que se confundiu com *longa barba* e por metateze *barba longa*.

A *longobarda* é a *halabarda* ou lança, e no italiano encontro o modismo *appoggiar la labarda* que é o mesmo que pendurar a albarda ou capa a parede e «jantar a custa alheia». Ha o exemplo antigo de *Panciatichi*, citado por *Ces. Guasti*:

« Quelle poche di volte che io ci vo all'osteria, no vo mica con Facilone d'Aufo, ne con Mac-

cario da Isonne, ne fo come i lanzi quando fanno i loro agi, che *appogian la labarda al muro*: ma *io pago* la benedica e il bon pro vi faccia.

E' possivel tambem que conflua com esta historia a outra, que corre no anedotario de Poggio. (*Facetiae*, n. CIII) do velho de grandes barbas. *De quodam sene barbato*, a quem mandavam todos os ruidos intestinaes *ventris crepiti* dizendo: *Ad barbam ejus cui nihil cuiquam debet*. Devia de ser grande esta barba que pagava sempre e não devia a ninguém.

Tambem a *barba* era o sinal de fé e penhor, e quanto mais longa, é de supor que daria mais pano ao credito. Este ponto é excelentemente esclarecido na *Farça dos Almocreves*:

— Elle poz d'esta maneira  
A mão na *barba* e jurou  
De meus dinheiros pagal-os.  
— Essa *barba* era *inteira*  
A mesma que te jurou,  
Ou bigodezinhos ralos?

III, 215

A *barba longa* é a que dá para todos os desperdícios.

### **Em tempo de figos não ha amigos**

As explicações que se oferecem ás inumeras frases em que entra a palavra *figo* são tambem in-

finitas, a começar pelo *figus vult* — o « quer figos » com que em Atenas e em Roma se respondia aos lizonjeiros.

Não diremos nada aqui acerca d'esta variedade.

A locução portugueza é bem antiga. No *Pranto de Maria Parda*:

Olhade, molher de bem,  
Dizem que em tempo de figos  
Não ha hi nenhuns amigos.

Obras, III, 368.

Num gracioso epigrama das suas *Obras metricas* (II, 231) diz Dom Francisco Manoel:

Estes figos do Barreiro  
Desmentem rifões antigos:  
Sois amigo verdadeiro  
Porque fostes o primeiro  
*Amigo em tempo de figos.*

Com leve matiz de sentido diz na primeira *Comedia de Diu* (2.<sup>a</sup> ed., p. 41) Simão Machado:

Quem co'aquelle fôr *ós figos*.  
Não se ha de achar mui ganhado.

Tenho para mim, no proverbio estrito que serve de epigrafe que só encontrei uma explicação satisfatoria e cabal na letra do Evangelho de São Mateus (XXIV, 31-31, com as concordancias de I *Cor.*); Jezus fala da hora terrivel

do juizo final, em que não haverá perdão nem condescendencias, com a comparação tirada da figueira cujo florescer prenuncia o estio e que está « perto ás portas ». E nesse tempo é que haverá figos ; mas tambem não haverá amigos, é como conclue a parábola.

Não é menos certo, porém, que as applicações variam muito e já se transportou e transferiu para outros lonjes o sentido mais a mão e comezinho do proverbio.

D'aí certa ambiguidade nas duas variantes :

Tempo de figos **muitos amigos**  
tempo de figos **não ha amigos**

e explica-se naturalmente porque *no tempo dos figos* (que se supõe de riqueza) ha *amigos* (lizonjeiros ou necessitados) e não ha *amigos* (isto é, ninguem é socorrido) <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Em Antonio Prestes, no auto da *Ave Maria*, paj. 25 ha a expressão muito curioza que necessita ser explicada :

Outra razão vejo eu  
Noutras peles que não digo  
Que todos querem castigo  
E nenhum no erro seu.  
Esta é *cotia como figo*,

Morais interpreta como cousa de todos os dias (de *cote* — *quotidie*) e parece que esta foi a intenção do poeta que procedeu por equivoco. A palavra é uma transcripção aljamiada que faziam os arabes de « godo ou gotico ». O *figo cotio* era uma especie d'elles, o figo dos *godos*. Veja-se o *Glosario* de Y a n g u a s na palavra *coti*. E' provavel que *coti* e *de cotio* (*quotidie*) viessem a reunir os dous sentidos em um só e mais vulgar.

### Nem chuz nem buz

Não dizer *chuz nem buz* equivale a não dizer palavra, guardar silencio absoluto.

E' expressão antiquissima que já se encontra nos mais arcaicos documentos em proza e nos cancioneiros medievais.

Tambem tem a fôrma :

### Chuz nem muz

e é esta prozodia a que aparece na locução sinonima:

**não tuje nem muje**

Aqui *muje* está por *buje* ou *buz*.

No francez ha a mesma fôrma *bouge* com o mesmo sentido e tambem como a nossa, só uzada com a negativa.

Ne *bouge pas*.

Nos documentos vernaculos encontramos :

Esta foi a carreira do inferno hu todas las cosas são secas que hi vão. E quando tornavam faleciam ende os *chus*.

*Demanda do Grál*, 110.

No poeta Chiado :

Saiu de carpear lã,  
Cumpre-lhe o homem dizer *bus*

*Obras*, 61,

Em Simão Machado:

— Sois de bésta ou d'arcabuz?  
 — Quanta maliciã aqui jaz,  
 Sou de dizer que aja *buz*,  
 Se quereis viver em paz.

*Comedias*, 15.

A orijem deve ser comum para *bouge*, *buz* e *muz* e *muje* e não póde ser senão derivados mediatos de *basium* e *bucca*. (Cf. *buço*) e assim se deve entender a fraze no *Auto de Filodemo* de Luiz de Camões.

Eis aqui está Vilardo  
 Que é como um camaleão,  
 Por isso, *buz!* fazei fardo.

I. sc. III.

Aliáz, na nossa lingua *boca* (boquinha) significa beijo e na fórma interjectiva (*boca!*) determina e impõe silencio.

Não terá por ventura outra orijem a palavra *calaboço* (cala-buz) que é tambem um silencio forçado.

Os espanhois dizem — *hacer el buz* — no sentido do lizonjear, agradar, o que rezulta de ser o *beijo* um sinal de agradecimento ou lizonja.

O primeiro elemento da locução foi naturalmente uzado na formula incompleta por que tambem se diz separadamente:

Não dizer *chus*

e em outros casos tambem é frequente:

Não dizer (ou — não fazer) *bus*.

Compreende-se assim que o sentido de *chus* é o de *mais* no lat. *plus*, palavra de que derivou. Equivale a — *não dizer mais* — a guardar silencio.<sup>1</sup>

### **Rou! Rou!**

E' um anexim registrado nos adajiaros antigos. No de Delicado (168) no de Roland (252) com a formula

*Rou! rou! faça-se o que el-Rei mandou.*

Ainda que não seja de uzo moderno (salvo no *folk lore*) era comtudo frequente nos escritores antigos.

O *barbarus* de Koerting dá uma etimolojia germanica, do antigo alto alemão *roa* (all. *ruhe*) que significa «descanço». Ainda que apadrinhada por Diez, a orijem não parece certa, e acreditamos antes que é uma onomatopéa elementar com que ninam e acalentam as crianças *rô rô-rú-rú* (o r

---

<sup>1</sup> Para etimos de *buz*, Gonçalves Viana nas suas *Apostilas* aponta ou uma «contracção violenta» de *minus* (inaceitavel) ou de dialeto dos ciganos onde *bus* = mais. Em castelhano, porém, a palavra é antiga e significa *beijo*; vejam-se os exemplos arcaicos apontados por Cejador y Frauca no seu recente dicionario de Cervantes e que não deixam duvida; e já o tinha dito o nosso Viterbo no seu *Elucidario*.



com o som de *êre*<sup>1)</sup> e assim é que a vemos em Gil Vicente:

Ora, niño, *rô, rô, rô,*  
 Nuestro Dios e Redentor,  
 No lloreis que dais dolor  
 A' la virgen que os parió.  
*Rô, rô, rô.*

*Obras* I, 57.

E em outro lugar:

**Ru, ru,** menina, *ru, ru,*  
 Mourão as velhas e fiques tu,  
 Co'a tranca no cu.

*Ibid.* II, 26.

Nas *Obras metricas* de Don Francisco Manoel, diz-se — *a rou rou* — com um leve matiz de sentido e emprego, como se dissera *acariciado*, quazi *enfant gaté*:

Ó senhor, que é grão trabalho  
 Andar o mal *a rou rou*,  
 E o bem como espantalho:  
 E para tudo, achar talho?  
 Vêde-me vós que aqui estou<sup>2</sup>

II, 93

No *folk lore* brasileiro encontram-se como em Gil Vicente, o canto e *berceuse* conhecidos das crianças — *ru-ru* (ou *tú-tú*) em que o *r* sôa sem aspiração:

1 O meio tom do *r* (como se diz na esquecida mas interessantissima *Arte da Grammatica* de Simam Crispim — Lisboa, 1746) ou o som *êre* em paralelo ao som *êrre*.

2 A edição das *Obras metricas*, feita em Lião de França em 1665 ficou cheia de defeitos. A quintilha que citei acima não é a lição que está no livro, e tomei pois o expediente de corrigil-a, colocando o



Ru, ru, ru, ru,  
De traz do *murundú*

A onomatopeá oposta a *rô!* para adormecer, é *tó* — para acordar, e *xô* para passarinhos :

De Pafia as penas, a amorosa estrela  
Pelo horizonte vinha aparecendo,  
Quando da cama salta e alto grita :  
Sela enfreia, *tó* perra, *tó* Bonita.

*Viriato tragico*, XII, 91.

Ao que prezumo, de *xô!* tirou-se *enxotar*, assim como de *rou!* ou *ru!* se derivou *arrulhar*.<sup>1</sup>

terceiro verso como está na citação e não em quarto lugar. O texto diz :

O' senhor, que é grão trabalho  
Andar o mal *a rou rou*,  
E para tudo achar talho?  
E o bem como espantalho,  
Vede me vós que aqui estou.

Pareceu-me evidente que o quarto verso devia ocupar o terceiro lugar.

<sup>1</sup> *Sain é a n* (Lazare) aproxima *ru* de *ronron*; no patois de Puy de Dôme diz-se *faire son rou rou* e *faire son rou* (no Loire) — *La Création metaphorique* (1 Heft.) pj. 11. Para o vocabulo *rou* a etimologia rejistrada em Koerting é o ant. alto alem. *róa* (Ruhe) e não me parece necessaria (K. — *lat. roman, Wörterb.* n. 8114), depois do que ficou dito.

### Na boca do lobo

Esta é de certo uma das sentenças mais antigas da civilização ariana. E' a moralidade da fabula em que a cegonha ou o grou mete o bico e pescoço na boca do lobo para extrair um osso que se atravessara na guéla do terrível animal.

Na fabula primitiva e remotissima, *Javasakuna Jataka*, conta Buddha a historia de um leão e da cegonha por mostrar a ingratição do rei dos animais. *Jataka* moraliza: « N'aquello tempo o leão era *Devadatta* (o judas buddhista) e a cegonha era eu ».

A fabula entrou no ocidente por dous caminhos:

a) a versão libica incluída na coleção ezopica de Demetrio de Faleros (300 A. Cristo) e esta foi a que passou a Fedro.

b) a versão em que se conserva o leão primitivo em vez do lobo, muito depois da primeira veio de Ceilão para Alexandria (50 A. C) e foi aproveitada posteriormente pelos rabinos judeus (Jochanan bem Saccai e outros, e está no grande commentario rabino do Genese, *Bereshith Rabba*, cap. 64.

A versão b) segundo Joseph Jacobs só aparece na Europa, quazi ao raiar do século XVIII, precisamente em 1691 na obra de Loubere—*Descrição de Sião*.

E' curioso notar que na locução boca do lobo converjem dous sentidos: o da fabula apontada e a

idea do *anoitecer* e da *escuridão*, que tem outra fonte e estudaremos em outro lugar d'este livro.

Em qualquer caso, soma tudo o perigo grande que é a *boca do lobo*.

Na *Eufrozina*, um personagem que se despede:

Senhores, não vamos mais avante, porque somos já na *boca do lobo*.

III, ultima cena.

Na comedia de *Bristo* o doutor Antonio Ferreira ocorre a alusão:

— Quero-me chegar antes que se me acolha

— Hui por mi! e pola minha vida! vedes-me outra vez na *boca do lobo*.

cena VIII.

E referencias mais ou menos explicitas não fallam nos quinhentistas, educados como foram nas antigas letras classicas. Em Fr. Amador Arraez transparece a fabula quando escreve:

Com a minha prata e ouro comprei dores e tormentos e a mesma morte *em cuja garganta me vejo atravessado*.

Dialogos, II, 37.

Outro modismo, porem, já antiquado, foi o que rezultou da superstição geral de que *a vista do lobo fazia emudecer*.

A credence rezultou do conto medieval que figura em varios Izopetes: o conto é o de uma mãe que

tendo deixado o filhinho, só, em casa, *aconselha que não fale* a quem bater á porta, e que ha de ser o lobo. Naturalmente, o *proposito de não falar* se transformou, na evolução da fabula, em *mudez involuntaria*.<sup>1</sup>

Assim o povo, como os escritores, celebraram

---

1 O proverbio apparece em Sá de Miranda, na comedia *Os Estrangeiros*:

— Valeu-me que o vi primeiro que elle a mi. D'outra maneira (como dizendo do lobo) *tolhera-me a fala* de todo.

IV, cena 3.

E tambem em Jorje de Vasconcellos na comedia *Aulegrafia*:

Tantos males tenho feito que não se fiam de mim?  
Eu não sou basilisco que mata com a vista *nem lobo*  
*que emmudece a quem vé.*

IV, cena 4.

Carolina Michaëlis na sua famosa edição critica de S. de Miranda supoz a principio que a inspiração do poeta fora talvez bebida em varias fontes classicas (*Poesias*, 773) mas depois verificou que a fabula já se havia incorporado (*ibid.* 880) ao *folk lore* portuguez. Agora que foi publicado por Leite de Vasconcellos o nosso Izopete medieval temos em romance a versão mais antiga da fabula que é, a meu ver, a fonte do proverbio:

«... ãa cabra leixou seu filho em sua casa, e çarrou a porta e mandou-lhe que se nom partisse nem abrisse a porta a mem-ãa pessoa até que ella viesse. E como lhe disse esto foi-se a cabra a pacer.

E ã pouco estando, veo o lobo e bateo á porta e começou de falar como se fosse cabra, dizendo que lhe abrisse a porta. A cabrita disse: — Sac-te d'aqui, falso ladrom. . .

*O Livro de Esopo* — pj. 51

muitas das fabulas antigas que passaram ao *folklore*, á memoria, e ás tradições nacionais.

O adajio

*Quem quer o que não convem perde o que quer e o que tem*

rejistrado em todas as coleções é a moralidade ou fabula do *Cão e da sombra* tão conhecida; foi tratada por Diogo Bernardez, no *Lima*, pj. 178:

Um cão passando um dia por um rio  
De cristalinas aguas e correntes,  
Devia por razão de ser no estio.

D'um osso duro que antre os duros dentes  
Levava atravessado, a sombra viu  
Naquelas frescas aguas transparentes.

Cuidando ser outro mór a boca abriu  
E por querer tomar a preza van,  
A certa na corrente lhe caiu.

E logo em seguida recita o mesmo poeta a fabula da *Rã e do Boi*...

Antes inchou com tanta força tanto...

e parece que d'essa fabula da *Rã* é que se formou a locução:

*Não caber na pele*

ou *estourar*, *arrebentar* de esforço, de jubilo, de orgulho, imajens que aliás poderiam ser de formação

espontanea<sup>1</sup> ou ser tomadas da outra fabula do asno que tomou a pelle do leão e como diz um poeta da *Academia dos Singulares*:

Veio o moço florente  
Por não caber na pelle de contente.

II, 196.

Outra expressão antiga *alçar a pulha*, levantar, mudar-se, talvez tenha orijem em variantes na fabula do *Cavallo e do Cervo*, de que temos uma lição antiga em Sá de Miranda:

Quando tudo era falante<sup>2</sup>  
Pacia o servo um bom prado...

O cavallo escravisa-se ao homem mas o cervo preferiu a liberdade, e se vangloria d'ela e *alça o galho*. Com este sentido depara-se a locução em um antigo auto espanhol:

1 A fabula da *Rã* foi tratada pelos classicos latinos Oracio—*Sat.* II, 3; Marcial, x, 79; Fedro, I, 24; Romulo, II, 20. Parece que os gregos a não conheciam, sem embargo de figurar nos Ezopos gregos que são de formação posterior ao Fedro latino.

2 Este verso foi integralmente repetido por Dom Francisco Manoel ao contar a Fabula da *Raposa e o lobo* nas *Obras metricas*:

*Quando tudo era falante*  
Diz que a raposa caiu  
Num poço d'agua abundante...

La maldicion no me apoca  
 Por mas que *alceis* vos *el gajo* <sup>1</sup>

Do influxo das fabulas antigas classicas ou populares sobre a formação dos proverbios temos sempre continuadas provas e exemplos.

### Frazes de sapateiro

D'entre as locuções tomadas ao mester dos sapateiros, ha algumas alteradas

#### meter-se nas encôlhas

isto é, ficar calado ou escondido e está pela verdadeira que é — « meter-se nas *encospas* » que são as fôrmas do sapato.

No Ulizipo :

Bem dizeis vós se eu tivesse pera lhe dar todo o necessario, eu a *metteria nas encospas*.

III, cena v.

Tambem é uzo dizer-se — *metter-se na concha* — aludindo ao caracol que segundo outra locução oposta — *põe os corninhos ao sol*.

Outra fraze ainda mais vulgar é

---

<sup>1</sup> *Aucto de los hierros de Adan* — na coleção publicada por Léo Rouanet — tomo II, 221.



### **meter n'um chinello**

deturpação da expressão orijinaria — *meter no chichelo*.

O *chichelo* é o sapato velho e alcacanhado; e a fraze vale por humilhar, deprimir. Emprega-a o autor do *Anatomico Jocoço*, quando diz:

Pozeram-se em pantufos e quizeram *meter a feira em um chichelo*.

(Na *Segunda Impertinencia*, 23).

Findarei aqui o primeiro capitulo ou a primeira bota? Ver-se-á que depois não se melhorou de co- turno.

### **Cré com cré, lé com lé**

Assim dizem, e ás vezes com voz surda *crê com cré, lê com lé*.

E' conhecida a explicação que pela simplicidade dos termos pareceu exata e satisfatoria. Viu-se na- quele ditado a abreviatura de outro mais completo:

*Créligo com créligo e leigo com leigo*

Opunha-se o *creligo* ao *leigo* e cada um vinha a constituir classe distinta. Comtudo, a transformação

de *créligo* em *cré* ainda por etimologia popular muito mais livre que a erudita, não é facil de admitir e ainda menos a de *leigo* que nesta forma é palavra que não autoriza tão grande deturpação.

Suponho, quanto a mim, ser outra a orijem da locução. Trata-se aqui de exprimir a conveniencia e igualdade das uniões melhores

*crê* com *crê*

e que são aquelas que são ditadas pelo afeto mutuo, pela vontade e pelo *querer* e a forma orijinaria deve ser

crer com crer

ou, querer com querer

*qu'rer* com *qu'rer*

E esta é a primeira condição em todas as leis, para os nubentes, a vontade igual. Mas, em outro tempo, o Estado intervinha tiranicamente e exijia tambem que as uniões fossem sempre de pessoas *da mesma religião*. Era condição essencial. Era necessario que os noivos, segundo a linguajem do tempo *fossem da mesma lei*, e com esta palavra *lei*, indicava-se o credo relijiozo dos homens. <sup>1</sup> Em Portugal havia *tres leis*: a de Deus ou Jezus Cristo, a de Mafona, e a *lei velha* (a dos judeus) correspondentes a cristãos, mouros e judeus que viviam sob rejimens

---

Prestes, Sacarrão, *lei* de Mafona (462) a *lei cansada* (a de Moizés, dos judeus) etc.

juridicos diferentes. A legislação antiga notava sempre a impossibilidade das uniões quando era diversa a *lei* dos que se queriam unir, e as *Ordenações afonsinas* diziam claramente

que nenhũu christão nom aja ajuntamento con nenhũa *Moura* ou *Judia*, nem algũa christãa com Judeu ou Mouro *por serem gentes de Leyx desvairadas...*

*Ord. Affons. Livro v, tit. 25.*

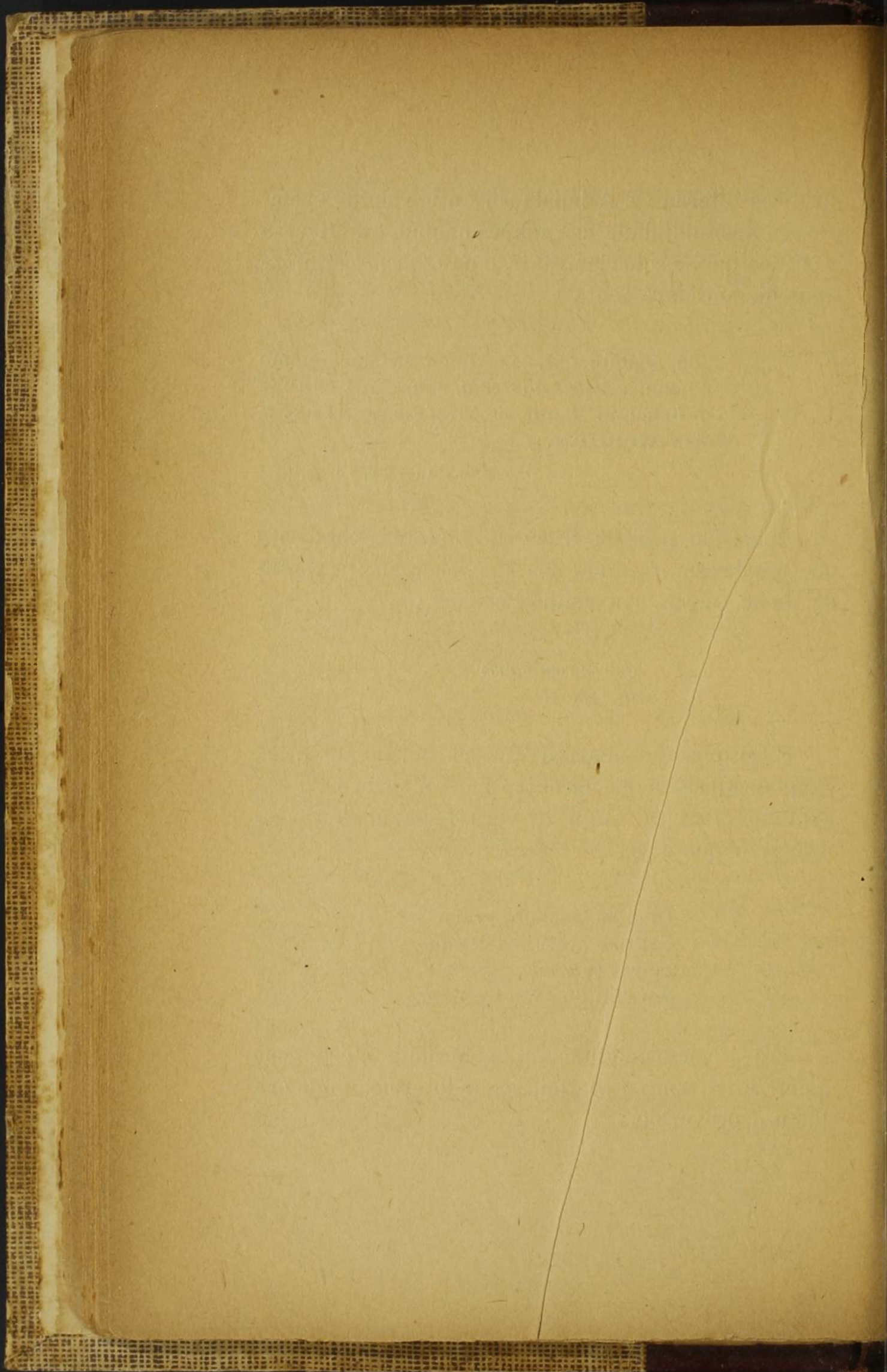
O sentido pois da fraze é o das duas condições que igualavam o estado dos que se uniam: a vontade de se unirem e a relijião comum, ou

*qu'rer com qu'rer  
e lei com lei.*

E tanto esta me parece a interpretação autentica d'aquelle aforismo que encontro em Antonio Prestes no *Auto da Cioza* os versos seguintes a comprovar o que digo:

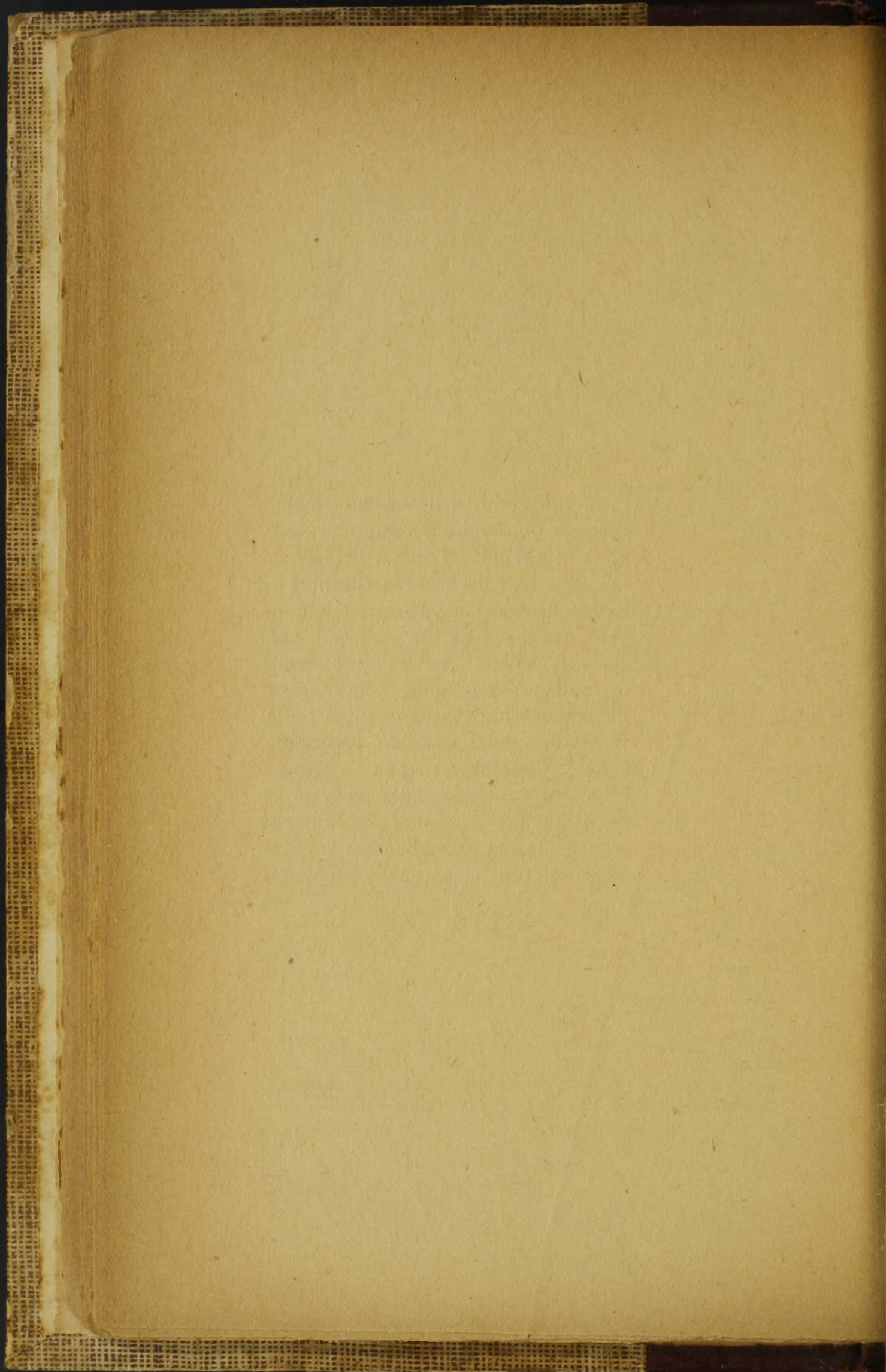
Olhai cá, senhora prima  
Estinai quem vos estima.  
Se vcs quizerem, querei;  
*Lei com que vos tiver lei.*

Estes versos denunciam a formula *qu'rer com qu'rer* e *lei com lei* que foi, segundo creio, a que originou o proverbio.



## II

Velho como a Sé; velho como a serra; velho como a serpe. Perolas a porcos; e a galos. Camiza de onze varas. A morte da bezerra. Cimbrar ou cazar. Proverbios arabes: passar de pato a ganso; entrou *por aqui*, saiu *por ali*; haver e saber; asno diante de palacio; depois de comer, cuspir no prato. Estupido como uma porta. Duro de queixos. Caldo entornado. Quem a porcos *ha medo*... Plebeismos: salta a traz, contas de Jorje fora, o que for *suará*. Paiz de Cucanha e outras terras maravilhozas. Amarrar cães com linguça. A unha ou a cunha.



### Velho como a Sé

Diz-se: «velho como a *Sé* de Braga» ou «como a *Sé* da praia (a da Bahia que foi a primeira).

E também é costume dizer — *velho como a serra* — em quazi todas as linguas cultas. Ha nessa locução um elemento primeiro *se* (*sé* ou *serra*) que é comum ao pensamento latino e europeu.

**Velho como a serra** está por exemplo, no inglez, numa das baladas de R. Kipling.

Old is the song that I sing ...  
-- old as the hills.

Tambem está no alemão, como no conto de A. Henschel: <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Na coleção que traduzi com o titulo geral — *Crepusculo dos Deuzes*, Lisboa, A. M. Teixeira. O original alemão é: Was du für eine neue Idee ansiehst, ist so *alt wie die Berg...*

A idea que achaste e que julgaste nova é tão velha como aquella *serra*.

Em portuguez — explica-se o « *velho como a sé* » (de Braga) por ser esta, segundo a lejenda ou historia, contemporanea da de Roma, e o primeiro bispo de Braga, ha quem o diga, e escreva, foi coevo de São Pedro.

Mas ainda essa antiguidade é couza alguma quando se compara á *de Adão e Eva*

*velho como Adão e Eva*

que é a que o povo conhece de mais remoto. Mas não se tratando de *Adão e Eva* que couza do mundo poderia ser mais antiga?

Só um unico ser vivo é especificadamente nomeado, alem dos pais do genero humano — é a serpe.

Efetivamente, outr'ora se dizia

### **velho como a serpe**

Em J. Ferreira na *Eufrozina*;

E esse veros e no veros é mais *antigo que a serpe*.

f. 108.

Filinto Elizio na satira da *Molhadura*, (IV, 220 das suas *Obras*, ed. de Lisboa) põe na boca do velho Horacio as palavras

Não sei mais novas que da *velha serpe*.



O conceito da *antiga serpe* foi quazi de novo creado com a velharia e com o costume de figurarem nas procissões antigas da igreja a *serpe*, o *drago* com mascarados, tourinhas, e caramelas e não raro o rei David dansando a frente, sobre tudo na procissão de *Corpus Christi*. Eram figuras obrigadas nessas carnavalescas superstições do outro e talvez ainda d'este tempo.

A *velha serpe* e a *tarasca* da lenda medieval são uma e a mesma monstruosidade escarninha e ridicula, que desluzia o antigo ritual do catolicismo.

Em qualquer cazo, velho como a *serpe*, velho como o *diabo* ou como a *tentação* ou velho como *Adão e Eva*, é tudo um.

A muzica da locução basta para explicar as variantes de — *velha como a sé* — mórmente se é a de Braga, e até a de *velho como a serra*.

### Deitar perolas a porcos

Muito pouco poderão servir as perolas aos porcos. O anexim vem do fabulario antigo onde se conta que um *galo* achou no esterquilinio uma perola, quizera antes um grão de milho,

*votior cui multo est cibus*

Fedro, III, 12,

D. Francisco Manoel recorda a versão classica greco-latina da fabula quando diz nos *Apologos dialogaes*.

Que lhe importa o achado da *perola* ao *galo* de Esopo! mais vale a *perola* que a *migalha* ao homem; porem ao *galo* mais vale a *migalha* que a *perola*.

pj. 272.

Temos, porem, outra variante; já não é o *galo* de Fedro mas um *porco*, o personajem novo.

Este foi tomado da Biblia, lá onde diz Salomão com o mesmo desdem do fabulista que a formozura nas mulheres loucas é como argola de ouro em foinho de *porco* — *circulus aureus in naribus suis*.

O anexim rezultou conseguintemente de duas sentenças — *perola* aos galos e anel em *porco* — ou, por uma aljebra facil — *perola aos porcos*.

D'est'arte, respeita-se o sagrado sem desprezar o profano. E foi o que fez S. Mateus muito lido na lei velha, porque no tempo da redação helenica do seu evangelho já o santo evangelista clamava:

μηδὲ βάλητε τοὺς μαργαρίτας ὑμῶν ἔμπροσθεν τῶν χοίρων...

E por isso foi que disse numa das suas cartas Sá de Miranda:

Almas que sonhando andais,  
O muito não-no troqueis  
Por nadas como os trocais,  
As *perolas* orientais,  
Aos *porcos* não-nos lanceis.

i, 223 (da ed. de 1784).

**Camiza de onze varas**

*Meter-se em camiza de onze varas* é correr e afrontar um grande perigo e risco.

Numa das suas *Cartas* (I, 136) diz o cavaleiro de Oliveira:

Nunca foi amigo de mulher gorda, e uma Senhora tão grossa ou tão grosseira que se não pode meter em *camisa de onze varas* é um medo para mim e um *coco* para as crianças.

A expressão sempre me pareceu muito curioza, e creio que consegui decifral-a. Houve, como é frequente, a união de duas palavras arabes quazi idênticas que significavam *camiza*, e *vara* ou *poleiro alto de pendurar*.

*Alcandur*, espanhol *alcandora* (al-candur) era a camiza longa e talar, a camiza de dormir, como o diz o romance antigo peninsular:

Se venis de madrugada  
Halareisme en *alcandora*

Na cantiga de Affonso Alvarez no *Cancioneiro de Baena*, 33, ainda uma vez ocorre a palavra:

Alvos pechos de cristal  
 De alabastro mui broñido  
 Devie sser con gran rrason  
 Lo que cubre el *alcandora*.

Ao mesmo tempo *alcándara*, como diz João de Souza nos *Vestigios da lingua arabica*, é a vara, pau ou poleiro em que descança o falcão. D'aí as vozes usuaes *alcandorar-se*, trepar, erguer-se alto. Temos pois as duas idéas reunidas em *alcandôr* e *alcandora*, uma, de camiza grande, de dormir, e outra de uma longa vara.

E' a *camiza de vara longa* ou de *onze varas* ou de *alcandora*.

Na sua *Arte de Caça*, c. VIII, diz Diogo Ferreira que a «*alcandora* para um açor basta ser de duas varas de comprido.»

Tal podia ser a camiza dos enforcados, dos réos de morte, dos tribunaes civis ou da Inquizição, dos quais posteriormente se quiz derivar a locução, mas as idéas de *camiza longa* e *vara* já andavam reunidas em um só vocabulo.<sup>1</sup>

---

1 Teobaldo diz um pouco inventivamente que (camiza de onze) *varas* vem do antigo feixe de *varas* dos juizes, e deixa sem explicação quazi toda a locução; ou diz que provem da *longa camiza branca* dos condenados (e é tambem o que diz Gonçales Viana). Mas o que convinha explicar e prezumo tel-o feito, era a coexistencia de *camiza longa* e *vara*. O numero *onze* que se interpõe é um indefinido que aparece em outras locuções como *lingua de onze palmos etc.*

### A morte da bezerra

Ainda hoje se usa esse ditado antigo.

A *morte da bezerra* era a consagração fanática dos Autos da fé.

Para todos os hypocritas, crentes e alucinados do tempo os judeus adoravam a *bezerra*. Em 1591 Violante Mendes e seu marido foram mandados queimar por que a um filhinho d'ela viram « *brincar com uma bezerrinha de marfim!* »

Soropita, nos seus versos, diz que o judeu *manqueja na fé* e adora a *bezerra*:

Em uma choupana afogado  
Por ser mestre declarado  
Não d'estas nossas escolas  
Mas de quantos mariolas  
Tem a bezerra adorado.

Os que assistiam aos sangrentos autos inquisitoriais ali veriam a *morte da bezerra* e da lei velha de Moisés.

Que os hebreus muitas vezes idolatraram, e ainda hoje, o *bezerro de ouro*, não ha duvida; o povo, porem, se os tinha na conta de adoradores da *bezerra* prezumo que tambem o pensava pela facinação de um mito verbal.

Efectivamente, os judeus adoravam a *Thora*, que assim chamavam a « lei velha » a lei Mosaica. Adoradores de *Thora* ou da *tourinha* ou da *bezerra*, tudo é um e a *tourinha*, como a *serpe*, era um dos espantalhos que acompanhavam a procissão do *Corpus Christi* (vide pj. 45).

Afinal, os idolos não diferem muito ; peor que a idolatria dos idolatras era a dos cristãos que os imolavam em nome de Jezus, o meigo.

### **Cimbrar ou cazar**

E' este o conselho deshonesto que um trovador pornografico do seculo XV, Ruy Moniz insinúa ás raparigas do seu tempo :

#### *Çimbrar ou cazar com cêdo*

Será a voz *çimbrar* a mesma que *samblar*, *ensamblar* (*fr. en semble*) quer dizer ajuntar, ligar, *copular*, e que como esta ultima se tornou obscena ?

Só os carpinteiros hoje podem *samblar*, isto é, articular duas peças de madeira, e são *ensambladores*, sem ofender a decencia dos costumes.

As trovas do jogral impudico e desbocado estão no *Cancioneiro jeral* de Garcia de Rezende (I, 503) e dizem corrigida a ortografia arcaica :

Senhoras! com cêdo  
*Cimbrar* ou cazar!  
 . . . . .  
*Cimbrar* sem tardar,  
 Que a vós ha de pezar  
 De nam ser mais cêdo.

Mas as formas *cimbrar* e *zimbrar* (c = z) mostram que a etimolojia é outra que não *sembrar* (simul-are); o etimo verdadeiro é *cymbelare*, de *cymbellum*, diminutivo de *cymbalum*) aparelho de atrair passarinhos. Por translação significa fazer cair no laço... ás raparigas.<sup>1</sup> Ha uma variante deturpada em Gil Vicente quando diz no *Auto pastoril* (I, 137):

Oh commendo ó decho a praga,  
*Gingrae*, lá com tais cachopas...

Creio que *gingrar* está por *zimbar*,<sup>2</sup> com o sentido provavel de *bater* como no antigo auto espanhol do *Repelon*<sup>3</sup>:

1 Não param aqui as etimolojias. *Cimbra* é tambem a armação de madeira para receber a abobada e *cimbrar* é mover uma vara flexivel tomando-a por um extremo; uzo este muito do castelhano. Pela orijem de *cingere* lat. é P. Mugica — *Maraña del dictionario*, 63.

2 Com sentido algo diferente depara-se *zimbrar* em Ant. Pres-tes no *Auto do Dezembargador* (Obras, 211):

E o vilão ainda me *zimbra*  
 Reprehender-me.

Parece que houve confusão entre *cimbrar*, *zimbrar* e *gingrar*, ou *zingrar* (burlar, mofar): esta ultima forma refere-a ao arabico *E g u i l a z y Y a n g u a s* no seu *Glosario*.

3 No auto do *Repelon* (Sevilha-1509) ainda ocorre *gingrar* com sentido diferente: « Ora dexalos *gingrar* » fol. vi. Com os documentos aqui reunidos, poder-se-á rezolver a duvida.

El palo bien arrimado  
Zimbrado naquella tiesta...

fol. 4 v.

### Proverbios arabes

O proverbio — *passar de pato a ganso* — veiu dos arabes mas com a inversão da formula primitiva. E' anixin arabico segundo Spitta - Bey:

— élli káloh wizzê wizz, jihra battê batt —

Esta é a transcripção que copiei escrupulozamente de A. Dirr que explica a sentença: Comeu ganso e arrotou pato <sup>1</sup>

É o *ridiculus mus* de Horacio e inversamente muito melhor seria o ter começado com pato para acabar com ganso. <sup>2</sup>

Outro proverbio arabe que passou *ipsis litteris* ao portuguez é o que se aplica a orelhas propositada e prudentemente surdas:

— 'isma' mim héne, wesaijib min héne —

ou literalmente, segundo o mesmo arabizante: « en-

1 A. Dirr — *Die Kunst der Polyglottie* xli, 125.

2 Por donaire é que disse Botelho de Moraes e Vasconcellos nas *Cuevas de Salamanca* (2.<sup>a</sup> ed., 30): « Para ir mas consecüente renuncio el pato ó ganso. »



trou por aqui (por este ouvido) e saiu por aqui (o outro ouvido) ».

Com a mesma formula, disse Gil Vicente:

Embora esteis encruzilhada,  
*Perequi* entrou, *pereli* saiu.

III, 95.

Ambos os ditados são referidos ao arabico vulgar.

Muitos dos modismos e brocardos arabes se incorporaram á literatura do ocidente, mórmente da peninsula iberica, misturando as suas côres garridas e orientais ás mais graves e sombrias da antiga tradição classica. São na generalidade sentenças e apogemas que não necessitam nem-uma exejeese ou interpretação especial.

A *Historia da Donzela Teodora* (este nome pode dar a ilusão de origem classica; mas *Theodora* é aqui uma deturpação voluntaria de *Teweddud*) com os seus personajens arabes é uma coleção de aforismos e sentenças morais. <sup>1</sup>

Comtudo, ha dizeres que denunciam muito de perto a paremiolojia arabica. Por exemplo

---

<sup>1</sup> Parece ser a primeira versão a que está no manuscrito *El libro de los buenos proverbios*, publicado por H. Knust *Mittheil aus dem Eskerial*. Em portuguez, na literatura era já muito conhecida, mas a primeira versão em linguaagem é recente; a que possuo, de 1735 por Carlos Lisbonense, prezumo ser a primeira que appareceu e já adulterada; o cenario que era em *Babylonia* muda-se a *Tunes*. O conteúdo, porem, é em substancia o mesmo.

*Acaba-se o haver e fica o saber*

é o que está registrado em Freytag, *Arab. Prov.* III, 3021.

Ainda mais curiozo é o que nota a ignorancia do burro ou

*asno diante de palacio*

é o asno diante da atafona ou arredor d'ela. <sup>1</sup>

Depois de comer cuspir no prato é outro ane-xim dos arabes. E' fraze que pinta o que ha abje-cto na ingratidão. Os ingratos não só desconhe-cem o beneficio, mas insultam o bemfeitor. Muitos são os rifães que traduzem essa presumida « in-dependencia do coração » a que se acobertam os ingratos: — *Cria o corvo, tirar-te-á o olho; — por bem fazer mal haver (por bem querer etc. em G. Vi-cente, I, 132).*

O proverbio é arabe, e uma das variantes a que se encontra na Siria, colhida por Carlo Land-berg, diz: Akal el-hä-diye wa hiri fi-z-zibdiye = comem o bolo e sujam o prato. O sentido literal

---

<sup>1</sup> Gabirol — *Choice of Pearls*; veja as fontes indicadas por Knust, *op. cit.* pag. 110 — no n. CXLII da *Bibliothek des Litterarischen Vereins in Stuttgart*. Pode ser tambem uma alteração do antigo ditado *Asinus ad lyram* depois *bos ad lyriam*.

ainda é menos limpo, e o caso acontece tambem literalmente entre os arabes.

Comentou o anexim Spitta Bey nos *Proverbes et dictions du peuple arabe* — do auctor citado. Aplica-se em geral a proposito de pessoas que recebem um prato de doces e não restituem o prato ou não correspondem com outro presente, e d'aí o apodo aos ingratos, de toda a casta. <sup>1</sup>

### Estupido como uma porta

Parece que as portas não primam pela intelligencia. Não sei de que profundezas metafizicas veiu o povo arrancar esta revelação de que nada ha mais estúpido que uma porta.

Na farça do *Juiz da Beira*, diz o Escudeiro convicto:

Eu morria e alem d'isso  
*Eu não tinha* então mais *sizo*  
 Do que aquella *porta* tem.

*Obras*, III, 173.

---

<sup>1</sup> No *Livro dos Proverbios*, antigo manuscrito do Escorial, editado por Knust e ha pouco citado, vem a anedota monstruoza do filozofa *Secundus* que foi conhecida nos livros de espelho e exemplos da edade media. E' uma quazi gloza d'este proverbio, mas tão inconveniente que me não animo a transcrevel-a.

Depois de algum tempo, não me foi difficil topar com a psychologia da locução — *burro como uma porta; estúpido como aquella porta.*

A explicação está na passagem de dous dizeres que se mesclaram numa só idéa. Da *porta* se dizia que era *dura de fêchos*, e tambem das pessoas.

Na *Eufrozina* está:

O' não me agasteis que não me quero assim, e nenhuma cousa me enfastia como pessoas interesseiras; sou muito mimozo de condição e folgo de ser enganado, e por outra via *mui duro dos fêchos.*

fol. 33 v.

do burro ou asno sempre se disse que era *duro dos queixos.*

Ou *de queixos* ou *de quicios* ou *de fêchos* parece que vale o mesmo. São por vezes ambos durissimos, a porta e o burro.

E como os asnos são estúpidos, o mal contajiu as portas. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Quando cotejamos os dois trechos que abonam a locução o *sizo de uma porta* de G. Vicente e o *duro dos fêchos* da *Eufrozina*, não poderá haver duvida quanto á orijem do ditado.

Entretanto, é muito possivel como não raro acontece que outros lementos semanticos exercessem influxo decizivo no mesmo senti-

### Caldo entornado

Diz-se comumente o *caldo entornado*, mas é fraze já deturpada e a verdadeira e mais inteligível é a do *carro entornado* ou *carro virado* e não *caldo virado*. Encontramol-a, assim, nos antigos. Em Sá de Miranda, na Ecloga VIII (pj. 194 da ed. de 1784; cf. 177 da ed. de Car. Michaëlis):

Quem nunca ouviu um rifão  
 Mais corrente, e mais usado,  
 Que é darem todos de mão  
 Quantos vem, e quantos vão,  
 Ao *carro* que está *entornado*

Na *Eufrozina* também se diz o **carro entornado**.

A aproximação do *caldo* e *carro* proveiu naturalmente de outro modismo peninsular, *mexer o caldo* (hesp. *revolver el caldo, ò el ajo*) isto é, renovar

do. Nas antigas *Coplas de las comadres*, reeditadas não ha muito em *fac-simile* gotico, depara-se a locução, sob esta forma:

Tâbien presume de graciosa  
 La hija del secretario  
 Y es mas nescia q̃ un almario....

fol. III v.

Temos aqui — *nescio como um almario* — e de almario a porta não ha distancia grande. Se esta translação se deu, não é difficil explicar que *almario* por sua vez é um eufemismo popular para substituir *alimaria* e a fraze teria sucessivamente os momentos seguintes de alteração: *necio como alimaria*, *necio como um almario*, *necio como uma porta*.

contos e historias antigas e esquecidas para mover disputas novas. <sup>1</sup>

As locuções, 'porque muito vivem na boca do povo e da plebe, muito se alteram e deturpam, como se vê de inumeros exemplos. *Não diz cara com cara* (em Sá de Miranda: « não diz ora com ora I, »

---

1 No *Auto de Santa Genoveva*, de Baltazar o lisbonense, no fim da 1 *Jornada*, diz o primeiro criado :

Agora, meu cozinheiro,  
De todo *entornou-se o caldo*.

A alteração das palavras pode, por vezes, induzir a erro de interpretação. Assim, Luiz Calado Nunes na sua edição (1905) avulsa do *Auto da India* de Gil Vicente, anotando o verso

Isso é quem porcos ha *menos*

diz que é fragmento do proverbio — quem a porcos ha *medo*, as mou-tas lhe roncam.

A interpretação é inexata ; o proverbio rejistado tanto em portuguez como em castelhano é conforme ao texto : *quem porcos ha menos* — isto é — quem dá pela falta d'elles ; e esta era a syntaxe antiga como se vê do *Auto dos Cantarinhos*, sc. 1 :

Moço não te vás d'aí  
Que bradará teu senhor  
Se te achar *menos* d'aqui.

E tambem o trecho da *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo.

« Muito deveis ambos a Solino, porque vindo a esta casa com Pindaro, de quem foi convidado na cea, e tendo a minha em estado que se podia aproveitar alguma couza d'ella, vos achou *menos* e perguntou a cauza da tardança ».

Nas eruditas notas á tradução do Camões supõe W. Storek que é lição errada a do comum das edições (lesen alle mir bekannten Aus aben fehlerhaft: *quem porcos ha menos*) ; ao contrario, as edições estão certas e o engano é de W. Storek. Veja W. Storek—*Sämmtliche Ged.* I 366 *Quem porcos ha menos* quer significar que faltam alguns porcos ao que tanje a sua vara.

222); *carrilhos e carrinhos* (a dous *carrilhos*) *meter-se nas encolhas* (meter-se nas *encospas*) cá e lá *mais fadas ha* (cá e lá *más fadas ha*).

Não menos curiozas são as derivações por palavras que apenas revelam a simpatia da aliteração, como é o caso de *falar, latir* (latim) *simplicio* (simples) *Felizardo* (feliz) (*chouriço* resposta a — *que é isso?* no castelhano: *que es esto? uvas em cesto*) o brazileirismo *camarote do Torres* (torrinhas ou paraizo) *Salta atraz!* (Satanaz) <sup>1</sup> *camapé* (canapé, de *conopéo*) *morte macaca; morte macabra?*) a seu *pausar* (a seu pezar — registrado na *Inferm. da lingua*, 104). Contas com Jorje, *Jorje fóra* (*Ibid.* 113 = *noves fora, nada*) casa de *orate frates* (*Ibid.* 129) <sup>2</sup> *aparicio*.

Da mesma especie é — o que *for suará* e não *soará* (porque a forma era *soar-se* = *dizer-se*, ou *zoar*, com o mesmo sentido, como na *Introd. a Historia da Tartaria*); comprova-o e verifica-o a tradução da fraze que só se fará exata com um

1 Na farça de cordel, *O gallego lorpa e os tolinciros*:

— Mas casar com um velho?

— Velho? *Valde retro, salta atraz*; quem é elle?

cena II.

2 Aqui ha confuzão de duas palavras diferentes o *orate* (de *ora* ou *oura*) doudo, e o verbo latino *orate* (= *orae*) da fraze latina *orate, frates!* orai, irmãos.

equivalente de *transpirar*, isto é, vir a tona, ao publico com dificuldade e depois de algum tempo.

*Soar* convem ao sentido, mas não com a subtilidade que tambem tem o espanhol: *sudar pezetas*.

### Paiz de Cucanha

A Cucanha não veiu de França :

Irei dormir á Cornaga  
E amanha a *Cucanha*.

G. Vicente, III, 217.

Pertence ao fabulario da Edade media e expandiu-se na imaginação popular e na literatura sob diversos matizes. A *Ilha dos Amores*, em Camões é de todos os filhos da Cucanha, o mais lirico, o mais belo e portentozo.

A *Cucanha* ainda era a terra imaginaria onde tudo eram deleites e bem aventuras; nada custava dinheiro porque as arvores frutificavam patacas e d'ahi o chamar-se *arvore da cucanha* o « pau de sebo » dos divertimentos populares no cimo do qual ha dinheiros ou regalos preciosos.

Não eram poucos os paizes fantasticos em que a imaginação popular se comprazia outr'ora, no tempo da *cavalaria* do oceano, na epoca e na cruzada dos grandes descobrimentos maritimos quando



a audacia dos navegantes despia o véo ás terras incognitas e desnevoavam o planeta de polo a polo.

Para nós um dos mais familiares d'esses paizes é o reino do principe

*El-dorado*

que vivia mergulhado em ouro, e era isso por perto das terras do Brazil quando a riqueza dos Incas assombrava os conquistadores de alem-mar.

No *Decamerom* de Boccacio descreve-se com gaudio de Calandrino a terra maravilhoza de

*Bengodi*

que é outra *Cucanha* de gargantões, onde as montanhas todas de queijo parmezão *grattugiato* e *macheroni* e *pavioli* faziam agua na boca. Nesta abençoada *Bengodi* é que se via o costume extraordinario que ainda hoje a fraze popular relembra, pois lá

amarravam-se os cães com linguaça

ou o que é quazi o mesmo, na versão do B o c c a c i o :  
*si legano le vigne con le salcicce.* <sup>1</sup>

---

1 D'esta circumstancia de serem na terra da *Cucanha* amarrados os cães com linguaça e de haver um d'eles, por menos tolo, devorado os grilhões, é que no anedotario picaresco e popular se formou a historia de um edito do rei dos cães ordenando que se farejassem todos os adventicios em certo lugar a fim de verificar se tinham comido a linguaça, lei que não tendo sido revogada ainda hoje dos cães se cumpre. A anedota, ao que prezumo, não passa de um mito verbal sujerido pelas palavras — terra ou reino de *Cucanha* (Cu-canis).

**Berlinzona** e **Bengodi** apenas satisfazem appetites rabelezianos, o que já não sucede no deserto de **Batuecas** ou na rejião de **Paititi**, paizes tambem assombrosos e nunca vistos. <sup>1</sup>

### A unha. A cunha

Frequentemente ocorre a expressão — á unha — para dizer — literalmente, completamente.

«A casa encheu-se á unha». No teatro ou em caza de espetaculos houve «uma enchente á unha», e outras vezes «á cunha».

E' modismo popular em que foi deturpada a locução antiga e verdadeira de orijem arabica — *adúnia* — que significa — universalmente, de todas as partes, para todos os lados ou abundantamente.

No *Auto do Dezembargador* de Antonio Prestes:

D'uma, me cerca pecunia  
D'outra, tentação de amor;  
Se eu d'esta não saio Heitor  
Vejo tormentos a *dunia*.

---

<sup>1</sup> D'estes paizes fabulosos e inverossimeis, as *Batuecas*, a ilha de *San Borondon* a alguma distancia das Canarias, o paiz do *Gran Paititi* entre o Brazil e o Peru, o *El dorado* nas Guianas, a *Ciudade de los Cesares* em Chile, *La Gran Quivira* no Mexico, a ilha de *Palaos* e *Java menor* trata em curioza dissertação o *Padre Feijó* no seu famoso *Teatro Critico*, IV cap. X. Tinham no mesmo genero os antigos a *Atlantida* descrita por Platão e a *Panchaia* de Plinio e de Vergilio. (*Georg. Tota thuriferis Panchaia pinguis arenis*). E' pois um mal ou um bem que lançou raizes antigas.

O novo editor do Antonio Prestes, leu erradamente a *duzia* negligencia lamentavel que altera o sentido e a rima. O velho Moraes, comtudo, já havia rejistado *adunia* no seu dicionario, e esta é a unica e verdadeira lição.

A palavra é arabe: *ad-dunîâ* = o mundo, e foi uzada na forma adverbial equivalente ao sentido apontado. No *Dom Quixote*, II, 50:

«Cortan tozino *adunia*» (com fartura).

Parece-me ser d'esta orijem a forma *duna* que ocorre nas comedias antigas e que se não explica satisfatoriamente pelo artigo (*d'uma* ou *d'ua* ou *d'hua*) que tinha sempre ortografia diferente. Na *Ulizipo* da ed. de 1787:

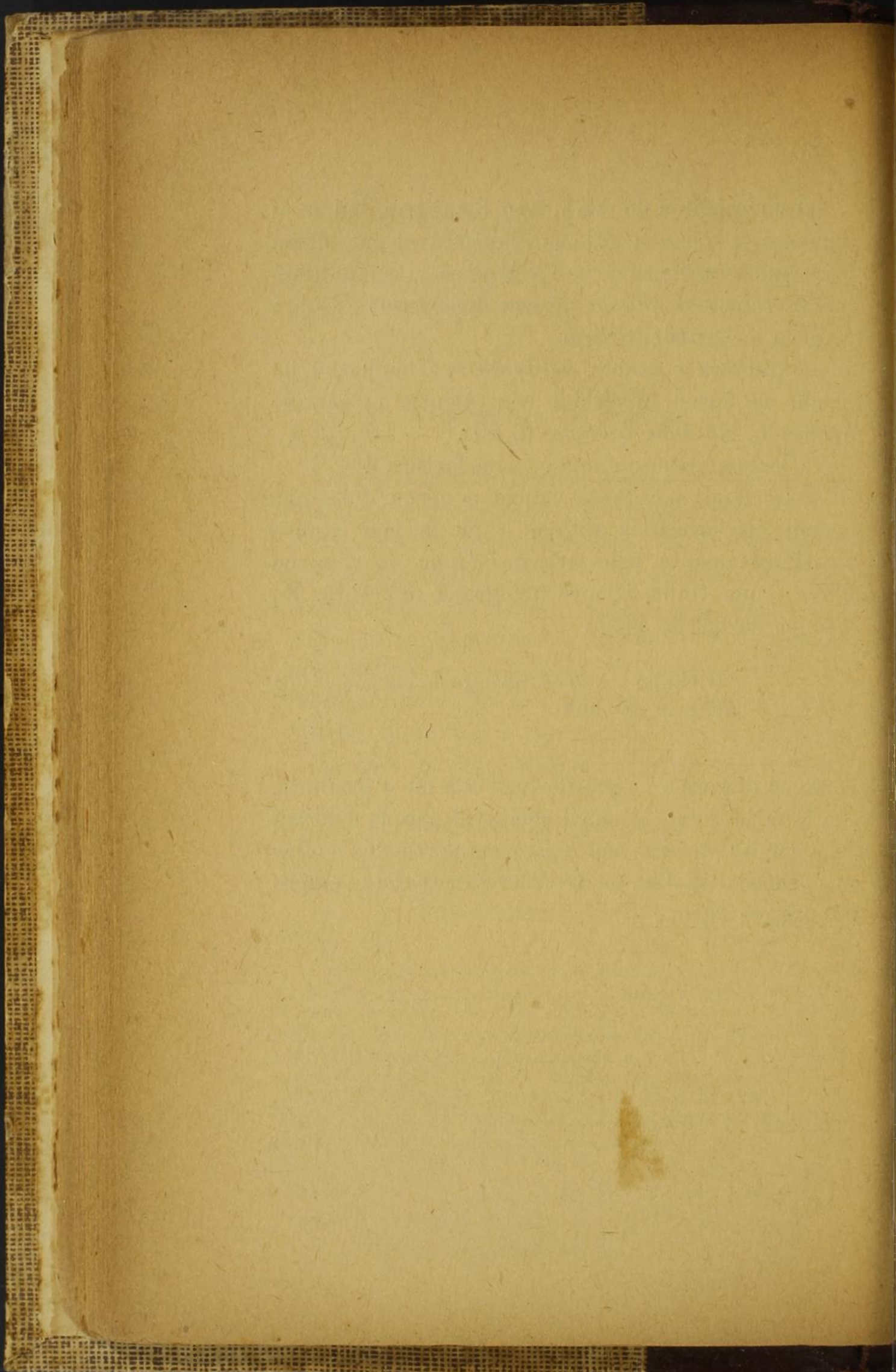
«Guardai-vos *duna* rapariga douda não vos dê com este chapim».

paj. 38.

como se dissera — «guardai-vos *bem* ou o bastante.

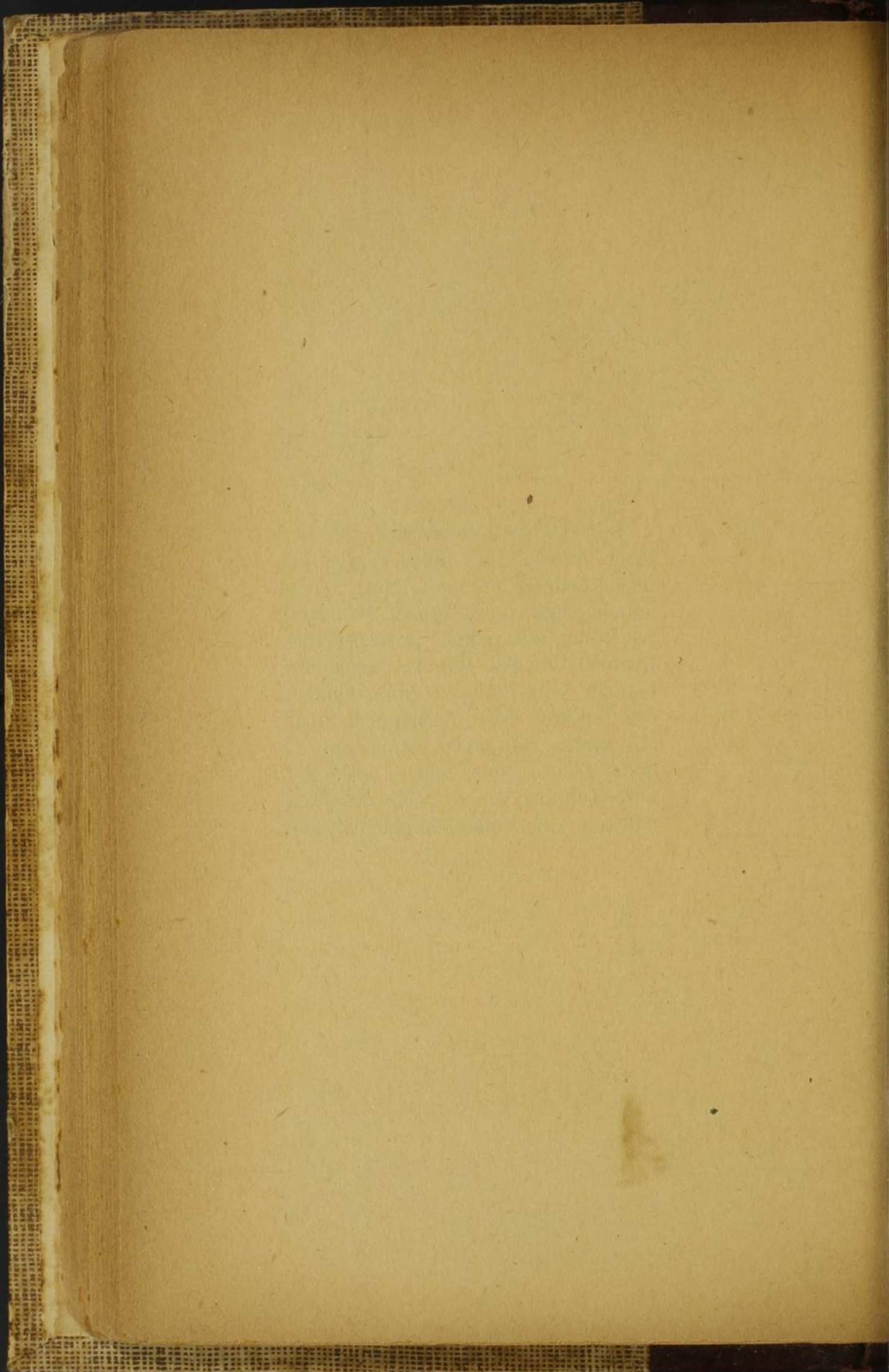
Esta leitura é a unica aceitavel porque a forma *una* por *ũa* ou *uma* não existe em portuguez e aliás nas edições de Jorje de Vasconcellos sempre se escreve *huma*.

---



### III

Consoantes simpaticas: *t' — m'* ;  
troxe moxe ; tuje muje. Tiques-mi-  
ques ; nem *chic* nem *mic*. Fazer do céu  
cebola. Azul, ciúme. Sesta balhesta.  
Sua alma, sua palma ; proverbios do  
Evanjelho de São Mateus ; passar um  
camelo pelo fundo de uma agulha.  
Ou Cezar ou João Fernandes. Ficar  
em apuros. *Ad ephesios*. Mula sem ca-  
beça. E' um alho ; tolo é *cajú* ! Sou  
adro. Quem o alheio veste na praça  
o despe. A boi velho não cates abrigo.



## Consoantes simpáticas

91

A quem quer que estude as locuções da nossa lingua deparam-se certas relações de frequencia, que não podem passar despercebidas. Estudando as frases *troche-moche*, *tuje-muje* e notando a insistencia de formas analogas, convenci-me que no fundo do pensamento e da linguajem latina ha uma correlação simpática que se pode representar foneticamente pela formula

**t' — m'**

em que os elementos *t* e *m* de meneio constante pois que anunciam os pronomes *te* e *me* contribuíram para a formação de modismos e dizeres em que a idéa gemea de *tu* e *eu* se defronta em sentido de companhia, paralelismo, vizinhança ou opposição.

Não só no portuguez. No italiano tambem existe a locução *to* e *mó* para exprimir a troca de favores, negocios, o *dá* e *toma*, da qual em vão procura dar

\*

Temistole Gradi nos seus magros *Proverbi* uma explicação contando insulsa historia onde não ha sombra de criterio científico e lembra as famozas e insensatas patranhas do nosso Castro Lopes.

São palavras associadas pela propria natureza das couzas *terra e mar, terramoto, tango e mango, tartamudo, tarramaque* e o fr. *tintamarre, e marramaque*, como diz frei Simão de S. Catarina:

Vai e pega d'um cuichelo  
Marramaquiz segurando

Oraç. acad. 410.

Os proverbios rejistrados entre os do adajiaro rolandiano tambem revelam essa aproximação do *t-m*:

Boa meza, mau testamento  
Nem tanto a terra, nem tanto ao mar.  
Quem a muitos tem de manter, muito ha de ter.  
Jornada de mar não se pode taxar.  
Moça é Maria quando se tosquia.  
A verdade inda que a-marga se traga.  
A pequeno mal grande trapo.  
O leitão de um mez, pato de tres.  
Eu como tu, e tu como eu, o diabo te me deu.  
Quem faz mal espere outro tal.  
etc., etc.

onde evidentemente ha muito de fortuito nas associações, mas num cazo ou noutro haverá talvez



alguma intenção ainda mesmo inconciente, difuza e pouco apreensível. <sup>1</sup>

As locuções **troche** e **moche** e **tuje** e **muje** contêm os elementos — *t' m'* —

*Tuje* e *muje* aparece nas frases

não *tuje* nem *muje*  
sem **tu,jir** nem **mu,jir**

são formas verbais de *tossir* e *mugir* e já tiveram explicação quando tratamos do ditado — *nem chuz nem buz*.

Não é tão clara, porem, a locução

### a troche moche

que quer dizer — disparatadamente —, ou, na jiria popular, — *por paus* e *por pedras* — .

Favores não sei que são  
Quero bem o *troche moche*,  
Nem sei meter-me aos acenos  
Nem sei sair aos remoques.

*Progr. dos Anonymos, 302.*

<sup>1</sup> Na *Infermidade da lingua* de M. P a y v a encontramos registrados nos lugares determinados pela ordem alfabetica: *cosque mosque* — *troche moche*, etc. Ao mais leve exame os exemplos pululam sem conto.

*Moche* é o verbo *mochar* derivado de *mutilare* e significa desmondar, cortar os ramos ás arvores, podar; diz-se boi *mocho*, (sem cornos) e *mocho* (cadeira de pés curtos ou cortados).

Tambem, *troche* de *trochar*, *tronchar*, *truncare* (*trunculare* ou *trunciare*) e no *Elucidario* «troncho» é o que está privado de qualquer membro: «deixou-o *troncho*» (sem cabeça) e com leve alteração ainda é de uzo.

A *troche* e *moche* quer dizer, abrindo caminho, torcendo e cortando estórvos ou obstáculos, ramos e troncos, e por tanto: sem consideração, irrefletidamente, e com sacrificio do que existe ou se depara.

### Tiques miques

«*Inticou comigo* ou anda a *inticar*», isto é, a tomar qualquer pretexto futil para contender ou para um *dize tu direi eu*.

*Tico* e *tiquinho* significa um pouquinho, um pequenino, ou bocado de pão, ou de qualquer couza. Mas a palavra *tic tique* (no ital. *ticchio* — e ha nesta lingua a fraze *avere un ticchio con alcuno*, ter caprichos ou mau humor) tem a mesma derivação semantica de «capricho».

*Capricho* vem de *capra* (cabra) assim como *tico* vem do gotico *tikkein* (all. *ziege*) que é o nome do mesmo animal.

Os *tiques* e os *caprichos* lembram os futeis movimentos nervozos e saltos das *cabras*.

No género humano os *tiques* são muito proprios dos histericos.

Da locução se derivou outra — os *tiques* e *miques* ou *tiquis miquis*, segundo a formula *t' — m'*.

Tambem a tem o castelhano como vemos em uma das comedias de Moreto :

Acabose em *tiquismiquis*  
Propio paso de comedia.

Ou como diz o nosso Gil Vicente no *Auto Pastoril* :

Nem *chic* nem *mic* e nem nada

I, 125.

Aqui me pula um conceito  
De pena e gloria e outros chistes  
Que ouvi a certo poeta  
Famozo nos *tiques miques*

*Progr. dos Anonymos, 253.*

Explica-se, ao meu modo de vêr, pela atração dos pronomes *mi* e *ti* que nestas couzas não é menos forte que a da rima, mórmente quando se trata as mais das vezes nessas *enticações* de mero *dize tu direi eu* e por isso *ti-que* se completou com *mi-que*. O cazo está longe de ser raro e outros ha da mesma analogia como a de *nós* e *vós* no proverbio « são mais as *vozes* que as *nozes* <sup>1</sup> ».

1 Em outro lugar deste livro.

Com esta assonancia tomada de *miques*, é provavel que se formasse o termo plebeu *niques* para indicar os caprichos do mau humor (*anima iniqua*) do mau sangue, das pessôas *niquentas* (de niquil — *nihil*?) que fazem questão de pequeninas couzas e de bagatelas. Encontro no *Auto dos Cantarinhos*, 460:

— Cantai que me vem desmaios  
— Desmaiou meu amor em socos  
Deu-lhe ali do *anime nique*.

As etimologias populares, se tenho autoridade para dizel-o, formam-se quazi sempre da afluencia e conjérie de varias formas que entram como achegas e materiais de composição.

### Fazer do céu cebola

Já está fora de uzo esta fraze que ainda se vê na *Arte de Furtar* em varios lugares e explicitamente no n. 115:

Perdem-se petições, somem-se provisões, faltam os oraculos, respondem *sesta* por *balhesta* e fazem-vos do *céu cebola*.

Fala o autor dos que leem ou escrevem mal e precipitadamente tudo trocando em equivocos danosos.

As locuções são proverbiais e deparam-se nos autores classicos portuguezes.

Na *Aulegrafia*, por exemplo :

Cuidou levar a toa sua dama e *fazer-lhe do céu  
cebola...*

fol. 42 v.

E na *Ulizipo* :

A essa senhora basta-lhe a autoridade para  
*fazer do céu cebola.*

Act. II, c. 4.

Em «fazer do céu cebola» alude-se, segundo creio, a erro de leitura ou escrita *coelum* e *cipullum* ou *cipullam*, agravado talvez nos cazos sempre frequentissimos de abreviatura.

E nem é de mister aqui recorrer-se ao latim porque certos latinismos, como eram as formulas de juramento, foram conservados na lingua, e por algum tempo se disse *Deus do celo* por *Deus do céu*. No *Cancioneiro* de Rezende o trovador Pero de Souza Ribeiro diz :

Dom Martin de Castel branco  
Tem tanto pera falar  
Que creio que á de agoar,  
Ou ficar já sempre manco  
E juro por *Deus dos celos*  
Que estava bem espiado...

HI, 218.

Muito grande é de certo a opposição entre *céu*, *celo* e *cebola* quando não abreviados; mas as palavras juntas podiam encobrir uma intenção: *céu e cebola* equivale a amor e miseria. Os namorados antigos diziam *pão e cebola* (ainda no castelhano *pan y cebola*) que é a extrema parcimonia de vida quando lhes bastava para alimento o amor no peito; hoje dizem nos mesmos cazos á franceza — *meu amor e uma cabana* — que parece mais romantico.

Á moda antiga disse Gil Vicente:

E saiba tanjer viola,  
E coma eu pão e cebola

III, 132.

O mesmo diz o barbeiro de Antonio Prestes, á mulher do casado que foi *menos sutil e elegante*, no *Auto da Cioza*, 342.

Oh que isso são parolas,  
Que não comemos cebolas!

Não é menos curiozo que no simbolismo popular das côres, entre nós

#### **azul é ciume**

ao contrario da convenção de outros povos, o alemão por exemplo, em que o *azul* simboliza a *fidelidade* ou *pureza*.

Houve no portuguez antigo, como no castelhano a confusão entre *celo* (céu) e *celo* (zelo ou ciume); a côr dos *celos* ou *céus* é a côr do zelo ou ciume.

E é provavelmente muito antiga esta comparação. Nas *Poezias varias* de André Nunes (1671) lemos:

Em azul papel impressas  
Equivocavam ouzadas,  
Pois davam a quem as viam  
*Ciumes* com esperanças

pj. 264.

Fala o poeta dos olhos da sua impoetica *Maricas*.

Na outra locução analoga:

### **sesta por balhesta**

*sesta* está por *seta*; aproximam-se as duas idéas — seta e *bésta* (balhesta — *balista*).<sup>1</sup>

---

1 O *s* de *se-s-ta* por *seta* explica-se pelo influxo da segunda palavra que o contem — balhesta. E' tambem certo que havia uma arma — *césto* — correspondente ao que chamamos hoje á ingleza, *box*; mas a aproximação entre *bésta* e *seta* é mais racional, e já ocorre na *Demanda do Santo Gral* as duas palavras juntas.

### Sua alma, sua palma

E' uma sentença biblica que em sua expressão mais pura deve ser: *sua alma em sua palma*. Cada um deve trazer na palma da mão a sua alma, como quer o salmista quando diz:

*Anima mea in manibus meis semper*

Ps. CXVIII v. 109.

isto é « minha alma sempre terei nas minhas mãos ». <sup>1</sup>

São muitas as locuções e sentenças morais tomadas aos *Livros Sagrados*. Só o Evangelho de São Mateus deu curso a grande numero dellas: *os filhos de Zebedeu e a mãe dos filhos de Zebedeu* (sempre repetida em varios lugares) — *Olho por olho, dente por dente* (v, 38) o argueiro e a trave no olho (VII, 3) perolas aos porcos (VII, 6) não ha profeta em sua terra (XIII, 57) o cego que guia outro cego, ambos cairão no pego (XV, 14) a fé abala os montes (XVII, 19) passar um camelo pelo fundo duma agulha (XIX, 24) os ultimos serão os primeiros (XIX, 30) raça de viboras (XXIII, 33) etc.

---

<sup>1</sup> Esta correção do *modismo* é de Sbarbi, que a tomou do maestro Corrêas.

O sentido da locução romanica um tanto diferente, sôa como: « lá se avenha com a sua consciencia ». *Palma* não parece ser aqui a da mão, mas o simbolo do premio, e neste cazo a correção (*em sua palma*) não teria lugar.



Nenhuma destas sentenças por nimiamente claras como é a linguajem dos Evangelhos, oferece materia para exame; só uma dellas que poderia ser subscripta pelo mais feroz anarquista hodierno, sucitou duvidas, e é a que diz (XIX, 24):

Ainda vos digo mais: que mais facil é passar um *camelo* pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino dos céos. <sup>1</sup>

A duvida naceu da intelligencia da palavra que na redação grega *kamelos* (kamêlon) tanto significa o *calabre* ou amarra das ancoras como o *camelo*, animal de carga.

Em qualquer cazo, a difficuldade de passar pelo fundo da agulha um *calabre* ou um *camelo*, seria sempre a mesma. Alguns teologos, mais humanos que São Mateus, imaginaram varias interpretações; uma dellas foi que em Jeruzalem havia uma porta chamada o *Olho da Agulha*, muito estreita, mas que podia ser transposta por um camelo depois de despojado de toda a carga; outra explicação era que o *calabre* podia passar pelo fundo da agulha, comtanto que desfiado, passasse fio por fio. Com estas exejeses liberaes, ficam sabendo os ricos que podem transpor, embora com grandes trabalhos, as portas

---

<sup>1</sup> Esta é a tradução do P.<sup>o</sup> Antonio Pereira de Figueiredo que bem fez em conservar o vocabulo que deu orijem ao equivoco (*camelum*). Antes delle Fr. Francisco de Jezus Maria Sarmiento seguiu lição diferente e traduziu *camelum* por *calabre* (na sua *Hist. Evanj.* II, 199).

do céu. Amolda-se desta arte a Escritura ao capitalismo, como se amoldou a historia dos sete dias ás grandes epocas geolojicas da criação do mundo. Não é só em Varxovia que se consegue a paz.

### **Ou Cezar ou João Fernandes**

*Ou Cezar ou João Fernandes* é a formula portugueza e vernacula do ditado classico — *Aut Cesar aut nihil* — ou Cezar ou nada; e diz-se naturalmente dos que ambicionam ou tudo ou couza alguma.

Os italianos formaram da fraze latina, por etimolojia popular, a locução *Cesare ò Niccolò* onde *Niccolò* está por *nihil* ou *niquil* (*nec-hil*; cf. *aniquillar* por *anihilalar*).

A fraze portugueza tem, ao que prezumo, orijem historica diferente; este *João Fernandes* que se opõe a *Cezar* prezumo ser um que pela sua insignificancia nas armas provocou as cantigas de escarneo dos antigos trovadores da escola provençalesca.

Efetivamente Carolina Michaëlis na sua grande edição critica do *Cancioneiro da Ajuda* (II, 327) falando a respeito do trovador Martin Soares diz que «tomou parte num torneio de maledicencia contra certo João Fernandes, um pobre mouro «mal-talhado» que mostrou veleidades de tomar a cruz, na epoca calamitoza quando a soldadesca in-

frene do imperador Frederico ameaçava Roma, e os tartaros invadiam a Europa ».

No *Cancioneiro Colocci Brancuti* vem sobre o mesmo ridiculo personajem duas cantigas de mal-dizer de Dom Rui Gomes de Breteiros :

Joam Fernandez quer guerreiar  
E nom quer vinhas alheas talhar...

pj. 176.

O guerreiro João Fernandes é um Cezar caricato e fanfarrão motejado pelos antigos poetas.

Contribuiu para a naturalidade do apodo e es-carneo outra circumstancia especial.

O nome de *Joam* por muito vulgar e plebeu foi sempre tomado para indicar o de individuos simplorios ou atoleimados, o bobo das farças, mórmente nos antigos escritores e poetas: *Jan-Afonso*<sup>1</sup> o *Jan-das-Bestas*<sup>2</sup> o *Joanne*<sup>3</sup> *Jam Gallego*<sup>4</sup> o João

1 Em varios poetas comicos.

2 Na farça de *Ignez Pereira* :

Ai Jesus que *Jam das bestas* ! (III, 128)

E na *Pratica dos Compadres* do Chiado (*Obras*, 100) :

«Sou eu algum João das Bestas!»

3 O antigo mote glozado em *Camões* e em *Caminha*; e no *Chiado*, 41.

Coifa de beirame  
Namorou Joanne.

4 Em *Gil Vicente*, a aluzão a qualquer conto proverbial :

Ja a burrinha jaz no pégo  
Enterrado é *Jam Gallego*.

Branco <sup>1</sup> e inumeros outros. Nos collegios da idade media e nas universidades, os criados tinham o nome geral de *joannes*. E Della Casa escreveu que se se batizasse de novo tiraria o nome de João:

S'ió havessi manco quindici a vent'anni,  
 . . . . io mi sbattezzerci  
 Per non haver mai più nome *Giovanni*.

O de *Joam Fernandes* foi um excelente achado com que opor ao de Cezar. <sup>2</sup>

### Ficar em apuros

O sentido verdadeiro de *apuro* é o de perfeição, pureza, elegancia. E assim é que se diz «vestir-se com *apuro*».

---

1 Na *Ropica*, ed. moderna, 246.

2 Ha outro tipo ridiculo, comum ao castelhano (rejistrado em Corréas) e ao portuguez, o de *João-Ramos*, o marido enganado e palerma; não parece ser de uzo moderno, mas é certo que é o heroi de uma facecia contada por Rodrigues Lobo, na sua *Corte na Aldeia*; dialogo XI:

Parece-me gracioso o dito de uma molher que não tratava bem de obras a honra do seu marido e elle muito mal de palavras a de toda sua visinhança; era o seu nome delle *N. Ramos*, e pondo-se um dia em praticas com a molher, começou a contar com ella todos os cornudos que havia do seu bairro; a molher com raiva da sua má natureza a cada passo dizia: *Erramos*, marido, tornai a contar que falta um ».

*Erramos* — queria dizer — *E Ramos* — que era o marido o que faltava na conta e talvez não era o unico que faltava.

Mas bem se vê que não pode prevalecer esta idéa de correção e polidez quando uma pessoa *está ou fica em apuros*; isto é, em grande aperto e necessidade e, ás vezes, em camiza.

Ha pois uma diferença essencial entre o *apuro* do que traja e os tristes *apuros* em que caem os desastrosos.

A locução foi do latim: *in puribus*. Assim a registra *el maestro Corrêas* no seu vocabulario e está entre os termos da medicina antiga. *In puribus* quer dizer nos seus maus humores, reduzido a pus.

Não podia ser peor para quem começando com *apuro*, como diz o castelhano, *quedóse in puribus*.<sup>1</sup>

### Mula sem cabeça

A *mula sem cabeça* é uma superstição e crendice popular. A molher de padre, ao cabo de alguns

---

<sup>1</sup> Outra expressão latina de uzo outr'ora e hoje quazi se não vê nos escritores, foi a de

*falar ad efesios*

Na *Eufrozina*, logo no primeiro acto e primeira cena, depara-se um exemplo:

zombais de tudo e  
respondeis *ad efesios*...

fol. 9. v.

e tambem se dizia *argumento ad efesios*, mal a proposito e sem efficacia. Tomou-se da epistola de São Paulo aos de Efezo.

anos, vira *mula sem cabeça* e corre todas as noites *sete freguezias*.

Os pormenores simbolicos da superstição derivam do sentido remoto de *bruxa*.

E' de mister que seja *mula* para que a união seja hibrida e possa correr tantas freguezias numa noite; e ha de não ter *cabeça* porque este é o sentido de *bruxa*.<sup>1</sup>

A *bruxa* não tem cabeça ou parece não tel-a porque a inclina e esconde-a no capuz. Veiu do euskaro ou basco *buru* e *buruz*, de cabeça abaixo e daí a expressão vulgar tão portugueza, *de bruços*.

Ainda mais; os quadrupedes como a *mula*, andam *de bruços*, com a frente do corpo para a terra, *prorum caput* como dizia Salustio.

### E' um alho

Parece que esta expressão é a resposta dada a uma adivinha popular. *Alho* é o sujeito que parece gente e não é, mete-se a sabido e sai tolo.

---

1 Na lenda repetem-se as idéas comuns de *correr o fado* ou o *fadario* que é o terrivel castigo dos *lubisómens*, das *bruxas*, do *judeu-errante* que *não para nem repouza*. E corre *sete freguezias* ou castellos, simbolicamente as *sete partidas* de antanho, isto é, o mundo inteiro. O numero *sete* é fatidico: de *sete filhos machos* um é *lubisómem* e de *sete filhas* uma errará, isto é, correrá o *fado*. Veja — J. Leite Vasconcellos — nas *Tradições populares portuguezas*.

Que é o que é?  
 Não come mas tem dente  
 Tem barbas e não é gente?

E' natural que só haja uma resposta :

— *E' um alho!*

Comtudo, a explicação é demaziado alegre e não basta. Convem saber que o *alho* é simbolo de ironia e desdem. *Alhos* e *bugalhos* são couzas de nonada. Em outro tempo na Italia, nas corridas que se faziam por desporto, cabiam aos vencedores dous premios o *pallio* e a *leitôa* (unam porchettam), o que chegava por ultimo ganhava um *alho* e assim é que Bartolomeu Veratti explica a ironia que se apegou á palavra e que se traduz em varias locuções. <sup>1</sup>

O *alho* teve outr'ora a virtude de premunir contra as pestes e epidemias em toda a Europa; naquellas conjunções, mastigavam-se alhos dia e noite; terapeutica bem dezagradavel.

*Quem se pica, alhos come*

E com *alhos* se curam as *tramas*. <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Na coleção de modismos de Pico de Luri, *loco*.

<sup>2</sup> O *tram*, *trama*, como está em Gil Vicente em varios lugares III, 125, 264, 370. Em A. Prestes :

Meu Orlando, minha trama.  
 Obras, 445.

E no *Leal Conselheiro* Dom Duarte diz que quazi muitas pessoas

Ha ainda uma circumstancia que nos esclarece a toleima dos *alhos*. Os missionarios italianos sempre se queixaram de que inutilmente *pregavam a alhos*

*predicavam a porri*

isto, como se prégassem a individuos que tinham as cabeças debaixo da terra, assim o explica Pico de Luri.

Ora, no Brazil, temos expressão semelhante quando se diz

*não sou cajú.*

*Tolo é cajú*

O *cajú* nasce de cabeça para baixo, e é apenas o saboroso e opulento peciolo da castanha do cujueiro. O pezo do peciolo faz virar para baixo a castanha. <sup>1</sup>

---

conhecidas haviam adoecido e morrido de *trama* (pj. 60 — da ed. de Lisboa). Vê-se por um dos lugares de G. Vicente: « *Trama* te dê na garganta » que era a peste levantina, adenite ou couza semelhante.

<sup>1</sup> Nos escritores antigos occorre com bastante frequencia o modismo — **Um adro**. Na comedia *Ulizipo*, acto I, c. VI, depara-se esta fala de Hipólito:

— Eu, senhora, *sou um adro*; mas crêde-me que me vem do amor, porque me sopeza sempre o gosto da vida com inconvenientes de morte, e a segurança d'alma com receios della, e faz-me assi pezado.

A frase fica assim explicada: *adro* é o melancolico e receiozo dos perigos da morte, e não é senão a mesma palavra que *atro* (*atrum*, negro, triste).

Mas tambem ha *atrio* ou *adro* que era o cemiterio a frente das igrejas e por isso se disse *triste como adro* ou *cara de adro* (lat. *atrium*).

*Atrium* e *atrum*, cemiterio e triste, fundiram-se em uma unica expressão.



### **Quem o alheio veste na praça o despe**

É um rifão de sentido claro e que necessita apenas de breve reflexão.

*Vestir o alheio* era uma transgressão da ordem na sociedade medieval em que povo não havia propriamente senão vilões e servos. Estes eram *apaniguados*, isto é, tinham do senhor a que serviam, os alimentos essenciais *pan i aqua*; mas não cabia aos patrões o dever de os vestir. Daí o proverbio registado em Moraes:

### **Chama-te MEU e veste-te do TEU**

Quer dizer que o servo tinha a *voz* do patrão (a *voz* traduzia-se pelo grito *á, ak-a* del conde, *ak* d'el-rei) mas a custa delle proprio se vestia, pois até lá não ia a obrigação da patronajem. E sendo assim, *vestir o alheio* era faltar a um dos deveres elementares na hierarquia social.

Acresce ainda que o rifão tem um fundamento ainda mais remoto: encerra a moralidade da fabula da — Gralha que se vestiu com as penas do pavão — e que andou em todos os Izopetes e fabularios;<sup>1</sup> esta circumstancia faz aumentar desmezura-

---

1 As vestes ou as roupas são a segunda pele do homem e representam uma das fórmulas de propriedade mais cedo fundada. É por isso curiozo anotar aqui a correlação que existe entre a propriedade

damente a antiguidade do aforismo. A fabula da Gralha aparece em Fedro (I, 3) em Horacio (*Epist.* I, III, 18); já estava na *Aulularia* (II, 1) de Plauto e remonta ao *Nacca Jataka* dos hindús.

### A boi velho, não cates abrigo

*Abrigo* ou *aprico* tem historia interessante; o sentido primeiro de *abrigo* era *exposição ao sol* — (no latim *apricus*) e passou depois a significar o *recolhimento á sombra*, o que parece ser diametralmente o oposto.

Ha exemplos dessas translações parabolicas e incompreensíveis. No latim *maturus* significava o verde, o matinal e ainda temos *madrugada* que é um verdôr do dia e é da mesma orijem que *maduro*. *Ætas matura* era a juventude ou a adolescencia; dentro de um seculo, em Suetonio, é já a velhice;<sup>1</sup> a força de amanhecer a qualidade matinal e juvenil tornou-se plena e definitiva.

---

fundamental, a *caza* ou *habitação* e os nomes de vestes; basta cotejar — *caza* e *cazaca*; *capa* e *cabana* (*capana*); *habitar* e *habito*.

O mais notavel destes cazos é o de **fatiota** que indica as roupas, fato, e ao mesmo tempo a *enfiteuse* (cessão de predio) por uma forma intermediaria *enfatiose* ou *enfatiota* que entretanto não sabemos se existiu.

A mesma correlação vamos encontrar entre os membros do corpo e os aparelhos de repouzo: *camb* (perna) e cama; *quadril* e cadeira; *costa* e encosto, etc.

<sup>1</sup> M. Bréal — *Ess. de Sémantique*, 149.

Hoje em dia, o atributo de *florecente* damos ás couzas que atinjiram á plenitude, e por igual metáfora.

O mesmo succedeu a *aprico*. Na velha *Medicina Lusitana* do Dr. Fonseca Henriques, ainda tem o sentido antigo de «exposto ao sol»: <sup>1</sup>

« Assim que alguma relijiosa estiver com esta doença (a tizica) logo se deve separar da comunicação das outras, saindo da clauzura; porque indo logo no principio da queixa para fora do convento e pondo-se em *ar aprico* e de campo pode aproveitar tambem esta dilijencia para o doente ter saúde...

A translação de sentido de *abrigo*, como suspeito, realizou-se desde que *abrigo* — exposição ao sol — passou a ser exposição ao calor, á temperatura menos fria, e no inverno esta só se depara sob coberta, ou ao lume. A cabana do pastor é *abrigo* porque protege do frio, e, na estação invernal, o lume da lareira substitue o sol. O sol e a cabana aquecem e por isso ambos são abrigos. <sup>2</sup>

---

1 Exemplo tomado dos excellentes estudos de *Terminolojia medica* do Dr. Plácido Barboza, que ainda cita outro lugar de Filinto Elizio. *Obras* (ed. de Paris) VII, 54, em favor do antigo sentido da palavra.

2 O vocabulo *catar* exprime simultaneamente duas idéas: a de *buscar*, *caçar*, (catar pulgas) e a de *vêr argutamente* (faze o bem, não *cates* a quem; *catadura*, *catacégo*) e esse duplo sentido lejitima a etimolojia que dá Cejador y Frauca na sua obra sobre o Cer-

O proverbio é um dos mais antigos do romance e está no *Cancioneiro da Vaticana*:

E, poren diz o vervo antigo:  
A boi velho non busques abrigo

*Canc.* 1162.

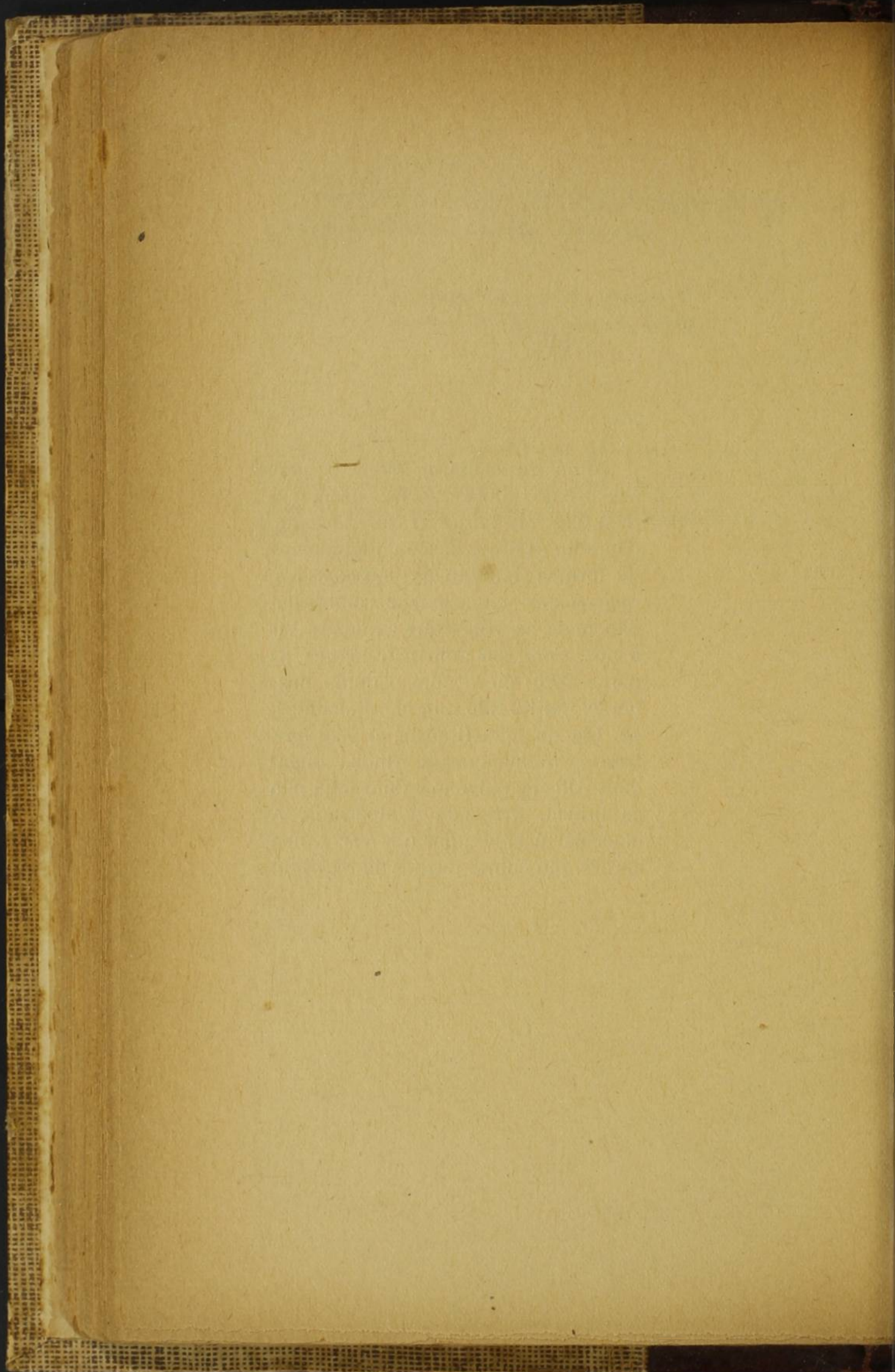
---

vantes; deriva-a o filologo de *cattus* (gato) animal que caça destramente e vê até a escuras. Não é essa a etimolojia que registra Koerting no seu *Lexikon*, mas *captare*, f. intensiva de *capere*; n. 1904; ha, porem, erro quando diz que *cata* só significa *vêr* em composição.

---

## IV

Alma de cantaro. Pagar o pato. Viu o jogo! Mula que faz *hin* e mulher que fala latim. Trazer de canto chorado. Assim e assado. Plebeismos de formas simultaneas: *descolumenal*, *emprestadar*, engasgalhar, chibrazar. São mais as vozes que as nozes. Vir á noz. Com teu amo não jogues as peras. Não quero com o demo nesperas. Cal-te. Não min cal. Encalmar-se. Ida de João Gomes; o *folk lore*. Cala... Andar á coxia. Alhos e bugalhos. Alhada. Salvonor. Com fogo não se brinca. Arrecada e alcarrada. A ocasião é calva; por um *tris*. A boa arvore que cobre. Razões de *cacaracá*.



### Alma de cantaro

*Alma de cantaro* — é a do bonanchão, do que é incapaz de ofender. E' a *boa alma*, talvez do simplorio ou do pobre de espirito.

Em um soneto das suas *Obras metricas*, II, 20, diz Dom Francisco Manoel:

Por isso disse eu já que o dezengano.  
Era uma *alma de cantaro*; ouvis, prima?  
Cura por fora, e dentro nos lastima,  
Dá paz um dia por dar guerra um ano.

Ha aqui deturpação do sentido da palavra tanto no portuguez como no castelhano.

A expressão deriva da antiga historia do *cantaro* ordinariamente de barro, em concurrencia com o de ferro, da fabula, ou em contacto com a pedra, segundo o antigo proverbio, registrado no velho adajiaro de Hernan Nuñez:

Si la piedra da en el cantaro, *mal para el cantaro*; si el cantaro da en la piedra, *mal para el cantaro*.

Cejador, II, 226. <sup>1</sup>

Não só o cantaro não faz mal, mas é sempre o que sofre dano.

Todos os fabularios e Izopetes antigos trazem o conto das duas panelas, uma de ferro, outra de barro, que iam rio abaixo. De Aviano XI passou aos modernos fabulistas; mas veio do *Panch* indiano (III, 13) e ha a versão do *Talmude* citada no Ezopo de Jacobs: «If a jug fall in a stone, *woe to the jug*; if a stone fall on a jug, *woe to the jug*». E' literalmente o caso da alma de cantaro.

### Pagar o pato

*Pagar o pato*, e não o *pacto*, porque quem o paga não entrou em ajuste e é sempre o ludibriado e ás vezes com afronta grave.

São muitas as historias que se contam; mais numerosas são ainda as que se podem inventar para ir ter á conclusão de que alguém *pagou o pato* sem

---

<sup>1</sup> Cejador y Frauca — *La lengua de Cervantes*. O povo que não gosta de esdruxulos ajuntou a corruptela — *alma de chicarro*. E' curiozo notar que expressão analoga a de *alma de cantaro*, boa alma de simplorio, é a de *cretino* que deriva de *christianus*; o cretino é o pobre de espirito do Evangelho.



o comer. O proverbio mesmo serviu de assunto a uma das antigas farças de cordel, o *Gallego Lorpa*.

Em Sá de Miranda:

Onde se ha de lançar tanto,  
Aquilo é pagar o pato

*Obras*, I, 219.

No *Auto do Dia de Juizo* (1659):

Cá pagareis vós o pato  
Se acordardes de vir.

A historia mais antiga que conhecemos é medieval e foi recontada pelo florentino Poggio nas suas *Facetiæ*. E um conto de tal arte crespo e lacivo, como em geral os daquelle celebre e escandalozo escritor, que só podemos dal-o no orijinal latino.

Um valente rapaz camponio que vendia patos, recuzou mercal-os a uma leviana mulher da cidade a não ser por moeda especial.

— *Quid?* perguntou ella.

— *Unico coitu.*

— *Jocaris* (retrucou ella) *sed domum ingredere et de pretio conveniemus.*

Assim fez o rapaz e a mulher consentiu na moeda; houve luta, discussão, começou-se e recomeçou-se, sem que se julgassem quites, quando sobreveiu o marido inquirindo da disputa. O rapaz declarou, então, que o pato não estava pago; ainda reclamava dous vintens.

— *Eia!* (disse o marido) *tam parva res impedit cœnam nostram! Accipe, quodlibet.*

E pagou o pato.

Este conto que data em sua forma escrita do renascimento florentino, por ser o mais antigo que conhecemos, deve, ao que prezumimos, bastar á explicação autentica do ditado. <sup>1</sup>

Não menos antiga nem menos indecente é a facécia que se conta ainda hoje a proposito do dito:

### Você viu o jogo!

Está no *Cancioneiro geral* onde o desbocado trovador João Barbato conta as peripecias de um sonho erotico com Violante Meyra:

Vós desvestistes-vos logo...

.....

Quando *vi o mais do joguo*

Eu ardia em tal foguo

Que não cabia na pele. <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Uma explicação que dá um antigo tradutor da *Biblia* em castelhano, Cassiodoro de Reyna (seculo XVI) de que se trata de *el pacto* entre Deus e os judeus, não merece mais que esta nota de rejistos.

<sup>2</sup> Compare-se com isto a decencia de G. V i c e n t e, III, 170-171, tão malsinado de licenciozo.

**Mula que faz « him »**

Na sua interessantissima *Carta de guia de casados*, diz D. Francisco Manoel:

« Em fim, ouvi-lhe que Deus o guardasse de mula que faz *him*, e de mulher que sabe latim ».

O proverbio pertence ao numero dos incompletos; a forma integral depara-se no Adajiarario de Delicado e na coleção Rolandiana:

« Mula que faz *him* e mulher que sabe latim raramente tem boa fim. »

É curiozo que essa alimaria de raça hibrida dêsse tamanha próle na linguagem: de *mú* se tirou *amuar* que é ter a manha ou ira concentrada dos mús, como disse Gil Vicente na farça dos *Almo-creves*:

Hua batalha ordenada,  
Não de gente mas de *mus*  
Com muita raiva pizada.

Ainda *mulato*, o hibrido não só no sentido proprio (de *jumento*) como o uzaram os classicos algumas vezes,

Se *beato immaculato*  
Me emprestasse o seu *mulato*

Gil Vicente, III, 280.

mas ainda aplicado aos homens mestiços. Conforme o pobre e parco liguajar primitivo dos nomes de animais é que o povo tirou os das maquinas e inventos (que hoje só se enfeitam com os apelidos gregos) e então criou a *mulêta* que é mula de pau e de pobre como é de pau tambem o *cavalete*. A mula faz *him!* quando escouceia e as que o fazem naturalmente se não recomendam. Os italianos dizem:

Mula che *rigna* e donna che sogghigna,  
Quella te tira e questa ti sgrafigna.

O saber *latim* sempre foi sinal de habilidade e talento, e o termo *ladino* bem o exprime. Na *Eufrozina*, diz Jorje de Vasconcellos:

« Guardeuos Deos de ira do Senhor de aluorço de pouo, de doudos em lugar estreito, de moça adevinha, & de molher *latina*...

### **Trazer de canto chorado**

O *canto chorado* é o nunca acabar dos maçadores e secantes. Não é *canto* nem *chôro*, ou será ambas as couzas, porem sem interrupção nem descanso. É o antigo *opio* das farças de cordel, o *ferro*, a *amolção*.

« Trouxe-o de *canto chorado* » quer dizer, sem o

deixar repouzar, falando ou pedinchando, com cantigas ou lamurias.

A idéa principal é esta da continuidade que flue infinita sobre as miserias victimas, é a de motu continuo. Ora, ha uma maquina muito simples e antiquissima que dá perfeito *simile* desse infinito chorar. É a que hoje á franceza chamamos *sifon* ou *syfão* e se chamava em outro tempo e ainda ha quem lhe chame — a *catimplora*, uma cana recurva que serve para trasfegar os vinhos e os liquidos de um vazo para outro. O liquido desde que alcança o alto da cana desce copiozamente sem nunca mais interromper, até esgotar-se uma vazilha a custa da outra.

Os francezes dizem-n'a *chante-pleure* e é provavel que a operação de *catimplorar*, segundo as leis da nossa fonetica, se tornasse em *cantichorar*.

*Cantichorar* uma pessoa ou trazel-a de *canto chorado* é esvazial-a, esgotal-a até o ultimo alento.

É suplicio comum, como o é o *sifon* dos botequins de agora.

E como se fala de *lagrimas* e de ranjer de dentes, notemos a expressão portugueza tão contradicta:

Caiam-lhe dos olhos lagrimas **como punhos.**

A comparação é rara, singular e por isso extranha na nossa lingua. No castelhano o *puño* é pala-

vra e idéa que serve de medida a varias grandezas e está no mesmo cazo do nosso *pugillo*, *mancheia*, e outros.

Un aposento como un *puño*

é um apozento pequeno; mas

Un huevo como un *puño*

é um *ovo grande*. Consequentemente — lagrimas como *punhos* — são grossas e volumozas e naturalmente muitas.

### **Assim e assado**

— *Assim e assado*, isto é, desta e daquella maneira. É evidente a intenção de transformar *assim* em outra palavra apenas diferente como para indicar os diversos feitios da mesma couza.

Tenho para mim que *assado*, no sentido de levado ao fogo, é mentalmente derivado de *assim* sem contradição com a etimolojia propria. Repare-se em que a palavra gotica que foi de extraordinario uzo *guiza* e a *guiza* queria dizer: assim daquelle modo. Della é ainda certo que se derivou *guizar* isto é, fazer de certo modo, confeitar, compor uma iguaria. E se de *guiza* se fez *guizar* na arte culinaria, de *assim* se poderia analojicamente fazer *assar*. Daí carne *guizada* e carne *assada*.

Isto não obsta e nem reflue contra a etimologia de *assar* (de *ardere* — *arsum* — *arsare*) mas prova que nem tudo o que ha por força terá de vir de um só germen primitivo. <sup>1</sup>

Ha palavras até que se formam de dois pensamentos simultaneos que, não podendo ser expressados do mesmo eito, se conglomeram e rompem em um unico vocabulo.

A giria brasileira tem por exemplo o adjetivo

### **descolumenal**

interessantissimo, porque é um amalgâma de *descomunal* e *fenomenal*, ditos ao mesmo tempo e como se o fora por duas pessoas.

Em *A. Prestes* no *Auto do Procurador*, fundem-se as duas palavras *matrimonio* e *lejitima* (herança) em uma unica: *lejitimonio*.

Diz que o que eu hei de herdar  
Nem é justiça leixar,  
Que é meu de *lejitimonio*

*Obras*, 144.

Ainda pela vontade de dizer *disparar* e ao mes-

---

<sup>1</sup> No castelhano ha *asi ó asá*, e tambem como está no Dom Quixote: «yo tengo de ser de Dulcinea *cocido ó asado*». (II, 45).

mo tempo — *pan!* — que é a onomatopeia propria, os matutos fazem :

dispamparar  
dispamparou a espingarda.  
dispamparou em dezaforos.

Tambem é formação de genero analogo o verbo graciosamente ironico *emprestadar*, *tomar emprestado*; diz-se do emprestimo que não será solvido,<sup>1</sup> e rezulta de *emprestar* e *dar*.

### São mais as vozes que as nozes

A forma primitiva do proverbio é outra. Com varas batem-se as nogueiras, faz-se grande estardalhaço e ás vezes as nozes que caem são poucas. Ao fragor demaziado não correspondem os poucos frutos que se colhem.

Dai, o dizer-se .

*E' mais o ruido que as nozes.*

E' esta a forma com que se encontra na *Arte de furtar* quando diz o autor :

---

<sup>1</sup> Estas formações em que entram soidos de onomatopeia e irrompem da conjerie descoordenada das idéas, tem exemplos de vario colorido no linguajar do povo : encaramear, entrabelicar (*Inferm. da lingua*, 119) engasgalhar, escarapelar, (no sentido de *escapar*) chibrazar (*xi-braza á pelle* — A. Prestes, 28).



A um milhão de emprego claro está que deve corresponder um grandiozo lucro ; e tal lh'o deixam recolher, sem se advertir *que é maior o arruido que as nozes.*

Cap. xx, n. 59.

O que ainda agrava este cazo, é que ao partir as *nozes* o ruído é grande e o miolo por vezes não ha.

Somadas as razões é verdade que é mais o *ruído* que a *noz*, ou, como diz o poeta dos *Ratos da Inquisição*, 167:

Mais são as *vozes* que as *nozes*  
P'ra mim n'esta occasião . .

Em portuguez preferimos *voz* a *ruído* porque *voz* ruído é, e é rima, e segundo entendo é mais do que rima, é simpatia. Ha verdadeira atração nas formas familiares dos pronomes e *noz* = nós, desperta *vós* = voz. E por tanto *nozes* e *vozes*, como é tambem o cazo de *tiques miques*.

A palavra *voz* podia perfeitamente substituir a de *ruído*, pois que significava *clamor*, *grito*.

Na *Demanda do Santo Gral* que é um dos documentos do portuguez arcaico, vem a expressão em toda a intensidade:

Quando a donzella esto viu, leixou-se caer em terra dando *vozes* como mulher sandia.

pj. 93.

Nas antigas leis — *dar vozes* — era gritar o — *a que d'el-rei!* e este sentido (*voz* = grito), ainda se conserva nos dizeres — *A' voz do comando; á voz de marche!* etc. <sup>1</sup>

### Com teu amo não jogues as peras

São muitas as historias e patranhas contadas a proposito deste proverbio, e naturalmente não teem numero desde que se dê largo freio a imaginação.

Uma das explicações mais dezasizadas e tolas foi a que deu o Dr. Castro Lopez nas suas por vezes ridiculas *Orijens de Anexins*, onde diz que o proverbio primitivo havia de ser — «Ao teu amo não jogues *ásperas* (palavras)». O povo transformou *ásperas* em *as pêras*. Que povo e que transformação!

Outra explicação que ouvi e me pareceu melhor, foi a de que numa demanda ou questão o servo opunha ao senhor a adversativa *pero* — nas alegações contrarias que apresentava em defeza. Mas como, perante todas as justiça, são os senhores os

---

<sup>1</sup> Tambem existe a locução — *vir á noz* — que se tornou proverbial, naturalmente pelo equivoco ou frequencia do *vir a nós* (*venha a nós* — da oração dominical). *Vir á noz* diz-se da corda da béstia que se estica e enteza até alcançar o rebaixo proprio (a *noz*). Foi usada na comedia *Ulizipo* :

Eu tambem já vou entrando em jogò com a minha gaita, que parecia impossivel *vir á noz*.

que teem sempre razão, é manifesto perigo — *jogar com elles os pêros*.

Terceira explicação é que de si mesma se torna evidente, nas variantes mais ampliadas do anexim: *Com teu amo não jogues as peras porque elle tomará as maduras e deixar-te-á as verdes*. Esta amplificação deve ser recente e é contra a brevidade dos proverbios, nunca prolixos nem comentados. O lejitimo proverbio é o que não traz a gloza.

Ainda ha outra explicação satisfatoria por certos aspectos especiais. E é que *pera* significa em varios romances *cabeça* e «jogar as peras» pode ser entendido «jogar *cabeçadas*» ou couza que o valha. No italiano, a palavra *pera*, em varios dialetos, tem aquelle sentido e o modismo *far la pera* equivale a cortar a cabeça, decapitar. Numa comedia do Nelli, uma personajem ameaçada de morte, diz no dialogo:

— Ecco lá il vecchio; ritratevi in casa.

— Oh meschina a me! Non lo lasciat' entrare, perchè é mi farebbe la pera. <sup>1</sup>

O sentido não é pois, o do proverbio e parece que só se encontra nos dialetos italicos.

Esta explicação que me seduziu a principio,

<sup>1</sup> *Le Serve al for*. A. 3, c. 3. Veja-se tambem o que a respeito da locução diz Prospero Viani — *Dizion, di pretesi francesismi*, II, 170. No castelhano ha os proverbios: *Dar para peras a uno* — (ameaçar de castigo) *poner a uno las peras a ouatro, ó coarto* — apertar a alguém, obrigar-o a fazer o que não queria. Estes dizeres parecem-se ao italiano.

quando encontrei o modismo *far la pera*, é absolutamente inaceitavel.

Na peninsula hispanica é que a havemos de encontrar.

A forma castelhana mais antiga é a que dá o autor anonimo dos *Refranes glosados*, do seculo XV, editado por Sbarbi:

*Com maior que tu non partas peras.*

É a historia de um rendeiro que viu na meiação dos frutos, tomados os maduros e os melhores pelo senhor.

Esta forma é a que se aproxima da fabula ezo-piana do *Leão e seus companheiros de caça*, e daí é que de certo se orijinou o proverbio, não sendo talvez indiferente a sujestão de *preda* (espanhol) *preia* (prædam) a *presa* e a *pera*.<sup>1</sup>

A fabula é de Fedro, I, 8 e de Romulo I, 6. Os Izopetes medievais corrijiiram-na sensatamente dando por companheiros do leão animais todos carnivoros. Della é que vem as sentenças — *a parte do leão* — ou — *quem parte e reparte tem a melhor parte*.

A fabula de Fedro que termina:

*Sic totam prædam...*

1 Ainda a fabula classica se entrevê na antiga *Recopilação*, 1541, de Ynigo Lopez: « Parte Nicolas, para si lo mas ».

Quanto a etimolojia de *preia* e *presa* refiro-me apenas á confusão das formas que são diferentes *præda* e *prensa* (*præhensa*).

foi ainda mais profundamente gravada na memoria dos povos modernos, pois que desde o jurisconsulto Cassio (Livro 29: *Si non fuerint...*) foi chamada a sociedade entre deziguaes de *Sociedade leonina*.

Assim, a versão mais antiga da península

*Con tu maior non partas peras*

restitue-se na forma primeira :

« *Con tu maior non partas predas* »

A etimolojia popular não hezitou em confundir as duas noções, ou pelo menos a assonancia comum as associou no mesmo proloquio. <sup>1</sup>

1 No *Auto da Cioza*, de Antonio Prestes, aparece outra locução :

Fazei vós como lhe eu faço,  
 Não quero co' o demo *nésporas*  
 Manhã missa, a tarde *vesporas* . . .

Depreende-se que o sentido é *não quero negocio ou intelligencia com o demo*. E' difficil explicar a razão que faz identificar o *pacto* ou *negocios* e *as nesperas* ; é certo porem que *mondar nésporas* é não ser, nem ficar alheio a qualquer couza de que se trate e foi com este sentido que no castelhano disse Lope de Vega :

— Maté a uno, heri a otro  
 — Y yo? *mondava nisperos?*

onde se podera traduzir : « E eu ? pensa que estava *com as mãos abandonando ?* que estava *a ver navios ?* »

No poeta portuguez deve entender-se *nespera* com o sentido de *cimbalos, campainhas* que uzavam, como se diz na *Eufrozina* :

— Vós tocastes em seu tempo o *apia ha*, vejo-vos geito para o fazerdes bem.

— Isso deixo eu para vós que sois todo uma man-

**Cal-te!**

A forma *calte!* que tanto se antolha na literatura burlesca e nos poetas comicos, deve ter sido derivada de *cala-te*; e ainda melhor de *cale-te*.

Isto faz supôr a existencia de um verbo antigo *caler* que deixou o participio tambem antigo e proprio dos verbos em *er*: *caluda!* analogo ao *teúdo* e *manteúdo* que são sobrevivencias de taes formas arcaicas.

O verbo *caler* (do latim *calere*) significava aquecer, dar calor, queimar. Daí o modismo « não me *cal* » isto é, não me importa, não me péza, não me queima ou incomóda.

---

gana, maiormente se fôr descantada com *nesperas* e *rouxinol de barro*.

fol. 104 v.

A *nespera*, o *apia há*, o *rouxinol de barro* faziam parte da instrumentação das muzicas populares e campestres. No auto de *Filodemo* v-2 :

- Que tal é a *musica* que determinas de lhe dar ?
- A *musica* não é senão das nossas ; mas faço-te queixume que nem com um cão de busca pude achar umas *nesperas* por toda esta terra.

A estes instrumentos e as *guitarras* podia ajuntar-se quem fizesse de *telhinha* ou de *assovio*, como diz o *Camões* na mesma comedia.

O francez diz ainda

peu m'en *chaut*

e tem ainda os derivados *chaland* e *nonchaland* — (o que não faz caso).

Tambem o tinha o provençal. O castelhano antigo tem constantes exemplos; no poema do *Cid*, v. 2367:

Curielos quisquier, ca dellos *poco min cal* <sup>1</sup>

No antigo portuguez os exemplos são frequentes. No *Cancioneiro de Dom Diniz*, edição de H. Lang, ocorre na primeira cantiga, na terceira estrofe:

E pero que ei de sofrer  
A morte mui descomunal,  
Com mha mort'oi mais *non m'en cal*.

Na *Demanda do Santo Gral* aparece com a forma *chal*:

*Nom nos en chal!* disserom elles, a tanto que vissemos vingada a morte de Lamorac.

pj. 89.

Dai, provem ao que supponho a locução moderna *encalmar-se* nas frases: *isto me encalma* ou *não*

<sup>1</sup> Veja-se o estudo sobre pronomes de E. S t a a f, de Uppsala, 33.

*me encalma*, isto é, não me faz móssa nem me desperta interesse. Com essa intelligencia é que interpretó o dito de Cariofilo na *Eufrozina* :

— Ora vos digo que não sou de tanto esfolgado; porque, olhai, senhor, eu queria que minha trova tivesse sentença e não me dependuro muito que seja muzica nem desmuzica, que parece muito observancia de poeta, *só o nome me encalma*.

fol. 105.

A exejeze pode em verdade parecer subtil porque tanto *m'en cal* como *me encalma*, equivalem a « me acalora, me aquece, entusiasmo ou faz ira ou afronta. » <sup>1</sup>

### Ida de João Gomez

A expressão era proverbial no seculo XVI e está em varios dos poetas comicos; no *Auto dos Cantarinhos* :

— Vai-se já?

— Si, vai.

— Quer não,

*Ida de Jan Gomes seja*.

---

1 Esta idéa de calor é sempre invocada :

Isto me *chibraza* á pelle . . .

E' o mal que me mais *assa*

diz Ant. Prestes, 28-29.

E do sujeito que se zanga dizemos : *queimou-se*.



Ainda no *Auto dos Dous irmãos* do mesmo poeta repete-se o anexim:

*Ida de João Gomes* seja  
Que indo em fruto, voltou em rama.

Na *Pratica dos Compadres* do poeta Chiado:

Não hajaes medo que escorje,  
*Ida de João Gomes* seja ella  
Que foi de caza na séla  
E tornou no seu alforje.

Alberto Pimentel na sua edição do Chiado, juntou estes dous exemplos e escreveu a seguinte illustração em nota:

Um poeta que com este nome (*Jan Gomes*) figurou na corte de Afonso v e tambem no *Cancioneiro* de Rezende, andando a exhibir prodijios de equitação nos Paços de Almeirim, caiu de-zastrozamente. No serão dessa noite, os outros poetas fizeram apodos do dezastre, chasqueiando do cavaleiro. E o cazo é que desde aquella noite em diante ficou este anexim: *Ida de João Gomes, foi a cavallo e veiu em alforje.*

A meu ver, esta explicação aliáz interessante não é satisfatoria; o nome de João Gomes é assaz vulgar e no *Cancioneiro de Rezende* ocorrem tres homonimos. O anexim não é uma fraze local e ao contrario foi um modismo conhecido de toda a Espanha; não é provavel pois que tivesse a orijem apontada.

Figura já o proverbio no antigo *Vocabulario de Refranes* do maestro Gonzalo Corrêas, com a forma:

*Andar con el qué de Juan Gomez es*

Isto é, «andar com o que é de João Gomes» e significa o desfavor que se adquire só com a má companhia ou a insegurança de andar com um ladrão e voltar roubado.

O problema, pois, cifra-se na inconveniencia da *companhia de João Gomes*, pessoa com quem se não deve ir nem vir, pois corre-se o risco de perder o que leva, seja o cavallo ou couza melhor. *João Gomes* é o que rouba e prejudica ao seu companheiro ou é um dezastrado.

No meu entender, esse *Jan Gomes* ou *Jangome*<sup>1</sup> popularizado liberrimamente na lenda é o *Jacob* (Jacome, Jacobus) do Velho Testamento que roubou ao irmão Ezaú o direito de primogenitura, conforme o *Geneze* (cap. XXVII). Não poderia haver peor companheiro que esse *Jan-gomes* biblico com quem não convem ter pleito.

Parece ainda que esta historia se complica com a do **corvo** que Noé soltou da arca, apóz o diluvio e que não voltou a ella; ao menos ha uma variante

---

<sup>1</sup> No Brazil a erva comestivel *lingua de vacca* tambem se chama *mãe Jan Gomes* e *Mariangomes*, influxo do termo kimbundo *ngombe* (boi, vacca).

do rifão também registrada por Gonzalo Corrêas e que diz *Ida de Juan Cuervo*.<sup>1</sup>

### Cala...

*Cala* significa pôrto, fenda, enseiada e é palavra antiga, de origem obscura, celtica ao que parece.<sup>2</sup>

Já se viu e estudou em outro lugar o modismo *calar o melão* (fendel-o) e é locução viva quanto ao *calar* dos navios e das couzas que mergulham em outras menos rezistentes.

Esclarecido esse preliminar, passemos a outro radical da nossa língua — *baço* — que significa preto

---

1 As idas e despedidas figuram ridiculas no *folk lore*. Comparem-se com os versos acima de Prestes estas quadras populares:

Vamos dar a despedida  
 Como deu o *bacuráu*,  
 Uma perna no caminho  
 Outra no galho de pau.  
 .....  
 Vamos dar a despedida  
 Como deu a *saracura*...  
 .....  
 Eu vou dar a despedida  
 Como deu o *quero-quero*  
 Depois da festa acabada:  
 Pernas para que te quero?

Silvio Romero — *Cantos populares*, 277-322 etc.

2 Koerting dá as formas latina *calare* e grega *χαλᾶν*.

ou escuro. O termo foi até empregado para designar as pessoas de cor morena ou negra; assim foi no portuguez, e é no francez *basané*, e no castelhano.

« *Bazo*, diz Cejador y Frauca, vale apretado moreno, negro: » « *Baça* compuesta a la *blanca* de-nuestra » e em Mejia: « no le hallaron sino um pedazo de pan *bazo* ».

Quando já esses termos corriam na lingua foi inevitavel que a etimolojia popular descobrisse ou enxergasse em *cabaça*, ( de *calabaça* ) os radicais *cala* ( fenda ) e *baça* ( escura ).

Daí o sentido de « virjindade » nas frases que por decencia aqui se omitem. E nem se repare nessa etimolojia popular da *fenda escura* por que outra tambem existe — *el ojo moreno* — que está no *argot* espanhol ( Dict. de *argot* de Luiz Besses, pj. 117 ).

Deus me perdôe se ofendi orelhas delicadas, mas todas as anatomias teem esses inconvenientes.

### Andar á coxia

É uma expressão arcaica conhecida dos antigos marinheiros dos galeões e caravelas. A *coxia* era a ponte ou corredor suspenso que ia de popa a prôa, passagem de soldados e outra gente. *Andar á coxia* era ir de um extremo a outro, na labuta e azafama do serviço.

Na *coxia* eram dispostos canhões nos momentos

de luta e aí ficavam artilheiros e o pessoal de guerra. Deste sentido, dão exemplos os antigos escritores como Diogo do Couto na *Vida de Dom Paulo de Lima*:

Dom Paulo andava *na coxia* armado em couraças encarnadas com uma espada e rodela, animando os seus com palavras dignas d'aquelle transe...

(2.<sup>a</sup> ed. 80).

E em outro lugar é ainda mais explicito:

E na chegada recebeu uma lançada pelos peitos que deu com elle *na coxia*.

(*ibid.* 32).

A orijem mais aceitavel do vocabulo parece ser a de *cruz* — *cruzar* — *cruzia*, pois o gotico *kriustan* (gritar) lembrado desde o grande Diez, não parece bem, ainda quando embasbaque os germanistas que por qualquer alemanice hipotecam a alma ao diabo, quanto mais por uma do grande filologo.

Com aquelle sentido parece que se conformam os versos *in fine* do *Auto do Dia de Juizo* (ed. de 1659):

Tu, Satanaz...  
 Não aguardes um momento  
 Parte pelo ar em vento  
 A desatar *a cochia*  
 Dos mesquinhos peccadores  
 Que lá tenho em prisão...

Tambem na *crujia* das galeras é que se castigavam os culpados e criminosos que iam de mão em mão, de açoite em açoite por todos os verdugos enfileirados nella.

### Alhos e bugalhos

E' costume reunir pela cónsonancia das formas as palavras *alhos e bugalhos* tomadas a uma sentença maior aplicada aos surdos — ou necios — *Fallo-lhe em alhos e responde-me em bugalhos* (col. Roland, 19). O sentido exato é mais profundo, por que *alho, alhada*, significa confusão e corresponde ás formas mais latas *baralho e baralha* de modo que *alhos e baralhos e alhas e baralhas, alhar e baralhar* querem dizer trazer tudo de mistura: daí a assonancia *alhos e bugalhos*. Nos cazos simetricos *alha e baralha*, a forma *alhar* é a unica correspondente ao antigo castelhano *ajar* (diferente de *hallar*) e deriva de *afflare* = mexer com o sopro. O *hallar* castelhano que se traduz *achar* é a mesma forma que *falar, discursar*, e temos aqui um caso semelhante ao de *trovar* que significa *achar e compôr em poesia* (trova, trovador).

No sentido em que dizemos quazi a moda franceza « voltemos á vaca fria » dizem os espanhoes « volte *al ajo* (a alha) *senôr padre cura* » isto é, a historias velhas e por isso tambem se diz como no adajario portuguez (p. 301):

A contas velhas, *baralhas* novas.

contas esquecidas já não se ajustam sem renovar a inimizade.

Ha pois *alhar* e *alhar* se bem que se equivoquem muitas vezes como no tempo de Gil Vicente, tal se vê do *Auto da Festa*, recentemente descoberto pelo Conde de Sabugosa:

E tambem quero tirar  
Antes que entre na *alhada*  
Uma cebola assada  
Que trago para offertar  
Logo de boa entrada.

paj. 110.

Este cazo deve ser estudado com mais atenção. <sup>1</sup>

### Salvanor

*Salvanor* ou *salvonor* é o que com decencia não se pode definir. Tire-se o sentido dos versos de Gil Vicente no *Pranto de Maria Parda*:

Diz Nabucodonosor  
No *sideraque* e *miseraque*  
Aquelle que dá gran traque  
Atravesse-o no *salvanor*.

III, 371.

---

<sup>1</sup> Aquelles versos dil-os o romeiro, a porta do templo, antes « que entre na *alhada* ». Suponho que neste passo *alhada* é o arabe *allahd* (allahbad) a *casa do Senhor*, a *igreja* (e com este nome ha uma provincia no Industão) que se prestava ao equivoco. Não é provavel que do recinto sagrado motejasse o romeiro comparande-o a uma mistura de *alhos*.

A expressão deriva de *salv'onor...* isto é, *salvo honor de Vossas Mercês* ou *Senhorias*. E hoje ainda é costume preceder o nome de couza torpe com o rodeio: *Com licença da palavra...*

O proprio Gil Vicente emprega-a com esta aplicação quando diz no *Auto da Feira* (I, 156):

Falando con *salvanôr*,  
Tu *diabo* me pareces.

Ao que retruca o diabo com grosseria:

Falando com *salvos rabos*,  
Acharás homens cem mil  
Honrados, que são diabos.

Nas varias coplas avulsas do Chiado encontra-se o vocabulo:

E mais tenho certa prova  
Que és tão negro *salvanor*  
..... que és cova  
No insoffrivel fedôr.

*Obras*, 187.

Sendeiro, galego, macho,  
Asno, ruão, *salvanor*.

*Ibid.*, 191.

A historia das dezordens intestinais de um que em companhia do rei e em viagem «se lhe destemperou o estomago» conta-a D. Francisco Portugal, o velho, na seguinte copla que está no *Cancioneiro de Rezende* (fl. 81 v.):



Deixou o barco e as rêdes  
 Por seguir o *salvanôr*,  
 Fez os milagres que vêdes  
 Ante el-rei, nosso senhor.  
 Quando o viram desfraldar,  
 O arráis temeu a cheia,  
 E bradava: *cêa! cêa!*  
 Cara vos ha de custar! <sup>1</sup>

Outro trovador do mesmo *Cancioneiro* leva a impolidez e atrevimento ao ponto de versejar:

As damas no salvanor  
 Me beijem...

III, 156.

### O fogo

No adajiaro da coleção de Roland (ed. de 1780, pj. 116) encontra-se o proverbio:

Por um cabelinho se pega o fogo no *linho*.

não é explicito: devia entender-se *ninho* por uma alteração comum (*liajem, niagem, nivel, nivel*) ou talvez *linho* (*lignum*) por *lenho* ou *lenha* (*ligna*).

E', todavia, uzado o termo *linho* para indicar o cavalete em que descança a vinha.

Outra locução é:

---

<sup>1</sup> Na ed. especial de Mendes dos Remedios das obras daquelle quinhentista.

### Com fogo não se brinca

O sentido é bastante claro e não exige explanação; mas, vê-se que é locução recente, tomada do francez ou doutra lingua e em caso algum poderia ser do fundo antigo e popular com esta forma, por que o sentido primitivo de *brincar* é *reluzir*, brilhar como o proprio fogo, saltar ou lampejar como a chama (daí *brincos* = arrecadas) e com este significado o modismo seria disparatado e absurdo. E' todavia possivel que depois que o termo *brincar* se tornou equivalente, de *saltar* se formasse fraze, conjecturamos, como esta: «O fogo *brinca* mas com elle *não se brinca*». Ou de «*brincar a fogueira*» saltar por cima della, se viesse a dizer: «Sobre o fogo ou por cima do fogo não se *brinca*».

E tambem por ser materia de fogo e de fógos diz-se: *brincar o San João*.

Em latim tambem o sentido de *brilhar* (*micare*) passou ao de saltar ou mover-se: do asno disse o poeta *micat auribus* põe a orelha em pé. E o verbo *tremeluzir*, criado por Filinto Elizio, dá bem a idéa de fogo e movimento. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Esta correlação de idéas entre o *fogo* e o *movimento*, que se notou nas orijens goticas e latinas, tambem se estende a formas tomadas do arabe, o que bem demonstra a sua universalidade.

A forma *arrecada* por *alcarrada* (arabe *alcárrat*) é peninsular e designa brincos, joias e tambem estrelas como está no *Divan* do poeta *Aben Cuzman*, citado por *Eguilaz y Yargas* no seu *Glosario*. Ao mesmo tempo significa o «movimento que faz o falcão para descobrir a preza» como está em *Morais*.

### A ocasião é calva

Derivam dos antigos fabulistas as sentenças — a *ocasião é calva* ou *apanhar a ocasião por um cabelo*. Fedro pinta a ocasião calva, com um tope de cabelos na testa por onde convem segurar, e se uma vez escapa,

Non ipse possit Jupiter reprehendere.

Ha tambem a locução muito conhecida

### por um triz

que se tem explicado pela palavra grega *thrixos* (cabelo) como o esclarece o anotador do *Cuento de Cuentos* na edição de S b a r b i..<sup>1</sup>

Considerando os dous cazos, vê-se que a fabula não fala de um fio por onde se possa apanhar a oportunidade, mas do *tope* e da *frente* antes que ella vire e escape; com este significado mais restrito e pitoresco da fabula é que se entendem os versos da *Ceia policiana* de Anri que Lopes, comedia publicada na primeira edição dos autos de Camões. Diz aquelle poeta:

---

1 Ha quem o explique por onomatopéa *triz* e *traz* e ainda como *C e j a d o r* pelo seu predileto euskaro.

A orijem grega é pouco provavel.

Se a occasião bem pormette,  
 Tomai-a pelo topete  
 Que é calva do toituço.  
 Mas quem a deixa virar  
 Não tendo de que pegar  
 Chora com dor de perdido  
 Magoado e repellido  
 Tempo que leixou passar.

cena 1.

E assim é que a descrevia Bacon:

Occasion turneth a bald noddle, after she  
 hath presented her locks in front, and no hold  
 taken.

— A boa arvore que cobre

Está no adajiaro de Roland, pj. 30:

Quem a boa arvore se chega, boa sombra o  
*cobre.*

Este verso *cobrir* é um lindo eufemismo, e é a  
 expressão decente com que traduzimos o *couver* dos  
 francezes e o *cobar* (incoativo *cobijar*) dos espa-  
 nhóes:

quien a buen arbol se arrima  
 buena sombra le *cobija.*

*cobijar* é chocar, incubar, *couver*. A palavra *covar*  
 desapareceu do portuguez e passou o sentido que  
 tinha a *cobrir*; ainda assim ficaram alguns vestijios

nos vocabulos *côvo* ou capoeira de galinhas, em *covarde*, isto é, o que fica acorado como o galinaceo, o homem-galinha, medroso, metido em seu canto.

*Cócoras* é a atitude da galinha que se deita sobre os ovos; e o seu canto é o *cacareio*, *cacarejo*. Daí ainda poderia provir a locução proverbial:

### razões de cacaracá

isto é, razões de galinha ou de homem covarde que se furta ao dever quando arriscado. Entretanto, parece que tais razões são como as do galo da torre, versateis, inconstantes. Por isso, disse Gil Vicente no começo do *Auto das Fadas*:

Esta cabeça de vento  
Sizo de *cacaracá*,

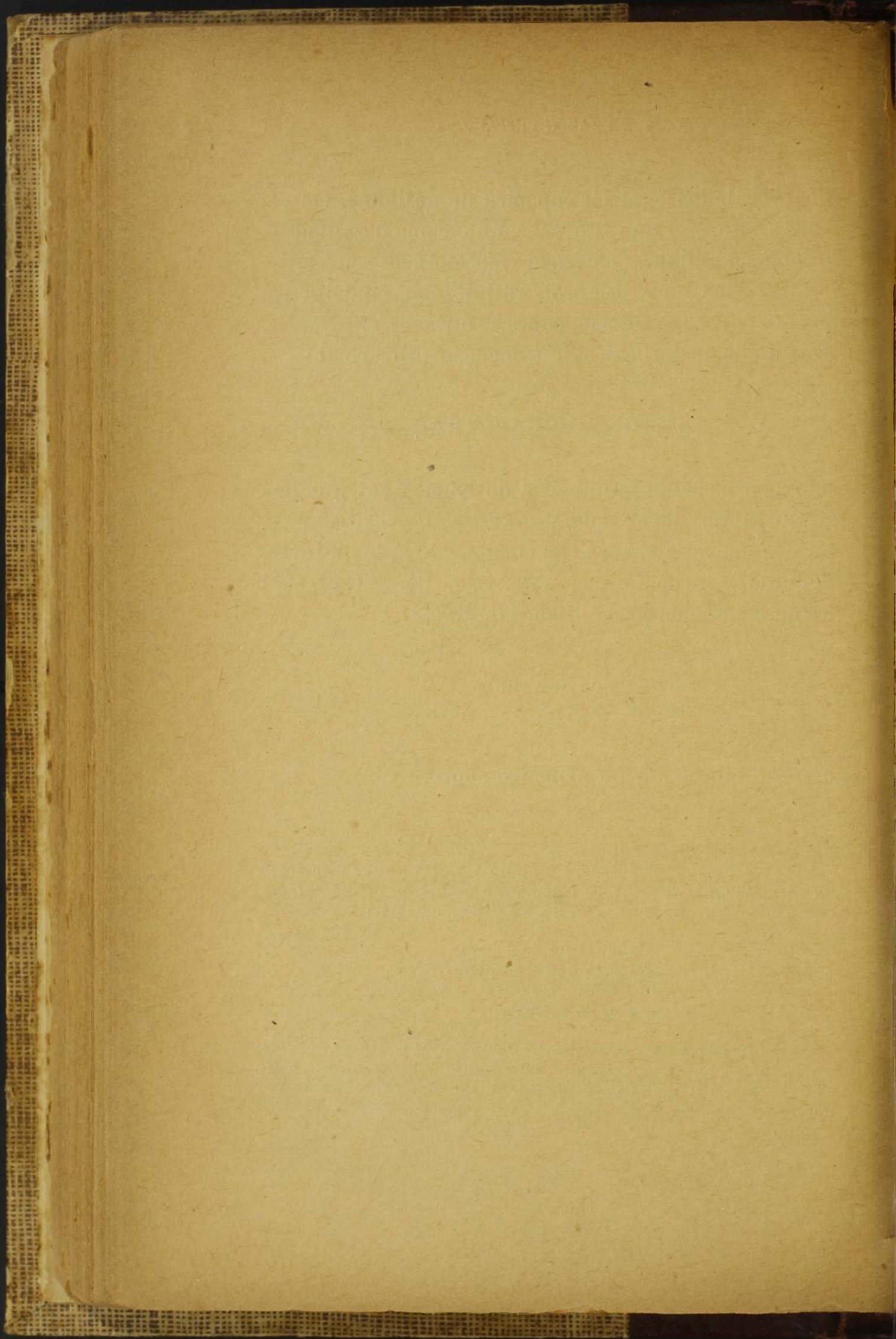
que é o que muda ao primeiro sopro.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A vogal da onomatopéa é muito variavel e pode o *cacaracá* ser atribuido a galinha ou ao galo. Nas suas *Orações academicas*, diz o gongorico Fr. Simão de Santa Catarina:

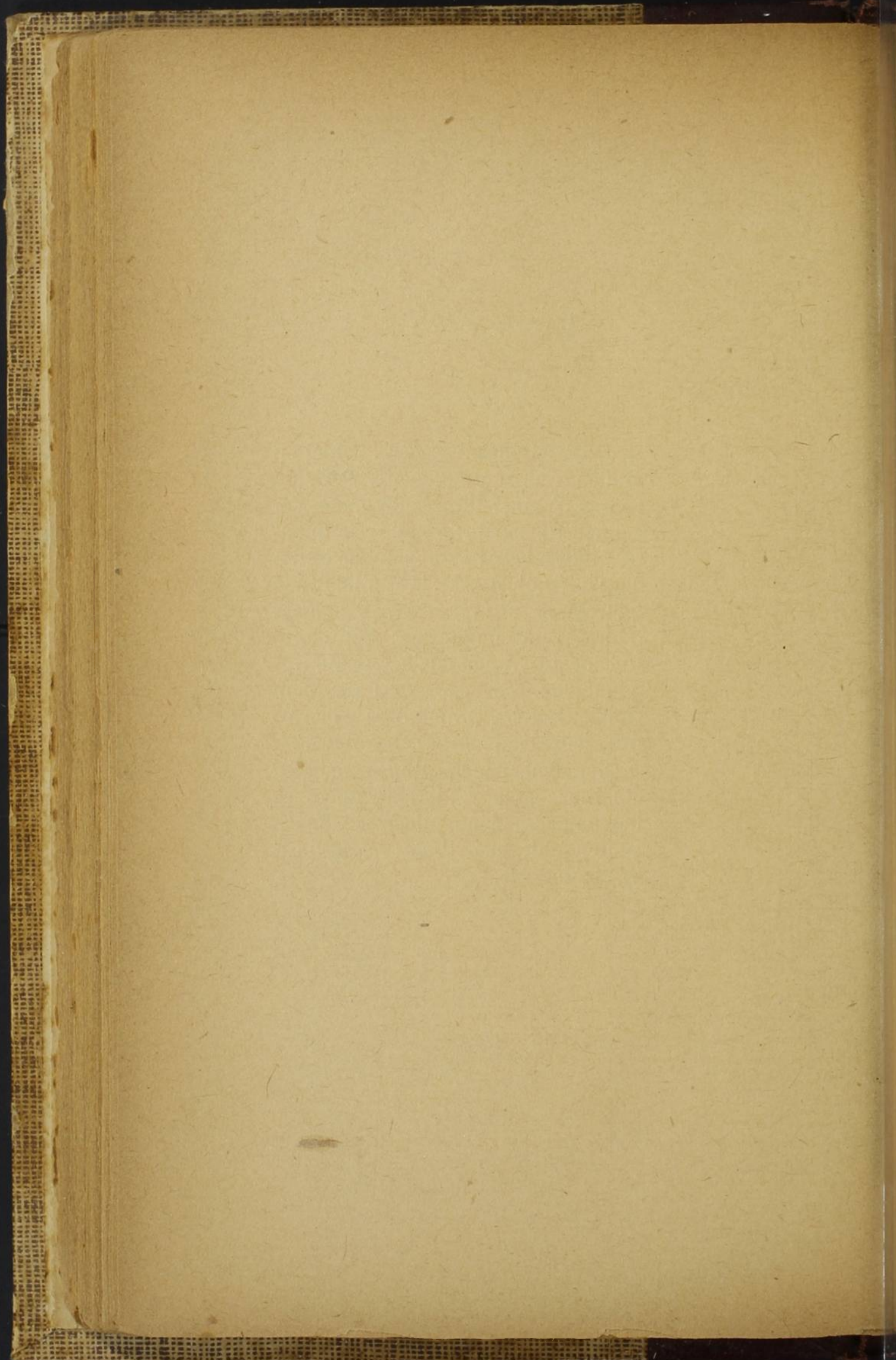
Algum levou na cabeça  
Tal galo que sem mentir,  
Lhe cantou *cucurucú*  
Depois do *quiquiriri*.

Não merece exame a explicação que dá o Dr. Castro Lopes de que «razões de *cacaracá*» foi um dito aplicado a certo cauzidico venal que uma das partes peitou com uma capoeira de galinhas.



## V

Estar na onça. Na *disga*. Caipora e mofina; burro de Vicente. Por que cargas d'agua? Um *rôr* de gente. Fazer de gato sapato; rente e pão quente. *Antigualhas varias*: lamber os dedos; um moio de sal; lá vão leis onde querem os reis; *hexametros leoninos* e proverbios medievais; Rei morto Rei posto. A cuquiada. Caldo requentado; roer os ossos; pão com banha. Mateus, primeiro os teus. Ao bom calar chamam Sancho. *Folk lore*: senhora dona Sancha. Rimas em *oz-uz*: albornoz, catapruz; terceiras pessoas indefinidas, Fulano, fulustreco, Sacripante, Valdevinos. *Oculus ruorum*; palavras ficticias.





## **Estar na onça**

*Estar na onça* para significar na penuria extrema ou quazi ultima miseria, é expressão fragmentaria de outra mais longa, como se verifica no italiano onde o modismo é *undic' once* «L' è andata su l' *undic' once*»; como no *Scherzo fam.* de Baldovino:

— Non io, ma ve'; l' è andata  
Su l' *undic' once*.

A libra tem doze onças e estar na *undecima onça* é já situação aflitiva e proxima do fim e da carencia absoluta; talvez a nossa forma primitiva fosse estar na *onzena onça* ou melhor na *óncima onça*.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *Onzena* que é o « ganhar dinheiro com dinheiro » como se define na *Aulegrafia*, 79, é tambem miseria extrema; com razão chamam os inglezes ao avarento *miser*. O avarento vive sempre em penuria; o antigo verbo portuguez *aguarentar* = poupar (na *Arte de Furtar*, v. ed. Garnier) deriva de *avarentar*.

Em sentido que neste momento não posso verificar, leio no *Canc. geral* de Rezende, em nota que registrei ha tempos:

posto que de motejar  
eu aja *onze* por sorte.

que parece lembrar o *estar a las once* (mal posto) do castelhano.

Em geral nos ditos de desfavor a decencia suprime algo e os não apresenta completos. Assim, o povo no Brazil diz tambem: « Está na *disgra* » onde se suprimem as ultimas letras de *disgraça*.<sup>1</sup>

### Caiporismo e Mofina

A locução tem extenso uzo e o que embarça a interpretação verdadeira, em um dos cazos, é o vocabulo *mofina* pelas duvidas etimolojicas que su-cita.

No Brazil a *mofina* vae sendo substituida pelo *caiporismo*, termo da lingua tupi, derivado de *caipora*, de *caa-pora*, demonio dos bosques, espirito perseguidor e maligno. O *caiporismo* é a mesma *mofina*, a má sorte em todas as couzas.

*Caa-pora* (mato-morador) é um habitante das selvas. A lenda representa-o, em geral, *com um só pé* (e por isso simboliza a pessoa que chega tarde e nada alcança) e tambem com os pés invertidos e caminhando para traz. Outro nome é

---

1 Tambem é possivel que se trate de *disga* (e não *disgra*). Se assim é, o termo *disga* faz lembrar pela forma e pelo sentido o francez *dèche* (manque d'argent) que recentemente nas *Modern Language Notes* (maio, 1907) C. A. Mosemiller da *Indiana University* faz derivar de uma forma latina *distica* formada sobre o grego *δυστυχία*, no plural, e com o significado de miseria, penuria e que é o de *disgra* ou *disga*.

*korupira* e no extremo sul o *Negrinho do pastoreio*. Parece que aí se fundiram diferentes lendas; desde o primeiro seculo da descoberta foi o *korupira* mencionado pelo padre Anxieta (nas *Cartas ineditas*). Veja-se *Mythen u. alte Volkssagen aus Brasilien*, v. P. Carl Teschauer. (1-7) e já nos *Contos populares* de Sílvio Romero.

A *mofina* (de *mofino*) são os dous vocabulos *mu-fino* (*mulus, hinnus*) que significam a mesma couza, isto é, *mulo* ou *mula*<sup>1</sup> alimaria util que tudo sofre, e carrega todos os pezos e pezares. No mesmo sentido ainda dizemos — *besta de carga* — para indicar a má sorte de quem ha de aguentar com tudo.

Em portuguez, porem, o que agravou a *mofina* foi o nome alegorico do personajem da farça popularissima de Gil Vicente! A *Mofina Mendez* que sonhou enriquecer e tantos castelos levantou nas nuvens foi realmente *mofina*. As esperanças que poz no seu pote de azeite desvaneceram-se...

Do que este azeite render  
 Comprarei ovos de pata,  
 Que é a couza mais barata  
 Que eu de lá posso trazer.  
 E estes ovos chocarão;  
 Cada ovo dará um pato  
 E cada pato um tostão,  
 Que passará d'um milhão...  
 . . . . .  
 Cazarei rica e honra.

1 Comprova-se com o castelhano *mohino* que nada tem que ver com *mófa*. cf. Koerting-(*muf*), pouco provavel.

Cae-lhe o pote da cabeça e lá se foram as esperanças e sonhos de riqueza... O tipo de *Mofina Mendes* tornou-se como que um simbolo das decepções desta natureza. Não é pois de estranhar que mais tarde o encontremos como na *Aulegrafia* neste exemplo interessante :

Mana minha, sois muito moça, não vos engane presunção de bom parecer,... as mais das vezes lhe corre por davante *mofina mendes* e a boa diligencia acaba o que o merecimento não alcança.

fol. 52.

Outra *mofina* ou mula de carga que se encontra nos antigos escritores e ainda se repete, é o pobre

### **burro de Vicente**

alimaria responsavel por todos que nelle carregam as canastras de improperios.

Hora sabeis o que se passa! não sejais *burro de Vicente* e perdoai-me, pois quando haveis de saber, então dessabeis.

*Eufrozina*, fol. 14.

E em Soropita:

Chora sobre o mal presente  
Os bens que passados são.  
Já foste asno de Balaão  
E hoje és *burro de Vicente*.

*Poezias*, 134.

O *burro de Vicente* é o burro de aluguer que não vale o que come, e é provavel que *Vicente* esteja aí por necessidade de rima em brocardo conjectural: *burro de Vicente burro de toda gente*. Ou talvez será corrutela popular e livre de *burro de vinte* (viente, veinte = *viginti*) porque ha um anexim castelhano rejistrado pelo velho maestro Gonzalo Corrêas no seu vocabulario e que diz:

Es de Vicente y otros veinte.

O burro de Vicente em cada feira vale menos.

### **Porque cargas d'agua ?**

A locução exprime responsabilidade ou motivação de culpa. Na *Ulizipo* de Jorje Ferreira, pj. 70:

N'isto ha de estar a minha vida? e *por qual carga d'agua?*

Nesta fraze já o sentido primitivo está um pouco modificado. A *carga d'agua* faz moer ao moinho e o *aguaceiro* sempre foi alegado como pretexto ou escuza de cumprir alguma obrigação. E' e sempre foi, uma das *mentiras brancas*, como lhes chamam os inglezes, que servem nas ocaziões apertadas. Mas quando não chueu, é natural que se pergunte ao

relapso: « Mas por que *carga d'agua?* » ou, onde o motivo forte?

Creio que é esta a orijem quanto a propriedade do sentido; mas não assim quanto a forma e apon-to em outro lugar a formula de argumentação escolar da antiga dialetica (*per quam regulam?* em Gil Vicente e Prestes: *per quam causam e causa data*).

Outra das formulas da dialetica vulgarizou-se na expressão

#### **dizer indiretas**

a forma é erudita; o povo teria criado *indireita* ou *ereita*. A fraze não tem outra orijem que a do antigo estilo de argumentação *directè, indirectè, nec indirectè* da escolastica.<sup>1</sup>

A forma popular *ereita* por *indreita* ficou na locução dos jogadores de luta atletica: *ereita e sopé*, e está em Sá de Miranda.

---

1 E' curiozo notar o meneio da fraze antiga em estilo mais nobre: « Os sucessos. Apolo não os declarava senão por palavras *ambiguas e torcidas* que faziam diversos sentidos e foi chamado *oblicuario*; isto é, que não respondia *simple e directamente* ao que lhe perguntavam ». Fr. Amador Arraiz — Dialogos, II, 14.

Na linguaagem popular a *indireta* é sempre o remoque ou aluzão pouco delicada.

### Um RÔR de gente

*Um rôr de gente* equivale a multidão grande.

Um rôr de vadios

Quando ha muita gente apinhada, dizia-se outr'ora apertada, *apretada*, e de *apertado* é que derivou *preto*, isto é, escuro, que é a cor geral de muitas couzas diversas juntas que se apertam.

Ao escurecer do dia em varios dialetos latinos chamavam *errôr*, no provençal *errour* (o crepusculo) e a respeito deste vocabulo provençal veja-se o que escreveu Sainéan Lazare, *Zeitschr.* XXX, 3 H.

Um *rôr de gente* é o mesmo que aperto de gente ou o que é a mesma couza *pretidão*, *apertão* e *errôr* de gente.

Por engano muitos escrevem «um *orror* (horrôr) de povo» ou o que é ainda peor «um *ról* de gente».

Com segurança e acerto diz sempre o vulgo: um *rôr*.

### Fazer de gato sapato – Rente como pão quente

Parece-me que a locução *rente como pão quente*, já de uzo antigo, para indicar a rapidez, pressa e

dilijencia, é uma metáfora e translação sugerida pela sinonimia de *pão* e *trigo*. Na lingua antiga *trigo*, *triganca*, *trigozo*, e *trigar* significava pressa, apressado, e apressar como se pode ver ainda nos exemplos dos quinhentistas colhidos por Moraes; a esses, junte-se o muito expressivo do Chiado, quando diz no *Auto das Regateiras*:

- Não vindes vós todo *trigo*  
 — Eu ando morrendo em pé.

Obras, 72.

Se *trigo* exprime pressa, porque não tomaria o *pão* o mesmo sentido?

Anda registado em todos os adajiaros esse modismo *gato sapato* que é hoje muito popular e comum.

Os espanhóes teem o proverbio castelhano:

«Hasta los gatos quieren zapatos». Mas estou convencido de que a analogia é apenas nas palavras.

Fazer de *gato sapato* ou vice versa, queria dizer, ao que supponho, o erro de quem lia ou escrevia em tempo em que as abreviaturas muito frequentes poderiam induzir a engano. Antigamente *sapato* escrevia-se com *ç* e a palavra *gato* podia ser lida como *çapato* na abreviatura *çato*. E foi provavelmente o que houve.

E' digno de nota que o sentido da fraze indica



menos um erro de leitura que uma depreciação e motejo, o que indica já uma metáfora.

Em Dom Francisco Manoel:

Ja namorados! Isso foi uma só couza; fiz d'elles *gato sapato*.

*Apologos dialogaes, 21.*

Outro modismo curiozo é o de **gato de botas** aplicado ao individuo endomingado em roupas que lhe não são habituais e lhe tolhem o movimento. Efetivamente *botas* ou *sapatos* deitariam a perder a ligeireza dos gatos. *Gato con guantes no caza ratones*.

Demais, ha no *folk lore* infantil uma historia do *Gato de botas*.

### **Antigualhas varias**

A locução **lamber os dedos** era sinal de satisfação pelo que se gozou (ou literalmente — comeu) e é muito antiga na lingua. Em Gil Vicente na *Farça dos fizicos*, III, 301:

O Padre *lambe-lhe o dedo*

E está no *Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende*.

& seja lembrada  
per nome Costança  
que *lambeu o dedo*  
depoys de gostar

Outra locução — **conhecer como aos dedos da mão** — pode ter a mesma orijem que a franceza de Rabelais — *connaître comme son Deus det* — fraze tomada á oração que se dizia apoz as refeições: *Deus det nobis pacem*.

Mas muito mais antiga que esta locução do nosso idioma é o proverbio que cita e explica Dom Duarte no *Leal Conselheiro* no capitulo XIX que é todo consagrado a

razom por que dizem que *se deve comer huũ moyo de sal* com algũa pessoa até que o conheçam.

Requere-se comer um moio de sal com o amigo para que fique bem provado: é claro que a prova durará muitos annos e de grão a grão.

Outros proverbios (ou *exemplos* como lhes chama Dom Duarte) encontram-se no *Leal Conselheiro* e que só teem o interesse da antiguidade.<sup>1</sup>

---

1 Por ex. o da pj. 278 o *espelho, manta e pandeiro* (cap. 88) *milhor ama quem mais sente* (cap. 48) etc.

Outra das antigualhas deste genero é o proverbio peninsular, rejistado em Roland, em Delicad o e todos os outros adajiaros antigos :

**Lá vão leis para onde querem os reis**

isto é, torcem-se as leis para onde ô querem os reis.

De todos os adajios locais da peninsula hispanica é este certamente o mais antigo. Quando Affonso VI mandou em 1077 que em Castela se instituisse o officio eclesiastico romano, com violação das leis, então amanheceu o proverbio e escreveu o historiador: <sup>1</sup>

Et tunc, cunctis flentibus et dolentibus, inolevit proverbium: *Quò volunt Reges, vadunt leges.*

Já então em Castela como em Portugal o latim deixara de ser a lingua falada e mal subsistia nas formulas escritas do romance latinizado pelos escrivões e lejistas. O proverbio é frequente nos escritores portuguezes, e a elle se refere Camões quando diz parafrazeando-o nos *Disparates seus na India*:

---

1 O arcebispo Dom Rodrigo — De rebus Hispaniæ — VI — 25 *apud* Sbarbi — 8.º — 221. No discurso academico de A. Garcia Gutierrez ainda se attribue maior antiguidade ao proloquio — *Entrar por la manga...* mas sem fundamento muito plauzível. *Ibid. ibi.*

Para os pequenos uns Neros  
 Para os grandes tudo féros  
 Pois, tu, parvo, não sabias  
*Que lá vão leis onde querem cruzados?*

O ultimo verso é uma conclusão bizarra ou um estarambote, como lhe chamavam; *cruzados* está em lugar de *reis* (= *rèis*). Chiado — *Obras*, 58, outro exemplo.

Ainda mais antigos são de certo os proverbios que já encontramos nos hexametros leoninos medievais e que em grande numero ainda hoje são repetidos.

Tais, para exemplo, os seguintes:

*Fures in lite pandunt abscondita vitæ.*

(Pelejam as comadres, descobrem-se as verdades)

*Contra vim mortis non herbula crescit in hortis*

(A' morte não ha caza-forte)

*Plus valet in manibus passer quam sub dubio grus*<sup>1</sup>

(Mais vale um passaro na mão que dois voando)

---

<sup>1</sup> Outra variante em hexametro medieval, leonino: *Una avis in dextra melior quam quatuor extra.*

*Si quis det mannos, ne quære in dentibus annos*

(A cavalo dado não se olha o dente)

*Pro ratione Deus dispertit frigora vestis*

(Deus dá o frio conforme a roupa  
— e vice-versa)

Todas as versões vernaculas aqui postas são proverbios rejistrados na *Col. portugueza de Roland*.<sup>1</sup>

Não menos antiga é o **Rei morto, rei posto** nos romances da península. No fragmento do mais antigo auto castelhano dos *Reys magos* publicado por Mendez Pidal depara-se:

Quin vio numquas tal mal  
Sobre rei otro tal!  
Aun non so io morto  
Ni so la terra pusto!  
Rei otro sobre mi?

IV. 2

Esta composição é do seculo XII.

1 E' curiozo notar que os proverbios medievais em pentametros tem poucos correspondentes no portuguez. Este: *Balnea cornici non prosunt, nec meretrici* — tem o seu equivalente remoto — «Jurado tem as aguas de as negras não fazerem alvas» Roland, 131.

2 Na separata *Disputa del alma y el cuerpo* etc. da *Rev. de Archivos, Bibliotecas y Museos*.

### A *cuquiada*; *cuquiar*

A *cuquiada* a que se referem Barros e os antigos escritores, parece nada ter de comum com o vocabulo *côco*.

Orijina-se de um jogo das crianças das quais uma que se esconde, canta, melhor do que diz, as silabas *Cucu!* a imitação do cuco. As outras procuram-n'a até que a não acham e a criança escondida naturalmente se deixa apanhar por que não pode reprimir o rizo.

O italiano tem a mesma expressão e com identico sentido *fare cu cu!*

Não é desnecessario lembrar que o *cuco* é inimigo da luz, anda escondido e só pelo seu canto se revela onde pouza, nos corucheos das cazas e igrejas ou lugares altos.

Baldovini no *Dialogo di sdegno*:

Dalle tue man scappare  
M'è riuscito, e non c'incappo più  
*Cu-cu!*

*Cuquiada*, pois, é vozeria, rizadas altas, alarido e tumulto de vozes. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Gonsalves Viana nas suas *Apostilas* parece inclinar-se a um étimo europeu; em qualquer cazo, não aceita a orijem indiana que parece transparecer do texto das *Decadas* de J. de Barros.

### Caldo requentado

*Não sou caldo requentado*, diz a mulher a quem faz a corte individuo viuvo ou repellido por outra. E ainda ás vezes se ouve ajuntar-se: *Quem comeu a carne que rôa os ossos*. E assim se desfazem muitos cazamentos possiveis ou provaveis.

A metafora uzada era do direito antigo. As viuvas em tempos idos e barbaros não podiam casar de novo sem grandes dificuldades e dispendios e ás vezes não sem infamia; em qualquer cazo os cazamentos se diziam requentados *maritagia recalefacta* ou *matrimonium recalefactum*, e se faziam quazi a furto, sem testemunhas e á noite.

Muitas vezes até a viuva tinha que indenizar o noivo, e era o cazo de dizer, não sem ironia,

quem comeu a carne que **rôa os ossos**

sem embargo de que houve aqui um encontro fortuito de palavras, não é menos verdade que o marido recebia ou roia umas certas *ossas*, que eram a indenização. Em um foral do seculo XIII, citado por Viterbo, (voc. *Ossas*) e nas inquirições de Afonso III determina-se que as viuvas

*dant Ossas — quinque solidos — si accipiunt maritos*

Eram as *ossas* uma consolação aos maridos de viúvas nesses *cazamentos requentados*.

Na gíria popular, pouco decoroza, chama-se a este aproveitamento de coizas alheias ou já servidas

*Comer pão com banha.*

A expressão que é popular, já estava registrada pelo Dr. João de Barros no seu *Espelho de cazados*, quando escreve a respeito de certos desmandos conjugais por parte das mulheres e a que dão cauza os proprios maridos

porque ha alguns que *como dizem* folgam de *comer o pão untado* e quando nam teem dinheiro folgam que lho dê sua molher.

fol. 43-v.

Costumes e preconceitos barbaros a respeito das viúvas já felizmente se dissiparam.<sup>1</sup>

### **Mateus, primeiro os teus**

Provavelmente não foi a rima que indicou o anexim.

<sup>1</sup> Ainda no seculo, xvii Diogo de Payva no *Cazamento perfeito*, dando curioza e erudita noticia (ed. de 1630-pj. 122) de quanto vituperavam os antigos gentios os segundos cazamentos, sem os condenar, diz que podem ser impedimento para a perfeição conjugal.

Um proverbio industanico diz que o «segundo cazamento é um remendo em vestido de seda» C. Tagliabue — *Proverbi industani* (IV das *Publ. scient. del R. Istit. Orient. de Napoles*) a pj. 52.



Havia a forma antiga — *ave de teu*. Diziam que das aves a melhor era a perdiz, e outros que a *ave de teu* (tem do teu, junta a tua fazenda; *ave* = *habe*, lat.).

A forma verbal *ave* era de uzo: *ave* dó de mim; *ave* mercê.

Por isso é que reza a carta de Parasito na *Uli-  
zipo*, act. II cena VII:

«Estamos em tão mau mundo e ha tão pouca  
prestança que se vos não fazeis forte no cas-  
telo de *Ave de teu* os inimigos são mamelucos  
e muitos, e vêm com grande sêde do suor  
alheio...

São Mateus, o evangelista, manda que se en-  
tregue ao proximo toda a fazenda *domum, uxorem,  
agros* (XIX, 29) mas nenhum Mateus é obrigado a  
ser santo como aquelle. Em — *Mateus, primeiro os  
teus* — ha ocazião de rima e tambem de ironia e  
impiedade

Nunca mais ei de fiar  
Em fidalgo d'esta sorte  
Em que o mande São Mateus.

Gil Vicente — *Obras* III, 220.

O evangelista é o primeiro nos livros sagrados,  
e disse todavia no mesmo lugar que os ultimos se-  
riam os primeiros. Sejamos os ultimos a sua moda.

Comtudo, a historia comparativa e etimolojica  
do proverbio prova que *Mateus* na locução é ape-

nas uma criação popular moldada sobre o vocabulo *medês* (metipsissimus) do ant. *medesmo*, *meesmo*, *mesmo*. O anexim devia ter outra coordenação como, v. g.: *começar por si medês a caridade*. Os catalães teem o mesmo proverbio com esta ultima forma:

La caritat ben ordenada,  
comenza *per si mateix*.

isto é, *por si mesmo*, por quem a faz.

Outra circumstancia foi talvez decisiva na formação desta sentença egoistica, segundo uma opinião muito antiga nos começos de sua vida foi S. Mateus usurario, do que se emendou abraçando a relijião nova; a este fato refere-se *Dom Duarte* no *Leal Conselheiro* falando dos arrependidos:

San Mateu que era õzanero...

pj. 133.

Consequentemente, *Mateus, primeiro os teus*.

### Sancho e Sancha

O proverbio — **Ao bom calar chamam Sancho** — provém do sentido antiquado do nome *Sancho*, derivado regularmente de *Santo* (*sancho* de *sanctus*) e por isso ha a variante: — *ao bom calar chamam santo*.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Os castelhanos tem o mesmo proverbio — *Al buen callar llaman Santo (ó Sancho)* que se tem explicado por muitos modos. Os

Passando a assunto algo diferente, ha uma **Dona Sancha** das cantigas infantis:

Senhora *Dona Sancha*  
 Coberta de ouro e prata  
 Descubra o *seu véu*  
 Que quero vêr a cara

E' uma ronda infantil em que varias crianças cantam esses versos e bailam entorno de outra que está de olhos vendados.

Aqui, a meu vêr, ha uma alusão a *Dona Sancha*, celebrada como santa relijiosa, fundadora do mosteiro de Santos o velho. Encontra-se a sua famoza lenda na *Descrição de Portugal* de Duarte Nunes do Lião (paj. 193 da ed. de 1785):

« Outro tal (milagre) se conta d'esta santa que, pedindo-lhe uma molher pobre esmola, e

---

que vêm em *Sancho* um individuo historico devaneiam muito sem identifiçal-o com clareza. Creem que se trata de *Sancho II* « Al partir Fernando sus estados en 1067 (lê-se em *Sbarbi VI*, 187) maldijo desde el lecho de muerte al que se atreviesse á despojar de la Ciudad de Zamora á su hija Doña Urraca ». *Sancho II* guardou silencio e não respeitou essa determinação. O romance do *Cid* diz a proposito:

Quien te la quitare, fija,  
 La mi maldicion le caiga.  
 — Amen, amen, dizem todos,  
 Si no es *Don Sancho* que calla

Neste cazo *Sancho* não é um santo, mas um velhaco e o proverbio é, como ás vezes acontece, uma advertencia imoral.

não tendo que lhe dar, tirou uma *beatilha* que sobre o toucado trazia em lugar de *véu*, ( como estas relijiosas costumavam ) e a deu áquella pobre ; e entrando para dentro miraculozamente viu em sua cabeça *outro véu* muito diferente do que havia dado que mais mostrava ser coisa celeste que da terra ».

Esta é a lenda de *Dona Sancha* e do seu *véu* admiravel, a que alude a *ronda* infantil.

#### Consonancia ou Rima (oz e uz.)

Pode ser a rima ou consonancia o germen de alteração das frases e anexins. Por todas as pajinas deste livro se antolham exemplos que se não podem lançar a conta de fortuitos ou cazuais.

Às vezes, uma fraze é substituida por outra, totalmente ; mas ficam, como centros de gravidade que se não deslocam, as rimas. São as pedras de alicerce a novas reconstruções.

Prezumo que está nesse caso a consonancia — *ós* e — *ús* quando ha a intenção de indicar depreciativamente individuos de importancia que se não podem nomear. Na *Arte de Furtar* encontramos os ficticios senhores

*Albornoz e Cutrapuz*

que figuram no trecho que vamos transcrever :

O clérigo quer viver á lei do leigo, e o leigo quer ordens sem cabeça que lh'as ponham;... e todos para sairem com a sua entram com monsieur Auditor e com Monsieur *Albornoz*<sup>1</sup> e com Monsieur *Catrapuz*.

E' evidente a sugestão de *albornoz*, *alcatruz* (que faz subir) e *catrapuz* (que é queda); mas o povo quando quer indicar um desconhecido muito illustre ou fidalgo diz com *oz* e *us* (uça)

*Fulano dos anzões Carapuça.*

Este não será o mesmo *Albornoz Catrapuz* de ha pouco? Alem das terceiras pessoas conhecidas da gramatica, existem outras no linguajar do povo as quais mereceriam o nome de *quartas* e *quintas* pessoas pelo sentido de distancia sempre crescente que envolvem: *Fulano*, *Sicrano* e *Beltrano*, alguns dos nomes, dos romances de cavalaria (e *Bertran* é já um delles) foram utilizados, como pessoas indefinidas: *Baldrino* ou *Valdevinos*, *Sacripante*; na baixa giria ha o *Fulustreco de Abreu* onde o primeiro elemento é provavelmente tomado ao de *Fulano* e a terminação faz lembrar a da pessoa indefinida na geringonça castelhana (— *tereco* — *perendenga* e pe-

---

<sup>1</sup> *Abornoz* foi nome historico notavel. Era *Albornoz* o celebre *Gil Alvarez*, Arcebispo de Toledo. O autor uzou do nome como se fora ficticio para indicar pessoa importante.

*rendeca*, mulher qualquer, errada). <sup>1</sup> Outra variante é *Culambas de Abreu* registrada nas *Infermidades da lingua*, 111.

Foi também provavelmente do esdruxulo e da rima que de *sæcula sæculorum* se tirou o plebeismo

*oculus ruorum*  
(no olho da rua)

Este plebeismo já se encontra registrado, como outros, sem explicação, nas *Infermidades da lingua*, 141.

Ha palavras como *Albornoz*, acima declarada, que embora tenham sentido historico ou real, são todavia empregadas como mero *flatus vocis* para indicar couzas ficticias e sem realidade.

Um destes cazos muito interessante é o do vocabulo fantastico :

---

<sup>1</sup> Em lugar de *fulustreco* registram as *Infermidades da lingua* o nome *fistrecula*, ignoro se com a mesma applicação.

Entre as pessoas indefinidas havia que apontar um *quidam* e o interessante *o cujo* (que é o marido ou o amante = o de quem, o della) e *a cuja*. Na *Eufrozina*: « Esta moça tem *cujo* » 1, 6. Está também em Moraes este exemplo.

**Esgueva!**

que Dom João II lançou num despacho que queria dezentendido ou nulo <sup>1</sup> *Esgueva* é um lugarejo de Espanha. <sup>2</sup>

---

1 Ha tambem palavras ficticias perfeitamente intelligiveis, quando se moldam em tipos uzuais, como as do poeta dos *Anonimos* :

Era amante a rapariga,  
Eu queria ao seu *socrocio*,  
Fazer sete mil carinhos,  
E quinze mil *reconcomios*.

*Progressos acad.* (1718) — pj. 263.

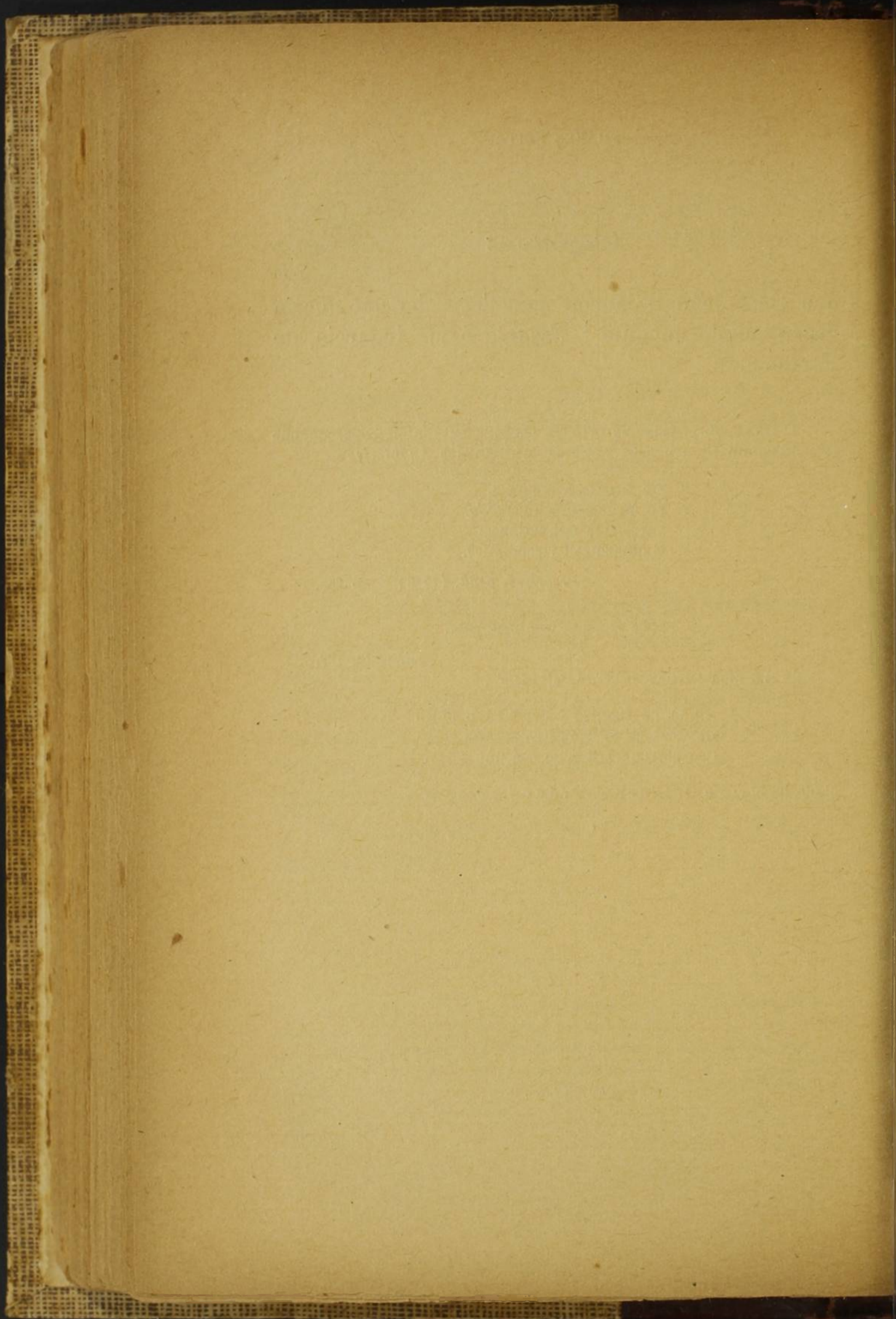
Nem aquenta nem *arrefenta*.

*Infermid.* 139.

2 Em uma letrilha da *Vida del Picaro*.

Ninfas de *Esgueva* y del famoso Potro  
De Cordoba la llana que gradúa  
Con borla picaril y no con otro

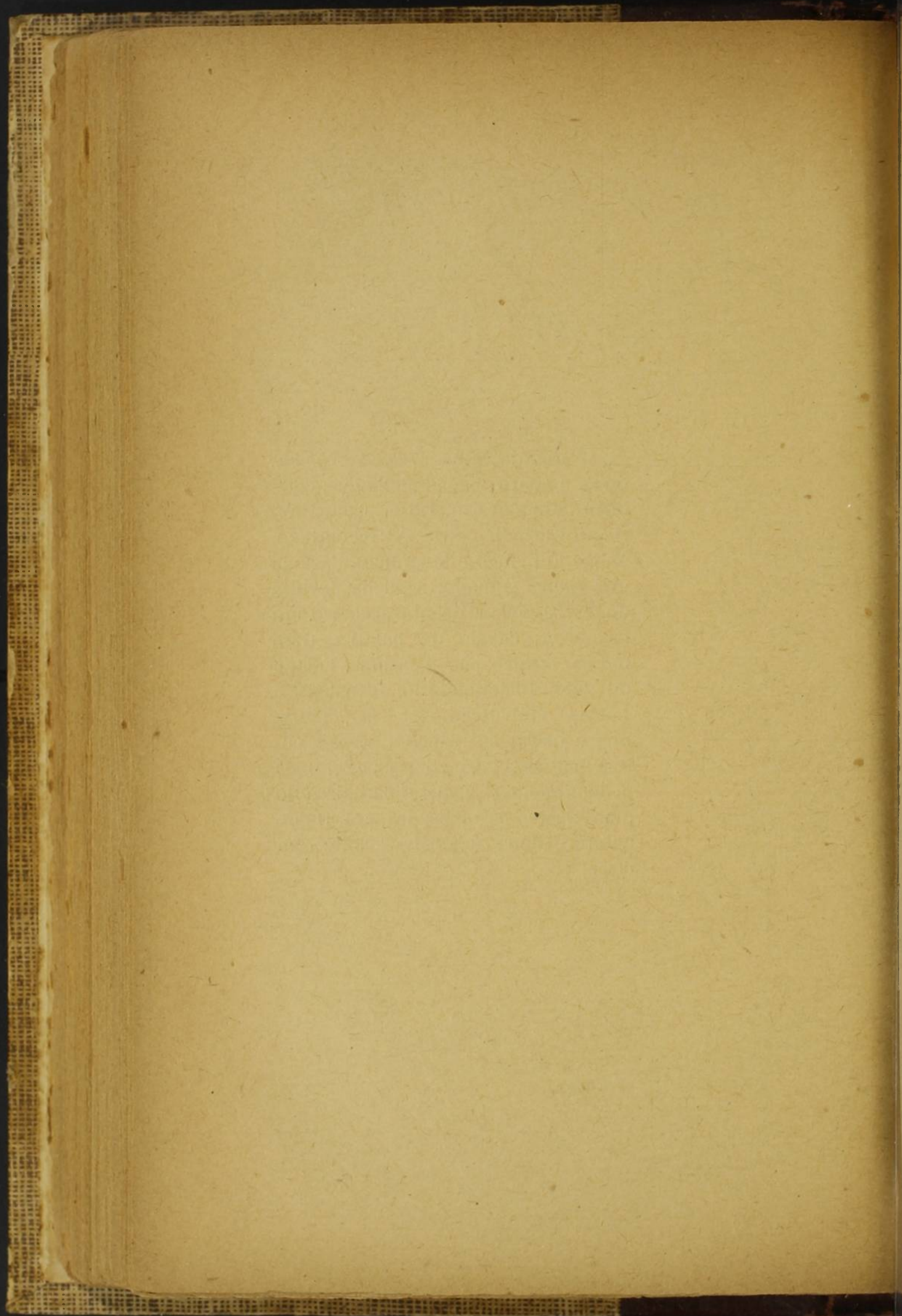
citado na obra de Cejador y Frauca.





## VI

O arco da velha. *Cosas de España*: bolsa e couro; papas na lingua; cada terra com seu uzo. Tarde piaste! *Noruega*. A arte de cetría: XPTO cartaxo. Tango lo mango e tangomau. Caza da mãi Joana. Aguado. Aqui ha caveira de burro. Fazer de um argueiro um cavaleiro; cavalo de batalha. Gato morto. Branco não é farinha. Folego de gato. Distampatorio de asneiras. Letras simpaticas — *p'* — *m'* — patranha e maranha. A lingua do *pê* e outras linguas e geringonças; exemplos e documentos; vagas e carneiros do mar. Custar os olhos da cara. Dente cueiro. Olhos *injectados*. Noite em claro.



## O arco da velha

Não parece que deva subentender-se em *Arco da velha* a *velha lei*, isto é, a que chamavam outr'ora a *lei cansada*, a *lei Mozaica*.

Queria-o assim Bluteau e a sugestão é enjehoza. A verdade é que tanto se diz *Arco da velha* como a *velha do arco* (vieja de l'arco) e desde muito se apegou a expressão bem ou mal á historia de uma *velha* feiticeira na linguaagem e no *folk lore* peninsular.

Em portuguez temos a *velha do arco* entre as suas tradições populares e é sempre a *velha* que...

deu uma mijada  
que encheu rios e riachos  
e a lagoa da Figueira.

S. Romero — *Cant. pop.*

e em Portugal

Arco da velha,  
Não bebas ahi  
Que mijou a velha.

L. Vasconcelos — *Trad. pop.*

Mas o que nos encaminha á explicação mais satisfatoria é que ha inumeras assonancias e locuções *simpaticas*, por assim dizer, que, sem embargo de pequices foneticas, muitas vezes concorrem para a formação de expressões novas. E são, ao que posso agora descobrir, as seguintes :

a) Existia já *arca de Noé* e até já aplicada ao céo, a certas estrelas, a *Ursa maior*, no Minho. De *arca de Noé*, se podia por opposição da palavra *Noé* (nao, nôa, nouo, novel, novela) tirar-se a *arca da Nova* ou *arco da Nova*. E foi o que de fato se deu. Nas *Tradições populares de Portugal*, pj. 60, leio :

*Arco da Nova*  
*Arco da Velha*

b) Ha varias expressões cuja assonancia devia ser frequente : *arco de vihuela* e *vihuela de arco* (nas *Andanças de Pedro Tafur*) e ainda em portuguez *arco de viola* e *viola d'arco* (que era o nome mais vulgar da rabeca).

Outra assonancia era a da *veia ou vêa d'arca* e dos antigos fizicos, e era proxima a que passava no craneo. Della fala Antonio Prestes no auto da *Ave Maria*, quando diz um personajem contemplando uma caveira, *Autos*, pj. 58 :

Olhai bem que eis vai aqui  
A *vêa d'arca* direito.

c) As mais importantes de todas as assonancias que se apossimam da locução portugueza são as designações de *arco de beer* ou *de beber* (e a crença geral é que o *arco iris* bebe em um ponto as aguas que vai despejar em outro) que se encontram em varios dialetos romanicos como o mostrou Sainéan Lazare com subtil enjenho: *arcobevondo*, *arcobuan* (ladino) *arcumbé* (veneziano) *corcubéu* (rumão) o que todos querem dizer *arco que bebe*, como o dizia Plauto:

Cras pluit, *arcus bibit*

E' este *arco da bere* que poderia gerar ainda que com algum descaminho o *arco da velha*.

Comtudo, para mim o verdadeiro étimo está em outra ordem de idéas.

A idéa de *velha* reunida a *arco* provém da corcova ou corcunda que é propria tanto do *arco* como da *velha*. Indicam-n'o suficientemente as formas citadas, *corcobéu* e *corcór* que contem os radicais de *curvus* e *concurveus*, a propria forma veneziana *arcumbé* que tem o sentido de «velho, corcovado», e ainda o dizer comum de *arqueiada* para a pessoa que envelhece.

Esta analogia tenho para mim que é a fonte mais segura; os fabularios e Izopetes medievais contaram a historia do *arco da velhice*, isto é, da corcova valetudinaria e senil, ocasião de motejo para os rapazes.

Dou em seguida a transcrição de Francesco Pera.<sup>1</sup>

La gioventú vedendo la vecchieza curva ed indebolita, le domandò per ischerzo se voleva vender un *arco*. Ma la vecchiezza rispose :

Non voler gittare, o gioventù, questi tuoi danari per cotal compra, perchè come sarai in decrepitezza, tu avrai quest' *arco* come me.

Admitida essa orijem do *arco da velhice* da fábula, não só se explicam as formas romanicas, *arcumbé*, *corcubéu* e *arco da velha*, mais ainda se esclarecem os varios sentidos das lendas e tradições que se referem áquele meteoro.

Os velhos sabem naturalmente por experiencia, prever e anunciar as chuvas e, não só por isto, mas por seus humores mais sensiveis ao meio atmosferico e ainda pela necessidade e prudencia nelles muito maior de se resguardarem. E ainda melhor as *velhas*, por mais debeis e fracas, e não calarem os seus prenuncios. E' tão verdade o que aí está escrito, que alguns proverbios atestam que aquella previdencia e resguardo por parte das velhas não passou despercebida ao povo. Os castelhanos dizem :

Arreboles en Castilla, viejas á la cocina.

Arreboles en Portugal, viejas á solejar (no terreiro).

---

<sup>1</sup> Incluída como exercicio pratico na sua *Gramat.* 6.<sup>a</sup> ed. pj. 42.

### Cosas de España

**Bolsa sem dinheiro chama-lhe couro**; este proverbio rejistrado no Adajiaro de Roland (pj. 42) foi tomado e mal ao espanhol onde tem as suas formas mais esteticas: «*quien no tiene dinero venda la bolsa y el esquero*» (Hern. Nuñes) e *Bolsa sin dinero digo que es-cuero* (es *escuero*) isto é, não passa de *bolsa* por que o *isqueiro* é a bolsa onde se traz a isca e a pederneira para fazer fogo.

Outro castelhanismo evidente é o que transparece do ditado

*Não tem papas na lingua*

*Papas?* é incompreensivel. A forma orijinaria deve ser a castelhana: «*No tiene pepitas en la lengua*», daí é que se tomou *papitas* e *papas*. No castelhano, porem, *pepita* é a pevide das galinhas e só assim a fraze se torna comprehensivel: — não ter *pevides* na lingua — e não *papitas* ou *papas* na lingua.

Em outros proverbios a orijem castelhana denuncia-se por qualquer defeito de forma:

*Mais matou a ceia que Avicena*

está rejistrado nos adajiaros de Delicado, de Roland e outros; ao primeiro exame verifica-se que

é tradução com a falha da rima do — *mas matò la cena que Avicena.* <sup>1</sup>

O adajiaro portuguez do seculo XVIII de Roland, que é o mais completo, só regista duas formas do proverbio :

*Cada terra com seu uso*

e — cada terra com seu *costume* — o que vem a ser a mesma coiza.

O acrescimo *cada roca com seu fuzo* é já uma ampliação que rezultou não da necessidade da rima, mas da de refazer a graça e o equivoco que tinha a refran castelhano que julgamos primitivo e no qual *uso* e a forma *huso* (fuzo) apenas levemente se distinguem :

**cada tierra con su uso**

*uso ó huso*

E este não é o unico exemplo; tambem dizem : « al mal *uso* quebrarle la pierna » ou, por outro equivoco « al mal *huso* quebrarle la *guéca* ».

E aí está por que os *fuzos* simbolizam os *uzos*. <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> E já era muito antigo aforismo do *Proverbiorum commune*, onde se diz : *Plures interficit gula cena quam gladius.*

<sup>2</sup> É certo que no castelhano tambem existe a locução completa. Ambas foram registradas na antiga coleção de Gonzalo Corrêas.



### **Tarde piaste!**

A nobre *arte de cetría* deu grande numero de expressões que, como ella, se tornaram obsoletas. Os *cetreiros* caíram no olvido e ridiculo mais cedo que os cavaleiros andantes. Nem lhes faltou uma especie de Cervantes no chistozo Evanjelista <sup>1</sup>.

De todas as aves de rapina a de mais concien-  
cia é o milhano que não caça caça viva. Só por ex-  
cepção o milhano apréza os pintainhos.

Por uma burla que data do seculo XV e está em Evanjelista, explica-se que o milhano faz ato de fina caridade e só para aquecer no papo os de-  
beis e friorentos bichinhos é que os engole. Mas uma vez no papo, comidos estão, e embora piem...  
*tarde piastes!*

Outra historia antiga ainda tem mais chiste. Não um milhano, mas um galego ou biscainho de uma ocasião comia ovos passados por agua; ao en-  
gular um dos ovos que não estava fresco, já na gar-  
ganta piou um pinto. O biscainho fleugmatico ata-  
lhrou:

### **Tarde piache!**

E fez caridade igual á do milhano. Não pode-  
mos dizer se esta foi a orijem, mas parece plauzi-

---

<sup>1</sup> Evanjelista, castelhano, do seculo XV escreveu o *Libro de cetreria* que é uma alegre burla lançada á antiga arte da Caça. Foi reeditado por Paz y Melia.

vel, porque um e outro conto são muito antigos e devem estar proximos da verdadeira fonte. <sup>1</sup>

Outro ditado que aparece nos antigos poetas comicos e que hoje se nos afigura ininteligivel é o epiteto dado aos sabidorios e aos sujeitos arteiros.

### Noruega!

Comprovam-no os seguintes exemplos de A. Prestes:

— Sou muito soturno.

— És?

— Sou *Noruega*

Do dia não se me pega

Mais que tres horas.

*Obras*, 15 (e 255).

Esta queymação de sangue

He hũa nóva Noroega

G. Escobar — *Crystaes*, 104.

*Noruéga* era uma das especies de açores destinadas a caça de altaneria e que chegavam trazidas nas náus de Alemanha, conforme nos conta na sua *Arte da Caça* (68, da ed. moderna) o mestre Diogo Ferreira. Aqui, porem, ha propozitado equivoco

---

<sup>1</sup> O segundo está em Rosale e o primeiro em Evangelista.

com o termo *Noroega* por « vento do norte » ou antes « noroeste » e a palavra equivale, quanto ao sentido, a *gavião* e *vento*, do mesmo lance.

No auto de *Rodrigo e Mendo* por Jorje Pinto<sup>1</sup> temos outra referencia :

A lua faz mil mudanças  
Onde o vento é *Noruega*.

Os nomes dos ventos foram sempre utilizados em epitetos semelhantes; *sueste*, v. g. em Gil Vicente na *Farça dos fizicos*:<sup>2</sup>

De fisico sam eu mestre  
Mais que de surlugião ;  
Em que me chamam *sudeste*.  
Chamam-me *vento assomado*...

III, 308.

Alguns rifões foram ainda tomados da *arte de cetria* e que vão sendo esquecidos, ainda na literatura. Diogo Ferreira cita o proverbio rustico referente ao infimo e ralé de todos os falcões, o *cartaxo* :

1 Está na 1.<sup>a</sup> edição dos *Autos* de Camões, e é portanto rarissimo. Faço a citação por uma copia manuscrita que devo á gentileza dos editores A. M. Teixeira & C.<sup>ta</sup> de Lisboa.

2 Tanto na ed. de Hamburgo como na de Lisboa, convem restituir o metro acrescido pela expressão *ouvil-o?* que não pode ser do primeiro verso citado, e por isso a suprimi.

Cartaxo de bom cuidado tem seus filhos pelo  
entruído

que é a estação dos vermes que os borrachos do  
cartaxo apetezem. Como o *cartaxo* é a menos con-  
siderada das aves de rapina, também é a palavra  
indício de coiza infima e na gíria popular a *XPTO*  
*London* opõe-se *XPTO Cartaxo*. Pode ilustrar este  
cazo a seguinte anedota contada por mestre Diogo  
na sua *Arte* II, 132, a propósito de haver um cava-  
leiro cazado a filha com um soldado:

— Bem sei que me deixa de ver por casar  
minha filha com um soldado; não me culpeis  
que fiz como faz o gavião (... *quando não acha*  
*pelo dia perdiz ou pomba...*) a noite por não se  
deitar sem ceia toma um *cartaxo*; assim fiz eu,  
tomei o que achei.

Esta circunstancia talvez veio reforçar o ditado

*queimar o ultimo cartuxo*

que sendo ultimo também pode ser o *cartaxo* da fa-  
bula contada<sup>1</sup>; *XPTO cartaxo* foi registado nas  
*Infermidades da lingua*.<sup>2</sup>

1 Ha ainda da *Cétria* vocabulos que mereciam lembrados.  
*Trenar* (educar o falcão) e outros. Os gramaticos deviam registrar  
como fato curiozo da historia da lingua os nomes gerais que uza-  
vam para denotar os sexos das aves de rapina: chamavam *primas*  
a todas as femeas e *terços* a todos os machos, de falcões, açores,  
gerifaltes, etc.

2 Curiozo vocabulario de plebeismos por Manoel G. de Payva,  
*Lisboa*, 1759, a que constantemente nos referimos.

### Deu-lhe o tângulo mango

O *tango-lo-mango* sempre se supoz palavra africana que passou a Portugal e que no continente negro com a forma *tangomáo* designa o que resgatava e comprava escravos aos regulos de Africa para os revender aos traficantes da costa.

Na poezia popular o *tango mango* e *trango-mango*, é a desgraça e simboliza a morte:

Deu-lhe o *tango-mango* nellas  
Acabou-se a geração.

O *tango mango* arrebatava a preza, como o *pombeiro* dos dezertos africanos.

O vocabulo é antigo e figura nas *Ordenações*, na *Arte de Furtar* (gloss. da ed. Garnier) e em outros logares.

No *Cancioneiro geral* de Rezende (III, 155 ed. de Stuttgart) lê-se em uma trova de Nuno Pereira:

Aver-me-ey por *tengomengo*  
Se m'eu non guabo per myn.

Foi esta forma *tengomengo* e a mais vulgar *tangolomango* que me levaram a atinar, se em verdade atinei, com a orijem verdadeira.

*Tángano*, assim como *tango*, é palavra castelhana (e talvez portugueza) que designa um jogo especial que consiste conforme o define o lexicografo Monlau:

« en poner en el suelo un hueso ó canto con una ó mas moneda encima y en tirar con tejos para derribarlas, ganando el jugador que tiene mas cerca de ellas su tejo. »

As moedas encima do osso estão sempre muito firmes (e d'aí o *en taganillas*) e com qualquer movimento caem.

Provavelmente a expressão resulta como de um dos dialogos que são de regra no jogo: — *Tángano!* (como se dissera — *ponho*) e *Mango* (sim, quero).<sup>1</sup> Ha outros jogos com denominações duplas *Raspetire* (popular) *perde ganha* etc.<sup>2</sup>

Confirmam a conjectura as poezias populares em que figura o *tangolomango*. Em todas ellas se representam pessoas numerosas que são, como as moedas de jogo, sucessivamente abocanhadas, até não ficar nenhuma, pelo *tangolomango*.

O *tangolomango* é um molosso terrível, um deus ou um inimigo devorador, como o *tangomáo* da escravidão africana.

---

1 *Estar de manga, pegar di manga* — concordar. Em port. *de mangas* com alguém.

2 A forma *mangrar* que ás vezes ocorre na locução (*tango mangro*) significa corromper-se, morrer.

P. S. Também é possível considerar na locução do *Cancioneiro geral* as duas formas verbaes *tengo* (tenho) e *mengo* (falta-me; mingua). Ainda assim creio que se trata de jogo ou coiza que a tal pareça.

### Caza de Mãe Joana

Diz-se aqui (*Caza de Mãe Joana*) para evitar a expressão verdadeira e nua.

A *caza de Mãe Joana* é o lugar onde todos parecem ter o direito de mexer sem licença ou antes muito licenciosamente. « Isto aqui não é caza de *Mãe Joana*.

Esta pobre da *Mãe Joana* é o simples vocabulo arabe *damchan* que significa *garrafão*, e como verbo, *meter uma cousa em outra*: e é dedução perfeita porque os garrafões servem para que se lance nelles alguma coiza e sempre são por sua vez metidos em palhas ou jigos abertos e protetores. De *damchan* o hespanhol fez *damajuana*, e o francez *demijane* tambem a tem com o mesmo sentido de vaso grande de cristal ou garrafão. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Os jigos abertos e tambem os cestos e sacos de malha sempre serviram de depozito de coizas varias, como dá a entender um trovador:

Anda muito mais bolido  
Do que é saco de malha.

*Canc. geral*, III, 476.

\*

D'aí a expressão *caza de Mãe Joana*, formada por etimolojia popular.

### **Aguado**

Não são raros estes cazos de alteração popular das vozes arabes, e temos já estudado alguns exemplos. Acrescente-se o de *aguamento*, molestia de cavalos e bestas que em tais casos se dizem *aguadas*. Exceto a forma, nada tem de comum com a voz latina *agua* e *aguar*. E' o arabe *alquaxa* que Freytag define *ungulæ læsio*, ulceras nos cascos que impossibilitam a andadura dos animaes que então o povo diz estarem *aguados*.

### **Aqui ha caveira de burro**

Diz-se diante de qualquer difficuldade ou de mysterio que se não pode penetrar, como tambem se diz — *Aqui ha dente de coelho* — expressão que havemos de estudar em outra oportunidade e tem identico sentido e applicação.

Ao que supponho é muito antigo esse modismo, e foi tomado a alguma das anedotas medievais que correram e ainda correm em toda a Europa.

A historia vem relatada nas *Facetiae* de Poggio



florentino, coleção de anedotas ainda hoje recontadas, com o titulo *De medico in visitatione infirmorum versuto*: um medico em companhia de um dicipulo vizitava os seus doentes e quando lobrigava no chão do quarto ossos, restos de frutas, etc., dizia misteriozamente: Já sei que vae peor porque com certeza comeu maçans. Com essas revelações excitava o espanto dos doentes e criava maior prestijio.

Mais tarde, o dicipulo julgando-se já experimentado em quejandos ardis, começou a exercer a medicina e notando que um seu doente peorava, sem que pudesse elle atinar com a molestia que era cazo difficil, por mais que correu os olhos pelo apozeno não achou coiza a mais que uns arreios e foi logo dizendo ao enfermo: V. M.<sup>cé</sup> com certeza comeu burro « existimans sellam decocti asini, velut os carnis reliquias videri. »

E' natural, pois que os que estiverem perplexos como aquelle doutor, logo exclamem: *Aqui ha caveira de burro.*

Tambem está rejistrado na *Giria brasileira*, pj. 18.

A transferencia de *sela* para *caveira* tambem tem o seu *quid* psicologico.

A palavra *caveira*, como no castelhano *calavera* tambem significa pedra e obstaculo na estrada e caminho. E' mais um tento que se lavra, se não é em pura perda.

### Fazer de um argueiro um cavaleiro

*Argueiro* é qualquer particula infima e levissima das que andam no ar ambiente. A orijem da palavra é obscura e, de uma feita, a insigne Carolina Michaëlis a comparou ao *acarus* d'onde pode em qualquer maneira derivar, e tenho que comprova essa conjectura a locução que se me deparou na *Aulegrafia* (17 v. da ed. de 1619) « não sofrer *argueiro* nas orelhas » onde equivale a *pulga* ou outro inseto minuscuro.

Assim será quanto ao sentido proprio da palavra.<sup>1</sup> Mas no rifão — *fazer de um argueiro um cavaleiro* — estou em que *argueiro* é a corrupção normal (c = g) de *arqueiro*, isto é, o besteiro, soldado que militava a pé e armado de *arco*.<sup>2</sup>

---

1 E' possivel que no sentido proprio haja relação entre *argueiro* e Argos, segundo sujere o conselho de um poeta citado na *Hora de Recreio* do P.<sup>o</sup> J. B. (aptista) de C (astro) II, 4 :

Quem caza não caze ás cegas,  
Mas seja sagaz e astuto,  
*Argos* em ver os *argueiros*,  
E nos lances lince agudo.

Tambem se diz *argueiro no ombro* (pulga na orelha), e no *Cancioneiro geral*, III, 223.

Pode ser maior marteiro  
Se no ombro cai *argueiro*  
Que não se<sup>ra</sup>ha de espenicar ?

2 Havia o *arqueiro*, armado de arco e *arqueiro* o que tinha a chave da arca ou a fabricava (*Divertimento de eruditos*, II, 313). Da primeira

« Fazer do *arqueiro* cavaleiro » é confundir o peão ou infante com o que anda a cavalo — confusão grande e pode ser que lastimavel.

*Arqueiro* transformando-se em *arqueiro* deu maior intensidade ao anexam.

A aspiração do pajem ou escudeiro foi pintada por Gil Vicente nos versos da *Farça do Juiz da Beira*:

Eu sam já acrecentado  
Escudeiro encavalgado  
Depois serei cavaleiro.

III, 172.

*Arqueiro*, *arqueiro*, deve ser uma posição social humilde para que se oponha a *cavaleiro*.<sup>1</sup>

Não será fora de proposito falar aqui do

#### *Cavalo de batalha*

que quer dizer o estribilho, a alegação mais forte quando se argumenta, ou aquillo que se repete por irrespondivel. Não se explica, como vi escrito, pela fabula do cavalo troiano, mas pelo costume que se

---

forma uzava-se tambem a variante franceza *archeiro*, o *ch* com valor de *x*, como no equivoco de Dom F. Manoel:

- Se vai com estado levará *archeiros*.
- No *ar-chei-ro* a fragancia dos seus ditos porque me sôam.

Feira dos An. 73.

<sup>1</sup> Tanto assim que existe a variante no castelhano « *Ayer baquero* (vaqueiro) y *hoy caballero* ». Registrado na indijesta coleção de J. Halle — *Altspanische Sprichwörter*, I n. 492.

vê dos romances de cavalaria. Os cavaleiros andantes e os paladinos tinham sempre reservado para a luta o *cavalo de batalha* que era lojicamente o mais fogo e forte.

*Gato morto* — **Branco não é farinha**

E' adajio antigo na sua expressão mais correcta já rejistada no livro de Delicado (Adajios portuguezes, ed. 1651 — pj. 132): — *Todo branco não é farinha* — Tambem o está na coleção rolandiana nos mesmos termos (pj. 104) e equivale ao anexim sem duvida mais literario — *Nem tudo o que reluz é ouro*. As nossas variantes são muitas e as mais comuns são: *Nem todos os dias são dias santos*: — *nem tudo o que é mole é mingáu* (*Giria brazil*. Bahia, 1869, pj. 138).

Na *Eufrosina*, que é uma comedia de proverbios, Jorje de Vasconcelos reúne os ditados:

Dizer e fazer não é para todo o homem, que nem é ouro tudo o que reluz, *nem farinha o que branqueia*.

I, cena II.

O anexim é a moralidade da antiga fabula do *gato* que já se vendo muito conhecido dos ratos e havendo estes fugido para o tecto, rezolveu rebol-

car-se em farinha e todo enfarinhado esperou a preza. Um dos mais sagazes dos ratos percebeu a treta e avizou os companheiros :

« Nem todo o branco é farinha ».

Uma variante espanhola por mais completa, autentica essa origem: *Ratones, arriba; que todo lo blanco no es harina*. São mais concizos os italianos: *Tutto il bianco non é farina*, (na — *Raccolta di proverbi* de G. Giusti, 114 e tambem: *netta farina* (Pico Luri, 310).

Foi tratada a fabula por Fedro (IV, 2) onde a doninha « involvit se farina et obscuro loco abiecit negligenter ». Alguma analogia terá com esta o modismo — lançar *poeira* nos olhos — pois no velho *Porcus Troianus* ocorrem juntos: — Tu non foste *netta farina*; accordasti seco a gettar *la polvere negli occhi* (pj. 17).

D'esta aluzão é que nasceu o outro ditado:

### fazer de gato morto

isto é, finjir que se alveja um ponto por simulação para tomar vingança e assaltar outro. O *gato morto* passou a designar o ponto simulado, ou o alvo encoberto.

Ainda a esta fabula se refere a intelligencia do seguinte passo de Antonio Ferreira na comedia de *Bristo*:

- Dissimulemos com o negocio.  
 — De que maneira?  
 — Eu t'o direi; *faze-te morto* e quando virmos bom tempo, *resurjirás para lhe dares a morte.*

Acto v, c. v.

A fabula do gato que se finjiu morto, em suas variantes, <sup>1</sup> ainda produziu outras derivações mais remotas da orijem. Como, por exemplo :

### **Tem folego de gato**

Ou o *gato tem sete folegos* : e por sua leveza não morre de queda.

Os italianos dizem : *E' si robusto che farà sette morti come le gatti*. Naturalmente, porque a morte real é difficil de distinguir das finjidas em que é uzeiro e vezeiro aquelle felino. <sup>2</sup>

### **Um distampatorio de asneiras!**

Um *distampatorio* de asneiras ou um *dispantorio* (como está rejistrado nas *Infermidades da lingua*, 116) foi uma variante sugerida pela outra locução mais literaria :

Que *dispauterio* !

<sup>1</sup> Existe quasi pelos mesmos termos a fabula do *gato morto*. Veja-se a versão que dá C. Tagliabue — *Prov. indust.* 176.

<sup>2</sup> No *Espelho de cazados*, fol. XIII, o filozofa e moralista Dr. João de Barros diz que a mulher « tem sete folegos ».

Esta é a primitiva. Não é inutil para muitos ilustrar neste ponto que *Dispauterio* — *Dispauterius* — foi um antigo gramatico que pelas suas regras obscuras e atrapalhadas se tornou obsolêto e ridiculo. A arte latina de *Dispauterio* era o terror dos estudiosos.

D'elle falou *Vieira* em um dos seus *Sermões*:

Conjugam por todos os modos o verbo *rapio*: por que furtam por *todos os modos* da arte, não falando em outros novos e exquezitos que não conheceu *Donato* nem *Dispauterio*.

III, n. 425

E tambem *Dom Francisco Manoel* nos *Apologos dialogais*:

Entre os portuguezes podeis com razão celebrar o vosso *Padre Manoel Alvarez*, mestre e autor da gramatica latina, em que foi tam subido que pela sua arte nova que se fez e compoz reformando as antigas de *Dispauterio* e outros caducos, se ensina hoje em Italia a gramatica.

As obras principais de *Dispauterio*, o gramatico flamengo, foram compendiadas por *R. Etienne*, nos seus *Commentarii grammatici* (Paris 1537) adotados nas universidades europeas.

Infelizmente para o gramatico, o seu nome estava muito vizinho de *disparate*.

Não fora o *Dispauterio*, não haveria o popular *destampatorio* nem talvez o *dique das asneiras*.<sup>1</sup>

**P' — m' —**

Em outro lugar d'este livro estudamos a opposição espontanea que se estabeleceu entre *t' — e — m' —* ou *b' —*.

Agora temos que examinar outra corrente de analogia fonetica e ao mesmo tempo psicologica que foi, por sucessivas afluencias, formando uma caudal nova e irrezistivel.

Em varias expressões e modismos encontramos esse paralelismo constante entre *p'* e *m'*.

As orijens são naturalmente obscuras ou subtilissimas; mas ha palavras prototipicas e fundamentais que podiam influir na formação psicologica da frazeologia.

*Pai e Mãi*  
*Pouco e muito*  
*Pé e mão.*

são modelos protohistoricos na formação da lingua e prezumo que criaram um habitualismo no progresso e caudal do vocabulario.

Não é pois de extranhar que encontremos por exemplo ao lado do primitivo *mamar* a forma *papar* que indicam ambas a alimentação infantil *mama* ou

---

<sup>1</sup> O *Dispauterio* entre nós é o famosissimo Dr. Lago das asneiras.



*papa*, sem embargo de qualquer influxo explicavel pela onomatopéa.

Palavras cuja etimolojia ainda hoje se ignoram talvez se expliquem por essa lei de imitação :

*patranha e maranha*

a forma *mare* (por *madre*) é antiga e está registrada no *Elucidario*. Patranhas e maranhas são (para mim) as historias e fabulas que contam os pais e as mãis para divertir ou conter as crianças. Os temas *patr* — e *mare* — transparecem em cada um dos vocabulos. <sup>1</sup>

Outro grupo inconho é

*Patáo e maráo*

de etimolojias duvidozas e sempre contraditadas como as antecedentes. Confrontem-se *babbaluco* e *mammaluco*, no estudo de S. Lazare — *Zeitschr.* 1907-III.

E' certo que nos modismos peninsulares ha uma labial *b'* — ou *m'* — que explica a obliteração do segundo elemento, como em *t' — m'* ou *t — b'*

---

<sup>1</sup> Conheço as etimolojias que aproximam *patranha*, e *patarata* e *patochada* de *pato* como tambem a de Diez sobre *maranha*. Não passam até agora de conjecturas. A mais aceitavel é a que tira de um radical *pat* ou *bat* (lizo, unido, uno) os derivados *pata* (*pé*) *pato* e *empatar*. Vejam-se no barbarus de Koerting, as palavras, *pat*, *patt*, *pataud*, *maraud* e as outras do romance latino, e no *Ensaio frazeologico* de Pina Manique os exemplos coligidos no voc. *maranha* (enigma, enredo).

### A lingua do pê e outras linguas.

Foram naturalmente as crianças sabidas que inventaram a *lingua do pê* para imbair as mais tolas. O mecanismo d'essa rizonha cabala consiste em articular em cada silaba da linguaagem comum outra silaba em *p* com uma vogal de rima com a antecedente:

Vopocêpê não pãõ sapabepe?  
Você não sabe?

Teria deixado vestijios na linguaagem comum?

Em toda a parte existem sistemas ficticios e linguas mais ou menos artificiais como o *caló*, a *je-ringonça* (jargon), as girias dos criminosos e ladrões, ou a lingua *furbesca* e a *jonadatica* como lhes chamam na Italia desde o seculo de seiscentos.

A *jonadatica* ou cousa que o valha, tambem a temos no estilo burlesco quando, conservando as palavras, mais ou menos completamente as mascaramos com um epiteto ou um suplemento arbitrario de vozes. São exemplos:

a) pelo acrescimo — *da Silva*. —

#### Pintadinho da Silva

Este *da Silva* parece dar ares de exatidão e precisão á idéa já por si intensa do deminutivo.

A assonancia — ss — parece dar-lhe valor de em-  
faze superlativa ou indicar uma qualidade ingênita  
(*de si*). E' curiozo aproximar d'este fato, o velho  
refran que menciona a *Eufrozina* de Vasconcelos:

Que mercê me pode Deus fazer com tal gente  
que *nem de Sylva bom bocado, nem do escasso bom  
dado*, dizem os antigos.

*Eufros.* fol. 24.

Entretanto, a orijem, ao que prezumo, da locu-  
ção está nas vozes de reclamo ou pregão das *varei-  
ras* ou *varinas* (ovarinas) que vendem sardinhas com  
o grito habitual: «*Vivinha da costa! ainda viva!*»

Como *Costa* é nome de pessoa, orijinaram-se as  
variantes: *vivinha da Costa* e *vivinha da Silva*.

*Costa* e *Silva* são apelidos comunissimos e pelo  
sentido, algo opostos.

b) pela soletração de alguma silaba:

**Boniteotó!**

Boni-t-o-tó!

Ou uma formula interjetiva, como

**A-q-u-i-qui, Menéles!**<sup>1</sup>

P-a pá, Santa Justa!

---

<sup>1</sup> Tambem aparece com a forma: *a-q-u-i-qui, Menéres* e talvez *Ma-  
néles* (Manel, Manoel?); não sei. A terminação faz lembrar a frase feita  
*aqui são ellas!* em que o pronome tem sentido vago como em outras lin-  
guas romanas («*non la sta cosi* = das ist nicht der Fall» —) veja-se G.  
Ebeling — *Probleme der romanischen Syntax*, 128.

c) pela metateze popular ou transposição de palavras e sons :

*Bolar as trócas*  
(trocar as bolas)

Ou como diz Serrão de Crasto em um dos seus romances na *Academia dos Singulares* :

Porque neste *toque em boque*  
*Trocais* de tal modo as *bolas*...

II, 364.

O cavaleiro de Oliveira diz *toques e remoques* (*Cartas*, I, 160); do mesmo geneze são *tarra maque*, *traque barraque* e parecem exprimir o movimento e a intenção do vocabulo *terremoto* que deve ser uma das fontes de simpatia por essas aliteraões.

Na *jonadatica* italiana diziam *distici concocente* por *discorsi concludente*. Nos antigos escritores a denominação do escorbuto ou outra doença tem as formas transpostas :

Mal de **Loanda**

e

Mal d'**Olanda**

e uma e outra vem de *landoa* e *lande* (ingua). E de *má-landoa* deriva o epíteto *malandro*.

Às ondas ou vagas do mar quando grandes e en-  
furecidas chamam

**vagalhões**

Ainda que *vagalhão* se possa tirar de um au-  
mentativo de *vaga*, em geral e comumente, só se  
apresenta no plural (— ões = ones) ao meu vêr é  
metateze de

*cavalones*

isto é, *cavalloni* que é assim que os italianos cha-  
mam as grandes vagas que chegam em fileira e or-  
dem (*cavalloni* — *big horses*, explica Trench no  
seu *Study of words*, 49). Confirma a etimolojia, alem  
do processo conhecido da aplicação de nomes de ani-  
mais a diferentes fenomenos, a paridade e analogia  
de outra palavra nossa — *carneiros* — para indicar  
as ondas coroadas de espuma.

O *mar encarneirado*, lembra pelo relevo nume-  
roso rebanho. <sup>1</sup>

d) As palavras deturpadas, torcidas e desfigu-  
radas são naturalmente inumeras; tal, por exem-  
plo, *mala-rabos* por *maus diabos*. (G. Vicente I,

1

Faz cada onda um jazigo  
Faz cada escuma um carneiro.

*Progr. dos anônimos* — 156.

156) e nas trovas populares da *Velha que tinha um cão* :

*Mala rabos te persigam  
Que eu não posso sossegar.*

### Custar os olhos da cara

A pena ou vingança costumeira só dos tempos e de povos barbaros de castigar arrancando os olhos aos prizioneiros de guerra, deixou este suavizado vestígio que ainda se encontra nos mais antigos documentos.

Na epopea medieval do *Cid*, está logo nos primeiros versos :

Non vos osariemos abrir nin coger por nada,  
Si non, *perderiemos* los averes é las casas  
E demais los *ojos de las caras*.

v. 45. 1

Na *Eufrozina* de J. de Vasconcelos (acto I, c. 2) diz Filtra :

« parece que em darem mais um ceutil, lá lhe  
vão os olhos da cara. »

fol. 24.

De modo elíptico disse o Chiado no *Auto das Regateiras* (nas *Obras*, 58) :

---

1 Citado na ed. de Sanchez; também na de Menendez Pidal, 2 (fol. 1 v.).

— Eu fei já baetilha  
 Que dei por seiscentos brancos  
 — E ainda agora valem *caras*

Por este trecho apanhamos a evolução de sentido de *cara* (rosto) para *cara* ou *caro* (de alto preço, por ser de estima).<sup>1</sup>

### Dente cueiro

O *dente cueiro* que já se vê escrito em uma só palavra — *dentiqueiro* — é o dente do *sizo*. O indecente adjetivo *cueiro* (pano *cueiro*) ainda se emprega na expressão — criança de *cueiros* e Diogo de Paiva disse até em sermão os «cueirinhos de N. S. Jesu Christo».

E' verdade que toda a gente diz *recuar* (reculer) que é o — andar de *cuadas* — nos classicos.

Na *Eufrozina* de Vasconcelos, fl. 48, v. diz Cariófilo:

Não creyo eu nesse Santo que vos sois já revelhusco. Nasceu-te já o dente *queiro*?

Mas o que é sem propozito é que haja dente *cueiro* e logo na boca.

1 Um muito parecido ditado — *querer como a menina dos olhos* — está nos antigos trovadores, e a propozito dos versos de D. Diniz:

porque vos sei amar  
 mui mais que os meus olhos...

põe H. Lang a nota: «Der vergleich ist sprichwörtlich; vgl. Terent. *Ad.* 702: *Ni magis te quam oculos nunc ego amo meos.*» Das Lieberbuch des Königs Denis, pj. 122.

Encontrei a explicação no arabe e no Avicena quando trata dos dentes do sizo, *dens pubertatis* que em arabico se denomina *alhelme* e assim tambem passou com este nome ao portuguez. Do radical *alh* vem *alhâsûs*, os tres ossos pequenos diz João de Souza, que estão no fim da cauda. O dente *cueiro* é pois o dente do rabo ou o rabo dos dentes, isto é, o ultimo que aparece e por isso é dente *cueiro*, como se dissera dente *rabal*. (!)

E como estamos a tratar de coizas que interessam a fizicos e anatomicos — de passagem digamos ainda que esta outra expressão hoje corriqueira

### olhos injectados

é muito moderna e provavelmente veio de França d'onde cai toda a chuva.

Em outro tempo diziam *olhos encarniçados* — tanto dos dos tigres como dos das gentes quando vermelhos ou com rajadas de sangue. Os exemplos não rareiam, basta citar os que regista o *Morais* lexicografo e ajuntar os do *Texouro de prudentes* (ed. 1612) onde se encontram tratados excelentes e mezinhas para *olho encarniçado*, *olho quebrado* e outras especies. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Da propriedade no castelhano da expressão — *olhos encarniçados* — escreveu Rufino J. Cuervo nas suas *Apuntaciones criticas* e depois d'elle M. L. Amunátegui Reyes nos *Anales de la Universidad* (de Chile) 1904.



### Noite em claro

*Passou a noite em claro* — Diz-se para significar que não dormiu ou esteve desperto toda a noite. E' expressão incompleta, e por isso ao primeiro lance, quando examinada, pouco inteligivel.

A frase inteira é — passou a noite *de claro em claro* ou *de claro a claro*, isto é, desde o sol poente ao sol nascente, de crepusculo a crepusculo, e assim encontramol-a no castelhano, no *D. Quixote*:

Se le pasavan las noches *de claro en claro*.

I, 1.

Tambem significa — de uma *luz* a outra, — quando se fala de corpos que são traspassados.<sup>1</sup>

---

1 Com este sentido deve entender-se o exemplo de Barros rejistrado em Morais :

saltou de *claro em claro* uma cerca.

Não é sem propozito fazer notar aqui, já que a palavra (em claro e *as claras*) o sujere, que a forma *as* nas locuções adverbiais — ás claras — foi talvez sugerida pela occurrencia de palavras em *s*: *as sabendas* (por-a sabendas) *as escuras* por-a *escuras* — e conseguintemente *as claras* por *a claras* ou *á clara*. E' nota que ofereço ao estudo dos gramaticos. E' certo que muitas d'estas locuções elipticas são do plural (*as* de V. Diogo, fazer *das suas*, aqui *são ellas*) como tambem o é o conhecido fato de terem apparencia de plural varias particulas nas linguas romanicas (*guères*, *entonces*, *entrementes* etc.); entretanto que da especie citada a principio ha varios exemplos com a simples preposição *a*: *a penas*, *a duras* (arcaismo) e outras.

NOTES

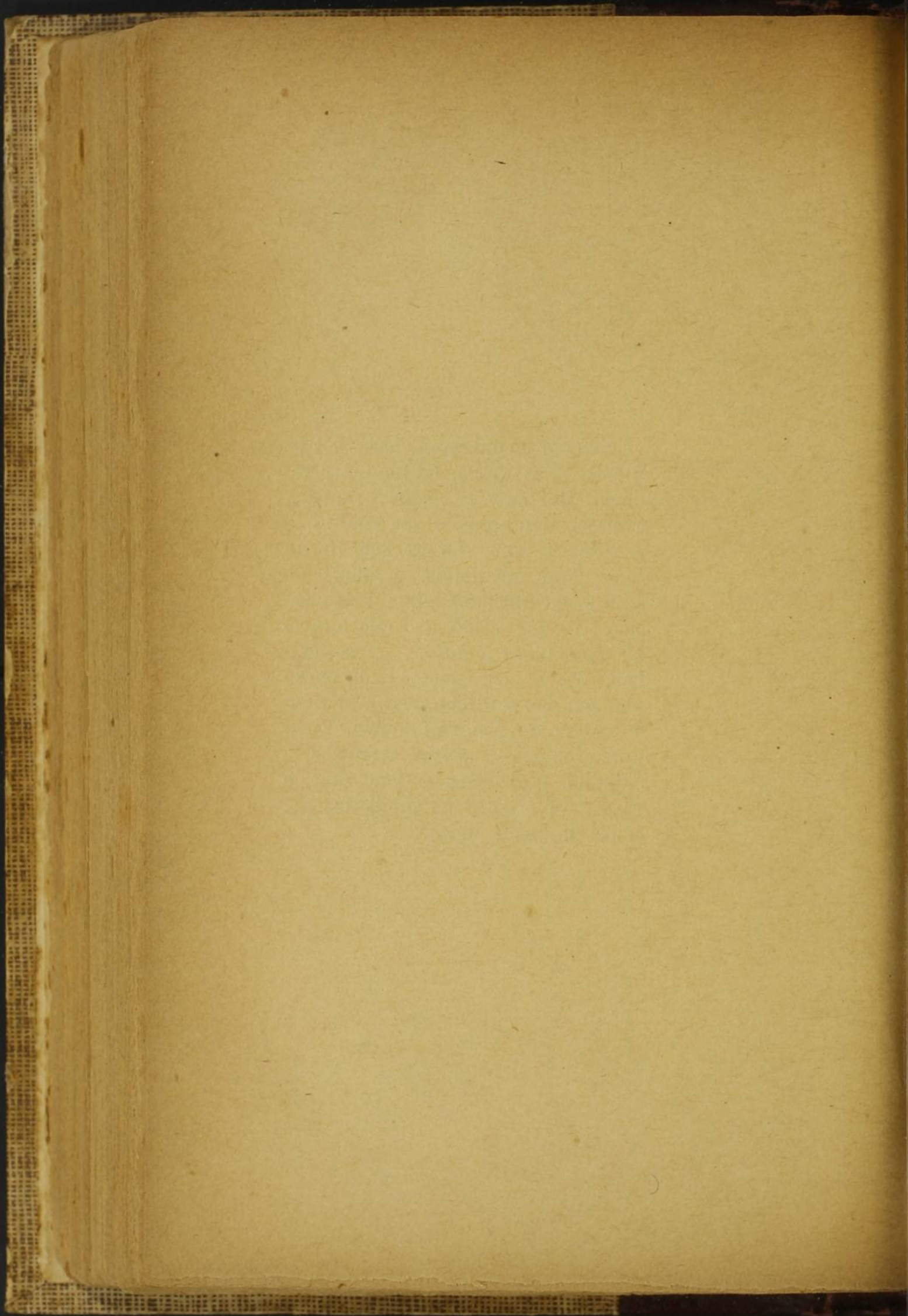
L'usage de l'écriture est un art qui se perfectionne par l'usage. Il faut donc s'exercer continuellement pour acquiescer à la perfection. L'écriture est un langage qui doit être clair et précis. Elle est le reflet de la pensée et doit l'être également. Il est important de noter que l'écriture est un langage qui se perfectionne par l'usage. Il faut donc s'exercer continuellement pour acquiescer à la perfection. L'écriture est un langage qui doit être clair et précis. Elle est le reflet de la pensée et doit l'être également.

CONCLUSION

En conclusion, l'écriture est un langage qui se perfectionne par l'usage. Il faut donc s'exercer continuellement pour acquiescer à la perfection. L'écriture est un langage qui doit être clair et précis. Elle est le reflet de la pensée et doit l'être également. Il est important de noter que l'écriture est un langage qui se perfectionne par l'usage. Il faut donc s'exercer continuellement pour acquiescer à la perfection. L'écriture est un langage qui doit être clair et précis. Elle est le reflet de la pensée et doit l'être également.

## VII

Não pôr pé em ramo verde. *Bóbilis*  
Nicolau. Pax vobis. Latim macarro-  
nico. Aqui está o *busilis*. Candeias  
avessas. Deu no côco; ou, aqui torce  
a porca o rabo. *Qui pro quó*. Ha de  
tudo como em botica. A aflição do  
aflito; proverbios da antiguidade clas-  
sica. A ufa. Frade da mão furada.  
*Me fecit*. Cazar a furto. A furta-lhe o  
fato. Dar o seu recado. Cada porco  
tem seu São Martinho. Fazer do quei-  
jo barca e do pão Bartolomeu. Fazer  
uma cruz e fazer cruces. Atrapalhar o  
capitulo. Enxovalhar. Uma tuta e  
meia. As frações na gramatica po-  
pular. Mulher e melão.



### Não pôr pé em ramo verde

Diz-se hoje — *não põe pé em ramo verde* — quando se fala de sujeito segurissimo e que leva as precauções ao extremo.

A precaução vulgar consiste em — *não pôr pé em ramo seco* — porque é claro que este pode quebrar-se e a queda seria inevitavel. E tanto era assim que escreveu Antonio Prestes no *Auto da Cioza*:

Vós ciais-me das estrelas  
Eu soffro-vos como péco;  
Pregais-me frestas, janelas  
Eu *nem pé em ramo seco*,  
E inda sois toda querelas...

*Em ramo verde*, é o cumulo da previdencia; e foi a de Duriano no *Auto de Filodemo* de Luiz de Camões quando disse:

— Pois não creio eu em São Pisco de pau, se hei de *pôr pé em ramo verde*, té lhe dar trezentos açoites.

*Filodemo*, II, cena. I.

Mas essa interpretação é já fundada em metáfora. No outro tempo, e que era o destes poetas — o *pôr pé em ramo verde* — havia especial sentido que era o de *sahir a rua*, o de *ir á taverna* (ou á rua) na qual o *ramo verde* fazia de taboleta e reclamo; e com esta intelligencia é que se compreendem melhor os textos citados.<sup>1</sup> Tinha pois razão o poeta do *Auto de Rodrigo e Mendo*

— Dizei, muzico cigarra,  
Quereis vender a guitarra?  
Dar-vos-ei pera ir ao *ramo*.

### Bobis nicolau

— A locução não tem forma definida: *vobis*, *bobis nicolau* ou *bóbilis nicolau* ou ainda como queria o dr. Castro Lopes nos seus *Anexins*: — *De bobus a nicolau*.

O Dr. Castro Lopes fiel a seu unico metodo que era o da invenção, imaginou a fraze latina — *nec obulus nec laus* (nem real e nem agradecimento) — que não existiu nunca; os romanos diziam *gratiae* (e não *laus*): *tibi gratias ago*, ou *tibi debeo*. *Laus* não é agradecimento, mas honra.

---

<sup>1</sup> As *barbearias* tambem punham o *ramo verde* pelo São João. Veja D. Francisco de Portugal — *Prizões e solturas de uma alma*, 19.

A expressão, em comum com o castelhano, é *bó-bilis* e assim a emprega Quevedo, no sentido de « boba y tontamente ». O Moraes regista o ditado com a forma *bobélhes*, mas o acento não pode ser na segunda sílaba; o sentido é o mesmo. Lança inteira luz, a meu ver, a passagem do Dom Quixote:

tome esse reyno que se le viene a las manos,  
de *vobis, vobis*.

I, 30.

quer dizer, de graça e sem maior diligencia da parte vossa, *para vós*. Se o povo ajuntou o Nicolau a esta boa fortuna de receber ou ganhar sem esforço isto foi por que *Nicolau* é entre nós um termo de jiria que significa *niquel*, moeda de belhão tão vulgar como os vintens de cobre.

Acresce que *nikel* ou *niquel* vale por pouco ou coiza nem-uma e era já tradição de negativa (*nihil*) na linguagem popular portugueza, como se vê do exemplo de A. Prestes no *Auto do Mouro encantado*; 360:

— Sois de Baião?

— *Niquel*.

isto é, *não, nada*. Na farça de cordél, o *Galego lorpa*, vê-se a mesma expressão:

— Quê? não tem dinheiro para pagar?

— *Nihil pro niquil*. Ai!

cena VIII.

No Brazil, a expressão de varios Evangelhos — **Pax vobis!** — passou a designar o pobre de espirito. « E' um *pais vobis* » diz-se do sujeito atoleimado, inutil e inofensivo. Parece que se tirou da paz que se deve a todos os homens: *Pax vobis!*

Assim era que os cristãos se saudavam: *Pax vobis!* á imitação do Cristo (venit Jesus, et stetit in medio et dixit eis: *Pax vobis!*); ainda perdura essa saudação na despedida: « vá em paz ».

No *Auto do Procurador* ocorre a locução:

Me não dão outro *pax vobis*  
Cada dia por viandas,  
Senão só santas demandas.

*Obras*, 129.

E' como se dissera: *não* me dão outro *bons dias*.

O modismo — *Livra!* — como para impor precaução e guarda contra qualquer individuo secante ou perigozo parece ser abreviadamente tomado do latinorio do exorcismo: *Libera (me, domine)!* ou *Libera (nos a malo)*, da oração dominical.

E são varias as deturpações do latim na linguaagem vulgar; é frequente encontrar na literatura a expressão *a par e passo*<sup>1</sup> que é o latim *pari passu*.

---

<sup>1</sup> Como em Carolina Michaëlis, na introdução aos *Iuziadas* da recente *Biblioteca romanica* (Strassburgo); em Alberto Pimentel, na edição do Chiado, e em outros muitos.



Na linguagem plebeia registrada na *Infermidade da lingua* (1759) — *léva isto de victor amigos* prezumo que se derivou de *inter amicos*.<sup>1</sup>

Tambem, pelo contrario, muitas frases se tem procurado explicar com locuções latinas arbitrariamente e sem criterio escolhidas.<sup>2</sup>

A respeito da locução popular

**aqui está o busilis**

Nas *Orações academicas* de Fr. Lucas de S. Catarina :

Fiquei muito satisfeito,  
Da carta sem advertir  
Que em quem a havia levar  
E' donde estava o *buzil*.

Oraç. 146.

1 Li algures (nos seus *Studien?*) em Carol. Michaëlis a locução *victus & amicus*, como tomada de Santo Agostinho.

2 Neste genero foi entre nós famoso o latinista Dr. Castro Lopes de uma geração que ainda hoje é representada por alguns sobreviventes, e de quem já temos falado em varios lugares. Escreveu o Dr. C. L. as *Orijens de Anexins*, pequeno volume de lerias e disparates. Sirvam de exemplos as etimolojias *De bobus a Nicolau* (*nec obulus, nec laus*); de **candeias avessas** (*cum deis adversis*). Da primeira tratamos ha pouco; a segunda, para a entender, basta notar que *candeia* era sinonimo de *vêla*. «Como se conta de Cosmo de Medicis que mandava guardar os cabos das *candeas* (Dr. J. de Barros — *Espelho de casados*, fol. 25 v.) E ainda dizemos: «candeias de sebo». Trazer *candeias avessas* valia queimar as mãos, o que escuzza a absurda frase latina. Lê-se na *Ropica*: «Que obra a candeia? Queima-se a si mesma» 43.

São quazi todos concordes quanto a anedota d'onde procede. Um estudante ao traduzir o talho de fraze *In diebus illis* tomando as partes, como era costume nas classes do latim, verteu: *Indiæ*, as Indias e *busillis*. . . : e ficou no *busillis*.

Qualquer que seja o texto latino, o certo é que as ultimas silabas *bus-illis* constituem a dificuldade: e fica o interprete na situação daquelle que acérta na cabeça (a primeira parte do texto), mas deixa a cauda *sempre difficil de esfolar*; ha outro anexin que define esta situação

Deu no *côco* que o rabo vae torto

*Côco* é a cabeça (*cocoruto*, *cocorote* etc. são derivados) e os castelhanos teem do anexin a variante:

Acertado le a Pedro a la *cogujada* que la *cola* lleva tuerta.

O tolo que na conversa séria diz um despropozito ou needade é como o que fitando a cabeça só acerta na cauda. Talvez d'aí venha o dizer

**aqui torce a porca o rabo**

a porca se *leva torto o rabo*, é que talvez lhe acertassem no focinho. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A este ditado popular — *aqui torce a porca o rabo* — se lhe tem dado interpretação indecente. O *rabo* do porco é torcido e mole e dele, como diz outro proverbio do adajiarario de Roland, « *não se*

O erro ou a dificuldade está sempre na cauda ou no fim. Por isso é que no *Auto do Procurador*, a menina traduz o *summa fastigia rerum*;

*Rerum* não sei mas fio  
Darem-lhe sumo fastio  
E no *gia* ser *burrerum*.

Obras, 151.

### Qui-pro-qué

Significa equivocação ou troca de uma coisa ou pessoa por outra muito diversa. A origem d'esta expressão já declarei em uma das anotações que ajuntei á *Arte de Furtar* (edição Garnier). O *Qui-pro-qué* era um livro dos boticarios ou farmaceuticos onde se enumeravam aos pares os simples de propriedades mais ou menos equivalentes e que podiam ser substituidos uns pelos outros em cazo de necessidade. Já se encontra e depara este uzo nos tratados de medicos dos seculos XII e XIII.

---

*faz bom virote*». No *Cancioneiro de Rezende* falando da primeira noite de um noivo revelhesco, diz um trovador escarninho:

Dom Joam depois que ceiou  
Potages, pastes de pote,  
Hum rabo de porca achou  
Que por muito que esfregou  
Não pôde fazer virote.

A fraze todavia não é correcta, e era, como deve ser, *quid pro quò*, o que a torna mais intelligivel. Encontramol-a nos Contos de Bonaventure des Periers (sec. xvi) quando diz — Nov. 1: « Ah mes filletes, ne vous y fiez pas; ilz vous tromperont; ilz vous feront lire un *Quid pro quo* ». A substituição dos medicamentos natural ou abuzivamente dejenerou em enganos e a fraze se tornou proverbial. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Por essa liberdade de substituições é que se tornou proverbial o ditado

#### Ha de tudo como em botica

porque na botica a chimica ou o *qui pro quò* a tudo satisfazem. E é o cazo de dizer como o poeta da Academia dos Anonimos de Lisboa, na sua ode burlesca aos boticarios

A chimica sciencia  
 Tirará d'esta roza a quint'essencia,  
 Coadá pelos diques,  
 Que Appolo larga pelos seus lambiques  
*Nostris Pharmacopolis*  
 A poderão vender por *Rosa solis*,  
 D'esta de Febo Academia rica  
 Onde *todo lo ai como en botica*.

*Progr. dos Anonimos, 286.*

Medicos, padres e doutores versavam uma só lingua scientifica que o povo esfarrapava nas frazes que deciam ao uzo comum.

Em varios lugares d'estes estudos encontramos vestijios de alterações tais.

O Concilio de Trento concedeu que se rezassem em romance as orações sempre rezadas deturpadamente em latim. O povo não conhecia o latim e, por isso, dava interpretações erroneas e adulterava comicamente o texto. Da epoca anterior ao Concilio ficaram

## A Ufa

É curioso notar quanto se esbofaram os etimologistas de outro tempo para achar o significado da expressão.

Minucci diz que outrora certos empregos que não eram pagos a respeito de outros se faziam dis-

---

sentenças, traduções ou corruptelas que figuram numerosas nos poetas comicos e na linguagem popular. Para exemplo :

### Não aumentar a aflicção ao aflicto

provem do texto mais exato: *Afflictis non est danda afflictio.*

No folk lore :

Domino vobisco  
Peixe com marisco

O modismo *porque cargas d'agua* que em outro lugar explicamos pode ser que fosse motivado pela assonancia — *per quam causam datam?* — que era uma das formulas de inquirição como se vê na variante de Gil Vicente no *Auto das Fadas* (III, 99):

— *Per quam regulam* diremos?  
— Porque mui certo sabemos.

Da mesma formula serve-se Antonio Prestes no *Auto do Procurador* :

*Por quam regulam* vos val  
Tomardes-me com meu mal

*Obras*, 128.

— As exclamações «num Credo» ou num «Santiamen» (Innomine... S. Sancti. Amen) *Ave Maria!* (formula de espanto) são todas latinas.

Nas *Infermidades da lingua* de M. Payva foram rejistradas varias :

tinguir com a nota *ex. off.* (ex-officio) e daí veio a *ufo* no italiano; mas Zeferino R e oppõe que no Pontificado de Leão os materiais e outras couzas destinadas á fabrica de S. Pedro que então se construia eram carreadas em veículos que traziam a letra A. U. F. (*ad usum fabricæ*) e conseguintemente a *ufo*, porque não haviam de ser poucas. E não é muito que errassem quando o grande Diez não acertou.

A expressão é gotica *ufjō* que quer dizer abundancia (cf. *oft, often*) e da mesma fonte são *ufano, ufanía* nas linguas romanas.

---

o *Tinebunt gentes* (pau ou cacête) o badameco (*vade mecum*) casa do *orate frates*, lova isto de *victor amigos*, já citados ha pouco, um *cuadóre*, etc.

O *cuadóre*, codorio ou pinga, tomado impiamente do latim da missa (*quod ore sumpsimus*) tem orijem semelhante á de *eau de vie* tomada aos Evangelhos :

Et qui vult accipiat  
aquam vitæ gratis.

Apoc. xxii, 17.

Destas expressões, as mais interessantes foram estudadas aqui ou ali, neste livro.

A estas formações que são genuinamente vernaculas haveria que ajuntar os vestijios de proverbios e ditados eruditos transmitidos pela litteratura ou pela educação greco-latina dos primeiros tempos da cultura moderna. Não está no nosso programa estudar essas locuções heleno-latinas que transparecem nos escritores e muitas dellas recentes e até recentissimas quanto ao aforamento e entrada no portuguez, graças ás *Floras* retoricas e aos degráos do Parnazo, e a outros jardins, hortos e pomares já mirrados e murchos. Taes são entre inumeras: *Amicus certus in re incerta cernitur* (de Ennio) — *Ubi uber, ibi tuber* — *Inter calicem et os multa cadunt* (vinha do grego; da mão a boca...) — *ab ovo*; e assim a *Cassandra*, o voto de *Minerva*, os *gansos* do Capitolio, etc.

### Frade da mão furada

O *frade da mão furada* é um mito popular, entidade fantástica e terrorizante que simbolisa o *pezadelo*.

Faz companhia aos seus congeneres, ao *korupira* no Brazil, aos *lobishomens*, *mulas sem cabeça* e aos inumeros trasgos que engharam a imajinação e o medo. Em alguns lugares aparece o frade demoniaco com

... a *mão furada*  
E a *unha revirada*<sup>1</sup>

Temos desse duende constantes referencias na literatura. Está em A. Prestes, e na *Fenix renacida* em um romance de Dom F. Manoel.

Nisto em fim passava o dia  
Vinha a noite, ia-me a cama,  
A esperar Apolo em trajés  
De *frade de mão furada*.

Em Sá de Miranda:

É verdade do *pezadello* que tem a *mão furada*?

*Vilhalpandos*, II, 6.

---

<sup>1</sup> Veja — *Tradições pop. de Portugal* de Leite de Vasconcelos, 287 sequ.

Em Simão Machado:

— Se é este o da mão *furada*?

— Vedel-o?

— Não vejo nada.

*Alfêa*, 136.

O modismo é talvez uma variante semantica da outra locução: *não fiar de frade* (que se entregou ao mundo).

Diz a sentença biblica que *apoiar-se em soccorro humano* é como o *firmar a mão no caniço e fica com ella furada*.

Mas não é dai que provem; o aleijão acompanha todos os trasgos; são todos disformes e monstruosos.

*Mão furada* é o mesmo que *mão quebrada* porque este era o velho sentido do adjectivo.

D'aqui dizem as moças solteiras quando mo-tejam dos cazados: que teem os *giolhos furados* porque por mais forte e robusto que um homem seja tanto que é cazado quebra toda sua condiçõ.

Dr. J. de Barros — *Espelho de casados*, fol. II, v.

— **Me fecit**

Sempre se diz do lugar para onde alguem se escapa com pressa e prazer: *Bahia me fecit*.



E' um dezabafo do fujitivo e foi sem duvida tomado de um texto biblico:

Ecce elongavi fugiens et mansi in solitudine: hic expectabo cum qui salvum *me fecit*.

Outra formula existia e provavelmente mais popular e foi sem duvida a que deu orijem á locução. Vemol-a na *Eufrozina*:

Com *Marcus me fecit*, na cinta para me pôr al *tablero de la muerte...*

fol. 14 v.

Aqui parece indicar a marca de fabricante de cutelaria.

Na literatura de cordel do seculo XVIII a expressão é sempre repetida. No *gracioso* entremez *O Doido feito por força*, diz o velho Pafunfo (cena I):

Era o que me faltava se algum d'estes Petimetres me xupavam o dote da minha querida pupila; miseraveis vintens! Em que elles seriam gastos? *Izidro me fecit*, lojas de bebidas, cazinhas de bilhar.

O *Izidro* devia ser uma destas « espeluncas do vicio ».<sup>1</sup>

---

1 Ainda indicando o lugar para onde — encontram-se dous exemplos nos *Progressos dos anônimos*. « Academia *me fecit*, diz a gente » (pj. 16) e outro exemplo, a pj. 26.

Outras vezes, parece menos figurado e mais literal o significado como na *Feira de Anexins* (pj. 39) de Dom Francisco Manoel:

— Irra! Não o digo eu? Pulha *me fecit*

Veja-se a nota do *Suplemento*.

### A furto e furtar

São muitas as expressões tomadas deste verbo sempre comum nos lugares em que não se fala em córda.

Em outro tempo dizia-se — *a furta-lhe o fato* — que era vestir o alheio com risco de o despir na praça.

«Tal era o primor d'aquelle tempo (diz Diogo do Couto) que não queriam aquelles capitães honras em prejuizo uns dos outros; o que hoje é bem ao contrario porque todos andam, como lá dizem, a *furta-lhe o fato*».

*Vida de D. Paulo*—VII.

Na sua celebre carta que havia de ser traduzida para o italiano o cavaleiro de Oliveira, escreveu:

O que eu quero, ainda que *a furta-lhe o fato* é que V. S. me perdòe...

*Cartas*. I, 161.

Outra expressão que já se não uza era o **cazamento a furto**, donde decenderam os hoje immaculadissimos Furtados. O *cazamento a furto* já estava nas leis e era, bem se entende, clandestino; delle falam os escritores antigos:

Fernando, esse teu damado,  
*Cazava comigo a furto*

Gil Vicente — *Obras*, II, 423.

Qué te hizo el casamiento?  
Es tormento  
Que se da por algum hurto?

*Ibid.* I, 39.

E diz que a não quer por nora  
E seu pai er assi  
Porque se *cazou furtada*.

*Ibid.* I, 125.

E em Antonio Prestes:

Que quando *cazados* são  
Peão com Peão  
*A furto* de padre ou madre...

*Obras*, 250.

No seculo XVII em Serrão de Crasto:

Einfim decretam *cazar-se*  
Entre ambos a dous *a furto*.

*Acad. dos Sing.* II, 89.

Nas comédias de J. Vasconcelos é sempre frequente: «Cazou-se *a furto* com a filha de um fidalgo». *Eufrozina*, fol. 209; «se me cazou a senhora *a furto* com o filho de Heitor» fol. 214.

#### — Dar o seu recado

O sentido desta locução alterou-se no correr do tempo. Nos antigos classicos *recado* é a conta, minucioza, ou os materiais para a execução; e *dar recado* era ministrar esse serviço ou responder por elle. «*Deu bem o seu recado*» queria dizer «contribuiu com a sua parte auxiliar». *Recados* para construção de um edificio, para o officio da missa, eram os materiais, pertences, e objectos empregados naquelles serviços.

Hoje *dar o seu recado* é de ordinario dizer qualquer cousa, levar uma informe, fazer um discurso de obrigação, etc., porque *recado* mandado, recomendação verbal ou escrita, são hoje sinonimos. O *recado* é uma carta mais breve ou de menos importancia e que, por isso, pode deixar de ser escrita.

#### — Cada porco tem seu São Martinho

O proverbio applica-se quando ha certeza de acontecimento que todavia pode estar lonje. Cada um terá o seu dia de boa ou má fortuna, tarde ou cedo.

Rides dos mal vestidos, e para *cada porco ha seu São Martinho*. Ninguem cuide que arrepica em salvo, que a desventura sempre espreita e vem não cuidada.

*Aulografia, 90.*

A explicação conhecida é que no dia de S. Martinho é costume e uzança matar um porco, e que portanto, fiquem os suínos de sobre aviso porque *cada porco tem seu São Martinho*.

Não acho que a explicação seja muito satisfatória, muito embora se matem porcos pelo S. Martinho. De muito maior rigor será mata-los pelo *Sant' André* porque tambem diz o rifão, registrado nos adajiaris portuguezes (col. Roland. 222):

Dia de Santo André quem não tem porco mata a mulher.

E é mesmo provavel que aos mizeros porcos ainda restem outros dias de sacrificio, que só espera a engórda variavel com os climas.

Sem contestar o costume dessa matança, creio que o sentido será de que São Martinho os fará melhores, e lá virá um dia que não sejam porcos. Porque, na lenda medieval de São Martinho, este santo sarava os doentes ainda contra a vontade delles. O que fazia com que os falsos mendigos com suas ricas chagas fujissem a todas as gambias do santo, por não perderem o emprego.

A lenda acha-se nos autos medievais, e em Ra-

belais. Em um dos antigos *Mysterios* da vida do santo dous miseraveis, um cego e um coxo, este ás costas daquelle dão ás de vila Diogo ao avistal-o:

Cours tost, cours tost sans arrester  
 — Je ne te puis plus soutenir.  
 — Tu as grand envie de guarir,  
 Je le voy trop bien maintenant  
 — Non ay, sire, par mon serment  
 Guarir ne voudroye jamais!

(reimpr. por *Sylvestre*, 1841).

Demais, nos rifões populares o *porco* e *porco sujo* é o diabo que la terá razões para fugir de S. Martinho que afujenta o porco e sara *alporcas*.

— **Fazer do queijo barca e do pão  
 Bartolomeu**

Outros dizem — *Não fazer do queijo*, etc.

O proverbio está rejistrado nos adajarios mais antigos de Delicado (1651, pj. 132) e da coleção rolandiana (1780) e provavelmente por imitação ou copia em obras mais modernas.

Não é mais uzado porque se tornou obscuro. Para perfeita intelligencia do rifão é de mister lembrar que São Bartolomeu, martir, foi esfolado pelos perseguidores do cristianismo.

*Fazer do queijo barca* é comer-lhe o miolo; e ao

contrario, *fazer do pão Bartolomeu* é tirar-lhe a pele ou codea. Insinua-se pois que no pão o melhor é a codea e no queijo, ao contrario, é o miolo.

Não é inutil acrescentar ainda que a palavra *Bartolomeu* ou porque lembrasse aquelle *esfolar* do martirio ou porque contenha as silabas que recordam o vocabulo *tolo*, foi mais ou menos empregada por ironia contra os papalvos.

Diz Antonio Prestes no *Auto do moiro encantado*, pj. 371.

Aviado estivera eu  
Com ospede ás costas minhas!  
Já não ha *Bartolomeu*  
Que seja aberto no seu

Onde tambem transparece o remoque do proverbio.

#### —Pode fazer uma cruz e fazer cruces

Diz-se *fazer uma cruz* renunciar ao que se espera, mórmente se é receber dinheiro ou cobrar dividas aos insolventes.

A expressão provem de costume antigo, e ainda novo nas escritas comerciais mais simples, de cancelar as partidas de debito, cortando ou riscando com perpendiculares as linhas escritas cruzando-as, o que significa simbolicamente que está pago. Desde

que *fez cruces*, o negociante confessa que está quite o freguez.

Comprova-se com o uzo geral de quazi todos os povos e p. ex. no italiano numa das comedias de Cecchi:

...un po de debito

Che io ho seco...

— Debito?

— Si certi

Danar, ch'i'ebbi quando apersi il trafico:

Egli ha più volte deto voler *farmici*

*Una croce.*

Riv. A. II, cena 3.

O autor da *Arte de Furtar* (n. 68 da ed. Garnier) faz varios trocados e equivoccos com aquella expressão:

« E como no tempo de figos não ha amigos, assim no tempo da paga; porque alem de que nunca mais lhe *cruzou* a porta manda-lhe dizer que lhe ha de *cruzar* a cara.. E o pobre do homem para que lhe não paguem com *cruzes* os seus *cruzados* dará outros seis mil...

Por este excerpto se vê que já na *Arte de Furtar* se confundiam duas locuções que aliás poderiam ser applicadas ao mesmo objeto e pessoa:

**fazer cruces** (cancelar a divida)

**fazer cruces** (esconjurar o diabo com o sinal da cruz).



Neste ultimo sentido ha a formula mais sintetica: **Cruzes!**<sup>1</sup>

### Atrapalhar o capitulo

São comuns as frases: — atrapalhar o capitulo — estragar o capitulo — O sentido (que ao primeiro exame é de interromper a leitura) é o de intervir

1 Os Crezos da idade moderna não passaram nunca despercebidos.

Na literatura de antanho, por seculos durou a fama dos *Mendes* ou de *Heitor Mendes*, como o do homem mais rico e poderoso do outro tempo.

Antes d'elle, para toda a Hespanha eram os milionarios alemães os **Fucares**, que desde o seculo XVI ao seguinte deram a chuva e o bom tempo.

Os *Fuggars* ou *Fuggers* eram suissos estabelecidos em Augsburgo e no tempo do imperio de Carlos V envolveram-se nos negocios peninsulares. Delle falam proverbialmente todos os escritores, Cervantes e Quevedo. Na literatura portugueza ha um ou outro vestijio, como na *Aulegrafia*:

Não ha cousa que chegue a isto; vão bugiar os *Fucaros* e quanto trato ha em Trapizonda.

fol. 41-v.

E ainda em outro lugar:

E eu digo-vos que mais queria ser caixeiro dos *Fucaros* que todos esses primores.

fol. 165-v.

O **Eytor Mendes** é mais recente. Está rejistrado algures nas *Infermidades da lingua* e nas *Cartas* em Apendice ao *Divinos e Humanos*, versos de Dom Francisco de Portugal:

Isto vai tocando de cartilha de Mestre Ignacio e para quem anda entre as fontes do prado por onde tantas rebuçadas vão, igual fora contar-lhe o *dinheiro de Eytor Mendes* que é para elas o melhor Ovidio de Arte amandi.

Pj. 41.

uma pessoa em negocios que lhe não dizem respeito com o fito de os inutilizar ou impedir.

A fraze vem rejistrada nas *Infermidades da lingua* (ed. de 1759) como plebeismo que se deve emudecer conforme o conselho do autor; mas é muito mais antiga. No *capitulo* ou *cabido* das comunidades relijozas é que se faziam as acuzações ou repreensões que por mais graves haviam de ser publicas; daí a forma *chamar á capitulo* ou no espanhol *llamar a capitulo*, isto é, *lhamar a cuentas*. Ainda no *Morais* encontramos o *dar capitulo*: formular, enumerar as acuzações que ha contra qualquer criminozo. Cf. *capitular* crime, *capitulo* das ácuzações, etc.

Na fraze primitiva, conseguintemente, *atrapalhar o capitulo* era perturbar a assembléa ou tribunal.

#### — Enxovalhar a reputação

A quem quer que estude a etimolojia de *enxovalhar* (sujar, enlamear) logo ocorre a verdade origem *ex-pluviale* ou *ex-pluvia*, como de *ex-aqua* se derivou enxaguar, nas formas verbais daí derivadas.

Mas creio que houve a interferencia semantica de outro sentido e de outra palavra diversa, a de *enxoval*, tomada ao arabe *ax-xuar*, o dote do casamento, alfaias, vestidos e dinheiro que leva a noiva.

Foi sempre lei ou costume, dar um dote como indenização e remedio tardio a algum erro grave, e num cazo destes, *enxoval* e *enxovalho* pouco se distinguiriam; só assim se explica a preferencia com que *enxovalhar* se aplica a amores e a reputação ou ao bom nome.

Na *Eufrozina*: «*enxovalhar-se com amores de mecanicos*». Morais inclúe este exemplo, e a definição de dezonra pela prostituição.

Hoje o cazamento dezigual passa por *enxovalho* da familia; e a qualquer erro de inconstancia por parte da mulher, antes honesta, ocorre sempre a mesma expressão.

Não parecem menos decentes que o *enxoval*, as *ossas* que estavam no direito do tempo e que segundo o costume medieval deviam as viúvas aos seus novos maridos e as *compras de corpo* «*pretium virginitatis*», documentados em Viterbo, *Eluc.*, II ed. 205.

### Uma tuta e mea

A *tuta e mea* é a paga insignificante que se deve por pequenos serviços e não ha lingua mais rica nessas liberalidades fracionarias e nesseş belhões e miúdos monetarios que a nossa: gajes, gorjeta, sa-guates, luvas, revoras, percalços.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Algumas destas expressões são notaveis: *percalço* queria dizer ganho ou vantagem e hoje significa onus e espinho; a *luva* parece uma

Mas a *tuta e mea* é quazi nada, e é lembrada exactamente no momento em que não convem declarar o preço e não afrontar o freguez.

— Custa uma *tuta e mea*.

Convem refletir em que a *tuta e mea* é a despesa que acresce á principal.

« O cavallo custa um conto de réis, e os arreios uma *tuta e mea*.

« A missa é tanto ou quanto, e ao sacristão da-se aí uma *tuta e mea* ».

Este ultimo exemplo é a primeira fonte, ao meu parecer, donde derivou a locução. A *tuta e mea* é a esportula sempre menor do sacristão e é um latino-río *macarroneiado* das primeiras palavras do sacrista no officio da missa.

Efectivamente o padre diz ao subir os degraus do altar :

— *Introibo ad altarem Dei.*

Ao que responde o sacristão engrolando e só dizendo claras como de costume as ultimas silabas :

---

especie de opposição a *meias*, que é a metade dos lucros nos contratos, e é curioza a approssimação dos dous termos no *Anatomico Jocoço*, attribuido a Fr. Lucas de Santa Catarina :

Com uns iam de *meias* e a outros levavam de *luvas* ;  
com uns ajustavam contas com extremo...

Pj. 16 ( da ed. cit. )

— *Ad Deum qui laetificat juventutem meam.*

A letra unica que se percebe do rosnar do acólito é o *tutem meam*.

Tambem é o que lhes pagam. Custa uma *tutem meam* ou uma *tuta e mea*.<sup>1</sup>

### Mulher e melão

Ha o anexam que está rejistrado na coleção rolandiana: *Mulher e melão são maus de conhecer*.

---

1 Gonçalves Viana nas suas magnificas *Apostilas* II, 514 diz que a locução deriva de «uma *macuta* e meia»; *macuta* é uma moeda africana que corre na Africa ocidental e de infimo valor. Essa etimologia não me parece aceitavel. Poder-se-ia dizer «uma *macuta*», moeda aliáz desconhecida em Portugal e no Brazil; mas é inexplicavel que se diga *macuta e meia*.

Do latim da missa, conforme já mencionamos, tomou o povo varias expressões como *pax bovis*, *codório* (*quod ore sumpsimus...*) *quadore*, nas *Inferm. da lingua*. E' inexplicavel, dissemos acima, por que a fração na gramatica popular dá mais intensidade a todos os valores: *volta e meia*, vale mais que duas ou tres voltas; *pedaço de asno*, mais que asno inteiro; *macuta e meia* significaria para cima de algumas *macutas*, com a intensão de augmentar e não diminuir o valor.

Em Simão Machado:

- Tem esta cal muita areia
- Não liga de muito forte
- Geitai-lhe mais *Tanga e meia*

*Comedias*, 91.

*tanga* é moeda, e tambem medida e aqui a fraze tem o sentido de *Jeitae-lhe muito mais* ou *o que baste*. E' neste sentido de *Tanto quanto*

Esta formula não é popular e é já um eufemismo de outra brutal e grosseira que é a mais comum:

**A mulher e o melão o calado  
é o melhor**

O proverbio ainda se repete graças ao equívoco da palavra *calar* que aparenta o sentido de *guardar silencio*, mas que efetivamente tem o significado antigo de aprofundar, fender, abrir (como ainda hoje no uzo da navegação: o *calado* dos navios; *cala* cinco pés, etc.).

E porque os *melões* são maus de conhecer, só *calados*, isto é, feita a cala ou a fenda poder-se-ia dizer se são realmente bons.

O rifão anuncia, pois, que as melhores mulhe-

*seja preciso* dado pela fração que dizem os proverbios: A velhaco *velhaco e meio*, etc.

Notemos, de passagem, que assim como a emfase na gramatica popular, dá á fração um valor maior que o da unidade, tambem empresta a *tudo* o sentido de parte menor ou menos importante:

Com *mentiras* e tudo  
Os ladrões levaram os *dinheiros* e tudo

onde *tudo* é o menos, o restante que pouco vale.

Os diligentes são como as gaivotas, levam *tripas e tudo*.

*Aulegrafia*, 91 v.

Alguns fatos da gramatica popular acham-se estudados no belo livro de Julio Moreira, neste momento inédito, e cujas primeiras folhas apenas impressas me foram comunicadas gentilmente pelo autor, e pelo editor A. M. Teixeira, de Lisboa.

res são as já experimentadas. E neste sentido é que se ha de entender o adjectivo *calado*.

Antonio Prestes no *Auto da Ciosa* repete disfarçadamente o proverbio :

Faça Deus molher melão  
E cazar-se-á homem á *cala*.

E nos versos anteriores deixa explicito o sentido:

Vós tereis tal confeição  
Que bom fora experimental-a,  
Mas eu, senhora, agora não.  
.....  
Minha molher se alguma ora  
Em solteira amantes tinha,  
Era então sua e não minha.

E em Gil Vicente, (II, 422) aluzivamente :

— Já teu pai tem dada a mão  
E dada a mão, feito é.  
— Pardeus! dar-lhe-ei eu de pé,  
Como a casca de melão.

O poeta opõe a *mão* a ideia de *pé*, dar de *pé*, tomar *pé* = achar fundo.

No seculo XVII, A. Delicado — (*Adaj.* 133) colheu o anexim mais decente e antigo:

*Mulher e cachorra a que mais cala é a mais boa.*

Evidentemente deste e do ditado *calar el melon* (no castelhano = buscar, conhecer as pessoas) *calar*

o melão, experimental-o, é que se formou a fraze equívoca.

Outros dizem e com intenção diversa — Calal-o que é malão, — isto é — mau grande, e assim foi rejistrado na *Infermidade da lingua* de Silvestre Silverio.<sup>1</sup>

O satyrico Serrão de Crasto, com a sua má lingua, escreveu:

Que ha muitas frutas que são  
De segredo mui *caladas*...

*Ratos da Inquiz.*, 156.

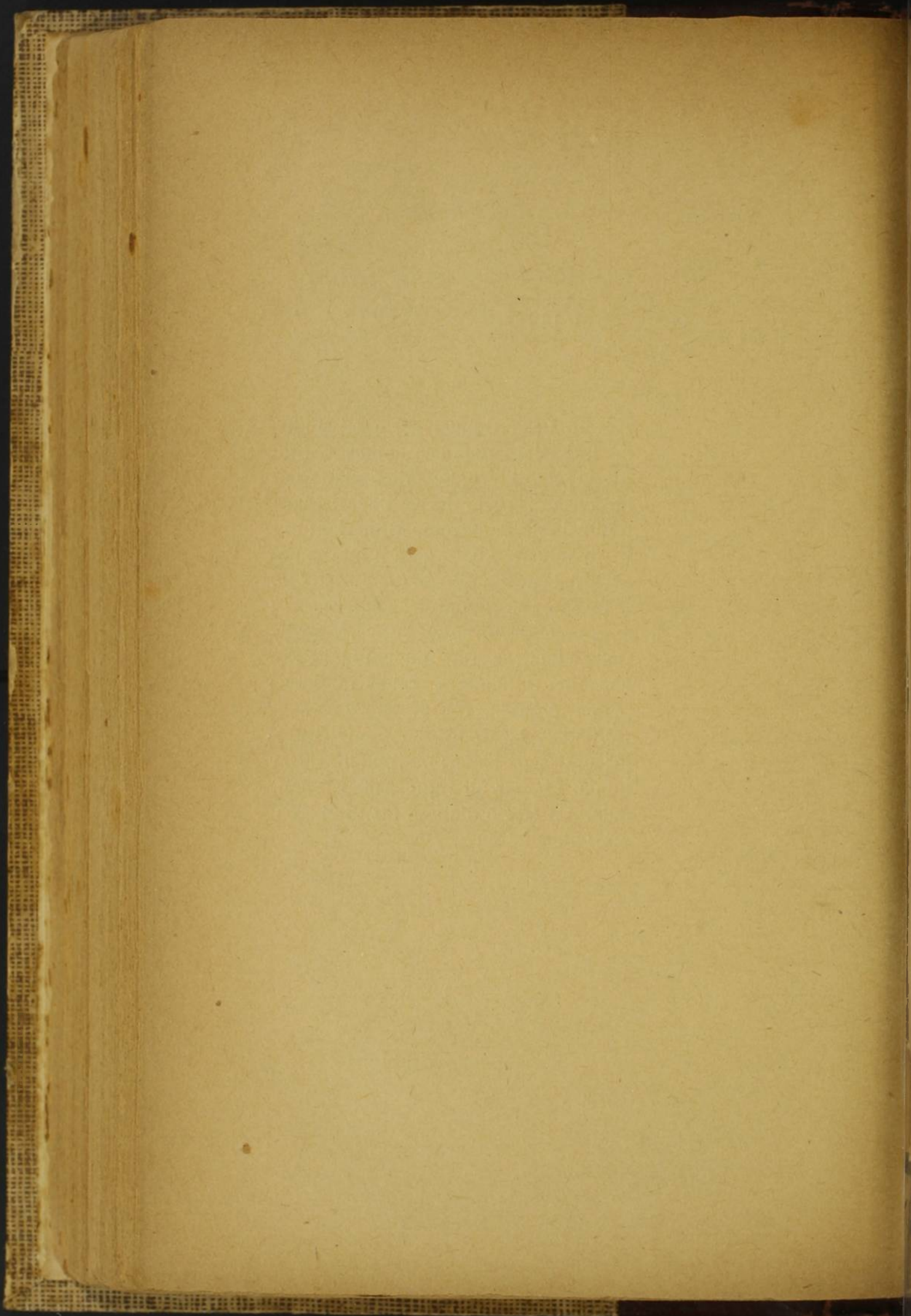
---

<sup>1</sup> Pseudon. de Manoel J. de Paiva — 1759 — páj. 114, obra a que já nos temos referido varias vezes.



## VIII

São Pero Gonçalves, e os santos na linguagem popular, antiga e moderna: São Pisco, São Bico, São Coelho e São Nunca. Correr Seca e Meca e olivais de Santarem. Alimarias: entre o lobo e o cão; gato e lebre; cobras e lagartos. *Historias e facecias*: a fé e o pau da barca; João Topete; a agua o dá, a agua o leva. Não ha mais Flandres. Dar em pantána. Em casa de Gonçalo... Panos quentes; papos quentes. *Um punhado de conjecturas*: passaro bisnau; comeu queijo; entrou o bispo; marmanjo. Levar taboa. Chegar ao rego. Andar á gandaia. A's tres o diabo a fez. Comigo é sete; onze letras.



## São Pero Gonçalves ou o São Telmo

Ao *fogo fatuo* chamavam os marinheiros portugueses *São Pedro Gonçalves* assim como *San-Telmo* que era e é o nome que lhe dão os italianos.

Os navegantes, diz-se na *Historia Trajico-Maritima* (ed. moderna, II, 128), tanto que viam a exalação ignea, acudiam ao convés a salvar com grandes gritos e alaridos, clamando: *Salva, salva, corpo Santo*. E faziam-no pela devoção que tinham ao beato Santo Frei Pero Gonçalves, advogado das tormentas do mar.

Em terra e no porto de Lisboa era costume, entre os marinheiros, festejar o santo e leval-o a Enxobregas, enramado de coentros, entre folias e dansas.

Na *Arte de Furtar* tambem se fala de *S. Pero Gonçalves* e do *Santelmo*.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> «Não sendo *Santelmo* nem *São Pero Gonçalves*» n.º 115 (cap. XXXVIII) da ed. Garnier. Nesta edição indico a antiga historia referente a *Santelmo*, relatada por Jer. Ruchello e reproduzida na *Escola decurial* de Fr. Fradique Espinola — Lisboa, 1699 — tomo VI, pj. 90.

Na *Eufrozina* :

São Pero Gonçalves bento nos appareceu no masto em candeinhas e acudiu-nos...

fol. 71 v.

A lenda de S. Pero Gonçalves oferece um exemplo ou anedota que ilustra a relação que ha entre o fogo inocuo que apparece no mar e o de uma fogueira em que foi metido o santo.

Eil-a, como a reconta Pedro José Suppico de Moraes na sua *Coleçam moral de Apophtegmas* (Lisboa, 1720):

Tentada pelo demonio certa dama igualmente bela que deshonesto, mandou chamar ao *Beato Fr. Pero Gonçalves*, relijiozo dominicano, cuja opinião de virtude então florescia, que por serviço de Deus lhe dêsse uma palavra em sua caza.

Foi o hom relijiozo sem a mais minima suspeita. Tanto que a dissoluta mulher o viu, começou com copiozas lagrimas e suspiros a descobrir-lhe o intento; repreendeu-a o Padre afeiando-lhe a culpa e buscando todos os meios necessarios para convertel-a. Porem vendo que instava na malignidade, lhe disse:

— Senhora, já que não basta o temor de Deus para vos tirar d'este propozito, fazei o que quizerdes; mas será bom que primeiro busquemos lugar acomodado.

Era o tempo de inverno e estavam diante de uma grande fogueira; lançou-se o santo dentro do incendio, dizendo-lhe:

—Para pôr por obra os vossos caprichos infernais, não vi leito mais proprio que este de fogo! se me quereis fazer companhia aqui me tendes.

Caiu esmorecida com esta vista a desgraçada mulher e aos seus gritos acudiu gente que tirou ao Santo das chamas, e ella tornando em si, mudou de vida.

*Coll. de Apopht. II, 221.*

O *fogo fatuo* purifica como a fogueira de São Pero Gonçalves e anuncia violenta inversão para a bonança. Em geral, são duas chamas e parece que uma persegue a outra: *simile* da milagroza aventura.<sup>1</sup>

---

1 Muito se abuzou do hajiolojio verdadeiro ou fantastico na linguaagem popular.

Outrora era costume apellidar as molestias com os nomes dos Santos que segundo a lejenda de seus milagres, as haviam sarado. Desta circumstancia tiraram

a dansa de São Guido  
o mal de são João  
O fogo *Santo*

o mal de *Lazaro* e a *lazeira*.

E hoje ainda chamam de *perna santa*, por alcunha, ao sujeito que tem qualquer chaga ou doença grave nas pernas.

Por motivos analogos chamaram de *santos* aos simplicies aproveitados na terapeutica antiga, e não é raro encontrar por ironia o abuzo deste expediente nos poetas antigos, como no *Auto dos dous Irmãos*, 241:

Não me vedes vós quando entro  
Se sou torto ou aleijado,  
Se enjelhado!  
Pois, pezar de *São Coentro*  
Como vou nem como *entro*.

**Seca e Meca**

*Correr Ceca e Meca*, andar por toda a parte e lugares varios. É proverbio conhecido em Portugal

---

E no *Auto do mouro encantado*, 403:

Pese a *São Pote*.

Tomai lá.

E o Chiado emprega *São Palo* para designar *São Pau*, remedio ás vezes infalivel:

Attentae no que vos falo  
Senão crêde que *São Palo*  
Ha de andar como sabeis.

Deve ser o mesmo santo, o **São Pisco de Pau** a que se refere Camões no auto de *Filodemo*:

Pois não creio eu em *São Pisco de páo* se hei de  
pôr pé em ramo verde, té lhe dar trezentos açoites.

Act. II, cena I.

A mesma locução ainda se depara na *Fenix Renacida* (da 2.<sup>a</sup> ed.).

Por *São Pisco* d'um pau velho  
Que folgarás de me ver.

W. Stork na sua grandioza tradução do Camões, (*Sämmtl. Ged.*) procura apossimar esta jura de *S. Pisco* a um dos antigos santos do hajiolojio, *Pisseus* ou *Cipisseus*, da Grecia; a conjectura não tem fundamento aceitavel. O *São Pisco de páo*, é uma lacução mais ou menos arbitraria modelada sobre a *pisa de páo*, ou *uma pisa* que ainda hoje é corrente e equivale a *sóva de páo*; (pisco=bocado).

Uzavam os pastores as formulas: *São Comigo* e *São Contigo*, quando qualquer chegava e se vinha juntar, o que equivalia a uma saudação:

Na *Pratica dos tres pastores* ao entrar um que tanje:

e Espanha. Por sua extensão peninsular bem se vê que não tem lugar a identificação que faz Adolpho Coelho de *Séca* com um desconhecido lugarejo ou uma ponte de *Asseca* proxima a Santarém.<sup>2</sup>

A não praja a *São Comego*  
Como tu vens tanjedeiro!  
Tanjes já como gaiteiro!

v. 698.

A outra forma *Contigo* depara-me o antigo auto castelhano *A. del Repelon*; também entre pastores quando entra um estudante, pessoa odiada:

— O pesar de *San Contigo*  
— Pastores porque reñeys...

fol. vii.

Carolina Michaëlis na edição da *Pratica*, acima citada, não logrou atinar com o sentido que, creio, é o que eu dou; o *São Comigo* e *São Contigo*, a meu ver são formulas de *boas vindas* e traduzem o *Dominus tecum, mecum* ou *vobiscum*.

Por ironia e contraste talvez com o *Espirito Santo* que se simboliza com uma ave, aparecem os santos ridiculos da fauna:

Na *Barca do Purgatorio*:

oh renego de San Grou  
E de San Pata do céu.

*Grou* (ou *Jão Grou*) no mesmo auto de Gil Vicente, é o diabo.

Não é menos ridiculo o *São Pote* (A. Prestes, 403) e o pregador **São Coelho** tão conhecido do *folk lore*:

*Sermão de São Coelho*  
Co'as suas botas de cortiça...

É a este que se refere Dom Francisco Manoel em uma de suas quintilhas:

Essa minha petição  
Que a vós dou, não ao Conselho,  
Lá tem coizas de sermão,  
E é emfim, se é prégação  
*Prégação de São Coelho.*

Obras metricas II, 209.

A fraze é *Zeca y Meca*, no castelhano; e *Zeca* é chamada a mesquita de Cordova, a mais importante do maometismo no ocidente. *Correr Ceca e Meca* era fazer peregrinação aos dous grandes tem-

---

*O São Coelho* para o povo é o murmurador que tem dentes ainda peiores que os do voraz herbivoro.

Outro Santo não menos celebre é o **São Serejo** que não tem dia no Calendario, e é o companheiro inseparavel do *São Nunca*.

*Pagar no dia de S. Nunca e S. Serejo á tarde.*

Tudo ao fiado e que ponha tudo em receita para os quartéis dos juros, que ha de cobrar dia de São Serejo.

*Arte de Furtar*, n. 67 cap. 23.

No castelhano *San Ciruelo* tem o mesmo emprego e sentido e como se dissera *São-Tolo* ou *São-Paspalhão* (rejistr. nas *Inferm. da lingua São-paspalhão*).

A *Salsa de São Bernardo* ou a « *melhor mostarda é a de São Bernardo* » (Portugalia, I, 487) existe em quasi todas as linguas do ocidente e explica-se com um trecho da carta do Santo a Roberto: « *Satis est ad omne condimentum sal cum fame* ». Ao que comenta Monosini: « *Hic enim Sanctus jejunio fere quotidiano indulgens, occasionem dedit proverbii* ».

A impiedade tem os seus conformes; ás cousas uteis ou fortes quando não canoniza santas, eleva-as pelo menos á senhoria:

— Tem razão por *Santiago*.

— Pois por *Santivinho*...

*Prestes*, 340.

— Passas com *senhor Biscoito*

*Ibid.*, 189.

E como ao « *calar chamam santo* » (veja este proverbio neste livro) tambem o silencio é **São Bico**:

Sabei que serei por ellas um *Sambico*, se cumprir.

*Eufrozina*, I, cena I.

A palavra tomou um sentido torpe da mesma sorte que *Salva-nor* — uma e outra envolvem silencio ou escuza, e indicam lugares



plos, a oeste e a leste do imperio e da fé no Alcorão.

Os portuguezes acrescentaram mais ao proverbio, como ás vezes succede, um complemento metrico não essencial:

Ceca e Meca e Olivais de Santarem.

em Espanha tambem por vezes acrescentaram —  
*y Canavarettes.*

do corpo que sem a liberdade e gravidade dos anatomicos, não se podem apontar.

Na linguagem de hoje; diz-se e vem do tempo dos herejes e da Inquizição, que um *colarinho*, p., *não está lá muito catolico* (não está bem; a *censura* não deixa correr, não está limpo, merece fogueira).

E Sá de Miranda com outros diziam (Comed. *Estranj.* 154 da ed. de 1784), que o homem devia ser *evanjelho*.

Outras alusões impias são frequentes nos antigos poetas. Uma parodia ao *sicut dolor* da Veronica depara-se no *Cancioneiro geral*:

O' vos todos que passais  
Pelas vinhas,  
Respondei, assi vivais,  
Se vistes dôres eguais  
Co'as minhas

III, 480.

refere-se o trovador a um sujeito que perdeu uma pipa de vinho.

Na *Romagem de Agravados*, Gil Vicente dá a parafrase de uma oração da igreja:

— Dize ora *Beatus vir*,  
— Pouco é isso de dizer  
Vi ora *tres ratos vir*.

2 (Paj. 219) Na revista *Portugalia* I, 491; na corografia portugueza encontra-se o nome — *Asseca* em lugarejos insignificantes. *Cejador y Frauca* e outros pensam numa simples aliteração ou em palavras ficticias, o que tambem não nos parece provavel, desde que ha explicação satisfatoria.

Na *Academia dos Singulares* diz um poeta :

Hippomenes aqui vem  
Magro mais que uma faneca  
Pois que *correu Seca e Meca*  
*E olivais de Santarem.*

II, 197.

### Alimarias

É conhecida a locução que vem desde tempos classicos da antiguidade

#### entre o lobo e o cão

para indicar a hora do repusculo, ao anoitecer. <sup>1</sup> É o *lusco fusco*, o «*fusco d'entre lobecão*» (Canc. de Rez. II, 332) e que Carolina Michaëlis na sua edição de Sá de Miranda explica como formada sob a influencia de *lobrigar* (de *lubricus*). Penso, ao contrario, que o influxo se tenha exercido em sentido inverso e que as formas *lobo e can, lubrican* (cast.) viessem a produzir *lobrigar*, distinguir apenas o lobo do cão, enxergar mal entre as sombras do sol posto.

Tambem, ainda que não passe de presunção conjectural, tenho que o verbo *gualdripar, galdripar*,

---

<sup>1</sup> Tem-n'a o francez — *Entre chien et loup* M.<sup>mo</sup> Staël fez da expressão um substantivo: «*mes entre chiens et loups*» V. Martel — *Prov. français.*

(roubar, furtar e principalmente em negocio ou commercio illicito) e que tantas vezes ocorre na *Arte de furta* <sup>1</sup> pode ter sido uma formação indirecta sob o influxo de *gato-lebre* (gatiliprar) por que esta não é a unica palavra que significando roubo ou furto ou coiza que o pareça, tem orijem em nome de animais, objecto constante de trocas e quazi moeda no commercio rustico. <sup>2</sup>

Uma das mais curiozas locuções da lingua é a de

### **dizer cobras e lagartos**

no sentido de mal dizer de qualquer individuo. A locução foi excelentemente explicada por Eujenio Pacheco <sup>3</sup>; *cobras*, é uma forma antiga de *coplas*; e *dizer cobras*, como no espanhol *echar coplas* era satirizar e dizer apodos em versos de escarneo.

1 Na Ed. Garnier n.ºs 55 e 71; no glosario dou o etimo *gualdrapa* 344.

2 F. Monlau no seu dicionario etimologico onde registra liberalmente todas as opiniões que conhece, sem excluzão das mais abstruzas, menciona: *engatusar* (de *gato*) *entruchar* (de *trucha*) *engalipar* (de *galipau*, sapo) *engalinar* (no catalão, de *galina*) todos com o mesmo sentido de roubar, furtar ou trapaçar. Não ha a menor duvida, porem, que os nomes de *rato*, *gato* e *raposa* se prestam ás metáforas dos amigos do alheio. Ajunte-se que a melhor etimolojia de *ganhar* aponta ao antigo alto alemão *Weida*, caça e pasto. D'este radical podia provir *gualdripar*.

3 Na *Rev. lusitana* VII, 3, com um comentario de Carol. Michaëlis.

E. Pacheco ajunta que a necessidade de fazer a *fraze redonda* ajuntou a *cobras* já então com o sentido antigo obliterado, outra expressão simétrica: *cobras* e *lagartos*, necessidade que se verifica com « alhos e *bugalhos* », « cousas e *lousas* ».

Comtudo, aceitando a explicação, entendo que a *fraze redonda*, lonje de ser feita com aquelle arbitrio, já estava determinada na literatura biblica.

*Cobras* e *lagartos* corresponde ao texto que é do Psalmo XC:

*super aspidem et basiliscum ambulabis*

O *aspido* e *basilisco* corresponde mais ou menos a cobra e lagarto. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O arcaismo *cobra* está no *Canc. Brancuti*, na arte poetica que o precede, e algures, como o mostrou C. Michaëlis. Porem, a forma *copra* é a unica que se encontra no seculo XVI; ocorre em todos os escritores daquelle seculo.

E tu já fazes *coprinhas*.

Camões — *Filodemo*, IV, cena 2.

Zombais? falais-me *coprinhas*?

Id. *Amphitriões*, I, cena 3.

Trago uma carta que elle fez

Uma *copra* do jaez...

Chiado — obras, 112.

Vos dareis alviceras e entender-nos-emos a *copras*.

*Eufrozina*, IV, cena 6.

A locução *cobras* e *lacraas* nos manuscritos das *Lejendas moriscas* (III, 386) em aljania, editados por Guillen Robles.

### Historias e facecias <sup>1</sup>

Não é processo muito seguro fiar-se de historias e anedotas que explicam os proverbios e ditados. São os contos nesta materia como espadas de dous gumes, sempre perigozas para o pesquisador.

Umaz vezes, as historias engendram os proverbios; outras vezes, são os proverbios que geram e autorizam as historias.

O unico criterio que parece seguro é aceitar a versão mais antiga, quando não ha outro recurso de interpretação ou quando o character anedotico da locução se impõe com toda a evidencia. Tal é o caso deste ditado:

Quem cura é a fé, e não o **pau da barca**

O proloquio existe no espanhol e sempre foi ilustrado com a mesma explicação:

Um romeiro de volta da terra santa em viagem lembrou-se de que lhe haviam encomendado uma reliquia, um pedaço de lenho santo do Libano; e já não sendo tempo de alcançar o que prometera, cortou com o canivete um fragmento de madeira da barca em que vinha. E assim entregou á chegada, a quem o pedira. A falsa reliquia operou grandes milagres, e com certeza o romeiro que conhecia a

---

<sup>1</sup> A primeira edição deste repertorio de facecias é de 1583. Servimos-nos da reedição de Sbarbi (1878).

trapaça fez consigo esta conta: — *Quem cura é a fé e não o pau da barca.*

Outras variantes haverá, mas todas dizem substancialmente a mesma couza.

Tambem é a conclusão de historia ou patranha antiga o proverbio outrora sempre lembrado de **João Topete**: por exemplo neste trecho:

*Quem te mete, João Topete, com bicos de canivete? Que muitas vezes nos mettemos a emendar o que não entendemos.*

*Arte de Furtar*, n. 130 (Cap. 44).

O mesmo proverbio, com variante, depara-se num Codice portuguez manuscrito *Multa notata digna de proverbiiis* publicado em excertos por Souza Viterbo:

*Quem te mete Jam Topete em carapuça de gromete.*

Esta variante é do seculo XVI. Foi tomada aos refraneros espanhois. O sentido já indicado pelo nome *Topete* é o da ouzadia e atrevimento. A seguinte historia tomada a *Silva curioza* de Julian de Medrano pode servir de illustração ás aventuras de *João Topete*:

«Estando la corte de España en Toledo, acaeció que andaba un caballero enamorado de una

dama muy hermosa, y suplicandole un dia tuviesse por bien de darle audiencia, ella le respondiô que al presente no habia lugar, que se volviesse a la tarde, que ella haria lo que el tanto deseaba. El con aquella palabra se despidiô y aguardô á la hora concertada, donde se fué á la casa de la señora y hallôla que estaba a su ventana mondando una pera con un cuchillo pequeno; el qual como asi la viô, le dijo: Señora, és pero, ó es pera? Respondiô ella tan prèsto: no es sino *gañivete*.

Tambem parece que o *João Topete* entrou em aventura acima das forças proprias, como diz uma variante castelhana: *Quien te mete Juan Topete a luchar com siete?*<sup>1</sup> variante que mais se coaduna com a versão do codice portuguez, acima citado.

Na mesma *Silva* de Medrano, encontra-se a illustração já conhecida do proverbio:

### **A agua o deu e a agua o leva**

O conto é o de um taverneiro que, de batizar o vinho, encheu na feira um lenço vermelho de duca-dos. Uma aguia que passava, julgando que o lenço rubro era carniça, arrebatou-o e logo dezenganada deixou-o cair no rio. Assim voltou á agua o que della havia saído.

---

<sup>1</sup> Registrada no *Vocabulario de Refranes* de Gonzalo Correas (ed. moderna, 340).

### Não ha mais Flandres

Era uma locução antiga e com diversas variantes, hoje obsoletas.

O sentido da fraze pôde ser pouco a pouco revelado pelos exemplos:

Fantazias de donzelas!

.....

Esta tem lá para si  
 Que eu sou por ella finado,  
 E cré que zomba de mi;  
 E eu digo-lhe que si,  
 Sou por ella espedaçado.  
 Preza-se d'umas seguras,  
 E eu não quero mais Frandes:  
 Dou-lhe trela ás travessuras  
 Porque d'estas coçaduras  
 Se fazem as chagas grandes.

Camões — *Amphitr.* 1, cena 4.

— Ah senhor Policiano!  
 — O meu nome aqui faz dano  
 Chamai-me por João Fernandes...  
 — Sois mais *discreto* que Frandes.

H. Lopes — *Auto da Cena policiana.* (1)

Destes dous exemplos se infere o sentido da

---

1 Existe na primeira edição dos *Autos* de Camões. Cito por uma copia manuscrita que possuo.



fraze que é de *segredo* e *discreção* e talvez risco e perigo.

O trecho que se segue da *Eufrozina* esclarece completamente a fraze :

— Dizem que são cazados secretamente... —  
A isso havia de vir esse parvo e assentai que nenhuma inveja lhe hei porque a senhora *passou já pelos bancos de Frandes* e mais crede que não muda agora os dentes.

*Eufroz.* v, cena 1.

Praguejo e digo mal de mim mesmo, zombo do alto e baixo, sem me receiar de escrito de dezafo e vivo tão livre e izentõ, estou em dizer, como que não tem vergonha. Ora dá-me cá se *ha mais Frandes* ?

*Ulizipo*, 11, cena 7.

Os bancos de Flandres eram um passo arriscado na navegação e commercio então muito notavel com as cidades livres e Hollanda.

*Passar os baixos de Flandres* era transpor o perigo e o risco e só se fazia com grande discreção. Dahi o proverbio espanhol, rejistrado em *Correias*, 152:

*Ó todo a Flandres ó todo a fondo*

A locução aparece ainda no seculo XVII em Dom Francisco Manoel em uma das quintilhas das suas *Obras metricas* :

Eis aqui nem mais nem menos  
 (Mas que não *haja hi mais Flandres*  
 Nos estados mais serenos)  
 Por levantar dous pequenos  
 Abaixa o mundo dez grandes.

II, 94.

O sentido riscos, perigos, é aqui evidente.

### Dar em pantána

Hoje em dia a prozodia de *pántano* substituiu a de *pantáno* e *pantána* como era no latim... imaginário; exceto na frase proverbial — *dar em pantána* — que equivale a outra — *dar com os burrinhos n'agua*. —

Em um romance de Dom F. Manoel publicado na *Fenix renacida*, depara-se a locução:

Se por uma hora que quiz  
 O carro solar das chamas,  
 Guiar o moço inexperto  
 Foi dar com a luz em pantána.

V, 350.

Não parece que tenha outra origem o Ditado antigo — *Dar em Pandarana* ou *Pandarane* que prezumo ser uma ampliação popular de *Pantána* (pantana = pantarana = pandarana) talvez por sugestão de *pandarecos*.

MORAIS no seu dicionario recorda uns ilhéos da Azia, com aquelle nome proverbial e que se acha em João de Barros. O trecho que verificamos é inexpressivo, e é o seguinte:

E como appareceram de subito e os nossos iam desejosos de os achar, . . deram com elles entre os ilhéos de *Pandarane*.

*Dec. IV, 7.º cap. 21.*

Não parece que dessa vitoria insignificante dos de Martim Affonso contra o Cutiale e que não teve nenhum estrondo, se tomasse a fraze proverbial. Considero a aprossimação meramente casual.

### **Em caza de Gonçalo mais póde a galinha que o galo**

Ha de certo numerozas cazas em que a galinha senhoreia o pateo e manda muito mais que o galo. Mas porque haviam de ser as de Gonçalo, e não de Pedro ou Martinho?

Responde-se naturalmente que *Gonçalo* foi aqui vitima dobrada da rima e da mulher. Veremos que ainda ha razão diferente.

A metrica antiga diz:

Em *cas* de Gonçalo.

*Cas* é a forma antiga de *casa* e assim vem em alguns adajiaros.

A expressão *Gonçalo* foi tomada do castelhano porque lá *passagonçalo* significa bofetada, tapa e outras pancadarias...

Em Lope de Rueda na farça de *El Rufian Cobarde* (1556) lemos:

« habeis de recibir de vuestra amiga tres *passagonçalos* en estas narices bien pegados ».

No *Dom Quixote* de Cervantes lê-se (II, 14).

con solo *un passagonçalo* con aquellas narizes en las suyas seria acabada la pendencia...

Ora, *passagonçalo* e *cas de Gonçalo* despertam para o ouvido quazi que as mesmas idéas<sup>1</sup> e como se trata de quem dá ou apanha pancada, a confusão tornou-se inevitavel.

Em escritor portuguez não vi nunca a locução *passa gonçalo*. Mas *Gonçalo* sempre foi sinonimo de fraco e covarde:

Casa-te Gonçalo  
Comerás pão alvo  
.....  
Serás senhor d'ella  
E ella de ti.

*Auto de Rodrigo e Mendo.*

---

<sup>1</sup> *Gonçalo* é nome frequente entre rusticos e criados: *passa Gonçalo* = toma, *Gonçalo* !

De *Gonçalo*, marido poltrão, ha alem do exemplo do anexim, a illustração que delle deu um dos mais antigos poetas brazileiros, o satirico e engraçado Gregorio de Matos, como nol-o conta o seu biografo o licenciado Manoel Rabelo<sup>1</sup>.

### Panos quentes

— É um remedio paliativo que está registrado em todos os adajiaris antigos e modernos e conhecido da medicina popular.

Têm a mesma expressão os espanhois *paños calientes* e documenta-se no italiano de 1547 na carta do cardeal Gaddi (na *Col. de Luri*, 98): «Tutte queste cose sono *panni caldi* e polvere negli occhi al vecchio» significa pois promessas enganozas e falazes, remedios de momento e ineficazes.

A expressão tomada aos classicos por Moraes, dar papos quentes aos soldados, isto é, ordenar o sacco, naturalmente recebeu o influxo da locução *papo*

---

<sup>1</sup> A espoza do dezordenado poeta não podendo mais soffrer-lhe as desenvolturas, deixou a casa e refujiou-se na de um seu tio que entre tanto, repreendendo-a, a veiu trazer ao marido. Este opoz que de nem-um modo a aceitaria senão atada em cordas e sob a guarda de um *capitão-de-mato*, como se fora escrava fujitiva. «Assim se fez (diz o biografo) pelo mais decorozo modo, e elle a recebeu, protestando, porem, chamar *Gonçalos* áqueles filhos que nascessem de tal matrimonio, porque *a sua casa* se podesse dizer *de Gonçalo*, com mulher tão rezoluta». Gregorio de Matos—*Obras*, I, 19.

e *saco* e veiu a significar um *saco* ou *saque* mais limitado ou diciplinado nas povoações dos vencidos. e talvez nella influiu o modismo tomado á medicina antiga os *panos* ou *trapos quentes*, remedio paliativo com que se enganava talvez a aspereza, o trabalho e o sacrificio, que tambem o é, de vencer um inimigo poderoso e forte.

## UM PUNHADO DE CONJECTURAS

O estudo das locuções traz sempre certa liberdade conjectural, pois sem alguma imaginação, que é cauza ás vezes de erros, pouco se ha de acertar ou de abrir caminho aos que vierem depois, mais lepidos e descansados.

Muitas vezes tendo perto e proxima a verdade, della nos apartamos em viágens aventurezas, remotas e inuteis. Mas ainda essa pesquisa improdutiva compensa pelas perspectivas novas a iluzão perdida e a mirajem que desapareceu.

Eis aqui um punhado de hipotezes inverosimeis:

### 1. — O passaro bisnau

Que vem a ser o encantado passaro?

*Passaro bisnúu* diz-se do sujeito mau, finorio, culpado mas difficil de ser apanhado nas faltas que comete. Condena a expressão o autor das *Infermida-*

*des da lingua*, paj. 143, como vocabulo plebeu, e Manoel Figueiredo tomou-a para titulo de uma comedia impressa no tomo XIII das suas *Obras* de teatro.

A explicação que de *passaro bisnau* dá Silvio de Almeida em um dos seus escritos avulsos não tem fundamento, apesar de interessante: deriva-a de *avis navis* paralela ao francez *oiseau frégate*, mas *avis navis* nada significa em latim e é mera latinização do romance.

No latim havia, sim, *avis mala* (expressão classica) *avice mala*, ave de mau agoiro e talvez é a verdadeira orijem porque a temos tambem no Gil Vicente na fórma mais primitiva *avezimáo*:

Ó fide p... maldito  
Triste *avezimau* tinhoso

I, 250.

De *passaro vismáo* é que se formou *passaro bisnau*. E este *avezimáo* é o ferido pelo estigma do mau agouro, e foi nesta forma, estudado por C. Michaëlis no volume II do *Cancioneiro da Ajuda*, pj. 84, a proposito da leitura erronea de Th. Braga (*a jus i mao* ap. Aires de Sá no seu importante livro *Frei Gonçalo Velho*).

Os inglezes possuem o termo *bisnow* que tomaram da India e designa aquella mesma seita que segundo Gonçalves Viana nos deu a sua formula de saudação o *Ram-ram* (o ramerrão). Mas

ignoro a forma portugueza que póde haver nos nos-  
sos classicos da transcrição *bisnow*.

Não acredito que tenha vindo da Azia.

Havia *aves más* (avezimao) como havia as *boas aves* que auspiciavam a feliz fortuna.

No *Cancioneiro geral* de Rezende, diz um trova-  
dor:

Nom parti com *boas aves*,  
& com pee ezquerdo entrey.

III, 28 (da ed. de Stuttgart).

Outra conjectura mais complexa é a que me  
acode quanto á expressão

## 2. — Comer queijo

Diz-se do que perdeu a memoria que *comeu queijo*  
ou que o *comer muito queijo* faz perder a lembrança  
das couzas.

Não alcanço bem a orijem desta velha credice  
popular. Dom Francisco Manoel de Melo  
nas suas *Obras metricas* (decima XXVI) escreve:

Sempre ouvi por regra aceita  
De Galeno que aja gloria  
Que *tira o queijo a memoria*  
A toda gente direita.

e repete no *Epigrama* 83:



Quem promete não repouza  
 Quando de dar tem dezejo ;  
 Venha, e não vos faça ó *queijo*  
 Esquecer de ess'outra couza.

Suponho que houve confusão entre uma forma antiga *quezo*, ou *cazo* e *quezo*, *queijo*, esta derivada de *caseum* como se sabe, e a outra derivada de *catium* de *cattum* que produziu no italiano *cazzo* (palavra obscena) gato <sup>1</sup> e no portuguez e espanhol caço, cazo ou *quezo*. <sup>2</sup>

Assim, *comer queijo* seria equivalente a *comer gato* e outra crendice tambem espalhada na Europa é que quem *come gato* ou *miolos de gato*, enlouquece ou perde o juizo.

A superstição é ambigua para os italianos por que tanto dizem *comeu miolos de gato* (aver mangiato il cervel di gatto) como tambem *comeu-lhe os miolos a gata* (mangiarsi il cervello la gatta) e nesta ultima maneira *gato* poderia ter sido primitivamente *cazzo* ou *caccio*.

Em qualquer cazo, temos equivocadamente duas expressões *gato* e *queijo* (*catus-catium*, *caseum*) que se apossimam e fazem grande mal á memoria e ao juizo, quando comidos.

Ainda mais conjectural é a expressão :

1 Ein gewisser Käse wurde in Ital. weil er in seiner Gestalt dem *cazzo* eines Pfordes ähnlich war, *cazzo-cavallo* genannt. (*Kærtin — Lex.*)

2 Entraria na formação da crendice o influxo verbal de *escaccer*, *es-quecer* ?

3. — **Passou o bispo**

Diz-se *passou o bispo* quando queimou o jantar ainda na panela.

É fraze popular e antiga. Encontra-se, por exemplo, em Antonio Prestes,

Mas vamos a panella  
Antes que entre o bispo nella

*Obras*, 315.

E ainda em outro lugar:

Entornaram-se as panelias?  
Deu ar por ellas?  
*Pegou-lhe o bispo.*

*Ibid.*, 279.

Conjecturei, certo momento, que se derivou da exclamação *Dominus vobiscum!* que o povo sempre diz *dómenos obisco*, o que logo sugeriu a idéa de *bispo*. A adulteração aliáz popular, depara-se também em Gil Vicente na *Farça dos físicos* (III, 309):

Elle ó *domenus obisco*  
Sempre c'os olhos em mi.

Cumpre agora achar a relação entre o *dominus vobiscum!* e a iguaria queimada.

É costume salvar com a fraze latina a qualquer pessoa quando espirra. Diz-se então *dominus tecum* ou *vobiscum*.

Ora um dos sentidos arcaicos ou esquecidos de *espirrar* e que está registrado no *Morais* é o de *saltar do fogo a erva verde* ou o *carvão quando queima*; diz-se então que a *erva*, ou o *carvão espirra*. Toca-lhes pois o *domenus obisco!*

E demais o queimado é *esturro* e o esturro faz espirrar.

Tambem da fruta picada pela *avispa* póde dizer-se que está queimada.

*Entrou a avispa* — equivale ao sinonimo dado pelo poeta comico — *deu o ar por ella*.

Os filologos romanistas imaginaram um latim hipotetico *vispus* para explicar o italiano *vispo* (vivo, alegre, alerta) que está registrado no *Koerting* e é muito provavelmente o mesmo que está na locução portugueza transcrito com a forma *bispo*.

Os contadores de historias das de *Trancozo* nararam o caso de outro modo muito mais facil: a cozinheira precipita-se para a rua afim de vêr o bispo que vae passar... entrementes, lá se foi a panela.

Em rezumo, o conto esclarece o *passou o bispo* por um bispo que passou.

No castelhano ha o ditado — *caer en el mes del obispo* ò *entrò el obispo* — entende-se em estação favoravel porque, segundo um comentador de *Quevedo*, significa o tempo em que vagando os beneficios que são de livre provizão dos bispos os seus apaniguados com muita razão se alegram.

Mas essa fraze em que podiam estar as locuções

*entrou* ou *passou o bispa* queima muito mais do que luz.

Preferimos o *vispus* conjectural.

O cumulo, porém, da aventura e ousadia foi a que me despertou a palavra:

#### 4. — Marmanjo

*Marmanjo*, dizem os dicionaristas que é homem mal feito, preguiçoso. É certo que também significa pessoa crescida, adulta ou quazi, e de corpo grande.

No antigo auto ou *Pratica dos tres Pastores*, publicado por Carolina Michaëlis ha a imprecisão:

Silvestre! *marmanjagaio!*  
Que folle para ferreiro!

(*Ein port. Weihnachtsauto*, 19).

Supõe a escritora que talvez proviesse do arabe. E no *Dialogo pastoril* (1753) citado pela mesma autora:

Arre lá com o *marmanjão!*

Pareceu-me a palavra uma corruptela vulgar de *maremagnum* (*maremanho*, *marmanho* e *marmanjo*). No *Vocabulario* do maestro Gonzalo Correas encontro:

Un *maremaño* de cosas (por muchas cosas).

A etimologia verdadeira é outra. E não é arabica como pensaram alguns etimologistas. O nome *Maria* e *João* foram sempre específicos dos dous sexos; a respeito do abuzo do segundo já tratamos em outro lugar. Do primeiro, isto é, de *Maria* apenas haveria que citar *Maria Castanha* e poucas outras *Marias*, e principalmente, o *Maricas* e o *Mari-macho*:

Mui facetos sois e vos juro que se não foreis hermafroditas femeas com nomes de *marimacho*...

*F. dos Anexins, 200.*

De *marimacho* e *marimancho* derivou-se *marmanjo*.<sup>1</sup>

### Levar tábua

A locução é corrompida de *tábola*, pedra do jogo do gamão; foi tomada da expressão proverbial «*ser tabola que não joga*» que se encontra nos antigos escritores e que significa não ter valor algum e estar fóra do jogo.

---

<sup>1</sup> A palavra fez lembrar pelo sentido a *malandro*, tomado ao que prezumo, de *malandra*, sarna que dá nos cascos e pernas das bestas (fr. *malandre* e *malandré*, em Rabelais) e que os impossibilita de andar. Tratamos já da palavra em outro lugar.

Na *Ulizipo*, pj. 47 :

Ella não lhe armam senão as tarefas de suas filhas, que as tem sempre de empreitada. Esta moça é *tabola que não joga!*

Quem recebe o *não*, fica com a inutil *tabola*.

Comprova-o ainda o uzo de dizer-se da que é já noiva; que é *carta fóra de baralho*. É outra especie de *tabola que não joga*.

Ha outras variantes populares: — *tabúia* ou *taboca* que são eufemismos para não dizer cruamente a palavra propria.

Comtudo, contra as regras geraes da derivação *taboca* não é a palavra primitiva; naturalmente formou-se *taboquear*, *taboqueiado* de *taboa* (porque era inconveniente dizer *taboado* ou *taboar*) e de *taboqueiar* derivou-se *taboca*.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *Levar* ou *carregar*, *tomar taboa* ou *tomar táboa*, é receber um redondo *não* em pedido de casamento. A intenção da fraze é ironica e de cruel ridiculez.

Com quanto mais conhecida e generalizada no Brazil acho que como não raro acontece é antiga locução portugueza, já talvez arcaica na Europa, mas vivida aquem do Atlantico.

Em certas festas que se faziam ainda em eras medievais em varias cidades, como a de Braga, havia a tradição que nos refere Fr. Bernardo de Brito da *corrida do porco preto* sob a invocação a bandeira de N. Senhora.

Os *almocreves* reunidos pelo *anadel* (segundo uma acta que se conserva de 1596) partiam a um sinal dado, a cavallo em ordem até quebrar a *Taboa* sob pena de multa.

«O que correr (diz o texto) uma carreira dê logo a tavorha ho outro e nam corra sempre hum so pena do que faltar pagar de ca-

### Chegar ao rego

Assim se diz na forma uzual de hoje que é todavia incorreta. A expressão propria é

chegar ao *relho*.

Na *Eufrozina*, de Vasconcelos a expressão aparece muitas vezes, como no fol. 22 v.

Veyo vos em popa, porque daí vireis ao relho.

O *relho* era a fivela ou antes os fechos com que se prendiam as tiras da cinta de castidade que usavam as mulheres. «Chegar ao *relho* a uma mulher» era despozal-a e, equivalia o mesmo, dezatar o cinto marital.

A deturpação de *relho* em *rego* foi de certo intencional e pouco decente.

---

deya milrêis». Partir a *Taboa* era a dificuldade e o grande premio do almocreve que o conseguisse.

A festa do *porco preto* pelos seus pormenores parece que era irreverente e danoza a muitos que contra ella reclamaram. Foi abolida no seculo xvii por lei, mas ouve violadores recalcitrantes que não podiam renunciar ao desporte tradicional. Leia-se a descrição minucioza que fez José Machado na *Illustr. port.* II, 653.

Dessa tradição é que pôde vir o *passar a taboa*, sem prejuizo da explicação fundamental da fraze, acima dada.

### Andar a gandaya

É o mesmo que *andar á tuna* (a tona = a tôa), e viver vida de vagabundo e ocioso. Os lexicógrafos não explicam o sentido da locução porque a confundem com outro termo *gandaya* = lavagem do lixo.

No *Anatomico Jocoço* de Fr. Lucas de Santa Catarina :

Armada a feira, começou a correr o povo, . . .  
uns a alcovitar, outros a *gandaiar*, outros a namorar.

2.<sup>a</sup> *Impertinencia*, 30.

Nos versos do poeta cego Joseph e Souza, academico dos Anonimos :

Mas você foi-se *a gandaya*  
Sem de mim mais se lembrar.

*Obras*, 181.

Vem do lonjinho « *reino de Candaya* » terra mentiroza que está na fabula dos romances de cavalaria. *Candaya* será, quem sabe? uma aproximação arbitraria da *Catai* misterioza e desejada, e coloca-se na Cochinchina. « Desde el Reyno de *Candaya* » diz Cervantes II, 36, quazi indicando o cabo do mundo.

*Anda a Gandaya* só o que anda por andar e a Deus misericordia. Mas a aproximação de *Candaya* e *gandaya* é fortuita ; melhor se explica pela etimologia gotica *wandjan* (al. *wenden*).



**Às tres**

**Tres**, é numero fatidico dos que conspiram ou se unem para qualquer insidia:

São os tres da corriola  
*Fumo, tabaco, e sola*

*Corriola* é uma treta de jogadores armada com uma *correia de sola*. No Entremez do *Juiz novo das borracheiras*, da literatura de cordel, ocorre a expressão:

Isto mesmo dispõe o grão Frasqueira,  
No *Tratado da sua Borracheira*,  
Capitulo 23 dos mariolas,  
Numero 26 das *corriolas*.

cena III.

Os tres nomes dos versos antes mencionados do *folk lore* parecem-me ser um ajeitamento dos tres generos do antigo estanco real: *vinho, tabaco e sal*,  
E não é a unica pulha que merecem os tres:

**Tres, o diabo os fez**

Este ditado é já uma alteração de outro — *Às tres o diabo a fez*. Quer dizer, *á terceira* o diabo acerta; ou della não é possivel escapar. A forma orijinaria é que dá um poeta da *Academia dos Singulares*:

Vai-lhe deitando as maçans,  
Larga-lhe uma, larga-lhe outra,  
E *às tres o diabo a fez*.

II, 204.

A forma primitiva é conseguintemente: «*Ás tres, o diabo a fez*» (e não — *Os tres o diabo os fez*).

E é com esta forma correta que escreve o Cavaleiro de Oliveira:

Conhece sua prima, pela qual se pode dizer que *ás tres o diabo a fez*.

*Cartas*, I, 135.

Varios são os numeros que tem sentidos sibilinos e obscuros, ás vezes indecifráveis. <sup>1</sup>

1 **Comigo é nove!** ou *comigo é sete!* é uma expressão indefinida que parece, no dialogo, indicar acordo ora dezafo.

A verdade é que nas linguas romanas ocorrem dizeres semelhantes e difíceis de serem cabalmente explicados, porque incluem elipses ou subentendidos varios.

No italiano ha a expressão que se dá como resposta: *E sette* (ou tambem) *E sei*; o intuito é de mostrar o enfado de repetir o que já se afirmou muitas vezes:

— Voi non manchere te

— Dico di no; e sette

isto é, «já disse mil vezes que não faltarei».

A locução parece provir de outra *dire una casa in sei modi* que um erudito Racheli prezume serem os *modos* da conjugação.

#### **Sete é conta de mentirozo**

Não alcanço penetrar o verdadeiro sentido. Verdade é que o estilo biblico por um hebraismo que se tornou vulgar, ficou *sete* um numero indefinido e por isso inexato ou imprecizo: «*sete vezes sete*» ou «*setenta vezes sete*». Conta de mentirozo será conta de judeu? Os magos contavam por sete. Ou será *sete* mau numero por que *sete* são os pecados mortais? Ou *mentira*, palavra de *sete* letras? Por esse declive de conjecturas tudo é possível

Não é menos fatidico que o *sete*, o *onze*. Em lugar proprio estudamos a locução — *na onça*. Alude ao *onze* um poeta do Cancioneiro geral (se é certa a leitura):

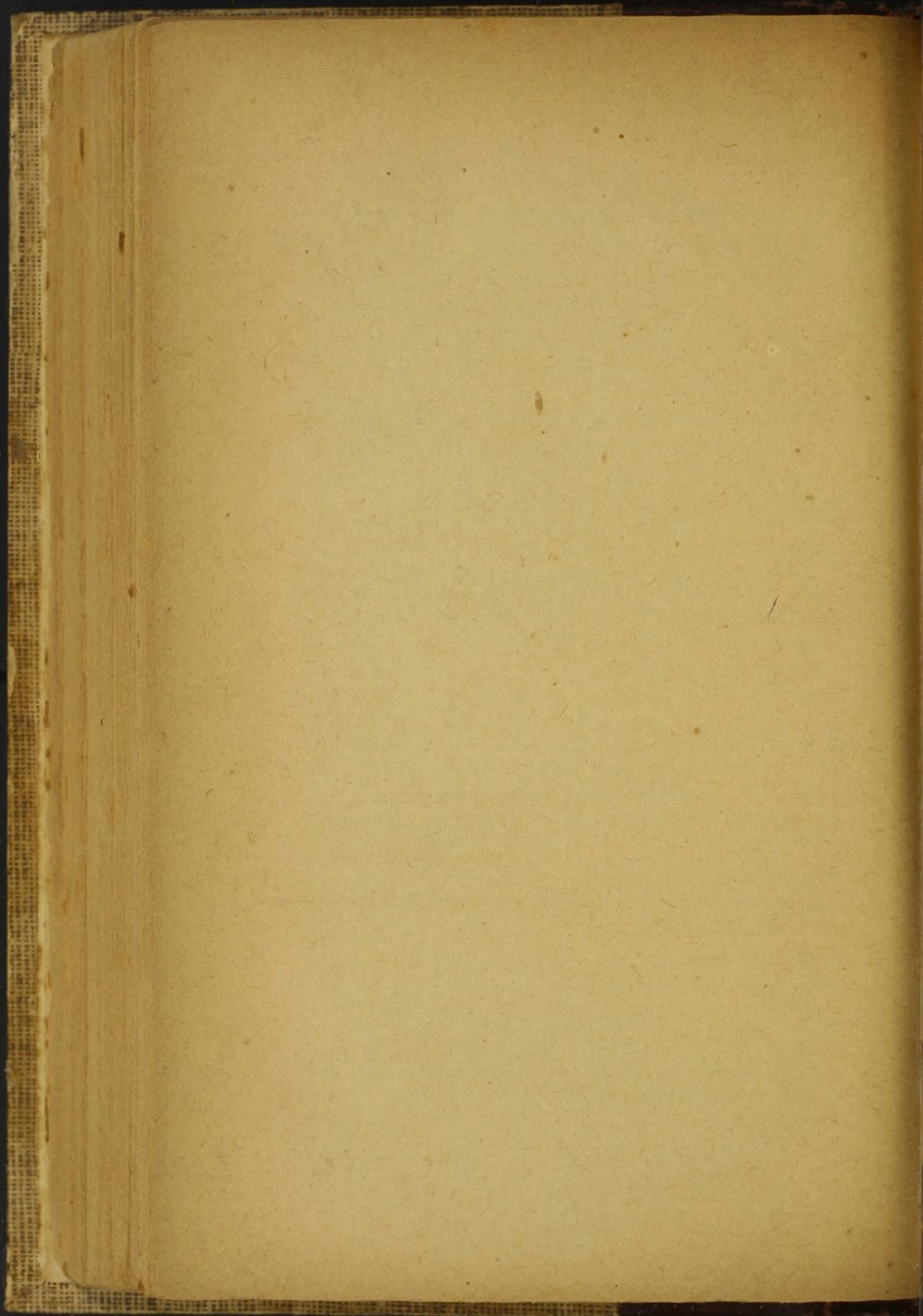
Posto que de motejar

Eu aja *onze* por sorte

III, 108.

Ha tambem a locução conhecida — o **Onze letras** = (o alcoviteiro) das onze letras que tem a palavra que não nomeiam.

NOTAS SUPLEMENTARES



## NOTAS SUPLEMENTARES

---

As notas que se seguem vão dispostas na ordem do alfabeto, e por isso, é escuzado indicar a pajina do texto a que se referem. Em muitas dellas ha a incluzão de *frases feitas* ou *proverbios* novos que não entraram no corpo do livro, sempre no mesmo tom conjectural em que foram escritos, sem nenhum intuito de definitivos; e ha tambem algumas correções ou aditamentos indispensaveis. Para conferir estas notas com o texto ha que recorrer ao indice.

**Ab ovo** — Não está no propozito destes rabiscos considerar ou estudar os antigos proverbios literarios ou classicos. Se deste aqui falamos é que, parece-nos, se tem explicado de modo erroneo, a maneira de Erasmo, dizendo-se que provem da fraze e de certo costume romano quanto ás refeições que começavam por um *ovo* e acabavam pelas *maçans*. O proverbio completo era

*Ab ovo usque ad mala*

Horat. *Sat.* 1, 3.

Mas, esta explicação é inteiramente falha, ainda que o anexim se oriijne de fonte literaria. *Ab ovo* não signi-

fica só desde o principio ou começo, mas desde muito lonje ou de tão lonje que pareça escuzado, ridiculo ou desnecessario.

Esta inconveniencia de remontar a orijens distantes foi repreendida ainda por Horacio na sua *Arte Poetica* v. 147 e daí é que veiu a expressão no seu sentido actual. Muitos dos versos daquella celebre epistola, assim como os da arte de Boileau, são hoje proverbiais.

**Adunia** — Em muitos casos será difficil de distinguir de *a uma*, a só guiar-se pelo sentido. Sirva o exemplo de Guevara, nas suas *Epistolas familiares* quando fala do avarento.

«hunde la casa a bozes y da al diablo a la muger y hijos: diciendo que son *a una* para robarle *todos*

Edic. de 1544 — 158 v.

— A correção *adunia* por *as duzias* como está na edição moderna de Antonio Prestes, foi, com muitas outras, feita por Epifanio Dias (*Rev. lusit.* 1-1); não a tinha presente, mas já a conhecia do lexicografo Moraes, s. v., *adunia*.

Citamos as *Obras* de Antonio Prestes numerosas vezes pelo texto defeituozo, mas o unico accessivel <sup>1</sup> da edição moderna feita por Tito de Noronha; as citas, porém não foram prejudicadas e não têm que sofrer emenda quanto ás frases a que servem de comprovação.

**Afan** — Acho, de caminho e sem o intento de apro-

---

1 A 1.<sup>a</sup> ed. de Prestes foi feita conjuntamente com a dos *Autos* (exceto o *Seleuco*) de Luiz de Camões. As bibliotecas do Rio de Janeiro, ricas sob certos aspetos, ainda não possuem coleções suficientes para o estudo historico da nossa lingua. Isto explica (embora não justifique) as falhas da minha *Seleta classica* na parte ante classica, que aliáz não forma o objecto do livro, mas apenas a introdução; espero corrigil-a na edição proxima, com os materiais que tenho adquirido para meu uzo, não sem sacrificio acima das minhas forças.

fundar a questão, muito pouco satisfatorias as significações que atribuem a esta palavra todos os estudiosos da literatura medieval; por que só lhe dão um sentido muito tenue e fraco que não parece ser o proprio. Veja-se, por exemplo, o que dizem Lang no glossario do Cancioneiro de D. Diniz, Fitz Gerald na ed. da *Vida de Santo Domingo de Silos* e outros muitos que igualmente dão o sentido de hoje ou lojicamente o suprimem dos vocabularios explicativos. A verdade que me parece ser, é que *afan* mais do que *dôr* ou *aflição* exprime especialmente aleijão, mutilação corporal ou fisica de qualquer membro ou sentido: a cegueira, como no cazo da *Vida de S. Domingo*, de que o cego lazerado pede a cura

... ti prenda cordoio de este mi *afan*.

Os cabelos cortados de Sansão e que eram a sua força tambem o fazem dizer no *Auto do dia do Juizo*, de epoca (sec. XVI) muito mais recente:

Ó forças tão extremadas ...  
 ... Quem vos roubou  
 Com poder de tezouradas ...  
     Com *afan*  
 E tormento e prizão  
 Feneceram feitos meus.

Embora atenuado, nos cancioneros, o *afan* sempre se acompanha de *gran coita*, separação ou *grande mal*. O *afan* é tambem asfixia (faro) ou surdez ou perda de voz, ou mutilação dos castrados (tambem na voz, *fanhozo*); dizia-se *mouro fanado* ou *alfenado*, isto é, circumcidado; confronte-se com o sentido de pequenez que ha em *fanico* e *faniquito* etc. O *Diccion. de Construccion y Régimen* de Cuervo não traz exemplos significati-

vos, salvo entre os mais antigos os que associam *afan* á conquista de cidades e ás batalhas.

**Alçar o galho** — Também ha a forma espanhola moderna *alzar, levantar el gallo* no sentido de mostrar arrogancia e soberba como é propria do *gallo*, e pôde ser esta a explicação da fraze paralela portugueza; dizemos também *cantar de galo*, com identico sentido. Comtudo, as formas *gajo* e *galho* sendo as que pela forma melhor se correspondem, são as que ocorrem na locução antiga de ambas as linguas: *alzar el gajo* e *alçar o galho*.

Não me parece que seja aceitavel a aproximação que faz H. Suchardt (*Zeitschr. f. rom. Ph.* 1905, 331), entre *alçar o galho* e as frases e vozes italianas que possam derivar de *galla* (noz de galha); o sentido de « estar em cima e flutuar » que é proprio da *galla* pela sua leveza, escuzaria o de *alçar*.

**Alçar a palha** — É uma locução diferente de *alçar o galho*, ainda que se convizinhassem, mais pelo emprego do que pelo sentido. Os espanhois dizem: *tomar uno las pajas (ò alzar) con el cogote*. No *Auto dos dois Irmãos* de Antonio Prestes:

— Se depois de ido o coelho  
Elle corria perigo!  
Na tardança *alçou palha*.

Obras, 268.

A confusão das duas palavras *galo* e *galho* produziu no Brazil um novo anexim. O antigo proverbio que vem desde Seneca — *cada galo em seu muladar* — ou — *cada galo em seu poleiro* — *Gallum in suo sterquilinio plurimum posse*) foi transformado em — *cada macaco no seu galho* — e com o mesmo sentido.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> O ditado — *Macaco velho não mete a mão em combuca* — que está explicado numa historia anedotica da *Arte de Furtar*, como o lem-



**Antigualhas** — Não inclui, certamente, todos os numerosos provérbios que ocorrem nos mais antigos documentos da língua já por não oferecerem interesse geral, já por que (em poucos casos) nem sempre será possível achar explicação razoável do que significam. Dos primeiros são exemplos os que se acham registrados por C. Michaëlis no vol. II da ed. do *Cancioneiro da Ajuda*, 403, 862, 922, 807, 834 e o aditamento que se depara no *Índice*, 985, e os que se colhem na edição de Lang do Canc. de Dom Diniz, (*Anmerkungen*)

Nas *Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade*, nova monografia de Oskar Nobiling, (Erlangen, 1907) ocorrem dois provérbios nos n.ºs 44 e 45. O primeiro diz, segundo o texto do editor:

Don Foan disse que partir queria  
Quanto lhe deron e o que avia  
E dixi-lh'eu, que o bem conhocia  
CASTANHAS EIXIDAS E VELHAS PER SOUTO!

A título de explicação diz o editor em nota:

« *Eyxidas* (< *exitas*) sinonimo de *saidas*: supponho que ambos estes termos (*saidas* e *eixidas*) querem dizer « extraviadas ». O sentido da locução proverbial é evidentemente: haveres de nenhum valor ».

Esta evidencia é infelizmente muito obscura, nem o sentido de *extraviadas* tem qualquer cabimento aqui.

O segundo provérbio é o da *Cantiga* n.º 45; como o antecedente, é um estribilho, e diz assim:

---

brou Silvio de Almeida em uma das suas excelentes *Palestras filológicas*, aparece com a variante seguinte no entremez de cordél do *Doido por força* — cona I: «sou macaco velho não caio em *galanduchas*.» —

Vi eu estar noutro dia  
 Infanções com um ricome.  
 Posfaçando a quem mal come;  
 E dix, eu, que os ouvia:  
 CADA CASA FAVAS LAVAN.

Ainda o editor ajunta em nota explicativa:

Bluteau, sob o vocabulo *Fava*, cita o adajio:  
 « Em cada casa comem favas e na nossa ás  
 caldeiradas » cujo sentido não se afasta muito  
 do nosso.

Esta *explicação*, que parece um pouco melhor que a  
 do cazo antecedente, é ainda assim assáz embrulhada.

Em ambas as cantigas que são de escarneo, ha a  
 intenção de ironia ou maledicencia, já se vê. Na pri-  
 meira n.º 44 o autor ri-se incredulo de *Don Foan* que  
 queria repartir a sua fortuna ou gastal-a, coiza impos-  
 sível a um avarento, e a ironia do poeta melhor se  
 percebe na segunda estrofe:

E disse-m'el, quando falava migo:  
 — Ajudar quero senhor e amigo. —  
 E dixi-lh'eu: « Ess' é o verv'antigo:  
*Castanhas eyxidas e velhas per souto* »

*Castanhas eixidas* não parece equivaler a « haveres  
 de nenhum valor », ao contrario, o proverbio diz que  
 quando pingam do ouriço as castanhas, as *velhas* não  
 saem do castanhal e alude-se aqui ao egoismo interes-  
 seiro das *velhas*, como em muitos outros proverbios (a  
*velha* que vai aos bredos; a *vieja que va a la casa de la*  
*moneda a ver se la pega*, avezou-se a *velha* ao mel etc.) O  
 trovador que naturalmente não acreditava na generosi-  
 dade de Dom Joan, pois

## o ben conhocia

respondeu-lhe com o remoque do antigo *vervo* ou anexin.

O proverbio da Cantiga n.º 45 é tambem outra satira aos que se prezumem de generozos e zombe-teiam dos escassos não peiores que elles. O autor, que os ouve, faz a reflexão

« Cada casa favas lavan »

O editor que gasta tempo em explicar que *desde* vem de *de-ex-de* e que *sôdes* é *sois* e *vobiscum* é *vosco* e outras trivialidades, quando encontra qualqner dificuldade verdadeira passa como gato por brazas ou não diz coiza alguma. No proverbio <sup>1</sup>

## Cada caza favas lavam

1 Convem não tomar o alquime pelo ouro e nem fiar das apparencias apezar do character objectivo e exato, do valhacouto de sinais algebricos, notas e notulas e aparelhos graficos e tipograficos das monografias segundo o gosto alemão. Do mesmo O. Nobiling, abrindo-se a paj. 42-43 da sua monografia veremos os versos: 429 (e a interpretação em nota que é ainda peor); 449 (com restituição oposta ao que deve ser); 456, alem de interpretações erradas ou inaceitaveis: *de pran*=clara, seguramente, (de subito) 99; *tornar*, virar-se, (responder) 120; *parte*=informação (mas só pessoal se se opõe-se a *mandado*; bôa é a interpretação de Michaëlis «*weisse nicht den kleinsten Teil*», 176; *guarir*=salvar a vida (ficar bom) 248; *tam mal dia nasi*=sou bem infeliz (maldito o dia em que naci) 263; 396 não interpretado; *convinha* traduzir e por *mas* ou *se é capaz que*, 396, 402, 408; inaceitaveis, 418, 429; *cobrado*=curado! 448; o verso conjectural deve ter sentido oposto, 449; *praz-mi por veer*=agrada-me vêr (quero ainda ver; duvido ver) 476; *ergo*=exceto (mesmo, pois, ainda quando, se por conseguinte) 569; e muitos outros lugares que ou ficaram sem explicação, ou trazem a que não convem, ou erram o metro, como por exemplo, o pretendido verso 694 que está lonje de ser o unico.

Assim posto, para que repetir o nosso illustre Nobiling da

depois de confessar á ignorancia e incompreensão deste verso cuja leitura pôde não ser exata, conjecturo que a intenção do poeta foi dizer que « cada caza sabe o que por ella vae ». As *favas* eram o aritmometro do outro tempo ; era antigo costume domestico, e feminino, de fazer contas por meio de favas. O anotador do *Cuento de Cuentos* de Quevedo (éd. de Sbarbi, 88) ao dito que é também nosso *Son habas contadas* (são favas contadas) ajunta as palavras: « las habas y otros granos fueron en largo tiempo medio de echar suertes y hacer cuentas en los usos domesticos, y aún en los publicos de muchos pueblos ». Uzo peninsular e até europeu.

No italiano existia a expressão proverbial — *Tutta é fava* — que se responde ao que por um objeto pequeno exige ou dá outro grande, e a intenção é significar que « tudo é o mesmo » ou « no fim das contas dá certo »; desta locução fez Cornazano (ed. de Liseux, 132) no seculo xv algumas das suas imorais *Facecias*, que o nosso povo conhece com algumas variantes que se não podem aqui registrar.

Outra locução antiga que desapareceu foi o — *de pran* — (de plano) no sentido de — subitamente, de repente.

boca de H. Lang (Liederbuch, vii, viii) que um notavel escritor portuguez (*excusez de peu*) não sabe o idioma (!) nem a metrificacão dos poetas? Está-se vendo quem é que o sabe.

Entretanto, Henry R. Lang, cujo merito grande e excepcional ninguem constesta, também claudica no metro (vejam-se no *Liederbuch des K. Denis*, os versos 905, 1140, 2627, todos errados) uza de subterfugios (veja no *gloss.* — como explica *aque porsieche!* — e *eis* por *ecce* lat.; o *imbroglio* que é o v. 2646; *tosquiava* por *tosquiam*, 2721; *comendo* por *com medo*, 2746; e é engraçado... « *humoris tisch gefärbte* » realmento quando diz do « *revolver o caderno* » e o *brou* (do n.º cxxxvii), naturalmente por haver percebido a graça daquella cantiga de escarnéo...

E tanta coita lev'e tant'afam  
Que morrerei com tanto mal *de pram*

C. Dom Diniz — XIV.

U n'outro dia Dom Foam  
Disse uma cousa que eu sei,  
Andando aqui en cas d'el-Rei,  
Bôa razom mi deu *de pram*

*Ibid.* cxxxiv. 1

Este ultimo trecho é o que exemplifica melhor o sentido orijinal da antiga fraze juridica — «sentenciar *de plano*» isto é, imediatamente e apôz a alegação das partes. Hoje «*de plano*» envolveria a idéa de intenção preconcebida ou resolução já assentada.

Expressões juridicas e canonicas adulteraram-se no uzo comum; v. g. *façanha* que era o aresto ou cazo julgado, *pracêbo*, antiquado, officio de defuntos (da antifona *Placebo Domino*); Viterbo, *Elucid.*

**Aparicio** — No Euzebio Macario de Camilo C. Branco entre as drogas antiquadas do boticario, cita-se o *unguento aparicio*, uma das maravilhas da farmacopéa antiga e definia-se: «*Oleum quod ab inventore nominant Aparicii*»; a definição e a etimolojia não passam de embuste. O azeite de *aparicio* é o das flores de *Hyperico*, planta medicinal, com outros ingredientes que tornavam o preparado muito caro «Caro como azeite de *aparicio*». Ocorre no Dom Quixote, II, 46, e está a expressão registrada no vocabulario de Cejador y Frauca, com a devida explicação.

1 As citas são feitas pela edição de Lang. Conservo, porém a leitura Dom Foam que é a do codice (em vez de *Dom Joan*, como leem Lang e outros); veja-se a nota de pj. 562-563 do *Canc. da Ajuda*, II, Carolina Michaëlis, a favor da leitura *Dom Foam*.

Carolina Michaëlis reuniu grande numero de proverbios do portuguez anteclassico em coleção que não logrei ver.

**Apia ha, apiahá** — Vejo agora que se occupou desta expressão a insigne Carolina Michaëlis de Vasconcelos e interpreta-a como significando *maneira, moda, toada* ou *estribilho* de canto (*Rev. lusit.* 1, 4). Póde ser. Estou convencido, porem, de que é *apia há* o nome do instrumento (que aliáz podia estender-se ao da cantiga, como succedeu a *lyra*) e acredito que talvez seja o mesmo a que chamam *birimbau*, pois que é ainda uma das façanhas dos bons tocadores deste rude instrumento tirarem as palavras *piáu-o*, ou, *piólho* [no Brazil *pidu* é nome de um peixe], e ainda melhor *a-pia-há*. Comtudo, póde não ser esta a explicação da palavra que, a meu vêr, é uma onomatopea. Se é, porem, uma toada ou modinha antiga, donde proveiu ella e que sentido tem? Eis o que falta explanar.

**Arabicos** — (proverbios). É claro que não incluímos no pequeno artigo do texto as numerozas sentenças de origem arabica que deviam ter entrado para a frazeologia portugueza; algumas dellas ficam tratadas em outros lugares do livro, e, outras, por muito claras não necessitam de interpretação. Certos modismos da estilística dos arabes transparecem no frazeoar comum e um delles é, para exemplo, a formula das comparações feitas com elemento negativo ( $a - a' = b - b'$ ): « Pobre sem dinheiro é candeia sem azeite; senhor sem justiça é como o rio sem agua; o sabio que nada faz é como nuvem que não traz chuva » (Ein Armer ohne Geld ist wie eine Lampe ohne Oel u. s. w. na *crestomatia* apensa ao *Handb. der neu-arab. Sprache* do dr. A. Wahrmund, II) modismo muito proprio das linguas semiticas, como é facil vêr no estilo biblico, que todos conhecemos.

Os apologos e contos arabes são fabulas (tomadas do sanscrito na remota fonte) que aparecem na *Disciplina Clericalis* de Petrus Alphonsus, e nas obras de Juan Manuel e outros; a historia de *Kalilah* e *Dimnah*

seguiu a mesma marcha desde a lingua sanscrita pela versão pehlvi e depois arabica, e emfim espanhola; veja-se a *Literatura espanhola* de J. Fitzmaurice-Kelly, (na ed. franceza, preferivel a todas) *Introd.* 17.<sup>1</sup>

1 O *asno diante da atafona*—não é o mesmo de que fala o Chiado:

Levei la uns tres alqueires  
E elle: não has nem queres  
Foi o *asno de Arrifana*

*Rifado e rifoso* diz-se do animal de montaria teimozo, ou brigozo e embravecido. E tambem *arrifado*; com este sentido de *arrifar* (e não com o de *arriçar, erriçar*) é que se ha de entender o texto da *Cantiga* n. 49 da edição das trovas de Guilhade por O. Nobiling, (pj. 66-67) porque é o unico cabivel.

O trecho que demos acima do poeta Chiado lembra a historia do *asno de Buridam* (os castelhanos dizem *el alma de Garibay*, com a mesma applicação) mas parece-me difficil identifi- cal-os.

O *asno* ou *boi diante de palacio* parece antes recordar o *asinus ad lyram* de orijem classica, pelo menos quanto ao sentido que hoje se dá á locução no uzo comum. E' curiozo apossimar *asinus ad lyram*—de um antigo rifão que aparece nos trovadores:

Ben tanto sabes tu de trobar  
Ben quanto sab'o *asno de leer*

CANC. VAT. 1010.

Mais lo que sabe molher ben querer  
Ben quanto sab'o *asno de leer*.

CANC. BRANC. 1573.

Não ha duvida que se diz aqui *leer=legere* mas não é impossivel a associação de idéas nas duas frases que soam parecidas. Os exemplos foram reunidos por Michaëlis quando trata do analfabetismo de alguns dos troveiros (*Canc. da Ajuda* II, pag. 635).

Aliáz, a ciencia azinina foi por modestia ou ridiculez tomada para nome ao menos de um pregoeiro, o *Saber dasno*, que Viterbo registrou no seu *Elucidario*, S. V.

\*

**Bibliografia** — Não acho de interesse agrupar os materiais de estudo que me serviram na elaboração deste trabalho. Suponho nos criticos a capacidade de discernir os autores, a de saber que o *Filodemo* é de L. de Camões ou que o *Auto dos Cantarinhos* é de A. Pres-tes, quando por brevidade omiti indicações mais precisas de titulos e lombadas. As citas da *Arte de Furtar* foram feitas segundo a edição da casa Garnier, 1906, mas como ha varias tirajens espurias desta edição, aviza-se que só tem valor a que traz no frontispicio a indicação de *edição popular* por ser a que tem o glossario autentico e correto. O adajario de Roland é o que traz a autoria com as iniciais *F. R. I. L.* etc.

**Bisnáu** — A etimolojia popular de recursos mais amplos que a fonetica pôde explicar a transformação *bismau* e *bisnau*; da tranformação *m-n*, temos exemplos como *nespera*, *nembrar* (memorari) ou do grupo *m'n* (dono, *dom'nu*) que são cazos especiais.

**Cada macaco** no seu galho; não meter mão em com-buca. Veja **Alçar o galho**.

**Cada caza** favas lavam. Veja **Antigualhas** neste suplemento.

**Cada dia** tres e quatro etc. Veja — *Latinismo* — neste suplemento.

**Camapé** — **canapé** — A palavra é grega — *κωνωπεῖον* — no latim classico *conopium*, como está entre outros em Horacio — *Epod.* 9, quando se indigna o poeta de ver entre as aguias romanas o *mosquiteiro* ejiptico de Cleopatra:

Interque signa turpe militaria  
Sol aspicit conopeum.

vejam-se os comentadores de Horacio nas edições de Crusquius, 1578, pj. 272, na de Acron (variorum) 1559, fol. 111 v., ou na mais conhecida, de L.



Desprez, 1691, pj. 462. Na tradução da Biblia já o vocabulo havia sofrido a mudança de sentido que se vê dos lugares: «Holofernem sedentem in *conopeo*» e «ecce *conopeum* illius in quo recumbebat in ebrietate sua.» O *conopêo* evidentemente de cobertor, cortina, ou mosquitoeiro se transformou em tapete e leito ou *canapé*. Veja-se H. Rönsch — *Itala und Vulgata* (§ *Gräcismen*, 238) pj. 240.

**Calças pardas. Camiza de onze varas.** —

Outro exemplo da locução no seculo XVIII é o do entremez — *Manoel Gonçalves logrado* — publicado na *Crestomatia* de Massarelos, Hamburgo — 1800 — pj. 152; «Olhe que se vae *meter n'uma camiza de onze varas*».

Com sentido um pouco apossimado diz-se: **meter-se em calças pardas** — e principalmente se applica á ouzadia donjuanesca dos sedutores de mulheres; parece, que neste particular *calças pardas* conserva o sentido arcaico de *calças*, isto é, *meias* e o vocabulo *pardo* indica ou sujere a terrivel primícia dos nobres sobre a virjindade das suas vassalas. O sentido de *pardo* não foi bem apurado por Viterbo no seu *Elucidario*. Não logrei explicar a fraze, ainda socorrendo-me da circunstantia sabida — que os camponios costumam vestir calças aos pintos e galinhas para que se não confundam com os dos vizinhos.

**Cão (o) e a sombra.** E' a fabula de Fedro, I, 4, que serve de orijem literaria. A fonte é indiana do Calladha-nuggaha Jataka, em que o apologo oferece variantes curiosas e é uma lição de moralidade para as esposas infieis; uma destas seduzida pelo amante, por este foi levada até um rio que deviam passar a nado; o amante atira-se primeiro á corrente levando as roupas da companheira que dellas se havia despido, atravessa o rio, mas não volta mais. Intervem Indra que transformado em chacal com um pedaço de carne propõe-se ir ao encalço do fujitivo, mas em meio da corrente distrae-

se a perseguir os peixes e deixa á marjem a carne que um abutre arrejata. Por isso, diz-se, no *Pachatantra*, v. 8:

Sem marido, sem a carne, sem roupas,  
sem amante, mulher, aonde vais?

No Ezopo de Marie de France aparece a variante do cão que atravessa não o rio, mas uma ponte; contudo o Ezopo portuguez de Vidigueira (ed. 1684, pj. 27) conserva a tradição de Fedro, ao passo que o Ezopo arcaico publicado por J. Leite de Vasconcelos e que ao meu parecer é de orijem franceza (até pelos muitos galicismos que nelle ocorrem: *cabeça de morto*, *tête de morte*) mantem a tradição da ponte (fab. v. do *Livro de Ezopo* pj. 12). A versão arabica que está em Loqmán (pj. 129, da tradução portugueza de José Benoliel com a parafrase em versos hebraicos — Lisboa, 1898) tambem introduz o milhafre e, por isto, deve estar mais proxima da orijem indiana.

**Castanhas eixidas** ou saidas. — Veja **Antiguias** neste suplemento.

**Conjecturas** — Ainda que o tom geral deste livro seja conjectural, bem se vê que ha explicações que são definitivas; ainda as ha que se apossimam da verdadeira fonte; e com certeza haverá outras cujo sentido exato não logrei descobrir. Muitas me ficaram na pasta, á espera de prova, em esboço ou mal debuxadas. Entre estas ultimas, por exemplo, citarei aqui: — « fazer um **pé de alferes** » — que me parece estar relacionada á locução franceza — *pied d'affaires*.

D. Francisco de Portugal, o antigo, cujas trovas estão no *Canc. de Rezende*, emprega a expressão *aféres* que já tinha, pois, entrado na lingua:

Faz-se santa nestes santos  
Por nos dar mores *aferes*.

Ed. Mendes dos Remedios, 117.

É tambem possivel associar o ditado ao conto equivoco de Bonaventure des Periers (nouvelle v) —do tempo em que havia a locução *faire pieds neufs* (*accoucher*) e *pieds à faire*. Não ha, porem, vestijio deste modismo. É conjectura muito vaga.

Outra fraze proverbial que não inclui no livro foi:

trazer a agua no bico

que se aplica a pessoas que trazem intenções ocultas que entretanto deixam transparecer; corresponde a outra tambem popular — *gato escondido com o rabo de fóra*. — Varias explicações foram propostas por Silvio de Almeida que sempre perspicaz, não logrou contudo acertar por que foi sujestionado pela palavra *bico* interpretada como *bico de passarinho*.

A fraze vem de outra mais extensa e que é um prenuncio e aforismo da antiga astrologia pratica:

Lua com circo traz agua no bico

Os que trazem intenções mal disfarçadas tambem deixam entrever o halo lunar dos seus interesses. Os camponios tambem diziam: *Circo de lua pastor enxuga* e *Manhã ruiva ou vento ou chuiva*, já rejistrados em Delicado (ed. 1651) pj. 26-27.

Não inclui aquelle ditado, porque não achei documentação que o abonasse em escritores classicos; mas é tão popular e generalizado que não pôde deixar de ser antigo.

Não registrei no texto os provérbios que são meras sentenças morais ou imorais, cuja explicação seria escuzada e inútil ainda para os leitores menos argutos. Tal é o caso p. ex: dos ditados: *Filho de peixe sabe nadar; muito rizo pouco sizo; pedra roliça não cria bolôr; de pequenino se torce o pepino; não se pescam trutas a bragas enxutas; dadivas quebrantam penhas; quem tem boca não manda assoprar* etc.

A) Entretanto, para leitores menos assíduos nesta matéria, não será inútil apontar uma ou outra singularidade. Nos brocados que se fundam no conhecimento do calendário, a sabedoria popular entende-se apenas para o hemisfério do norte:

Abril, águas mil

Dia de S. Vicente (janeiro) toda água é quente

Sol de *janeiro* anda sempre atrás do oiteiro

(é o oposto, entre nós)

Pão *tremez* não o comas nem o dês

(tremez=de tres mezes, temporão)

*Santa Luzia* crece a noite mingua o dia

(em dezembro)

Alguns destes aforismos de lavradores e pastores, por isso mesmo que são muito antigos devem ter sido o núcleo primitivo de outras variantes; o brocado — *Agosto tem a culpa, setembro leva a fama* — registrado na mais antiga das nossas coleções, a de Delicado — é talvez a fonte do provérbio posterior: *Papagaio come o milho, periquito leva a fama* (Brazil).

B) Algumas vezes, a rima é da fonética arcaica ou popular:

Por Santa *Marinha* vai ver tua vinha.

(Marinha = Maria)

Ao minguar a *lua*, não comeces coiza alguma.

(*lua* = luna, lũa)

deste genero são as terminações em *inho* por *io*: Quem tem abelha, ovelha e *moinho*, entrará com el-Rei em *dezafio* — ou — Semêa cedo, colhe *tardio*, colherás pão e *vinho*. Da mesma natureza é — Pescador de *cana* mais come do que *gana* — talvez de origem espanhola. E — Repartiu-se o *mar* e fez-se *sal* — (originariamente — e faz-se regato ou arroio) — Beijo-te *bode* porque has de ser *odre* (feito da pele do mesmo).

C) Idéas, vocabulos ou coizas arcaicas e obsoletas conservam-se nos proverbios :

Quem poupa seu *mouro*, poupa seu ouro

(*mouro* = escravo)

Á barba *cam* a moça loucã

(*cã* = branca)

A boda de ferreiro cada um com seu dinheiro.

Era costume nas festas de bodas, cada um levar a sua matalotagem. *Bodas* são quaesquer festas ; ás vezes bulhentas acabavam em rixas e em sangue ; previu-o a legislação antiga, e a sabedoria popular com o avizo :

Não ha boda sem tornaboda.

A syntaxe arcaica :

Casar, casar, *que* bem *que* mal.

(= casar, sempre)

onde este *que* é apenas uma particula enfatica, como em « muito *que* bem » e outras expressões ainda populares.

Bem sei o que digo quando pão *vido*.

(*vido* de pedir)

Quem muito dorme pouco *aprende*

(aprende, alcança)

Pão *comesto*, companhia desfeita

(comesto = comido)

Nem em mar *tratar*, nem em muitos *fiar*

(tratar = comerciar)

Vão-se os gatos *estendem-se* os ratos

(estender-se = deitar-se, dormir)

Minha filha *Tareja* tanto vê tanto *dezeja*

(Tareja = Tereza)

Com teu visinho *cazarás* teu filho

Deste ha muitas variantes; a que diz — *casamento da par do lar, compadre dalém do mar* — (d'a par = junto, vizinho) — mostra ser posterior a epoca dos descobrimentos maritimos: mais antigo será o outro: — *De Castela nem vento nem cazamento.* —

Quem filhos tem não *revessa*

(*revessar* = ir á contra corrente, de vagar)

Olhos verdes em poucos os *verêdes*

(*verêdes* = vereis)

Aonde *is*? a fazer barris

(*is* = ides)

Comadres e vizinhas *a revezes* hão farinhas

(*a revezes* = alternadamente)

Por *linha* vem a tinha

(*linha* = linhagem, sangue)

Quando a creatura *denta*, morte atenta

(*dentar*, começar a dentição)

Quem se deita sem ceia toda a noite *devanêa*

(*devanêar* = sonhar sonhos futeis)

A mulher mesquinha de traz do lar acha a *espinha*

(*espinha* = espinhos)

Da-me pêga sem *macha* dou-te mulher sem tacha

(*macha* = mancha)

Madrinha fazei o topête e *ullo* o cabello?

(*Ullo* = ú lo, onde o)

*Mão posta*, ajuda é

(*Mamposta* = preparativos feitos antes da obra)

Pouco e pouco fia a velha o *côpo*

(*côpo* = a porção da fibra que se ha de fiar)

Talhae *passo* que ha aí pouco panno

(*passo* = de vagar)

Em *pequena hora* Deus melhora

(*pequena hora* = menos de uma hora)

D) Muitos são os fatos historicos, caracteristicos da civilização, revelados pelos proverbios:

Em uma hora não se tomou *Zamora*

Refere-se á tomada e retomada daquella cidade em varias epocas nos seculos x, xi e xv. Outros revelam o grau de cultura do tempo em que o *frade*, o *fidalgo* ou o *marinheiro* eram as tres especies mais vistozas de homens, e por isso dizia o refran:

Igreja ou mar ou caza real

E tambem quem não tem *oficio* não tem *beneficio* — simboliza o despotismo do tempo. — «O alcaide e o sol por onde quer entram» — «A lei de reinar é como a de amar» (isto é, não admite socios); — «Quem a vaca d'El-Rei come magra, gorda a paga» etc.

E) Ha proverbios que se articulam uns nos outros, de modo que os elos mais antigos da cadeia, se perdem e desaparecem:

a) Um só ato não faz *habito* (Delicado, 180)

b) O *habito* não faz o monje.

Outro exemplo :

a) } *Va bugiar!*  
 } Tal grado haja quem o *asno penteia* (Delic. 105)

b) *Va penteiar macacos!*

Ainda outro exemplo semelhante estudamos, em outro lugar, a proposito da expressão — *cada galo em seu muladar*.

F) A simples paronimia, ou semelhança de palavras, agrupa ideias desconexas :

Ave por ave, o carneiro se voasse

Está na coleção do Delicado, mas deve lêr-se *ovelha* em vez de *carneiro* (ovelha, avelha, ave). Parece referir-se á preferencia de alimentação tenra e delicada

Eil-o vai, eil-o vem de Lisboa e Santarem

Derivou provavelmente de outra forma paronimica que está em Delicado :

Vêdela vai, vêdela vem, como barco de *Sacavem*.

Atesta a antiguidade ainda a forma *vêdes*, vês, que precedeu e orijinou, *eis*. (=hês).

Um dos mais notaveis exemplos desta especie é o seguinte:

Em casa onde não ha pão todos ralham

E ninguem tem *razão*

No qual *razão* ou *rezão* e *ração* e *reção* (porção de comida) se confundem: Confirma-o a variante que re-



jistrou (Delicado, 151: ... todos pelejam, *porque não tem que comer.*

G) Do *folk lore*, das historias populares e infantis:

(Se desta escapo) *Nunca mais bodas ao céu!*

foi o grito da tartaruga (ou do sapo) ao ser despe-  
nhado dos ares, na fabula ou na historieta conhecida.

Para meter medo ás crianças é costume apanhal-as  
pelo pé, dizendo:

— *Primeiro pé de porco peguei hoje* —

O porcos são sempre prezados pelo pé e ha o pro-  
verbio conhecido:

*Dia de Santo André, porcos pelo pé*

O dia de Santo André é o de matança de porcos.  
Outro motejo infantil é o de dizer-se a vista das meias  
quando furadas, que

*Amanhã é dia santo!*

que parece ser tirado da locução — *Pelas vespervas se  
tiram os dias santos* — isto é, que pelo pouco se avalia o  
mais.

H) Não deixa de ser necessaria alguma perspicacia  
para comprehender o alcance de muitas das locuções  
antigas, e até por essa falta, quando a ha, se inutilizam  
pesquizas e esforços de imaginação gastos em pura  
perda.

No proverbio actual:

Em terra de cegos, *quem tem um olho é rei*

houve uma correção infeliz e dezastrada, porque com ella se apagou o equívoco essencial da forma primitiva que era

Em terra de cegos, o *torto* é rei.

Ora, o anexim aqui dizia tudo, pois que *torto* não só é o que tem um só olho, mas era, também *injustiça*, virtude que muito haveria de florescer em *terra de cegos*.

Já se tem deturpado outro proverbio antigo que está em *Delicado*, 6:

Como vires a primavera pelo *al* espera

*Al* quer dizer — o *mais*: diz, porem, ainda o *faval*; o *olival*, o *arrozal*, o *peral*, o *trigal*, e todo *al* que a primavera deixa em expectativa, e é essa esperança traduzida na voz agora obsoleta *al*; não convem, pois, substituil-a por outro qualquer vocabulo incoloro e insignificante.

I) Não enumero aqui as tentativas completamente infructiferas que fiz a propozito de numerosos ditados: *Mentir como sobrescrito de carta*; *réz-véz* (que parece vir de *rezar* e *a-vezar*); *mal de olho cura-se com o cotovelo* as quais por inverosimeis deixei no tinteiro.

**Cornaga** — As terras inglezas, pois *Cornaga* não é senão *Cornwall*, por figurarem desde o Amadis de Gaula (isto é, de Gales) nos romances de cavalaria como regiões lonjinquas, andam a par da *Cucanha* na imaginação popular; não é, talvez, temerario supor que o plebeismo a *Estranja* (a terra dos estrangeiros ou estranhos) tenha alguma afinidade com a Estanglia, *East England*; vemol-o com a forma *pays d'Estangourre* em Rabelais, ou *d'Estrangor* no romance de *Lancelot du Lac*.

**Cosas da España** — Mencionei apenas alguns ada-

jios que trazem o cunho de traduções castelhanas, mas o numero delles é naturalmente muito maior; basta, para convencer-mos da verdade, folhear as pajinas de qualquer coleção antiga como a de Yñigo Lopez (1541) ou a de Delicado (1651) que é o mais antigo dos nossos adajarios impressos.

O proverbio portuguez — **Não pregar prégo sem estopa** -- não lembra acazo o *No dejar clavo ni estaca?* Entretanto, os sentidos são diferentes; no primeiro a idéa de proveito melhor corresponde a *echar clavo*, formula antiga como está na *Viaje de Turquia* de Villalón.

Tambem o ditado **falar com os seus botões**, isto é, de si para si, interiormente, fica muito mais explicito e comprehensivel quando cotejado com a forma castelhana

*de botones adentro*

No Brazil corre a fraze — **Passar vida de Lopes** — como significando passar vida regalada e de prazeres; aqui sempre atribuiram este cognome ao dos tiranos do Paraguai. A fraze é, porem, espanhola e este *Lopes* é o grande poeta Lope de Vega; os adajarios castelhanos registram-na sob outras variantes, e no prologo da edição das *Poesias selectas* (Madrid, 1822) pj. vi, leio as palavras que se referem ao grande poeta: «veniam muchos a Madrid por solo conocerle, y para calificar una cosa de buena se adoptó generalmente el modo antonomastico de decir que era de Lope». O Brazil recebeu a fraze naturalmente na ultima metade da usurpação espanhola (1580-1640); não a vi nunca em escritor portuguez, deste periodo.

Outros proverbios se reconhecem espanhois pela deficiencia da rima, como este, em Delicado, 40: «Ami-

zade de *genro*, sol de inverno » (*genro* = *yerno*); 123.  
Depois de *peixe*, mau é o leite (*leche*).

**Cré com cré, lé com lé** — Nos versos citados de Antonio Prestes, a formula *ter lei com alguém* conserva o sentido arcaico de *lei*, lealdade: á *lei* de cavaleiro, á *lei* ou *fé* de christão etc. Assim, por exemplo, no *Cancioneiro de Stuñiga* (ed. da *Colec. de Libros españoles raros ò curiosos*, pj. 144) diz o trovador Moxica:

— Soys vos, desid, amigo?  
¿— Y quien, sennora?  
— Un hombre que fasta agora  
*Syempre tovo ley comigo.*

Robustece a explicação que demos no texto a possibilidade da forma negativa da mesma frase como está nos versos populares de Juvenal Galeno e, é certamente, uma variante brasileira do extremo norte:

Ai vida, vida tirana,  
*Sem lé, nem cré,*  
Que a sorte prende á miseria  
Como prende este sapato  
O tira-pé.

— A explicação que se depara no texto foi sempre a que mais me persuadiu. Comtudo, o lema tradicional « Polo rey e pola grey » sugeriu-me depois a idéa de que a locução primitiva foi: *grey com grey, ley com ley* — sendo aqui preferida *ley* a *Rey*; ainda assim, parece que se dizia dos cazamentos que convinha ser entre os da mesma nação (*grey*) e da mesma fé (*ley*).

Por tua *grey* na tua *ley*  
Morrerás...

Canc. de Rezende — fol. 179 v.

**Cutiliquê** — Silvio de Almeida dá a origem da palavra que vem da soletração e já tinha sido dada por Bluteau, Dom Vieira e quazi todos os lexicógrafos. Ajuntei que o sentido de « importância » ligado a palavra provem do *quid?* dos cazuistas; pôde ser que a explicação não seja a melhor, mas era a única coisa que necessitava ser explicada. O interessante seria explicar a razão por que « gente de *cutiliquê* » como está na *Feira dos Anexins*, é gente fidalga e com o melhor breve para todas as indulgências.

Ocorre-me a expressão conhecida « *senhôr de (baraço e) cutélo* »; mas por aí não ha meio de chegar a *cutiliquê* salvo se dando largas á fantasia enjenharmos, a maneira de Castro Lopes, um *senhor de cutelo e queijo*, ou antes, *cutela e queijo* (a faca e o queijo).

Menos imaginoza seria a hipótese de referir a primeira parte do vocabulo á voz *coti* de uzo dos arabes para indicar o *gôdo* e deste muito se prezava de decender a nobreza peninsular. A respeito de *coti* falamos na locução — *Em tempo de figos não ha amigos* — no lugar proprio do texto.

**Dispamparar** — *descolumenal* (p. 99 do texto) A esta classe corresponde: *escorripichar* (as galhetas); *espicho* (Viterbo — *Eluc.* s. v.) era a galheta ou pichel — *spiculum*. Naturalmente do epiteto *escorre-espicho* formou-se *escorripichar*, sob o influxo de *corrupio*.

**Desta agua não boberei** é alusão á fabula do *Lobo e cordeiro* e é um avizo ao presumido que pretende não cair nunca na situação do cordeiro. Nas cantigas medievais dos nossos trovadores o *cervo do monte a augua volvia* (Pero Meogo) ou *nunca vi cervo que volvesse o rio* (id.).

**Dona Sancha** — A quem quer que intente escrever a historia das origens do nosso *folk-lore* aqui indico os materiais para o estudo de Dona Sancha Martins, a « comendadeira santa », do Mosteiro de Santos: C o n d e

D. Pedro, tit. 38, fol. 208; D. Nunes de Lião, citado no texto; D. Rodr. da Cunha — *Hist. ecles.* II, c. 73; Frei F. Brandão — *Monarch. luz.* v, 16, 24; Frei Luiz dos Anjos — *Jardim de Portugal*, 79; P.<sup>e</sup> Antonio Carvalho da Costa — *Corogr. port.* v, 510; e *Historia Tripartita* de Frei Agostinho de Santa Maria — tratado III § 4.

**Em tempos de figos . . .** — Veja-se a proposito de *coti*, o que digo neste indice na palavra *cutiliquê*.

**Entre lobo e cão** — Vem em confirmação do que diz o texto, D. H. Müller, nomeiado por Schuchardt no *Zeitschr.* sempre citado, vol. 29, paj. 622, que dá o texto do Talm. babli Berachot: « Quando se ha de fazer a oração *Schma* pela manhã? — (responde-se) — Quando a vista pôde distinguir o lobo do cão. »

**Escorruptichar** — Veja neste suplemento e voc. *Dispamparar*.

**Estar na onça** — *Estar ou andar na onça* é locução romanica, e não do Brazil e que de cá passasse a Portugal como pensava Camilo C. Branco, escrevendo a seguinte nota ao Cap. II da *Corja* (ed. 1903, pj. 36): « *Andar na onça*, o mesmo que não ter dinheiro, andar á lebre; importada do idioma brasileiro ». A fraze fundamental é *estar* e não *andar*, e foi por essa razão que o romancista lhe deu orijem brasileira; os portuguezes diziam *andar á onça*, como dizem *andar aos grilos* (a rapoza), *andar á maçã* do chão (nas *Enfermid. da lingua* de Payva, pj. 108), dizeres que têm mais ou menos o mesmo sentido de mingua e penuria.

O — **estar ás onze** — a que me refiro em nota da pajina 125 do texto, é o mesmo que ter *la cabeza a las once* — ou como dizemos nós agora, ter o juizo ou cabeça a juros (*onze* era a taxa dos *onzeneiros*).

— O ditado do — *Tempo do onça* — tem sido explicado diversamente. Alfredo de Carvalho — no seu opusculo de *Frazes e palavras* brasileiras deriva-o

de alcunha de um militar dos fins do século XVIII em Pernambuco. Não pôde ser esta a explicação verdadeira; a expressão não é local e corre em todo o Brazil, o que não se compadece com a fama insignificante do militar pernambucano.

A este ditado correspondem outros menos obscuros: *No tempo dos Afonsinhos* ou *no tempo do rei Bamba* (Vamba — dos vizigodos).

**Falar com os seus botões** — veja nestas notas: *Cosas de España*.

**Fazer de gato sapato** — Serve para ilustrar o caso a fala do bobo na *Farsa de los cinco sentidos* (sec. XV) publicada na *Colecc. Léo Rouanet*, III — 326:

Yo pensé que se llamava  
el andar a paradillas,  
a *gatos*, y de rodillas  
quando al *çapato* jugava.

Se exprimem acazo movimentos de dança, folguêdo e bailado como ainda hoje a *paradeda* e a *zapateta*, a explicação do texto deve ser corrigida no sentido que se depreende dos versos citados.

**Ff e rr** — Os espanhois formulam outros ditados semelhantes com as letras *h* e *r*, e dizem: *Entrar com haches y erres* — o que entra mal ou com más cartas ao jogo, e tambem — *No decir haches ni erres* isto é, não dizer coisa alguma quando conviria dizel-o.

**Latinismos** — São em grande numero, e apenas indicamos a parte talvez mais interessante. Havia a ajuntar-*Mistiforio* — confuzão, tomado aos cazos em que obra-vam de comum a jurisdição secular e a eclesiastica, isto é, cazos de foro mixto; *mixtifori*, como se diziam; *Deum de Deo*, dê onde dér; *Amicus Plato* (sed magis amica veritas) amigo do prato! *Sint aut non sint* — ou bem que *sêmos* ou que não *sêmos* (tambem no espa-

nhol — ò somos, ò no somos — *Dom Quixote*, II, 49) fraze da historia dos jezuitas, e ainda outras expressões não traduzidas (o *Timebunt gentes* por espada). Diz Filinto Elizio nas suas *Obras*, XIII, 10, anotando uma fabula de Lafontaine que os francezes dizem — *motus* nos mesmos cazos em que dizemos interjectivamente — *moita!* — o que me parece uma invenção do poeta portuguez.

Do mesmo autor (*ibidem*, 271) é — o tempo de amóras = *ó tempora, ó mores!*

As frases classicas latinas acham-se compendiadas na *Flora* do Larousse, e nas publicações em vernaculo della tiradas como as *Flores historicas* (Porto) e o *Dic. de locuções* de João Emiliano Vale de Carvalho (Maranhão), de nenhuma importancia para o estudo da lingua. Os aforismos da medicina antiga ou os nomes tecnicos geraram iguaes deturpações, e de varios cazos da especie tratei no contexto deste livro. Ainda é interessante considerar aqui o proverbio

*Quem canta seus males espanta*

tratado pelo Dr. Ivan de Rieros na sua *Medicina española* (1616) reproduzida na coleção de Sbarbi, III; a musica cura até mordeduras de cobras e aproveita contra a peste.

A matraca popular *lave os pés, rape a cabeça* é outro preceito da hijiene antiga, cuja formula é a seguinte:

Se queres que teu filho creça  
*Lava-lhe os pés, rapa-lhe a cabeça*

Parece que se refere ao culto de Venus est'outro proverbio:

*Cada dia tres e quatro  
chegarás ao fundo do sacco*



esta é a forma portugueza como está rejistrada no Adajiaro de Roland, 257; ha a hespanhola de que trata Sbarbi em nota a Rieros *op. cit.*: «Una, es escaseza; dos, gentileza; tres, valentia, y quatro, bellaqueria». Tambem, a querer interpretar equivocadamente os proverbios, temos das *azeitonas*: *uma é ouro; duas prata, e a terceira mata* (rejistrado em todas as coleções portuguezas).

**Macaco** e combuca; macaco e galho, Veja **Alçar o galho**.

**Malandro** — Incluí a palavra no lugar do texto porque entendo que daquella orijem é que veiu a palavra. *Malandro* = *ma landre* = *má landoa* (ingua) e provavelmente foi tirada de uma imprecação ou praga. Comprova-o o dito do *Entremes de las Esteras* publicado na coleção Rouanet, II, 44.

— O *mala landre* te de! que no se te a de asconder cosa.

Esse *entremes* passa por ser o mais antigo do genero.

A este sentido *má landre* se juntou o influxo de *mal andar* que exprime a vagabundajem dos malandros. Na *Farsa del Mundo y Moral* de Hernan Lopez de Yanguas diz-se:

No tengo pariente, carillo ni amigo...  
Si yo por mis puños no busco remedio  
Biviré *malandante*, zagal si abrigo.

*Ibid.* IV-401.

**Marmanjo**, isto é, *Mari-macho*, *Maria-macho*. O uzo e abuzo do nome *Maria* é mais extenso no castelhano: — «Porque casó *Marifranca* quatro leguas de Salamanca?» — «A *Marimonton* Dios la dió buen don» — «A

*Mariardida* nunca la falta mal dia » — são proverbios antigos.

**Me fecit** — Tratando desta locução, no texto (pj. 192-193) indiquei o exemplo caracteristico tomado á comedia *Eufrozina*. O sentido da expressão *me fecit* exprime a ultima demão, a assinatura de qualquer obra de arte ; tal o cazo citado e outros muito mais antigos como o celebre romance de Lopo de Moros que termina com os versos latinos

Qui me scripsit, scribat,  
Semper cum Domino bibat.  
Lupus *me fecit* de Moros.

e é ainda o uzo conservado em obras artisticas : *fecit, in venit, pinxit.* etc. Em suma, equivale a : — « acabou, está feito e concluido o trabalho » ; e como consequencia « vamo-nos embora » A mesma coiza encontramos no francez, na farça *Mestier et Marchandise*, satira politica do seculo xv (1440) onde diz *Mestier* :

*Nous sommes achevés de paindre*  
Et ne nous sarions de qui plaindre.

isto é *nous sommes finis*, e assim tambem se diz na *Farce des Goutteux* :

À l'ayde, larron, chien matin,  
Tu m'as bien achevé de peindre.

As farças a que nos referimos aqui, estão ambas com outras em — *Le Théâtre français avant la Renaissance* (1450-1550) — edição feita por Ed. Fournier.

**Morte da bezerra** — A aluzão do texto a Violante Mendes que foi ensambenitada e queimada com o

seu marido Francisco Borjes é fato historico bem averiguado; a primeira peça do processo que é a denunciação, conforme a tomaram os escrivães do Santo Officio, foi publicada integralmente por C. C. Branco nas *Noites de Insonia* I, 90-94; no corpo de delito figura a prova do crime « uma peça de *marfil* que mostrava ser de feição de uma *bezerrinha*, e somente lhe faltava as pernas e braços que estavam quebrados e assim os corninhos espontados ». *Ibid.* 91.

— Veja neste suplemento a palavra **Tourinha**.

**Morte macaca e morte macabra.** Creio que *morte macabra* é a expressão primitiva, mas não logrei confirmal-a em nenhum documento. Entretanto, na historia literaria da peninsula já a *Dansa da morte* tinha tido varias versões antigas (ainda rejeitando por insustentavel a do rabino Sem Tob), a anonima do sec. xv, a do catalão P. Miguel Carbonell, e outras tomadas todas provavelmente a alguma fonte franceza.

Na coleção de autos e farças castelhanas de Rouanet fala-se da *morte malsin* com o mesmo sentido, no auto de *Cain y Abel*:

Que dizes, mi buen Cayn?  
Que mueras *muerte malsin*  
Pagando con las setenas  
El tormento de mis penas  
De todas principio y fin.

II, 158.

Outro exemplo da expressão portugueza:

Fim da jornada: *Laus Deo*  
E quem me não der um viva  
Morra de *morte macaca*  
Sem uma vela bugia.

*Fenis Renasc.* (ed. 1746) I, 244.

**Mula que faz him!** e *mulher que sabe latim*. No texto. A desconsideração das mulheres latinas é que se fazem rezadeiras, beatas, e se comunicam com frades quando, sempre ao expirar dos seus encantos, se tornam Madalenas. Num opusculo — *Dialogos de apacible entretenimiento* de Gaspar Lucas Hidalgo (Barcelona, 1609, pj. 63) faz-se matraca a essas devotas forçadas: « Siempre tuvieron passion las viejas de meterse latinas: e aun penso que se deve de fundar en algo desto, lo que suelem dezir a las tales: *P . . . vieja latin sabeys?* »

**Não ha mais Flandres.** Não achei mais antigos exemplos que os dos quinhentistas, citados no texto. As relações de Portugal com Flandres datam todavia da epoca dos trovadores; dos cancioneiros, e do que apurou Carolina Michaëlis quanto a Tereza Mafalda e D. Ferrant de Portugal (*Canc. da Ajuda*, II, 705) nada pude concluir que aproveitasse á inteliçencia deste ditado que, ao meu parecer, se formou no seculo XVI. E' bem possivel que a palavra *banco de Flandres* envolva duplo sentido, equivoco ou trocadilho *banco* = baixio, e *banco* = monte monetario.

**No mim cal.** Nas *Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade*, na edição critica de O. Nobiling (pj. 58) ha os versos de escarneo

Lourenço, poys te quitas de rascar

.....

... farás-m'ora desejos perder

Do trovador que trobou *do Vincal* (?)

Em nota ajunta o editor: « (*do uincal*—) alude-se *evidentemente* (!) a um personajem notorio como mau trovador ».

Tão pouco é evidente que o autor passa a considerar *Vincal* nome geografico, e jamais appareceu em

apelido de trovador algum. <sup>1</sup> A estes versos de difficil intelligencia refere-se Carolina Michaëlis — *Canc. da Ajuda* II, 641, apreciando a leitura de Teofilo Braga

*trobou d'ovençal*

que implicaria qualquer posição nas cazas reais dada a trovadores; a de *ovençal* era a de mestre da ucharia ou despensa; mas a passagem é obscura e a rima havia de ser em — *ar* e não — *al*.

Como não ha razão para supor aqui uma rima de-feituoza, pensei á primeira leitura que esse — *do uincal* — seria a fraze — *non min cal, non m'en cal* — trocada talvez no verso seguinte com a palavra *trobar* que lá se acha; mas a intelligencia do texto nem por isso melhorava, e bem fez O. Nobiling em conservar a lição paleografica.

**Obscœna.** A' liberdade de expressões que se observa na facecia de Poggio (pj. 92 do texto) ainda que muito comum no seu tempo, podemos contrapor as palavras de Erasmo — *Verborum ac Rerum Copia* — ed. 1645, pj. 26-27; «*Verum ut sunt quœdam corporis membra, quœ cum per se inhonesta non sunt, tamen pudore quœdam humano velantur: ita sunt actiones quœdam medicæ, quœ verecundicæ gratia cœlantur*». Todo este capitulo de Erasmo mórmente quanto aos exemplos parafrasticos que justificam a sua afirmativa de que — «*metaphora simplici verbo est obscœnior: quale est illud Horatii: alienas permolare uxores, et Patriciæ inmejere vulvæ...*», pôde lejitimar o criterio que adotamos em evitar as palavras mais crúas ou os rodeios não menos equivococ, quando se deparam,

---

<sup>1</sup> Ha um *Vinhal* (Gonçalo Eannes),

como é frequente, na historia das locuções e frases feitas.

A doutrina de Erasmo é apenas a reminiscencia de uma das *Cartas familiares* de Cicero sobre o mesmo assunto. Não ha a menor duvida que nos ditados e nos versos comicos e populares é que se conservam muitas das locuções equivocadas e esse fato foi registrado pelo Padre Manoel Bernardes: «Outro mau uzo vemos na cidade de Lisboa, mui pernicioso aos ouvidos castos e ainda mais aos que não forem castos: que são os Ditados de significação torpissima, metidos cada um em sua tróva que os moços cantam de noite pelas ruas» *Armas de Castidade*, ed. 1699, pj. 279.

Procurei evitar o escolho sem hipocrizia nem fingimento de demaziado escrupulo, por que infelizmente não penso como aquelle Gaspar Serrão que dizia ao mundo: *tu forsam legitimã venerem amas. uxorem cogitas.*<sup>1</sup>

Está registrado na coleção de Roland, 209 e na de Delicado, 28, est'outro.

*Quem muito pede muito fede.*

Tambem se pode vêr quazi nos mesmos termos em Gil Vicente:

E diz mais, *quem muito pede*  
Mana minha, *muito fede.*

*Obras*, III, 371.

O apodo de *feder* rezultou do duplo sentido de *pede* (de *petere* e *petare*, barbaro).

---

<sup>1</sup> *Epistola aurea*, 1590, fol. 14.

**P-a-pá Santa Justa** -- *Santa Justa* é um nome na corografia de Portugal e mesmo de Lisboa. Não sei, porem, que motivo o traz junto á expressão mais antiga *p-a-pá*, salvo se a sugestão de sentido da palavra (*justa. justamente*) que é o mesmo de *p-a-pá*. indica exatidão, precisão ou coiza que o valha.

**Pagar o pato** — veja — Obscæna — neste Suplemento.

**Pinta e Pintadinho** — Tambem é ditado — *conhecer pela pinta* (do rosto) como disse o poeta da *Fenis Renacida* :

Pintar o rosto de Marcia,  
Com tal primor determino,  
Que seja logo seu rosto  
*Pela pinta* conhecido.

II (ed. de 1717) 330.

O sentido orijinario — **conhecer pela pinta** — isto é, logo ao primeiro aspeto, é termo de jogadores. Os naipes têm nos extremos varias raias, chamadas *pintas*, por onde se conhece a natureza das cartas, antes de as ver: as de ouros tem uma raia; as de copas, duas, etc. Daí os dizeres *tirar pela pinta*, e o espanhol *sacar a uno por la pinta*. Tambem *pintado* tomou o sentido de perfeito, parecido, como na fraze *é pintado o pai*. Esse sentido de perfeição nota-se em: — *o mais pintado, nem o mais pintado*, etc.

**p — m; t — m** — Creio que na locução *sem eira nem beira* ou *sem leira nem beira* deve haver a influencia da labial na amplificação que representa a segunda palavra: **b** por **m**

sem eira nem *b*-eira  
*cf.* alhos *b*-ugalhos  
toque em-*b*-oque.

neste cazo, o essencial da locução é *sem eira* que se diz da pessoa que nada tem. Talvez seja o epíteto arcaico *senlheira* (só, singular, solitaria, solteira) :

Eu *senlheira* deitei

*Canc. Vatic.* 772.

Ey muy gran medo de xi vos colher  
Algur' *senlheira*...

*Ibid.* 1099.

no castelhano ainda de uzo *señera*, com o mesmo sentido. Não é improvável que de *senlheira* (sen-l'eira, sen eira) se formasse a expressão com a forma *sem eira* applicavel á pessoa que não pode cazar por não ter nada de seu.

Tambem ainda conjecturalmente (como é o tom de todo este livro) apraz-me apossimar os dous vocabulos: *beira* (de rio) e *ler* = praia do mar, forma obsoleta citada por J. J. Nunes no glossario da sua bela *Crestomatia arcaica* (1906) mas que eu desconheço a não ser na *Barcarola* (*op. cit.* 334) de Nuno Torreal:

As barcas eno *ler*  
E foi-las atender...  
Foi eu, madre, veer  
As barcas eno *ler*.

Estes dizeres combinados com o de João Zorro (*ibid.* 339).

En Lixboa sobre lo *ler*  
Barcas novas mandei fazer

indicam que *lêr* é o estaleiro ou cousa que o valha, talvez o germanico *laar*.



**Por um triz** — Pelo valor semantico, pôde ilustrar a orijem grega de *triz* os versos da comedia *Himenea* de Torres Naharro

No quiero yo  
Sino daros esto y mas —  
— No queremos un *cabello*.

Jorn. II.

**Quem cala consente** — é antigo aforismo juridico tomado ao *Brocardia juris* onde está segundo a formula : *Quit tacet consentire videtur*.

**Quem muito pede muito fede** — Veja neste *Suplemento* : Obscœna.

**Rã (a) e o boi** — A fabula é como já notamos de Fedro, de Romulo, e tambem de Horacio, e está numa aluzão de Marcial, x, 79.

Parece, todavia, que o proverbio citado — *não caber na pele* — tem orijem na outra fabula citada do asno e do leão, que é tomada a Aviano, 5; ha uma referencia duvidosa á pele do leão no *Cratyl*, de Platão; a fabula, porém é indiana, mas com outro sentido; nos *Jatakas* orientais o burro se envolve na pele do leão para afujentar os concorrentes e ter para uzo e gozo todo o pasto, ou é o dono do asno que adota esse estratagemã por economia para a sua alimaria.

**Ram-ram** — Confirma a explicação o ditado castelhano : « *De rama en rama* — sin fijarse en objeto determinado » *Dicc. encicl.* de Zerolo.

**Rente como pão quente** — Em geral, a etimologia que se dá a *trigança*, *trigar* é a de Diez 494, e de Koerting, do gotico *threikan* (drängen); entendo que talvez se deva derivar a palavra de *tricar*, *trincar*, *trincare* = partir em trez; a idéa de dividir, partir, orijinou a de separação, pressa. Os etimologos não se emba-

raçam muito com as suas viravoltas foneticas e roman-  
ceiam o latim, conforme as necessidades do presente ;  
aqui mesmo imaginaram duas formas *tricare tricare* ;  
escuzado é dizer que o latim brilha ainda esta vez pela  
auzencia, mas com esses e quejandos aparatos infun-  
de-se a idéa de grande rigor científico. <sup>1</sup>

A idéa de *pressa* tambem pôde ser sugerida pelo  
adjetivo *quente* ; confronte-se com a *non min cal* estu-  
dada em outro lugar. A mesma idéa traduz-se em uma  
das glozas de Tomaz Brandão :

E venha um mote *em quente*.

Pinto renac. 121.

No *Auto do Dia de Juizo* diz Lucifer falando de  
Caim :

Levai-o *em quente*

E dai-lhe boa poizada.

**Rou, rou!** — Rufino José Cuervo nas suas *Apun-  
taciones Criticas* embora distinga as vozes *arrullar e*  
*arrollar*, a meu vêr sem fundamento, admite a confusão  
de entreambas. « Como entre lo que se les canta (a los  
niños) está el *ro ro*, en el habla popular y dialectica se  
dice en este sentido *arrollar*, y *rolla* es la niñera » (na  
5.<sup>a</sup> ed. pj. 392).

Numa quadra de Vicente Medina — *La Cancion*  
*de la Huerta* (Cartagena-1905) ocorre a expressão :

*A la ru ru*, mi nene,  
que viene el coco  
Y se lleva á los niños  
que duermen poco ..

---

<sup>1</sup> O vocabulo *tringar* cujo sentido não alcanço bem aparece em  
uma lôn antiga que foi reimpressa por Th. Braga no seu *Cancion*.  
*popular*, 167.

No Brazil, a forma mais comum é *tu tu* que tambem quer dizer *papão* ou *coco*, e talvez se tenha tomado aos africanos.

**Salta atraz!** Fica explicada no texto a orijem da expressão; era um apodo aos *mamalucos* mas não exprime a retrogradação de raça cruzada de indios e brancos, como supõe Alfredo de Carvalho no seu livrinho *Frazes e palavras* — 1906, (pj. 41), o termo, equivalente popular de Satanaz (Vae de retro, saltatraz!) designava os pretos escravos, e ainda se chamavam e se chamam ás moradias delles *senzalas*, nome tambem dado aos conciliabulos dos demonios. F. Elizio traduziu *sabbat* muito portuguezmente por *senzala*, na fabula *As adivinhas* (Les devineresses) de Lafontaine, ainda que os dicionarios não registrem essa significação.

**São mais as vozes que as nozes.** Entre os poemas latinos de Cornazano (*Cornaz poetæ facet. Opus; Mediolani*, 1503) ha um sobre o tema: *Quare dicatur: Tu hai le noce et io ho le voce* » que é construido com as mesmas rimas da locução portugueza.

**Sem eira nem beira.** — Veja neste suplemento: « p-m ».

**Soará** (o que for suará). O castelhano tem — *Lo que fuere sonará* — mas o sentido não tem o matiz que se nota em — *me ha hecho sudar cien pezetas* — isto é, arrancar, tirar contra vontade.

**Tangolo-mango.** Palavra composta e semelhante a esta é o *dingolodangos* como está em *Quevedo no Cuento de Cuentos*:

« Ella se resolvió en decirla para qué eran tantos arremuescos y *dingolodangos* ».

isto é, tantos afagos e movimentos de carinho. Parece indicar por onomatopeia o som de campainhas. Ha outras variantes indicadas por Manoel de Melo — *Notas lexicologicas*.

Carolina Michaëlis apontou um exemplo de *tango-mengo* que ocorre no *Canc. de Rezende* e que se deve juntar ao que aleguei no texto :

arisco gozo corrido,  
saro rralvalco, mostrengo,  
nam ha mais num bexodido  
easy easy *tengo mengo*.

I, 207.

embora não tentasse explicar a locução, foi todavia quem primeiro indicou o texto mais antigo — circumstancia que ignorei até o escrever desta nota. Cf. *Rev. lusit.* I, 1.

**Tempo da onça** — Veja — Estar na onça — neste Suplemento.

**Teco-meco.** A proposito das letras — *t-m* — estudadas no texto. Num dos recentes estudos de H. Schuchardt (*Zeitschr. f. r. Phil.* 1907, pj. 30) analisa-se o vocabulo italiano *tecomeco* que Tommaseo-Bellini explica como sendo o que *comtigo* diz mal de outro, e falando com o outro diz mal de *ti*; passou com melhor sentido ao alemão — *Techtcl-mechtcl* (geheimes Einverständnis, insbes. geheime Liebelei).

**Trama** — na anotação á paj. 83 do texto. Tambem vejo a forma *trema* no *Auto do Dia de Juizo* (sec. XVI):

Que dôr lhe salte na pelle,  
Que *má trema* o arrepelle !

*Auto*, 12. col. 1.<sup>a</sup>

A noticia mais antiga da *trama* parece ser a que dá F. Lopes na *Chr. de D. João I* — cap. 149, já registrada em Viterbo e em Moraes.

**Triz** — veja neste suplemento : *Por um triz*.

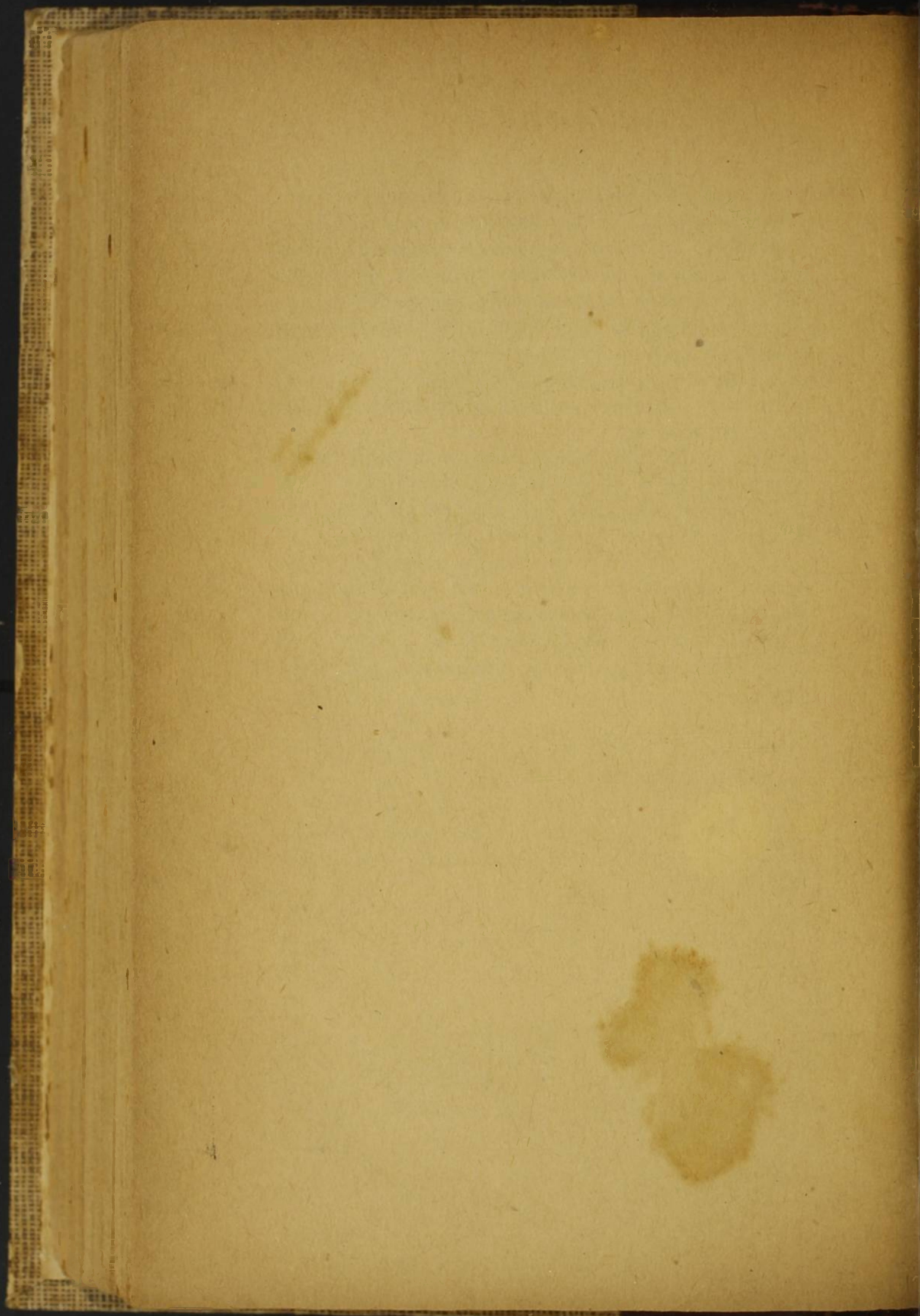
**Tourinha** — No artigo — *Morte da bezerra* — do texto. Confirma a derivação de *thora* o que diz Viterbo no *Elucidario* s. v. *Toura* e *tourinha*. « Igualmente se chamavam *tourinhas* os livrinhos quadrados, de iluminação e preciozamente cobertos, e nos quais algum ou alguns capitulos dos cinco livros de Moizés se achavam exarados. » A *Thora* é o *pentateuco*.

**Viu o jogo!** Que as palavras *jogo* e *jogar* (*jocum jacare*, e *s'amuser*, *divertire*) estejam relacionados a *Citera*, não é despropozito.

Nem parece muito alheia á fraze a aluzão ao chamado *jogo de damas* que é tambem a descoberto.

E' curiozo saber que *jogo, taboleiro de damas* tem orijem diferente de que geralmente se acredita.

O jogo de damas veiu (como o xadrez) do oriente e o seu nome arabico é *laib-ad-dama* ou *dufa-ad-dama*, e entre os ejipcios de hoje *damah*. (Eguilaz y Yangas) A palavra não tem relação com o latino *domina*, donde deriva *dame*, francez, que aportuguezamos com a forma *dama*.



INDICE DAS FRAZES

THE END OF THE WORLD

THE END OF THE WORLD



## INDICE DAS FRAZES

---

Os numeros indicam a pajina do texto, e a declaração — *Suplem.* — que  
tambem se trata da materia no *Suplemento*.

	Paj.			Paj.
<i>Ab ovo — Suplem.</i>		Alçar o galho e <i>Suplem.</i>		35
Abrigo . . . . .	86	Alcarrada — arrecada . . . . .		118
Acunha . . . . .	62	Alhada . . . . .		115
Adro (sou um) . . . . .	84	Alhar — baralhar. . . . .		114
Adunia e <i>Supl.</i> . . . . .	62	Alho (é um) . . . . .		82
Afan — <i>Suplem.</i>		Alhos e bugalhos . . . . .		114
A furto . . . . . 198	199	Alma de cantaro. . . . .		91
Agua no bico — <i>Suplem.</i> (voc. <i>Conjectura</i> ).		Alma, palma . . . . .		76
Agua o deu, a agua o leva . . . . .	227	Almario (estupido co- mo um) . . . . . 55		56
Aguado — está . . . . .	164	Andar na onça — 125 — á gandaia . . . . .		244
Al — esperar pelo — <i>Sup- plem.</i>		A par e passo. . . . .		188
Albornoz catrapuz, 144	145	Aparicio e <i>Suplem.</i> . . . .		59
Alcandora (camiza). . . . .	47	Apiahá e <i>Suplem.</i> . . . .		106
		Apuros . . . . .		80

	Paj.		Paj.
Aqui ha caveira de bur-		Boi velho (a) não cates	
ro . . . . . 164	165	abrigo. . . . .	88
A-q-u-i-qui, Menéles .	175	Bolsa sem dinheiro é	
Aqui torce a porca o		couro . . . . .	155
rabo . . . . .	190	Bom calar (ao) chamam	
Arco da velha. . . . .	151	Sancho . . . . . 142	143
Argueiro (fazer de) 166	167	Bonit-o-tó . . . . .	175
Arrulhar . . . . .	30	Botas (esticar as) . .	18
Arvore (a boa) que co-		Botões. <i>Suplem.</i> Falar	
bre . . . . .	120	com os seus botões.	
Asno e palacio e <i>Su-</i>		Branco não é farinha .	168
<i>plem.</i> (v. Arabicos) .	54	Bruxa . . . . .	88
Assim, assado . . . .	98	Burro de Vicente. . .	128
As tres, o diabo a fez .	245	Busilis . . . . . 189	190
Atrapalhar o capitulo .	205	Buz-chuz . . . . . 26	27
A ufa. . . . .	193	C. de mãe Joana . . .	163
Ave de teu. . . . .	141	Cabaça, calabaça . .	112
Avicena e a ceia .	155 156	Cacaracá (razões de) .	121
Avizimau . . . . .	235	Cada casa favas lavam	
Azul, ciume . . . . .	74	— <i>Suplem.</i>	
Baralha . . . . .	115	Cada dia tres e quatro	
Barba longa (a custa da)	21	<i>Suplem.</i> (voc. <i>Lati-</i>	
Batuecas . . . . .	62	<i>nismo</i> ).	
Bengodi. . . . .	61	Cada terra com seu uzo	156
Bezerra (a morte da) .	49	Cada (galo) macaco no	
Bisnau e <i>Suplem.</i> . . .	234	seu (galho, poleiro)	
Bispo (passou o). . . .	238	— <i>Suplem.</i>	
Bobilis Nicolau . . . .	186	Cada porco tem seu S.	
Boca do lobo (na) . . .	31	Martinho. . . . . 200	201

	Paj.		Paj.
Caiporismo. . . . .	126	Catar. . . . .	86
Calar-111-112 Cal-te-106		Catimplora. . . . .	97
calar o melão . . . .	210	Cavalo de batalha	167 168
Calças de vila Dibgo-17		Caveira burro de.	164 165
tirar calças-18, calças		Ceca e Meca . . . . .	218
pardas <i>Suplem.</i>		Cesto. . . . .	75
Caldo entornado. . . .	57	Céo — cebola . . . . .	72
Calva. . . . .	119 120	Cezar ou João Fernan-	
Camapé e <i>Suplem.</i> . . .	59	des. . . . .	78
Camelo (passar um) pe-		Chama-me meu e veste-	
lo fundo de agulha .	77	te do teu. . . . .	85
Camiza de onze varas		Chibrazar . . . . .	100
e <i>Suplem.</i> . . . .	47	Chicharro (alma de) .	92
Canto chorado (trazer		Chichelo e chinelo . .	37
de) . . . . .	96	Chique-mique. . . . .	71
Cão (o) e a sombra —		Chuz-buz . . . . .	26
<i>Suplem.</i>		Cimbrar e cazar . . . .	50
Cães (amarrar) com lin-		Ciúme — côr azul . . .	74
guiça . . . . .	61	Claro (noite em). . . .	181
Cara, olhos da . . . .	178	Cobras e lagartos . . .	223
Cargas d'agua. . . . .	129	Cobrir . . . . .	120
Carneiros do mar . . .	177	Codorio . . . . .	189 190
Carrinhos, carrilhos (a		Comer queijo 236, com	
dois) . . . . .	59	banha 140, moio de	
Carro entornado. . . .	57	sal . . . . .	134
Cartaxo . . . . .	160	Comego . . . . .	219
Castanhas eixidas ou		Com teu amo não jo-	
saidas — <i>Suplem.</i>		gues as pêras . . . .	102

	Paj.		Paj.
Concha (meter-se na) . . . . .	36	Dedos, lamber; conhecer como; . . . . .	133
Consonancias e rimas oz uz . . . . .	144	Demo (não quero com) nésperas . . . . .	105
<i>Conjecturas</i> : pão tremez, a revezes, Zamora, bugiar, ave por ave, em terra de cegos etc. <i>Suplem.</i> (voc. <i>Conje-</i> <i>cturas</i> ).		Dente cueiro . . . . .	179
Cornaga — <i>Suplem.</i>		Dê onde dér — <i>Suplem.</i> ( <i>Latinismo</i> ).	
Corninhos ao sol. . . . .	36	De pram — <i>Suplem.</i> (v. Antigualhas).	
Cosas de España e <i>Su-</i> <i>plem.</i> . . . . .	155	Descolumenal. . . . .	99
Coxia (andar a) . . . . .	112	Despedidas, no <i>folk lore</i>	111
Cré com cré, lé com lé e <i>Suplem.</i> . . . . .	37	Deu o tango lo mango.	161
Cruz e cruces . . . . .	203	Deus do celo . . . . .	73
Cucanha (paiz) . . . . .	60	Desta agua não beberei <i>Suplem.</i>	
Cueiro (dente). . . . .	179	Disga, disgra . . . . .	126
Culambas . . . . .	146	Dispamparar e <i>Su-</i> <i>plem.</i> . . . . .	100
Cuquiada . . . . .	138	Dispauterio, distampa- torio . . . . .	170
Cuspir no prato . . . . .	54	Dizer indirectas . . . . .	130
Custar os olhos da ca- ra . . . . .	178	Duro de fechos e quei- xos. . . . .	56
Cutiliquê (razões de) e <i>Suplem.</i> . . . . .	9	El-dorado . . . . .	61
Dar o seu recado. . . . .	200	Em cas de Gonçalo . . . . .	231
Dar em pantana . . . . .	230	Emprestadar . . . . .	100
De bruços . . . . .	82	Em terra de cegos o torto é rei — <i>Suplem.</i> (voc. <i>Conjectura</i> ).	

	Paj.		Paj.
Encalma (= não min cal). . . . .	107	Fistrecula . . . . .	145
Encolhas (meter-se nas)	36	Fogo — linho . . . . .	117
Encospas . . . . .	36	Fogo (com) não se brin- ca . . . . .	118
Entre lobo e cão e <i>Su- plem.</i> . . . . .	222	Folego de gato . . . . .	170
Enxoval — enxovalhar.	206	Frade da mão furada . . . . .	195
Error . . . . .	131	Fulano dos anzóes . . . . .	145
Escorruptichar, <i>Suplem.</i>		Fulustreco . . . . .	145
Esgueva. . . . .	147	Fucares . . . . .	205
Estar na onça e <i>Suplem.</i>	125	Furta-lhe o fato . . . . .	198
Estupido como uma porta . . . . .	55	Fuzo — cada terra e ca- da roca . . . . .	156
Façanha — no <i>Suplem.</i> (antigulhas).		Galdripar, gato lebre	222 223
Falar com os seus bo- tões — <i>Suplem.</i> (Cosas de España).		Galho (alçar o) e <i>Su- plem.</i> . . . . .	35
Fazer de argueiro cava- leiro . . . . .	166 167	Gandaia. . . . .	244
Fazer cruz . . . . .	203	Ganso — pato . . . . .	52
Fazer de gato-sapato — <i>Suplem.</i>		Gato de botas . . . . .	132
Fazer de queijo barca . . . . .	202	Gato morto. . . . .	169 170
<i>Ff e rr e Suplem.</i> . . . . .	12	Gato-sapato e <i>Supl.</i>	131 132
Ficar em apuros . . . . .	80	Gingrar . . . . .	51
Figo cotio . . . . .	25	Gregotins . . . . .	10
Figos (em tempo de) não ha amigos. . . . .	23	Ha de tudo como na bo- tica . . . . .	192
		Haver e saber. . . . .	54
		Heitor Mendes. . . . .	205
		Hexametros; prover- bios. . . . .	136
		Ida de João Gomes . . . . .	108

	Paj.		Paj.
Indianas, oriens (con-		Lobo, mudez, boca . . .	32
tos, apologos) . . .	31	Longobarda (a) . . .	22
Indiretas . . . . .	130	Macabra . . . . .	59
Injectados, olhos. . .	180	Macaco velho-cambuca	
Inticar . . . . .	70	etc. <i>Suplem.</i>	
Instrumentos : apia ha,		Mãe João Gomes . . .	110
rouxinol, nespera. . .	106	Mãe Joana (c. de). 163	164
João das Bestas . . .	79	Mais matou a ceia . .	155
João Gallego . . . . .	79	Malandro e <i>Suplem.</i> .	176
João Gomes (ida de) .	108	M-p. . . . .	172
João Fernandes . . . .	78	Maranha-patranha . .	173
João Ramos . . . . .	80	Mariangome . . . . .	110
Jogo (ver o) e <i>Suplem.</i>	94	Marmanjo e <i>Suplem.</i> .	240
Jonadatica . . . . .	176	Marramaque . . . . .	68
Jorge fora . . . . .	59	Me fecit e <i>Suplem.</i> . .	196
Lgrimas como punhos	97	Mateus, primeiro os	
Landoa . . . . .	176	teus. . . . .	140 141
Lamber os dedos. . .	133	Menéles . . . . .	175
Lampas (levar as) . .	20	Mistiforio — <i>Suplem.</i> (v.	
Latinismos — <i>Suplem.</i>		<i>Latinismo</i> ).	
Lá vão leis . . . . .	135	Mofina; Mofina Men-	
Lé com lé . . . . .	37	des . . . . .	126 127
Lejitimonio. . . . .	99	Morte da bezerra e <i>Su-</i>	
Leis. . . . .	38 135	<i>plem.</i> . . . . .	49
Levar as lampas . . .	20	Morte macaca ou maca-	
Lhagalhé, legalhé. . .	14	bra e <i>Suplem.</i> . . . .	59
Lingua do-p . . . . .	174	Mula que faz <i>him!</i> e <i>Su-</i>	
Livra! . . . . .	188	<i>plem.</i> . . . . .	95
Loanda . . . . .	176	Mula sem cabeça. . .	81

	Paj.		Paj.
Mulato . . . . .	95	Orate . . . . .	59
Mulêta . . . . .	96	Ou Cezar ou João Fer-	
Mulher e melão . . . . .	209	nandes. . . . .	78
Não aumentar a aflição		P-m e <i>Suplem.</i> . . . .	172
ao aflicto . . . . .	193	Pagar o pato . . . . .	92
Não ha mais Flandres e		Paititi. . . . .	62
<i>Suplem.</i> . . . . .	228	Palha (alçar) e <i>Suplem.</i>	35
Não pôr pé em ramo		Pão com banha . . . . .	140
verde . . . . .	185	P-a-pá, Santa Justa e	
Não tem papas na lin-		<i>Suplem.</i> . . . . .	15
gua . . . . .	155	Papas na lingua . . . . .	155
Nem chuz nem buz . . . . .	26	Papo (um no) outro no	
Nesperas (não quero		saco. . . . .	19
com o demo). . . . .	105	Pandarecos, pantána . . . . .	230
Niquel. . . . .	187	Passaro bisnau . . . . .	234
Niquento. . . . .	72	Passou o bispo . . . . .	238
Noite em claro. . . . .	181	Patau-marau . . . . .	173
No min cal e <i>Suplem</i> . . . . .	107	Pato (pagar) . . . . .	92
Noruega . . . . .	158	Pato a ganso (passar de)	52
Numeros. Comigo é no-		Pax vobis . . . . .	188
<i>ve. Sete.</i> . . . . .	246	Pê (lingua do). . . . .	172
Obscœna, <i>Suplem.</i> . . . .	281	Pé de alferes <i>Suplem.</i> (v.	
Oculos ruorum . . . . .	146	<i>conjecturas</i> ).	
Olho por olho 76—olho		Pé por pé . . . . .	15
da rua . . . . .	146	Pelle (Não caber na) e	
Olhos injectados . . . . .	180	<i>Suplem.</i> . . . . .	34
Onça (andar, estar na)	125	Pentametros, prover-	
Onze letras . . . . .	246	bios latinos . . . . .	136
Ora com ora . . . . .	58	Peras (jogar as) . . . . .	102 103

	Paj.		Paj.
Perendenga. . . . .	145	Quem muito pede . . . e	
Perna para que te quero?	18	<i>Suplem.</i>	
Perola aos porcos — aos		Quem cala consente —	
galos . . . . .	45	<i>Suplem.</i>	
Pinta — <i>Suplem.</i>		Quem canta seus males	
Pintadinho da Silva. . .	174	espanta — <i>Suplem.</i>	
Porque cargas d'agua		Quem cura é a fé e não	
129 . . . . .	189	o pau da barca . . .	225
Porta (estupido como		Qui-pro-quó. . . . .	191
uma) . . . . .	55	Ramo em ramo . . . . .	11
Por um triz e <i>Suplem.</i> . .	119	Ram-ram e <i>Suplem.</i> . . .	11
Pracebo e <i>Suplem.</i> (an-		Razões de <i>cutiliqué</i> . . .	9
tigualhas).		Razões de cacaracá 120	121
Pregar a alhos. . . . .	84	Rego (chegar ao) . . . .	243
Profeta (não ha) . . . . .	75	Relho (chegar ao) . . . .	243
Proverbios latinos me-		Rente como pão quente	
dievais. . . . .	136	e <i>Suplem.</i> . . . . .	131
Punhos (lagrimas como)	97	Rimaz-oz-uz. . . . .	144
Que es esto? uvas en		Rôr de gente . . . . .	131
cesto. . . . .	59	Rou! rou! e <i>Suplem.</i> . .	28
Queijo e memoria. . . . .	236	Ruido-por-voz . . . . .	101
Quem o alheio veste. . . .	85	Sal — comer um moio	
Quem se pica alhos come	83	de . . . . .	134
Quem te mete, João To-		Salta atraz e <i>Suplem.</i> . .	59
pete . . . . .	226	Salvanor. . . . .	115
Quem porcos ha menos		Sancho e Dona Sancha	
ou ha medo . . . . .	58	e <i>Suplem.</i> . . . . .	142
Quem quer . . . e <i>Suplem.</i>		São mais as vozes que	
(o Cão e a sombra). . . .	34	às nozes e <i>Suplem.</i> . .	100



INDICE DAS FRAZES

	Paj.		Paj.
São Pedro Gonçalves.		Tique-miques . . . . .	70
Os santos, S. Telmo,		Toura e tourinha e <i>Su-</i>	
S. Pisco, S. Pico, S.		<i>plem.</i>	
Coelho, S. Coentro, S.		Trama; trão; tram; e	
Poçe, etc. . . . .	218 219	<i>Suplem.</i> . . . . .	84
Sé — serra — serpe (ve-		Traz agua no bico e <i>Su-</i>	
lho como a) . . . . .	43 45	<i>plem.</i> (v. <i>conjectura</i> )	
Seca e Meca. . . . .	218	Trazer de canto chorado	96
Sem eira nem beira e		Tremeluzir . . . . .	118
<i>Suplem.</i>		Triz (por um) e <i>Suplem.</i>	119
<i>Sentir le gousset</i> . . . . .	20	Troche-moche . . . . .	69
Sésta balhesta. . . . .	75	Tuje-muje . . . . .	26 69
Sete, conta de mentirozo	246	Tuta e meia. . . . .	207
Sifon . . . . .	97	Um no papo, outro no	
Silva, da. . . . .	174 175	saco. . . . .	19
Soará (o que fôr). . . . .	59	Vagalhões . . . . .	177
Sopapo, soqueixo, . . . . .	19 20	Veia d'arca . . . . .	152 153
Sou um adro . . . . .	84	Velho como a sé, serra,	
Sua alma, sua palma . . . . .	76	serpe . . . . .	43 45
T — m. . . . .	67	Viboras (raça de). . . . .	76
Taboa, tabúa . . . . .	241	Vida de Lopes e <i>Suplem.</i>	
Tango lo mango e <i>Supl.</i>	161	Vila Diogo (dar, colher,	
Tarde piastes ou <i>pia-</i>		tomar as de). . . . .	16
<i>che</i> . . . . .	157	Vir á noz. . . . .	102
Tarramaque. . . . .	68	Viu o jogo! e <i>Suplem.</i> . . . .	94
Teco-meco — <i>Suplem.</i>		Vozes e nozes . . . . .	100
Tempo da onça, <i>Suplem.</i>		Y grego til . . . . .	10
Tengomengo . . . . .	161 162	Zebedeu (os filhos de) . . . . .	76
Tico . . . . .	70	Zimbrar . . . . .	51

A ortografia adotada neste livro é a da Academia Brasileira. A inexperiencia do sistema gerou algumas incertezas e erros que logo se descobrem, principalmente quanto á substituição do *s* pelo *z* e á supressão de *c* e *p* mudos encostados ao *t* e *c*.

FIM

